Da mesma autora de *Julieta Imortal*

STACEY JAY

Romeu Imortal

Nunca é tarde para encontrar redenção
através do verdadeiro amor.



Editora Novo Conceito

Romeo Redeemed



Meu único amor nascido do meu único ódio!

Conhecido por acaso e tarde demais!

Como esse monstro, o amor, brinca comigo

Apaixonar-me pelo inimigo.

— Romeu e Julieta, William Shakespeare



Um

Verona, Itália, 1304

Romeu

Chegamos ao pico solitário da colina assim que o Sol se põe sobre Verona. A luz dourada emana uma mancha carmesim que se espalha pela cidade, penetrando num lugar secreto, marcando todas as sombras. Assim como o sangue dela jorra do peito... Saindo pela camada de pedras da tumba. Frias e mudas pedras. Elas vão guardar o meu terrível segredo.

Julieta está morta, e seu sangue está em minhas mãos.

Escondo as mãos atrás do manto, mas sinto sua morte prendendo-se à minha pele. Quente, pegajosa e astuta, dificultando até o segurar do punhal que o frei Lourenço insistiu para que trouxesse. Essa confusão é tudo que sobrou da garota que eu amava. Da garota que destruí. Meu coração se contorce dentro de mim, mesmo assim, sou incapaz de emitir um ruído sequer. Não mereço ficar de luto por ela. Mereço esta dor imensa e muito mais. Mereço sofrer por toda a eternidade.



E assim sigo o frei pela colina de ventos uivantes, para o lugar em que os pobres ateus enterram seus mortos. Sigo, embora esteja agora certo de que o homem a quem dei a vida do meu amor é um mentiroso vil.

Talvez até pior. Talvez eu tenha feito um acordo com o próprio Lúcifer.

— Mova as pedras. Há alguém aqui que servirá ao seu propósito — resmunga o frei ao abaixar-se na grama úmida ao lado da cova. É uma cova de camponês, marcada apenas por pedras amontoadas, que a família do morto arrumou em cima do corpo, para afastar os animais. — No começo, é mais fácil se o corpo estiver fresco.

Pego o punhal e começo a mover as pedras sem tirar os olhos de minhas próprias mãos enquanto trabalho. Sangue. O sangue de Julieta, secando e se transformando num tom de marrom que vai rachando e se soltando conforme meus dedos se movimentam. O vento sopra pela colina, levando um pedaço dela consigo, e o horror toma conta de mim novamente.

Como pude fazer isso? Como pude ser tão tolo?

O frei jurou que minha traição seria uma bênção. Ele me prometeu que Julieta dançaria com os anjos. Que veria os portões do céu se abrir, e sei que meu sacrifício a levou para a terra do espírito eterno. Ela iria chorar por ter de ir, mas me amaria ainda mais por ter dado fim à sua vida.



Pensei que tivesse tomado uma nobre decisão. Julieta e eu estávamos sem dinheiro, sem amigos. A morte nos espreitava. Se não acontecesse na estrada para Mântua, seria em algum casebre paupérrimo de uma cidade desconhecida. Nascemos em berço nobre e não sabíamos o que fazer para nos sustentar.

Nunca precisei encher minha banheira com água para um banho, como ia saber ganhar a vida? Não tenho habilidades, nem profissão, nem mesmo uma cabra ou um pedaço de terra para cultivar. A morte era uma certeza. Morreríamos de fome ou assassinados durante o sono. O frei concordou que a maior bondade que poderia mostrar à minha esposa era pôr fim ao seu sofrimento antes mesmo que ele começasse, e deixá-la para ser enterrada com sua família.

Mas eu deveria ter duvidado, ter ficado com medo.

Não fiquei, não até segurá-la em meus braços e sentir seus últimos suspiros. Não havia bênção em seus olhos, somente agonia, a pungência da traição, e uma fagulha ameaçadora à medida que o ódio foi ardendo como fogo, começando a queimar dentro dela.

Julieta morreu me odiando, e somente Deus sabe onde ela está agora. Desde que eu era um garotinho, aprendi que o suicídio é um pecado, e que aqueles que tiram a própria vida são amaldiçoados. Deveria ter prestado atenção nos ensinamentos da igreja e não dado ouvidos a um frei insano, que falara abertamente de magia negra e do fim dos tempos. Como pude arriscar dessa forma a alma do meu amor? Como pude enganá-la e fazê-la



acreditar que eu estava morto, e que levar um punhal ao seu próprio coração seria a única maneira de juntar-se a mim na vida após a morte?

Uma parte de mim reza para que o fato de Julieta ter sido enganada ao tirar a própria vida faça diferença quando chegar a hora de seu julgamento. O restante de mim sabe que não adianta rezar. Estou muito distante de qualquer coisa que seja sagrada, meu destino está nas mãos dos Mercenários do Apocalipse, os praticantes de magia negra que juraram trazer caos ao mundo.

Fiz o sacrifício de sangue e tirei a vida de quem mais amava. Agora, somente os votos permanecem.

— Apresse-se — diz o frei. — A guarda do príncipe vai passar por aqui no começo da noite. Temos que terminar antes disso.

Pego outra pedra. Estou pronto. Vou me tornar a abominação imortal para a qual ele está me induzindo e, talvez, de alguma maneira, serei capaz de reparar o que fiz. Julieta ia querer isso. Ia querer que eu lutasse contra o lado negro que o frei Lourenço despertou em mim, trazendo de volta um pouco de honra à minha vida.

Ou à minha morte. Serei o próximo a morrer. Farei os votos, as marcas mortais, e enviarei minha alma para o corpo morto de outra pessoa. É assim que os Mercenários agem — habitando nos mortos —, e mais uma coisa que o frei deixou de mencionar antes da morte de Julieta e não tinha como voltar atrás.



Não tinha como voltar atrás...

Um, dois, três, quatro... As pedras amontoadas aumentam ao lado da cova, enquanto descubro meu destino com mãos trêmulas. A primeira camada já foi, o odor é horrível. A nauseante doçura do corpo decomposto se mistura ao óleo fúnebre pungente e ao fedor de alguém que há muito não toma banho, levando-me a quase vomitar antes mesmo de erguer a enorme pedra plana que cobre a cabeça.

Perco o ar e tiro as mãos de perto.

O rosto está preto e putrefeito. Inchado, monstruoso e infestado de insetos. Um besouro escapa do que sobrou do nariz do homem, e tropeço para trás; a bílis percorrendo um caminho ardente do meu coração aos lábios.

O frei ri e diz:

— Que foi, Romeu? Não é tão ruim quanto parece. Assim que fizer os votos, você terá o poder de fazer aquele corpo retornar à sua antiga glória — ele se inclina para frente e olha para o rosto do homem, acena afirmativamente com a cabeça e diz: — Sim. É esse mesmo. Juro que o rapaz era bonito em vida.

Engulo meu mal-estar em seco, mas não consigo dar nem um passo em direção ao horror que encobri. — Você o conhecia?

— De certa forma — diz, sorrindo. — Eu o matei. — Seu tom de voz soa à vontade, amigável, como se estivesse decidindo sobre o que iríamos jantar depois que terminássemos o trabalho.



Meus lábios se abrem, mas nenhuma palavra é proferida. Estou chocado, embora saiba que não deveria estar. Sua verdadeira natureza foi revelada naquela cova. Como ele sentiu prazer com o sofrimento de Julieta, rindo ao me afastar de perto de seu corpo agonizante. A dor de Julieta lhe era um prazer, seu sangue um deleite mais tentador do que o vinho. Não me surpreenderia vê-lo se ajoelhar para lamber a essência dela do chão.

— Cortei a garganta dele há cinco dias — e continua —, para ter certeza de que você teria um anfitrião adequado.

Há cinco dias…

— Há tanto tempo? Então, você já sabia que eu…

Que eu trairia a única coisa bela que conheci nessa vida; que arriscaria a eternidade de sua alma por vãs promessas.

— Sabia desde o momento em que você veio à minha cela com a febre de mais uma nova paixão ardendo em seu peito — diz, olhando para mim, permitindo-me ver através de seus olhos. Entendo como fui um alvo fácil, uma criança ingênua, egoísta, cheia de luxúria, apaixonada.

Ele sorri mais uma vez, confirmando minha amaldiçoada visão, e faz sinal para que eu entre na tumba recém-aberta.

— Já está bom. Você vai conseguir tirar as últimas pedras assim que estiver habitando no corpo dele — ele sobe e vem ficar ao meu lado, dando tapinhas em minhas costas com uma familiaridade que me deixa doido por dentro. — Como Mercenário,



você será mais forte do que qualquer homem da face da terra. Você terá o poder de fazer com que os mortos pareçam vivos enquanto sua alma habitar a pele deles, consertando tudo, menos o mais doloroso dano à sua forma emprestada.

Pigarreio, tentando manter a calma enquanto ele se inclina para pegar o punhal.

— Então ainda poderei morrer? Não serei imortal de verdade?

Ele arregaça as mangas de sua roupa e revela o braço marcado pelas veias escuras.

— Você será imortal de acordo com os deveres que a sua causa exige.

— E quais são esses deveres?

O frei disse que os Mercenários causam dor e sofrimento às pessoas do mal, traçando o caminho para a destruição final da vida na forma como o homem a conhece.

A vida como o homem a conhecia antes me parecia cruel e sem sentido, mas agora...

Não consigo apagar da memória a expressão do frei observando Julieta sangrar. Ela não era má, e mesmo assim ele saboreou sua angústia. E se ele estivesse mentindo sobre os meus deveres também? Se meu destino for matar inocentes, terei sacrificado minha alma por nada.



— Você terá um lugar especial em nossa linhagem — o frei diz, traçando a ponta do punhal até o antebraço e um fluido mais negro do que vermelho emerge à superfície de sua pele. Meu próprio sangue grita, pedindo-me para correr dali, para ir em direção aos portões da cidade e me atirar ao chão, implorando pela misericórdia do príncipe. Mesmo se ele me matar por ter violado os termos da minha expulsão, será um final melhor do que esse.

— Especial como?

— Tudo em sua hora — diz o frei, pressionando o punhal em minha mão. — Diga os votos e faça as marcas mortais, e você estará pronto.

Meus dedos estão frios, dormentes. O punhal cai no chão.

— Não — sussurro.

— Não?

— Não — minha voz soa mais forte, mas não ouso olhar para ele.

— Preciso lembrá-lo de que sua esposa está morta? — ele pergunta. — Você traiu e assassinou uma jovem inocente cuja única falha foi amá-lo de forma tão intensa. Você derramou o sangue dela para ter a chance de se unir a nós, e agora quer mudar de ideia? Agora que ela está morta e nenhum ato dos deuses ou do homem pode reverter o que você fez?



— Fiz isso por ela — sufoco-me com o choro que sobe à minha garganta. — Estou banido e ela teria sido destruída. Eu... Eu só queria que ela estivesse segura.

— Ela está segura — ele afirma, de maneira tão gentil, tão inteligente, da mesma forma que tem feito nas últimas três semanas. Ergo meu olhar e me deparo com sua expressão mais honesta a centímetros do meu rosto. — Ou estará, assim que você cumprir sua promessa. Se você voltar agora... Bem, temo o que acontecerá com Julieta sem nossa mágica para ajudá-la a encontrar o paraíso. Temo que sua alma se perca, e ela nunca entenda o enorme sacrifício que você fez pela felicidade dela.

Ele está mentindo. Não há nada que possa fazer para ou por Julieta agora. Sinto essa verdade no âmago do meu ser, onde o arrependimento me rasga por dentro. Sinto a mentira dele, e tento lhe dizer isso, mas não consigo mover meus lábios, não consigo desviar meu olhar dele. Estou paralisado, hipnotizado pelo consolo que ele oferece. Quero confiar em suas gentis palavras, mas há uma razão para não acreditar nelas.

E que razão...

Fecho os olhos e vejo as mãos de Julieta com o punhal em riste, levando-o contra o próprio peito. Vejo--a minutos mais tarde, depois de erguê-la do chão, provando tê-la enganado. Vejo-a lutar para puxar a faca de seu peito com as mãos trêmulas. Se ela tivesse tido força, teria arrancado-a de seu coração e esfaqueado o meu próprio. — Mas Julieta não teve...

— Sim, meu filho?



— Ela me odiou — digo. — Deu para perceber. E não havia luz no túmulo nem cântico dos anjos acolhendo-a no céu.

— Ah, entendo — diz, balançando a cabeça afirmativamente com sabedoria. — Você está com dúvidas.

Suspiro. Ele entende. Como podia ter pensado de outra forma?

— Thomas tinha dúvidas. E também tinha emprego. Grandes homens sempre foram atormentados pela dúvida — o punhal voltou às minhas mãos. Não me lembro do frei inclinando-se para arrancá-lo do chão, mas ele deve ter feito isso. Agora o cabo pesado aquece minhas mãos, enchendo-me de esperança, de objetivo. — Mas não há necessidade de ter medo. Faça os votos e cumpra a promessa feita à Julieta. E a mim, aquele que seria seu irmão.

— Tive um irmão — minha voz soa estranhamente distante, como se parte de mim já tivesse deixado meu corpo. — Ele morreu quando éramos garotos. Após sua morte, meu pai nunca mais foi o mesmo.

— Entendo — o frei diz, dobrando a manga do meu manto com suas mãos pacientes. — Ele foi cruel com você.

— Ele vai me matar se eu voltar. Minha mãe morreu há dois dias, e ele me culpa por isso. Diz que minha expulsão roubou sua vontade de viver, mas foi ele quem o fez — choro, meus braços estão trêmulos. — Foi ele que tirou essa vontade dela. Há muito tempo. Não foi culpa minha!



— Ei... — diz o frei recostando a mão em meu ombro, dando-me apoio. — Logo você estará acima da dor ou do arrependimento.

Concordo, e vejo minha mão direita erguer o punhal. É quase como se outra pessoa controlasse meu braço, mas isso não me incomoda.

— Logo, você não sentirá nada — a voz do frei se sobressai à minha como uma onda de calor a me confortar.

Absolutamente nada. É... Maravilhoso. Nenhuma dor, nenhuma vergonha. Nem mesmo a profunda dor em minha alma no lugar em que Julieta era parte de mim, o lugar que está escuro e assombrado agora que ela se foi.

Agora que a matei, enganando-a para que tirasse a própria vida. Eu fiz isso, e nunca vou superar a certeza dessa verdade horrível.

A sombra criada pela magia do frei alinha minha mente e a mim mesmo mais uma vez. Minha mão se aperta na ponta do punhal. Esse Mercenário está enganado sobre mim, e isso será o seu fim. Vou me tornar um deles, descobrir seus segredos e encontrar um jeito de usar seus poderes para o bem.

E farei tudo isso por ela.

Julieta. Seu nome ecoa pelo meu ser, enquanto a lâmina percorre o meu braço. Seu rosto paira sobre o ar diante de mim enquanto faço meus votos. Sua voz sussurra palavras de estímulo



em meu ouvido ao mesmo tempo que minha alma é arrancada de meu corpo.

Então, subitamente, sou outra pessoa.

Em algum lugar escuro e tranquilo em que me inflamo para receber uma espécie de gás venenoso, penetrando até o limite da minha nova pele, encontrando as fronteiras que me separam do mundo. Mas é diferente. Tenho consciência dos braços e pernas, do abdômen e do coração e de todos os outros membros que constituem um homem, mas não sinto... Nada. Nem calor nem frio, nem mesmo as pedras pesadas que estão sobre meu peito, nem o vento que sopra pela colina. Tento expelir o ar dos pulmões, mas nada sai também. O mau cheiro do cadáver desapareceu.

Abro meus olhos, piscando enquanto o Sol sobre Verona surge no alto. É uma mistura de púrpura, vermelho e azul para criar uma última gloriosa explosão de cores antes que a noite tome conta. Mas até mesmo o pôr do sol parece mais horizontal do que deveria, como se estivesse olhando para um quadro malfeito em vez da imensa forma abobadada que cobre a Terra.

O frei aparece sobre mim, cercado por uma nuvem negra que paira no ar ao redor dele. Com meus novos olhos, posso ver sua verdadeira alma escura e maligna, e estou com medo, mas não é o mesmo medo que sentia antes. É algo maior e menor ao mesmo tempo, um grito de morte encravado na pedra que jamais será ouvido por alguém.



— Não consigo... Não consigo sentir...

— Claro que não — ele observa, com olhos sem compaixão, meu esforço para me libertar das últimas provas. — Não disse a você que logo não sentiria nada?

Sua fala repleta de significado me atinge como um golpe e tenho certeza de que meu coração bate descompassado, mas não consigo sentir isso também. Grito e tento sair da cova, porém minha prisão é inescapável. Estou preso no corpo de um homem morto. Não importa o quanto o braço em frente ao meu rosto pareça vivo e pleno, ele continua morto. Errado. Apodrecido de dentro para fora. A magnitude do meu erro pesa sobre meus ombros e sei que minha alma está dominada; ainda assim, não sinto... Nada.

Nada. Nada. *Nada.*

Há décadas, nada, somente espectro de medo e dor da perda bidimensional do amor que um dia senti. No momento em que encontrei a alma de Julieta no corpo de outra garota — cinquenta anos mais tarde, quando minha missão para os Mercenários foi finalmente revelada e me disseram que lutaria com minha antiga esposa pelas almas dos verdadeiros amantes —, o nada crescera tanto que gostei da chance de lutar contra ela. Machucá-la. Fazê-la chorar ao convencer um homem a cortar a garganta de sua amada para se unir aos Mercenários.

Sua dor ainda tocava algo dentro de mim, fazendo me lembrar do garoto que era antes de me apaixonar pelo derramamento de sangue.



Setecentos anos a mais, e dezenas de batalhas contra a guerreira que Julieta se tornara, tomada por uma sombra de maldade, ainda assim sua tristeza me atingia. Mesmo quando ela deixou a Terra e retornou à obscuridade do esquecimento entre as suas missões, conseguia sentir que ela estava lá, perdida no vazio acinzentado, e isso me dava prazer. Ela era o meu pássaro na gaiola, e eu era um monstro louco e machucado. Mas quando ela invadia meus pensamentos, sentia-me forte para elaborar e planejar, imaginando uma saída.

Não a amava mais; no entanto, precisava dela. Roubei um veneno dos Mercenários e encontrei uma maneira para retornarmos às nossas verdadeiras formas, escapando da servidão das criaturas imortais que haviam nos enganado. Não há céu ou inferno, nem força dominadora, somente a fria lógica do universo que exige o equilíbrio das equações. Os Mercenários do Apocalipse e os Embaixadores da Luz sabiam dessa verdade e se transformaram em deuses. Julieta e eu podíamos ter feito o mesmo.

Podíamos.

Se ela não tivesse se apaixonado por aquele garoto do século XXI.

Se o frei não tivesse descoberto meu plano e me convencido a levar Julieta para o lado das trevas.

Se não tivesse sido forçado a matar meu amor uma segunda vez para protegê-lo de um destino pior que a morte.



Se o frei não tivesse me punido, mostrando-me que há coisas piores do que se esquecer dos sentimentos.

Há a lembrança deles.



Dois

Solvang, Califórnia, dias atuais

Romeu

Agacho-me nas sombras em um canto da estação de trem abandonada, observando a luz da manhã se insinuar pelos ninhos dos pássaros próximos ao teto, agasalhando-me com o cobertor que roubei de um dos drogados que morava no prédio abandonado. Havia cinco deles, um era Mercenário, a julgar pela sombra negra ao redor de sua aura. Saíram correndo e gritando quando me arrastei porta adentro. Minhas mãos esqueléticas tocam o tablado coberto pelas fezes de pássaros, a carne apodrecida deixa um rastro de horror atrás de mim.

Até mesmo o Mercenário sai correndo. Ele sabia quem eu era, sabia no que havia me transformado, e temia que a minha maldição fosse contagiosa.

Amaldiçoado, condenado.

É verdade, e meu sofrimento foi extremo nas semanas que se seguiram à segunda morte de Julieta. Recuperei meus sentidos



e por isso sei que tenho o cheiro da peste negra e a aparência de um monstro. Também sinto uma dor que golpeia meu peito a cada passo dado. Agora, sou verdadeiramente pertencente às trevas, um ser tão desprezível que nada pode fazer além de se esconder nos cantos da humanidade, lutando para se manter aquecido enquanto o vento sopra em seus ossos.

A única coisa que me impede de acabar com o que sobrou da minha vida é o aviso do frei.

Você acha que alguns milhares de anos nessa forma serão agradáveis? Sendo você invisível e ninguém podendo ouvir seus gritos?

Os maiores mentirosos sempre dizem a verdade quando querem. Todas as outras coisas que ele disse acabaram virando verdade. Fui banido dos Mercenários e forçado ao espectro da minha alma, uma paródia do meu verdadeiro corpo, arruinado pelas atrocidades cometidas por mim.

E se o restante for verdade? E se a minha alma permanecer mesmo depois que este corpo se for? Até mesmo isso é preferível àquilo. Alguma coisa é preferível ao nada, à tortura de não ser ouvido, de uma existência sem confirmação.

Até mesmo um grito das pessoas que saem correndo é alguma coisa...

Um choro rouco quebra o silêncio, como um animal ferido lamentando para o Sol que reflete na parede. Chorei mais nas últimas semanas do que em toda a minha vida e além-vida juntas.



Os fantasmas que me assombravam quando eu era um Mercenário atormentam minhas entranhas, enchendo-me de remorso. Arrependimento. Ódio. Medo. Amor...

Amei-a desde o princípio. Só percebi quanto ao voltar ao local em que ela morreu e tocar sua mão sem vida, chorando sobre seus olhos distantes e cerrados. Julieta. Sua alma se foi para sempre agora. Posso sentir a diferença no universo, uma ausência que faz o mundo perder um foco de luz. Tentei salvá-la. Espero que, de alguma forma, finalmente tenha sido bem-sucedido. Espero que ela esteja em paz nas sombras... Ou em outro lugar para onde as pessoas boas vão.

Espero que o rapaz que ela amava esteja junto dela. Não chorei por ele, mas senti tristeza por sua perda. Pela primeira vez, em centenas de anos, desejei poder ter escolhido a vida sobre a morte. Mas não podia subjugar o frei, e o amor deles não teria sobrevivido à tortura dele. O melhor que podia fazer por eles era matá-los, oferecendo-me em seu lugar.

Talvez algum dia venha a me arrepender da minha decisão, quando essas semanas de agonia se alongarem pelos séculos, e finalmente me tornar nada além de pó, quando até mesmo a luxúria das lágrimas me será negada. Melhor chorar enquanto ainda tenho olhos.

Meu choro fere o silêncio, afugentando os pássaros de seus ninhos. Rodopiam pelo ar, asas batendo como roupas penduradas no varal para secar ao vento, tão alto que me encolho debaixo do



cobertor para cobrir minhas lágrimas. Há centenas deles, tantos que o chão está lotado de fezes e infestado por moscas.

Este buraco não serve para acolher a vida humana. É perfeito para mim.

— Aí está você. Estava te procurando — diz a voz que vem da porta, uma melodia de notas alegres que ferroam o que sobrou da minha pele. É uma mulher, uma linda ruiva de pele tão pálida que as veias azuis sobressaem-se em suas têmporas e por debaixo dos olhos castanho-escuros.

— Você deixou um rastro e tanto — diz, sorrindo para mim, retorcendo os lábios com determinação.

Então ela veio para tripudiar. Pensei que os Embaixadores estivessem acima desses prazeres insignificantes, mas com certeza ela é um deles. Um daqueles de aura dourada. Sua aura é tão brilhante que ofusca o Sol da manhã, faz com que eu aperte os olhos quando ela atravessa a sala e se agacha ao meu lado.

— E agora, Romeu? O que está achando da sua aposentadoria?

Fecho os olhos e solto um rosnado, contorcendo minha língua negra dentre o que sobrou dos meus dentes.

Ela ri, uma risada suave que reafirma o monstro tolo e insignificante que sou na verdade.

— Tanto assim? — pergunta, com um aceno de cabeça. — Achei que seria assim mesmo. Não imaginei que era isso o que



você tinha em mente quando incitou minha Julieta a viver a eternidade na Terra. — Então é ela, a Enfermeira de Julieta. Suponho que deveria sentir medo, mas o que ela pode fazer comigo agora? Agora que estou tão baixo que até mesmo as moscas se recusam a botar ovos em mim? — Foi por isso que vim. Para oferecer uma saída a você.

Uma saída. Nunca me permiti cogitar essa possibilidade. Não há saída. É assim que vou terminar. Esse é o meu beco sem saída no final da última estrada.

Mas talvez...

— Por quê? — indago tão desconfiado dos Embaixadores quanto sou de seus primos das trevas. Os Embaixadores e os Mercenários são criaturas similares sob muitos aspectos. Ambos procuram seguidores entre os fracos, ambos usam a energia vital gerada pelos seguidores com seus atos de bondade ou maldade para prolongar sua eternidade em seus mundos paralelos. Um dia já pertenceram ao mesmo clã, antes do feitiço que os dividiu.

Esta "saída" pode muito bem ser uma "saída" para mais problemas ainda.

— Os Mercenários têm roubado nossos seguidores há séculos — diz a Enfermeira de Julieta, puxando a ponta do cobertor para descobrir minha cabeça. — Alguns de meus colegas discordam, mas não vejo por que não devamos fazer o mesmo. Uma troca completa de aliança gera grande poder. Precisamos disso agora, já que tantos dos nossos mais elevados seguidores foram perdidos.



Perdidos, não. Mortos. Assassinados pelos Mercenários que lutam de forma suja, que matam para conseguir o que querem, que só irão parar quando seu fogo for a única luz tóxica queimando no fim do mundo.

— Isso seria algo no qual você pensaria a respeito? — ela pergunta. — Tornar-se um de nós?

Sei muito pouco sobre o trabalho interno dos Embaixadores, mas conheço os Mercenários. Sei que vencerão. Os Embaixadores são fracos, estão de mãos atadas pela bondade exigida de sua magia. Tornar-me um Embaixador seria suicídio.

Sorrio e aceno afirmativamente com a cabeça como um cachorrinho. Sim, vou mudar a minha lealdade. Sim, vou servir aos Embaixadores. Sim, vou trocar meu sofrimento por anos de despreocupação nas sombras e longos dias em corpos que podem sentir. Sim, servirei por quantos séculos me quiserem e depois serei livre. Para morrer como ela morreu.

Os Embaixadores não jogaram Julieta ao espectro de sua alma. Quando sua missão terminou e ela se recusou a renovar os votos, eles a deixaram ter uma morte natural. É mais do que eu poderia querer, se ousasse deixar aquela coisa coberta de penas abrigar-se nessa gaiola.

— Excelente — diz, segurando meu queixo em sua mão, como se eu não fosse desprezível, como se eu fosse algo precioso que ela resgatou da água antes que a correnteza levasse embora. — Mas você deve provar que é verdadeiro, Romeu. Você deve provar seu comprometimento conosco acima de qualquer coisa. Se



fizer isso, virei até você e administrarei os votos de pacificador, um dos níveis de nossos mais valiosos servidores. Se não, a magia emprestada a você cessará e logo voltará para esse corpo, sem nenhuma esperança no mundo.

Balanço a cabeça de forma afirmativa novamente, esfregando-me nas mãos dela, ungindo minha morte na limpeza de seus dedos. Serei verdadeiro; serei fiel. Servirei como nenhum Embaixador jamais serviu, pois nenhum Embaixador jamais conheceu o horror de se transformar no que me transformei.

— Muito bem. Você deve fazer o seguinte — diz, chegando mais perto, sussurrando em meus ouvidos, dizendo-me coisas impossíveis, criando um cenário improvável, amarrando tudo com a promessa de vir ao meu encontro assim que eu salvar uma vida ou até mesmo o mundo.

Eu. Romeu. Eu salvarei o mundo. Ou pelo menos uma versão dele.

Um som estranho fica preso em minha garganta. Levo um tempo para perceber que é uma risada. Quando percebo, começo a rir novamente, para ver se ela vai se afastar, se vai perceber que sou uma criatura sem conserto.

Mas ela apenas me dá um tapinha nas costas, aproximando seu rosto do meu.

— Você seguirá minhas orientações? Lutará por mim? Amará por mim?

Sorrio e digo:



— Quando eu terminar, a garota irá acreditar que ela é o Sol, a Lua e as estrelas no céu. Pensará no meu nome e sentirá dor diante das maravilhas do amor. Ser amada. Segurar tamanho tesouro em suas mãos.

A Enfermeira de Julieta ri e diz:

— Que bom! Ariel precisará de todo esse seu charme extraordinário. Ariel. Mas ela está morta. Matei aquele corpo que abrigava a alma de Julieta. Atirei uma bala em seu cérebro para tirar Julieta do alcance do frei.

A Enfermeira se levanta, observando meu rosto, de alguma forma lendo o medo no que resta da minha expressão facial.

— Sei o que você fez. E é por isso que só você pode desfazer aquilo. Suas escolhas criam muitas realidades. Posso mandá-lo para uma realidade com um passado diferente, dando-lhe uma chance de tomar uma decisão diferente, criando um lugar para Ariel no mundo.

Deixo o cobertor escorregar pelos ombros.

— Estou pronto. Pode me enviar agora.

— Paciência — diz, pressionando suas mãos, produzindo uma luz tão clara que chega a queimar meus olhos. — Devo mandar você de volta ao corpo que abrigava quando matou Ariel, para o momento em que o destino de Dylan Stroud se divide em dois caminhos diferentes.



— Muito bem. Ele servirá ao meu objetivo. — O corpo de Dylan serviu-me muito bem em minha última encarnação. O rapaz é bonito, impulsivo, de má reputação; todas as coisas que as jovens adoram antes de ficarem sábios o suficiente para perceber que não se deve brincar com fogo. Mas Ariel é jovem. Ela vai se sentir atraída por ele, seduzida por suas chamas. Sorrio ao pensar em seus olhos azuis e nos cabelos dourados com nuances prateadas.

Não deve ser uma tarefa tão difícil assim.

— Lembre-se, você deve fazê-la acreditar no amor — avisa a Enfermeira, afastando as mãos e formando um nó com o poder que possui até que o ar faça ressoar sua energia potencial, sua magia. — O que você sentir ou deixar de sentir não importa, mas você deve fazer com que ela o ame, incutindo-lhe a inabalável fé de que vale a pena lutar pelo coração humano. Banir as trevas de dentro dela, colocando-a em seu verdadeiro caminho.

Aceno minha mão esquelética pelo ar.

— Combinado.

Seus lábios se retorcem novamente, mas dessa vez há algo de predatório em seu sorriso.

— Então vá e faça o bem, Romeu. Aproveite o máximo de sua última e derradeira chance. — Suas mãos caem pelas laterais do corpo e uma bola dourada voa em minha direção. O mundo explode numa tempestade de faíscas. Estou queimando, preso a



uma fogueira, a um lugar torturante em que não se pode respirar, não há misericórdia em parte alguma. Queimo assim por horas.

E, subitamente, tudo termina. Estou em outro corpo, em uma estrada escura, dirigindo em uma noite de primavera.

O ar fresco entra pelas janelas abertas, trazendo os aromas da noite: pinheiros, grama recém-cortada, alecrim crescendo livremente pelas montanhas, e o odor distante de estrume de vaca. É glorioso. Meus dedos se prendem à direção do carro, o vento atiça meus cabelos, o mundo se agita lá fora. É tudo o que jamais pensei ter novamente. É a vida. A vida real, não as sombras nas quais estive preso por tanto tempo. Respiro fundo e prendo a respiração até meus pulmões doerem, deixando escapar um suspiro de satisfação.

No banco do passageiro ouço um som similar a um resmungo.

Não estou sozinho. Olho para o lado e vejo os enormes olhos impressionantemente azuis de Ariel Dragland. Ela se aconchega no assento ao meu lado, fitando-me com uma espécie de ódio velado, braços cruzados, dedos alongados no colarinho da camiseta azul. Sinto as lembranças de Dylan sobre ela se infiltrando em mim, uma estranha sensação depois de habitar tantos anos nos corpos vazios da morte.

Como Mercenário, vivi em mais de cem cadáveres, mas todos eram a mesma coisa. Eram prisões solitárias que me afastavam do mundo. Agora, não apenas tenho os sentidos necessários para viver a experiência da minha humanidade como também tenho



acesso aos pensamentos e sentimentos do corpo que abrigo. Diferente de minha última ocupação de seu cadáver, esta versão de Dylan ainda está viva, e vai retornar ao seu corpo quando minha missão se cumprir. Até lá, ele vai vagar pelas sombras do esquecimento, naquele lugar do tempo em que habitarei entre minhas missões de trazer o bem e a luz.

Se eu agradar a Enfermeira e os demais Embaixadores.

Agradarei. Não posso voltar a ser uma criatura morta. Não voltarei.

Me concentro, procurando entre as memórias de Dylan.

Ele odiou Ariel por sua fraqueza, por ser uma vítima tão disposta, um alvo tão fácil. Mas ele achou que a camiseta que ela estava usando hoje a deixava mais bonita, tornando mais fácil vencer a aposta que fez de seduzir a aberração da escola. E quase conseguiu, quase ganhou quinhentos dólares. Se Jason não tivesse mandado uma mensagem de texto para ele, se Ariel não tivesse visto…

Mas ela viu. E ficou com tanta raiva que assustou até mesmo um jovem ruim como Stroud. Ele achou que Ariel devia ser mesmo louca.

Olho para ela de canto de olho. Loucura é relativa. Do meu ponto de vista, Ariel é tão sã quanto qualquer pessoa. Mas com certeza está com raiva.

E ela também tem reflexos bem rápidos.



Mal tenho tempo de piscar quando ela pega a direção do carro nas mãos. Puxa para a direita, e eu xingo baixinho, entendendo o sorriso do Embaixador quando o carro derrapa em direção ao penhasco, em que a outra versão de Dylan morreu quando habitei seu corpo pela primeira vez.

Fui enviado de volta a tempo de conquistar a garota que odeia o corpo que habito. Mesmo se sobrevivermos ao acidente, estarei condenado. Ela nunca irá me amar.

Não, ela nunca amará Dylan. Você é um monstro diferente, um monstro de fala doce e mãos macias.

Nem sempre. Pego a direção, arrancando-a das mãos de Ariel. Viro o carro, buscando a resistência necessária para amenizar a capotagem. Batemos na grade de proteção e rodopiamos de volta à estrada, a traseira do carro derrapa pela faixa central e só para quando chegamos a uma estrada deserta. Por um momento, o silêncio é quebrado apenas por nossa respiração ofegante, o fato de escaparmos por pouco rouba todas as nossas palavras.

Ariel se recompõe primeiro e diz:

— Odeio você. Vou destruir você, Dylan Stroud. Espere só para ver! — Em seguida, ela sai do carro, correndo pela estrada que leva a Los Olivos, deixando os cabelos prateados brilharem à luz da Lua.

Pelo retrovisor a observo correr, um sorriso inesperado toma conta do meu rosto. Ela é fabulosa quando está com raiva. Que



pena eu ter de apagar esse tipo de fogo, acalmando-o com o doce toque de um verdadeiro beijo de amor.

— Um verdadeiro beijo de amor. Verdadeiro. Beijo. De amor! — Transformo essas palavras numa canção ao virar a direção do carro, fazendo a volta e indo atrás da garota que não faz a mínima ideia de que se apaixonará por mim.



Três

Ariel

Odeio, ele, odeio, ele, odeio, ele.

Meus pés marcam o ritmo e meus pensamentos gritam as palavras. Odeio Dylan Stroud. Não acredito que o deixei me tocar. Não sei como caí nessa. As coisas nunca vão mudar. Nunca vou mudar. Sempre serei a Aberração de cicatrizes, mesmo quando finalmente conseguir sair dessa cidade. A noite de hoje provou isso. Sou uma idiota. Louca. Defeituosa. E sempre serei.

Como é que fui pensar que estava me apaixonando por ele?

Devia ter percebido que era piada. Mas não percebi, e amanhã a escola inteira saberá que Dylan e eu quase transamos. Ou talvez ele vá contar para todo mundo que nós transamos mesmo. Assim, eles terão mais um motivo para ter dó de mim, a garota que perdeu a virgindade por uma aposta. Talvez Dylan chegue até a contar aos amigos que aceitei o dinheiro que ele me ofereceu, e Hannah, e Natalie e todas as outras garotas, que me veem como se fosse o pior pesadelo delas, acordem e pensem que



sou uma vagabunda além de ser a fracassada mais patética do planeta.

Garota idiota, aberração idiota, garota idiota, aberração idiota.

Respiro tão fundo que chego até a engasgar. Queria que tivéssemos capotado. Queria que nós dois tivéssemos morrido. Sinto um sabor de sal invadir minha garganta. As lágrimas queimam meus olhos. Quero parar de correr, me deitar no meio da estrada, esperando que algum inocente me atropele. Mas não consigo. Porque o único carro na estrada é o carro dele, e não vou lhe dar esse prazer.

Se ele quiser me atropelar, vai ter de sair do acostamento.

Os faróis do carro atrás de mim vão ficando mais altos, uma claridade cada vez mais intensa faz com que me sinta nua. Quero me agachar e esconder a cabeça com os braços. Continuo correndo, olhando apenas para frente. Mesmo quando o carro de Dylan para do meu lado e o vidro do passageiro se abre, não me viro para olhar. Não vou deixá-lo ver que me fez chorar. De novo.

— Por que você não volta para o carro?

Por que você não engole a própria língua e morre engasgado?

— Por favor, Ariel. Só quero conversar — ele diz. — Acho que houve um mal-entendido.

Tropeço, mas não caio. Não esperava que ele fosse dizer aquilo. Estava imaginando palavras de raiva e ameaças ou que



talvez atirasse algo do carro e saísse acelerando. Mas tanto faz. Raiva, pedido falso de desculpas; que diferença faz? Com Dylan no controle, tudo vai acabar igual, porque sabe que eu estava completamente apaixonada por ele e por isso acreditei em todas as mentiras que ele contou e fez. Até acreditei que estava tão nervoso com o nosso primeiro beijo quanto eu. Acreditei fazê-lo sentir dor e que me quisesse como eu o queria.

Idiota. Fracassada.

Não mais.

— Me deixa em paz.

— Ariel, por favor. Escuta, eu…

— Me deixa em paz — digo e corro mais rápido ainda. Meus olhos examinam o bosque na lateral da estrada. Me pergunto se vale a pena correr em direção à escuridão para me livrar dele.

— Não. Não posso deixar você sozinha.

Não posso deixar você sozinha. Diz com sua voz sexy, a mesma que usou ao me convidar para essa piada de encontro. Tenta me enganar de novo e o odeio por isso. Quase tanto quanto me odeio ao notar como sua voz faz tudo parecer adorável. Ouvir Dylan falar é quase tão bom quanto ouvi-lo cantar.

Sua voz foi o que chamou minha atenção desde o princípio, a forma como ele cantou Bring it On Home to Me, como se soubesse o que era amar tanto alguém, dando tudo para estar com essa pessoa. Todas as vezes que os integrantes da banda



ensaiavam para suas apresentações durante o baile da primavera, eu parava de pintar o cenário e deixava a voz de Dylan invadir minha alma.

E então, um dia, abri os olhos e descobri que ele cantava olhando diretamente para mim.

Nossos olhares se encontraram e não se desviaram, não conseguimos parar de olhar um para o outro até a canção terminar. No final, meu coração estava tão acelerado que fiquei até com medo de desmaiar. Ele confirmaria isso. Simplesmente sabia que ele sentia o mesmo. Atraída. Seduzida. Encantada. Sempre sonhei que se apaixonar seria dessa forma.

Depois que vi a mensagem de texto do Jason, Dylan me ofereceu cinquenta dólares para eu deixá-lo fazer o que quisesse no banco de trás do carro, ateando fogo em meus sonhos doces e românticos.

Queria mesmo era ter ateado fogo nele. Queria puni-lo. Mas como? O que posso fazer para ter certeza de que ele sofra? Passei a vida toda escondendo meus sentimentos, com medo demais de mostrar a alguém como também sinto muita raiva às vezes. Agora estou morrendo de vontade de demonstrar. Quero gritar e berrar e dilacerar o corpo de Dylan Stroud com minhas próprias mãos. Se achasse que meu cérebro maluco fosse me permitir tal atitude, podia até ser que voltasse ao carro dele só para tentar.

Mas não farei isso. Se deixar a raiva me dominar, vou ter uma síncope. Isso sempre acontece. O frio percorre a minha pele, meus ossos se retraem, meu corpo vai ficando mole e todas as



vozes que lamentam e sentem raiva enlouquecem em minha cabeça. Gritam tão alto que mal consigo entender o que dizem, mas sei o que sentem. Desespero. Desespero profundo, extenso, sem qualquer esperança de algum dia se acalmar. Há somente um sofrimento que sangra por dentro, conforme as vozes me dominam com sua dor até que o mundo se transforme em trevas. E quando acordo, minha calça está molhada por ter perdido o controle do meu corpo e meu corpo cheio de manchas roxas por ter caído com tudo no chão.

Não é epilepsia, não é uma manifestação clássica de nenhum tipo conhecido de loucura. É algo que os médicos não sabem como tratar, e nem mesmo o psicólogo que frequentava quando era mais nova quis falar sobre isso depois de algum tempo me atendendo. Ninguém gosta do que não entende.

Ninguém gosta de loucos.

É por isso que me seguro, especialmente se houver outras pessoas por perto. Não quero que ninguém me veja nesse estado. Ficar assim uma vez foi o suficiente. Já faz oito anos, e mesmo assim todo mundo que estava no parquinho, na quinta série, ainda se lembra do ocorrido. Ainda me olham de um jeito estranho e viram o rosto quando passo por eles nos corredores. Ainda sussurram a história para cada aluno novo que entra na escola, garantindo que a pessoa excluída do grupo seja sempre eu.

Gemma é a única que resolveu me dar uma chance, e agora perdi minha única amiga. Ela fugiu. Ou talvez esteja morta. Os cartazes de pessoa desaparecida, colados por seus pais por toda a



cidade, fazem parecer que ela talvez esteja morta mesmo, mas aposto que Gemma fugiu com um de seus muitos namorados e simplesmente não teve a consideração de contar para mim.

Ela, enfim, deve ter percebido como uma amizade entre nós era estranha. Gemma é rica, bonita, extravagante e divertida e sempre há um ou três garotos a fim dela. E eu... Eu sou eu, a garota pálida, cheia de cicatrizes, tímida demais para conversar em aula e que nunca tinha beijado um garoto antes de hoje. Nunca fui importante para Gemma. Na verdade, para ninguém. Acho que até a minha mãe ficaria aliviada se não tivesse que se preocupar mais comigo.

Se os reflexos de Dylan não fossem tão rápidos, eu já não seria mais um obstáculo para ninguém. Acho que até poderia não ser mais, só que agora era preciso muito mais coragem. Foi fácil dominar a direção do carro. Sozinha não será fácil e odeio Dylan por isso também.

— Por favor. Apenas me deixe te dar uma carona — ele diz. — Não dá para correr até a sua casa.

— Dá, sim.

— Gostaria que você não fizesse isso — ele diz num tom tão sincero, tão triste. — Eu realmente sinto muito.

— Não sente, não.

— Sinto, sim. Pare de correr e vou provar para você que sim.



Não respondo. Continuo correndo. Passo a maior parte do meu tempo sentada a uma escrivaninha desenhando ou num banquinho com as minhas tintas, mas não estou sem fôlego. Sinto que poderia correr para sempre, correr até desaparecer pelo ar.

— Pare com isso. Pelo menos pegue a sua bolsa.

Diminuo o ritmo. Minha bolsa. A chave de casa está lá. Minha mãe só vai sair do hospital às 11. Se não pegar as minhas chaves, ficarei horas sentada do lado de fora. E daí vou ter de contar para ela o que aconteceu e ver como ela vai ficar desapontada em saber que fracassei ao tentar ser uma garota normal. Faria quase tudo para evitar mais uma dessas conversas com ela.

Paro. Dylan breca bruscamente ao meu lado. O escapamento do carro faz o maior barulho e solta um cheiro que vem direto ao meu nariz. Torço o nariz, enxugo as lágrimas do rosto com a manga da camisa e me controlo. Vou pegar a bolsa e sair correndo. Ele não vai me fazer perder o controle novamente. Não cairei no truque dele de novo.

Viro-me, dou três passos em direção ao vidro do passageiro, e estico a mão. Dylan se aproxima e aperta meu celular na palma da minha mão. Olho fixamente para ele e finalmente me lembro que não foi por isso que fui até lá.

— Me dê a minha bolsa, por favor — digo, feliz por manter o tom de voz controlado.



— Ainda não — diz Dylan, olhando para mim com os olhos negros cintilantes. — Prepare o celular para gravar.

— Me dê...

— Vamos, grave. Você não vai querer perder isso — diz, piscando e sorrindo para mim.

Antes mesmo que eu pense em qualquer tipo de resposta, ele sai do carro, batendo a porta com tudo. Minha bolsa está nas mãos dele que caminha até a frente do carro e a deixa lá, e depois se afasta até que a luz dos faróis o tirem da escuridão. As luzes são tão fortes que posso ver o contorno da camiseta por baixo do colarinho desabotoado. Sua pele é tão clara que chega a brilhar. Ele é quase tão branco quanto eu, mas o cabelo castanho-escuro ondulado, caindo na testa, e seus olhos castanho-escuros fazem com que ele pareça dramaticamente pálido em vez de aparentar um ar abatido e comum. Se fosse eu em pé onde ele está, meus cabelos e minha pele teriam o mesmo tom e meus olhos azuis ficariam acinzentados. Ficaria até mais feia do que normalmente sou.

Mas Dylan é impressionantemente belo. Ele é mesmo. Não há como negar isso, não importa o quanto eu o odeie.

— Vou começar — diz, levando as mãos à cintura.

Cruzo os braços e olho para o chão.

— Você disse que queria me destruir — ele diz. — Vou dar a você o que precisa. Se você não gravar, vai ficar com mais raiva depois.



Suspiro, pego meu celular e ligo a câmera. Não sei quais são as intenções dele, mas é óbvio que não vai devolver a minha bolsa, nem as minhas chaves, se eu não fizer o que ele quer.

Aperto o botão de gravar e olho para o pequeno Dylan na tela. Vai ser mais fácil passar por isso se mantiver meus olhos focados no miniDylan. Fingirei que assisto a um filme e o garoto na frente da câmera é um ator, não um mentiroso que tocou todo meu corpo. Não o garoto que me deu o meu primeiro beijo. Não a pessoa que me deu a esperança que nunca existiu antes.

— Está gravando? — pergunta. Balanço a cabeça de forma afirmativa. Recuso-me a falar, reagir ou fazer qualquer coisa que torne essa piadinha nova mais agradável a ele. — Oi. Sou Dylan Stroud. Hoje tive meu primeiro encontro com a Ariel. E pode ser que seja nosso último encontro porque... Sou um cretino — ri, mas não com alegria. — Fiz uma aposta estúpida com outros idiotas como eu e destruí uma coisa que não queria destruir.

O garoto na tela para e engole em seco. Seus olhos brilham ao expressar seus sentimentos.

Sabia que Dylan era um cantor talentoso, mas não fazia ideia de que também era ator. Com certeza ele está dando um show e tanto. Se não soubesse bem quem ele é, com certeza acreditaria que está arrasado por ter perdido sua chance comigo. Mas sei bem quem ele é, e esse showzinho me dá nojo.

Mexo o polegar com a intenção de parar a gravação, mas ele recomeça a falar e eu hesito.



— Ariel, sei que o que fiz é imperdoável, mas eu... Eu só... — ele diz, respirando de forma irregular. — Tenho observado você há semanas e penso em você o tempo todo. No seu cheiro de flores e tinta, no seu jeito de inclinar a cabeça para o lado quando desenha e na forma como fecha os olhos quando está ouvindo uma música que gosta muito.

Aperto os lábios. Só porque ele notou algumas coisas em mim não significa que seja sincero. Isso é tudo parte de seu plano para me levar de volta ao carro, tirar minha calça e pegar o prêmio amanhã de manhã por ter vencido a aposta.

— Penso em como você se esconde por trás dos cabelos quando entra na sala de aula, e no quanto quer olhar para cima para me ver ao seu lado. Uma vez, quase tirei os cabelos da frente do seu rosto, mas não fiz isso. Queria fazer, mas... — faz uma pausa, enrugando a sobrancelha e erguendo o queixo para dizer — ... sou covarde. Foi por isso que deixei Jason e Tanner me convencerem a entrar nessa aposta. Mas eu não queria. Juro que não queria. E hoje, quando finalmente consegui beijar você, eu... Eu não queria parar.

Seu tom de voz é rouco, como se estivesse tentando se lembrar de todas as posições que fizemos quando ele me agarrava no banco de trás. Sinto meu rosto enrubescer, fica difícil manter a atenção concentrada no miniDylan. Minha mão treme. A tentação de olhar para cima bem nos olhos dele, que estão intencionalmente fixos na lente da minha câmera, é maior do que pensei.



— E não foi por causa de nada nem ninguém além de você — diz. — Gosto de você. Gosto muito, e faria qualquer coisa para ter uma chance de fazê-la gostar de mim novamente.

Nossa! O cara merece um Oscar pela atuação.

Não apenas por ter dito as coisas corretas, do jeito correto, mas por ter escondido sua inteligência em todos esses anos de convivência. Não que o considerasse um idiota, ele tem notas razoáveis, considerando o mínimo esforço, mas nunca teria pensado que Dylan Stroud fosse capaz de fazer um discurso como esse sem treinar muito antes. Ele deveria pensar em seguir a carreira de ator se a de cantor não der certo. Ou talvez carreira política. É uma ótima profissão para mentirosos de talento.

Ele é mentiroso. Tenho certeza. Ainda não acredito nele, mas poderia. Se continuar ouvindo, pode até ser que acredite, então, provarei que sou a garota mais idiota do planeta.

— Terminou?

Ele deixa os ombros caírem, resignado, e fala:

— Não sei. Terminei? Eu... Você me daria uma segunda chance?

— Não — digo apenas uma palavra, com calma, mas ele reage como se tivesse levado uma flechada bem no coração. Sua expressão é de dor, medo, desespero. Olhando para ele agora, parecia que tinha acabado de perceber que nunca mais ia cantar novamente.



O plano pós-formatura de Dylan é se tornar um astro do rock. Ele e Jason têm uma banda, tocam em bares e em Santa Bárbara nos fins de semana. Gemma os viu uma vez e disse que tocavam muito mal, mas até mesmo ela teve de admitir que Dylan sabia cantar.

— Por favor! — diz, levantando as mãos para o alto. — O que mais preciso dizer?

Mas ele é exigente com sua seleção musical ao público. Vi quando brigou com a Sra. Mullens, a professora de música, sobre a música para a apresentação no baile de primavera. Todo mundo apresentaria números musicais, mas ele queria tocar um rock inspirado numa velha música de Sam Cooke. Disse que não iria queimar seu filme tocando as "porcarias da Broadway".

— Ariel, ouça, eu...

— Quero que você cante.

Ele arqueia a sobrancelha e pergunta: — Cantar?

— Quero que você cante uma música de *Amor, Sublime Amor.* Aquela que o Logan vai tocar no baile da primavera.

Ele endireita o corpo e sorri. Já tinha visto Dylan sorrir antes, mas por alguma razão, parece-me diferente agora. A expressão parece mais suave na região da boca, porém mais severa na região dos olhos... ou algo assim. Devem ser os faróis.

— Você está falando de "Maria"?

— Sim. Essa mesmo. Canta para mim.



Ele abre a boca e inspira, mas o interrompo antes de começar.

— Nu.

— Nu? — A forma como ele me diz quase me faz corar, mas ignoro. Ele não pode me ver. Eu, por outro lado, posso vê-lo. E todos na escola também poderão, caso eu decida mostrar o vídeo. Ele disse que queria me dar tudo o que fosse preciso para destruí-lo. Logo veremos se estava falando sério.

— Sim. Cante para mim sem roupa — digo, surpresa ao ver como meu tom de voz está controlado, jamais tinha dito a palavra "nu" em voz alta antes. Muito menos na frente de um garoto. Mas não hesito nem mesmo ao acrescentar: — E dançando.

— Cantar e dançar nu para você? Bem aqui? No acostamento?

— Bem aqui, e quanto mais idiota você for, mais vou acreditar que está me dizendo a verdade.

Espero que ele me chame de louca, que admita ter mentido e que só queria vencer a aposta e pegar a grana. Espero que ele hesite e me diga que a aposta não vale o sacrifício. Que eu não valho o sacrifício.

Porém, em vez disso, seus dedos vão em direção ao primeiro botão da camisa, enquanto começa a cantar:

— Ariel, acabei de conhecer uma garota chamada Ariel.



Sinto o rosto arder e fecho os olhos. Ele está dizendo o meu nome. Quase peço para ele parar, mas, quando abro os olhos, ele já não veste a camisa e está tirando a camiseta, expondo mais do seu corpo do que eu jamais tinha visto antes. Senti seu corpo contra o meu, mas olhar para ele é completamente diferente. Ele é até mais bonito sem roupa.

Perco a fala. A camiseta passa pela cabeça e cai no chão enquanto ele canta e solta uma nota aguda, perfeita e doce. Começa a mexer o quadril e suas mãos vão para a fivela do cinto; sinto um nó no estômago. Ele exagera no movimento do quadril e na hora em que tira a calça jeans e não está vestindo nada além da cueca boxer, a dança e a música extrapolam a esfera de tudo que seja romântico e sensual. Ele faz papel de ridículo, girando em círculos como uma bailarina, virando de costas, dando tapinhas no bumbum e acrescentando sons estranhos entre as palavras.

Ainda assim, quando seus dedos vão para a cueca, o sangue percorre minha cabeça com tanta velocidade que a noite parece girar.

— Pare! — grito, desligando a câmera. — Já é o bastante.

Ele se vira, confuso, e pergunta:

— Não estava fazendo direito?

Pigarreio e digo:

— Você fez direito, sim.

— Mas ainda não estou nu.



— Já está nu o bastante.

— Estou? — pergunta, sorrindo; um sorriso travesso que é inesperadamente... Charmoso.

Mordo os lábios, recusando-me a sorrir de volta para ele. Fazendo-se de tolo ou não, ainda assim não confio nele.

— Vista-se. — Pela primeira vez, desde o momento em que quase caímos penhasco abaixo, sinto-me tímida, indecisa.

Ele ri e pergunta:

— Está difícil resistir a mim depois da dancinha?

— A dança foi... — Finjo enorme interesse pelo meu telefone ao enviar o arquivo com o vídeo para o meu e-mail e fechá-lo.

— Irresistível? Sensual? Sedutora?

— Repugnante? — Difícil de dizer, mas pareço flertar com ele. Não tenho certeza se alguma vez na vida já flertei com alguém. Nem mesmo com ele. Nas poucas vezes que nos falamos estava tão nervosa para dizer alguma coisa além do mínimo exigido “sim” e “não”, e conversamos muito pouco antes de nos beijarmos hoje à noite.

Ele sorri e pega a calça jeans, olhando para mim enquanto fecha o zíper e abotoa a calça. Grudo meus olhos no chão, muito nervosa.

— Não acho que a culpa seja da dança — diz ao colocar os sapatos e pegar a camiseta. — Acho que é porque você está com fome. Vamos comer alguma coisa?



Olho para cima e pergunto:

— Você quer comer alguma coisa?

— Não, quero levar você para comer alguma coisa — fala ao colocar a camisa e correr a mão pelos cabelos. Está meio suado, mas o desalinho somente serve para deixá-lo ainda mais lindo. Ou talvez seja sua expressão facial. Ele parece honestamente animado com o fato de passar mais tempo comigo.

— Agora que você apreciou as palavras, a música e a magia da minha dança contemporânea, quero que aprecie a comida.

Dou risada. Não consigo evitar.

— A moça sabe rir… — sussurra.

Meu sorriso desaparece como que procurando por um lugar seguro enquanto guardo meu celular no bolso. Isso é loucura, mas pelo menos tenho poder de fogo. Se esse vídeo se tornar público, Dylan ficará marcado para sempre. Ele não é o tipo de garoto que não se importa em fazer papel de tolo. Pelo menos, não com frequência.

E talvez, se fizermos um trégua enquanto comermos, não contará para ninguém o que quase aconteceu entre nós. Além de passar mais uma ou duas horas na companhia dele, vale a pena tentar.

— Está bem — digo. — Vamos comer alguma coisa.

Ele veste a camisa, mas não a abotoa, pega minha bolsa do chão e vem na minha direção. Só para quando fica mais próximo



do que precisa para me entregar a bolsa. Ergo o queixo de forma desafiadora, recusando-me a recuar, não querendo deixá-lo perceber quanto sua proximidade me incomoda.

— Obrigada — digo, e ele se aproxima de forma que sua testa quase encosta na minha e fala:

— Você não vai se arrepender. Prometo.

Pego a alça da bolsa, ignorando meu estômago revirado. Não me importa o quão gentil está sendo, nunca mais deixarei Dylan me tocar novamente. Nunca. Nunca mais.

— Onde você quer ir? — Faróis de carro aparecem ao longe enquanto pergunta. Ele se vira para olhar para trás. O carro vem da direção oposta, mas sei que seria melhor irmos embora. Conheço um monte de gente da escola que hoje à noite irá numa festa na praia, e não quero encontrar ninguém que saiba da aposta idiota do Dylan.

— Tanto faz. A panquequeria em Solvang fica aberta até às onze da noite.

Ele torce o nariz e diz:

— Uma panquequeria é muito pouco para você. Vamos a um lugar em que sirvam comida de verdade. Há tempos não como carne.

“Há tempos”? O que deu nele? Quando é que Dylan alguma vez disse coisas como “há tempos”?



— Há tempos — diz, aproximando-se ainda mais. Permaneço firme em meu lugar, lutando contra o desejo de me sentir incomodada.

— Está bem — respondo, chacoalhando os ombros. — Contanto que você pague. Meu dinheiro não dá para comer carne.

— Claro que vou pagar. Quero oferecer algo de bom para você — diz ao colocar meus cabelos para trás da orelha, com uma ternura que jamais havia percebido nele. O toque gentil me surpreende, me faz hesitar quando o normal seria rapidamente trazer os cabelos para frente dos ombros e assim esconder as cicatrizes no pescoço e no queixo.

— Você é muito bonita.

— E você é cheio de gracinhas.

— Não sou, não. — Nossos olhares se encontram e sei que ele pensa em me beijar novamente, está escrito na testa dele. Por um momento insano, até penso em deixar; os faróis ficam mais fortes, me dando uma desculpa para apertar os olhos e colocar uma das mãos entre nós.

O carro se aproxima e para ao lado de Dylan. Uma senhora mais velha, com cabelos tingidos num tom bem forte de negro, abre o vidro e pergunta:

— Tudo bem com vocês, meninos?



— Tudo bem. Só estou dando uma olhada em um dos pneus. Mas obrigado, senhora — diz Dylan. — Obrigado por ter parado.

— Está bem — ela diz sorrindo, obviamente lisonjeada pelas boas maneiras de Dylan. — Tenham uma boa-noite.

— A senhora também — responde com um aceno enquanto ela se afasta, um gesto tão entusiasmado que me faz lembrar dos anúncios de serviços públicos dos anos 1950 que vimos na aula de Ciência Política. É um aceno inocente. Um aceno feliz. Um aceno estranho.

— "Senhora" — repito secamente.

— Sim, senhora. Acho que devo respeito a qualquer pessoa depois da maneira que me comportei hoje.

Pisco, incrédula. Ele parece tão sincero, mas a noção de dever algo a alguém não tem nada a ver com Dylan. Sempre pensei o pior dele, mas o imaginei como se fosse o tipo de pessoa que pensasse nos outros nem mesmo a metade do que pensa em si. Em outras ocasiões, isso não me incomodava. Era um prazer ter alguém tão bonito e talentoso e, sim, cheio de gracinhas, sendo tão atencioso.

Mas agora...

Bem, é bom perceber que ele pode pelo menos fingir se importar com os outros.



— Ainda bem que ela não veio antes — diz Dylan, cruzando os braços e recostando na lataria do carro de uma forma que deixa claro como está satisfeito com o próprio corpo. Não consigo evitar a inveja, desejando que minha própria pele não parecesse tão apertada e meus ossos tão soltos. — Ou a minha dancinha com música seria ainda mais embaraçosa.

— Nada poderia deixar aquilo mais embaraçoso.

Ele ri.

— Esse era o objetivo, certo?

— Era — hesito antes de concluir com um cauteloso agradecimento. — Obrigada.

— De nada — diz, sorrindo um sorriso doce e quase tímido. — Achei que você merecia que eu desse o melhor de mim, com um bom poder de fogo.

— Sim, bem. Eu agradeço por isso.

Se você estiver dizendo a verdade, se você fez aquilo porque realmente sente muito e não por estar planejando algo até pior do que fez da primeira vez, penso comigo mesma. Meu estômago revira e minha mente acelera diante de algumas alternativas do que poderia ser ainda "pior".

Olho para cima, procurando por alguma pista em seu rosto que possa me dizer o que realmente ele quer com esse convite para jantar.



— Só quero que se alimente, Ariel. Não estou escondendo nada — ele diz. — O que você tem a perder?

Nada. Não tenho nada a perder. Há vinte minutos desejava estar morta, quem sou eu para me preocupar com o que vai acontecer nas próximas horas? Estou vivendo de tempo emprestado.

E ele também.

Dylan abre a porta do carro e eu entro, confiando que ele se lembre de que quase o matei e assim comporte-se de maneira adequada.



Quatro

Romeu

Carne. Gloriosa, gloriosa carne. Suculenta, apetitosa, vermelha e cheia de sangue, temperada com manteiga e ervas finas, cada pedaço é melhor que o anterior. A miríade de sabores explode em minha língua, dança dentro da boca, golpeia minhas papilas gustativas, chamando-as de malditas e sujas, e amo cada minuto disso.

Amar. Morri e fui para o céu, o banquete no meu prato representa isso. Gemo, e encho o garfo de requeijão com purê de batatas temperado.

Sentada ao meu lado, Ariel se mata de tanto rir e pergunta:

— Está assim tão bom?

— É mais do que bom. Estou vivendo uma experiência religiosa.

— Deus, é um filé-mignon.



— Não. O filé-mignon é Deus — respondo, ao levar mais um pedaço à boca. — Experimente.

Ela hesita antes de abrir a boca para aprisionar a carne entre seus pequenos dentes brancos. Observo-a mastigar e engolir, satisfeito por ver sua face ir ficando cada vez mais vermelha quanto mais a observo. Ela é mesmo adorável, e bem mais espirituosa do que eu esperava.

Certamente eu não havia previsto que hoje à noite teria de dançar quase nu. Ariel perdeu a coragem bem no finalzinho, mas não antes de provar que pode ser muito mais divertida do que sua amiga Gemma me fez acreditar. Porém, talvez Ariel seja um pouco diferente nesta realidade. De acordo com as lembranças de Dylan, várias coisas são diferentes. Gemma fugiu de casa, não chove há semanas, e em vez de me apresentar em Amor, Sublime Amor, farei um solo no baile da escola na sexta-feira à noite.

Estou aliviado. Não sei se poderia subir ao palco novamente, ao lugar em que apunhalei Julieta e me inclinei sobre ela para vê-la sangrar. Foi a alma de Julieta que sofreu, mas foram os olhos de Ariel que se fecharam de dor. Acabamos de nos conhecer, mas essa garota e eu temos uma história trágica. Olhá-la deveria me causar dor, mas não causa.

Ariel não é Julieta, e ela está viva. Tudo o que sinto ao olhar para ela é um alívio desesperador. Há algumas horas, eu era uma criatura amaldiçoada, sem esperança alguma no mundo. Agora, sou um rapaz bonito, jantando elegantemente com uma bela garota. Mais uma prova de que o Destino é, na verdade, uma dama



caprichosa. Mas só para garantir que essa vagabunda voluntariosa não decida mudar de ideia novamente, dou uma garfada na massa que está no prato de Ariel.

— Gostou do filé? — pergunto enquanto levo a massa à boca e sinto arrepios de prazer. Êxtase. Só passei a apreciar o dom de saborear as coisas depois que o perdi.

— Sim, está muito bom.

— Bom? Está orgástico.

— Certo — ela balbucia, alisando os cabelos até cobrirem os ombros e esconderem seu rosto. À luz de velas, no brilho aconchegante do restaurante, os cabelos dela mostram um tom de mel em vez de prata. Sinto-me tentado a deslizar meus dedos por entre os fios e dizer a ela como é linda, mas, em vez disso, como um pãozinho. Tudo tem sua hora. Ninguém gosta de nada que seja fácil demais de se conseguir, e já fiz o papel de jovem louco de amor hoje.

E foi uma apresentação impressionante. Peguei o que as lembranças me disseram sobre Ariel e transformei em um romance de ouro. Se a Enfermeira de Julieta tivesse visto, teria administrado os votos de pacificador na hora. Seria loucura deixar um talento como o meu de fora das forças do bem e da luz. Bem e luz. Essa noção ainda me é vagamente repulsiva. Felizmente, tenho mais habilidades de sedução do que de ser um bom garoto.

— Vocês desejam mais alguma coisa? — pergunta o garçom ao se aproximar da mesa. O restaurante em Los Olivos estava



quase vazio quando Ariel e eu chegamos. Agora, éramos as únicas pessoas por lá ainda, e o homem de rabo de cavalo e cavanhaque irregular quer encerrar o expediente.

— Você quer mais alguma coisa, querida? — pergunto. Ariel arqueia a sobrancelha, mas dá para ver que está gostando da ternura irônica.

— Não, obrigada — ela responde. — Estou satisfeita.

— A moça está satisfeita — digo, virando-me para o garçom com um sorriso. — Eu também. Levaremos para viagem as sobras do jantar dela e quero pagar a conta.

Espero até que ele vá para a cozinha com o prato de Ariel antes de sair de fininho da minha cadeira, ir até o bar e surrupiar uma garrafa aberta de vinho tinto. Vinho jamais magoa um novo amor, e estou morrendo de vontade de ver se o sabor é tão maravilhoso quanto me lembro. Sento-me à vontade ao lado de Ariel, escondo a garrafa entre os joelhos e a cubro com a toalha da mesa na mesma hora em que o Cavanhaque volta. Felizmente, Ariel não diz nada quando tiro a carteira para pagar pelo jantar.

— Estava tudo maravilhoso. Pode ficar com o troco — digo ao devolver a conta na pasta de couro preto, envolvendo meu braço ao redor dos ombros de Ariel. — Pronta?

— Não — ela diz por entre os dentes enquanto o Cavanhaque volta para a cozinha. — O que você está fazendo?



— Pegando um bebida para nós. E poupando alguém de tomar um copo de vinho rançoso amanhã. Ficará horrível depois de passar a noite inteira aberta.

— Você está roubando.

— Estou me *apropriando.*

— Somos menores de idade.

— E é por isso que tenho de me apropriar em vez de comprar essa garrafa. — A visão limitada da lei que restringe venda de bebidas a adolescentes me força a isso. — É com os Homens da Lei que você deveria estar brava, Ariel. Eu sou inocente.

Ela arqueia a sobrancelha numa expressão irônica e diz:

— Eu não usaria a palavra inocente.

— Que palavra usaria? Espere.... — digo, levantando a mão. — Não responda ainda. Não até eu ter tomado um copo de vinho e voltar a me achar bonito outra vez.

Ela emite um som: metade suspiro, metade uma risada nervosa.

— Estou falando sério — retruca, aproximando-se um pouco mais e olhando para a porta em que nosso garçom desapareceu. — Se você for pego, eles podem chamar a polícia.

— É tudo parte da diversão. — Dou uma piscadinha e escondo a garrafa debaixo da camisa. — Vá na frente, que eu me



escondo atrás. Pode ser que a recepcionista ainda esteja no saguão.

— Você é louco.

— Você também. Somos uma bela equipe.

Ela revira os olhos, mas vai na minha frente. Passamos pelo restaurante todo, a recepcionista nos diz “boa noite” e saímos em direção à brisa fresca sem sermos descobertos. Ao nos aproximarmos do carro, Ariel me cutuca com o cotovelo. Viro-me e noto um brilho inesperado em seus olhos.

— Que foi? — pergunto.

— Conseguimos.

— Conseguimos.

— Até que foi... Meio engraçado. — Seu sorriso tem um quê de travesso que me faz rir.

— Foi. — Ela olha para trás antes de sussurrar.

— Nunca roubei nada antes.

— E continua sem ter roubado. Mas devia tentar um dia desses. É a maior adrenalina. Sem usar química alguma.

Ela sorri e diz:

— Você é má influência.

— Sou. Mas prometeria ser bom... Se achasse que você realmente quisesse que eu fosse.



Ela fica séria e pergunta:

— O que quer dizer com isso?

— Uma piada — respondo, percebendo que provoquei demais minha sensível princesa de cabelos prateados. — Apenas uma piada.

— Não tem graça.

— Desculpe — digo, franzindo o cenho, fazendo a melhor imitação de uma pessoa decente capaz de ter sentimentos muito, muito, muito profundos. — De verdade. Sinto muito. Está bem?

— Tudo bem — ela responde, mas demora para relaxar. Faço uma advertência mental a mim mesmo ao me aproximar dela na calçada.

Um som de piano ao longe vem do hotel do outro lado da rua, fora isso, a noite está silenciosa. Calma. Bonita. Respiro fundo. Um aroma de flores, madeira queimada, primavera nas árvores e mais uma dúzia de cheiros que não consigo identificar.

— Maravilhoso.

— É, maravilhoso — concorda Ariel, um tom de cautela ainda transparece em sua voz. — Adoro a primavera.

— Adoro a vida — digo ao tentar pegar sua mão, mas ela se afasta.

Ela para e deixa escapar um longo suspiro.

— Tá. Tudo bem. Sinto muito, certo?



— Pelo quê?

— Por... Você sabe.

— Sou eu quem tem de sentir muito. E sinto. — Tiro a rolha da garrafa e sinto o perfume. Hum! É do bom. Mais forte que vinho, mas tão delicioso quanto. Minha boca se enche de água e fico em dúvida se um longo gole não diminuirá o impacto das minhas palavras doces.

— Mas eu podia ter matado... — Ariel me vê cheirando a rolha e aperta os olhos de forma crítica, olhando para mim.

Trago a garrafa de volta para mim e tento agir como se estivesse preocupado com coisas como tendências suicidas.

— Mas você não matou — abaixo o tom de voz tentando mostrar respeito pela tamanha seriedade do assunto. — E você nunca mais fará aquilo.

Ela balança a cabeça negativamente e diz:

— Não. Não vou... Não.

Tento abafar o riso e digo:

— Você podia tentar ser mais convincente.

— Sinceramente não consigo acreditar que tenha feito isso — ela fala. — Mas, naquele momento, e logo em seguida... Estava com tanta raiva que realmente desejei que nós dois...

Envolvo meu braço ao redor da cintura dela. Ela hesita, mas não se afasta.



— Eu entendo por que você me queria morto. — Chego mais perto, até sentir o seu cheiro penetrando em mim. O perfume dela é ainda melhor do que o da noite. Adorável. Embriagante. Aperto mais o braço em sua cintura, ela prende a respiração, e sussurro o que tenho a dizer a apenas alguns centímetros dos lábios dela. — Mas nunca mais se coloque em perigo novamente. Nem por mim. Nem por ninguém. Você merece uma vida longa e feliz.

— Tá... — emite de forma cínica. — Pensei ter ouvido você dizer que eu era louca. — Com as mãos ela empurra meu corpo de leve, porém não a deixo sair.

— Você pode ser louca e boa. As melhores pessoas são loucas. Eu sou louco e gosto muito de mim.

— Isso é óbvio — diz, torcendo o nariz. É adorável, e a curva da cintura dela me dá uma ótima sensação. Uma sensação muito boa mesmo.

— Então... — Trago-a ainda mais para perto, percebo o aroma do nosso jantar em seu hálito e penso há quanto tempo não sinto o gosto de uma mulher. — Você acha que seria louca o suficiente para me deixar beijá-la outra vez?

Antes que eu consiga piscar, ela gira os quadris e escapa dos meus braços.

— Não, hoje não.

Bem. Não se pode culpar um homem há tanto tempo desprovido disso por tentar.



— Amanhã à noite? — pergunto, dando uma piscadela.

Ela não diz nada, apenas cruza os braços e me olha com seus enormes olhos azuis que parecem não combinar com seu rosto juvenil. Ela é praticamente uma criança, tem os membros desengonçados e as extremidades arredondadas que ainda não se transformaram num corpo adulto, mas os olhos delas são... Velhos. Tão velhos quanto os de Julieta, mas não tão velhos quanto os meus. Já vi mais do que qualquer criatura deveria ter visto. Sou um homem muito, muito velho.

Se Ariel soubesse como sou velho, não me deixaria chegar nem perto dela. Nem mesmo por um minuto. Este corpo pode ter 18 anos, mas minha alma é velha o suficiente para ser o bisavô do seu etc avô. Ela ficaria enojada.

Ou talvez não. Talvez entendesse os séculos que passei encapsulado entre os mortos como um pesadelo do qual acabei de acordar. Traí Julieta quando tinha acabado de fazer 16 anos, e, apesar de tudo que vivi, uma parte de mim ainda se sente jovem. Pode ser que Ariel entenda isso. Ela parece saber uma ou duas coisinhas sobre pesadelos; essa garota de olhos assombrados.

— Não — ela repete, sem mostrar reação alguma com a minha indignação.

— Por que não?

— Não confio em você.

E você não deveria. Jamais.



Aceno a cabeça concordando.

— Compreensível. Lamentável, mas compreensível.

Uma ruga se forma na testa e ela repete:

— Lamentável.

— Sofrível, triste, passível de muita lamentação, de fazer chorar, de ranger os dentes. — Sorrio, pronto para deixar o momento de seriedade para trás.

— Sei o que significa. Apenas não sei onde você anda escondendo o vocabulário.

— Na minha cueca boxer — respondo com um sorriso tolo. — Se você tivesse me deixado tirar, teria visto por si mesma.

Ela ri e sua risada dança pela noite, fazendo com que as estrelas brilhem ainda mais. A felicidade expressa me surpreende. Acho que a surpreende também. Ela respira fundo, engolindo os sons.

A ausência da alegria de Ariel faz com que o silêncio pareça mais vazio do que antes.

— Então... — diz, sinalizando com o olhar o vinho em minhas mãos. — Vai beber isso aí ou não?

— Só se você beber comigo.

— Claro — diz, novamente me surpreendendo. Depois do sermão no restaurante, esperava mais resistência.

Pego as chaves do carro no bolso e pergunto:



— Bem, então, devo dirigir enquanto bebo?

— Não. É melhor não bebermos no carro. Sei de um lugar aonde podemos ir. Fica deserto à noite — ela fala, depois rapidamente acrescenta. — Mas há casas por perto. As pessoas podem ouvir se não falarmos baixinho.

— Que bom! — pondero. — Então, se você tentar tirar vantagem de mim, vão ouvir quando eu gritar.

— Rá, rá. — O sorriso dela é cauteloso, um pouco examinador, mas, ainda assim, é um sorriso. — Engraçadinho.

— Fico ainda mais engraçado depois de beber.

Ela inclina a cabeça e sai marchando como um soldado imponente.

— Veremos. — Sigo-a pela rua e nos distanciamos da avenida principal. As lojas de antiguidades e os postes de lampiões a gás desaparecem, substituídos por lâmpadas normais de rua e uma eclética mistura de casas cuidadosamente restauradas no estilo vitoriano, caixas caindo aos pedaços cheias de brinquedos pelos quintais, e um bangalô com esculturas de ferro brotando dos canteiros de flores. Depois de alguns minutos, ela vira à esquerda e chegamos a uma leve subida. No alto, há um parquinho fechado por elos de correntes, iluminado por um único refletor. Ariel tateia o portão e consegue abri-lo pelo lado de dentro.

— Gemma e eu costumávamos vir aqui — diz. — Nunca tem ninguém depois que escurece.



— É perfeito — digo ao tomar mais um gole enquanto atravessamos o cascalho em direção aos brinquedos do parquinho. Ah, doce e potente.

Ariel sobe os degraus que levam a uma plataforma com cobertura em formato de nave espacial e senta-se perto do alto do escorregador. Sento-me ao lado dela e lhe entrego a garrafa, analisando seu perfil enquanto ela toma um gole com cautela.

— Uau! — diz, esticando a língua para pegar uma gota que escorre pela boca da garrafa. — É muito bom.

— Ah, qual é? Você já tomou vinho bom antes. O pai da Gemma não é, tipo, o senhor das vinhas? — Pego a garrafa de volta e tomo mais um gole.

— Sim. Mas sempre fiquei nervosa demais para beber perto da família Sloop.

— Por quê?

— O pai da Gemma... É um cara meio assustador. Às vezes, quando minha mãe trabalhava até mais tarde, Gemma e eu roubávamos um copo de Chardonnay da geladeira de casa, mas o gosto nem se compara a este.

Há tristeza em sua voz e não é difícil imaginar o motivo. Faço minha cara de preocupado e testo minha recém-redescoberta empatia.

— Gemma... Você está preocupada com ela?



— Sim. — Ela pega a garrafa, mas não bebe. — Às vezes acho que ela está bem e só fugiu para se vingar do pai, mas às vezes tenho medo de que algo tenha acontecido com ela.

— Ela está bem — digo, colocando o braço ao redor de seus ombros esguios, desejando poder contar a ela que sei, por autoridade de Embaixador, que Gemma e sua alma gêmea, Mike, estão seguros, além de profunda e repugnantemente apaixonados. — Aposto que ela fugiu com algum jovem arrojado e já está na metade do caminho para viver feliz para sempre.

— Sei. — Ela toma um bom gole e coloca a garrafa no chão entre nós. — Você fala assim com seus amigos?

— Assim como?

Ela dá de ombros e diz:

— Sei lá. O vocabulário que você usa e... As coisas antigas que diz.

— Coisas antigas, hum? Bem, até tenho lido muita poesia ultimamente.

Seus olhos enormes se arregalaram ainda mais.

— Poesia... — diz, deixando transparecer dúvida. — Como quem, por exemplo?

— William Cullen Bryant, Sir Walter Raleigh — digo, falando os primeiros grandes poetas góticos que vieram à minha mente —, e Shakespeare, claro. O soneto 138 é um dos meus favoritos. “Por isso eu minto, e ela em falso jura, e sentimos lisonja na impostura”



— cito, saboreando as palavras, até surpreso por conseguir me lembrar delas. — Também sempre gostei dos poemas escritos para a Senhora das Trevas.

— Adoro todos os sonetos — ela diz. — Gosto muito das peças de Shakespeare, mas adoro os sonetos.

— Eu também.

— É meio… Difícil de acreditar.

— Acredite se quiser. — Me aproximo um pouco e ela toma outro gole. Suspeito que devo me esforçar mais para me comportar como Dylan, mas Dylan é um bronco superficial e tão charmoso quanto pisar em cocô de cachorro. Ariel gostava do rosto bonito dele, mas, para conquistar o coração dela, seria preciso mais do que um rosto bonito. Vou precisar de inteligência e charme, coisas que serão difíceis de surgir se eu ficar fiel à personalidade de Dylan.

Além disso, a Enfermeira não me disse que eu precisava encarnar o Dylan Stroud como ele era, ela só falou que eu tinha de fazer Ariel acreditar no amor, e nunca fui do tipo que extrapola o objetivo da missão.

— O meu entusiasmo por poesia a ofende? — pergunto, embora saiba muito bem ter ganhado alguns pontos pelo romantismo.

— Não, de forma alguma. — Ela tenta disfarçar o entusiasmo com outro gole, mas é tarde demais. Sorrio e pego a garrafa que me oferece ao dizer:



— Só estava pensando no que seus amigos diriam.

— Meus amigos são uns idiotas — digo ao dar mais um gole, surpreso ao perceber como a garrafa está leve. Ariel deve ter dado uns bons goles. Pergunto-me se deveria ter avisado que o vinho do Porto é mais forte que o de mesa, mas acabo concluindo que uma Ariel embriagada pode me favorecer. Quanto mais ela se soltar, mais fácil será romper suas barreiras. — Mas você sabe o que quero dizer. Tenho certeza de que Gemma está bem e que não está passando as noites sozinha.

— Talvez...

— Nós dois sabemos que arrumar companhia não é problema para ela.

Ariel estreita o olhar e pergunta:

— O que quer dizer com isso?

— Nada. — Sei que é melhor não falar nada sobre a experiência pessoal de Dylan com Gemma. De acordo com as lembranças dele, a relação de amizade colorida de Dylan e Gemma era a única coisa que permaneceu igual nesta realidade. Ariel, entretanto, não faz ideia de que sua melhor amiga adorou os momentos de intimidade com Dylan no colchão que ficava no chão do quarto imundo dele, no outono passado. Melhor deixar as coisas como estão.

— Certamente quer dizer alguma coisa — diz Ariel.

Abraço-a com mais força e digo:



— Ela tem uma reputação ruim — digo da forma mais gentil possível. — Você sabe disso.

Ela se vira para mim, se livrando dos meus braços ao se mover.

— Se ela fosse homem, a reputação seria boa.

— Não penso em termos de boa ou ruim — respondo, sem entender por que ela ficou tão irritada de repente. Sorrio, esperando neutralizar o momento. — Não ligo se ela transa por aí. Só me importo com você.

— Por quê? Por que a sua aposta tem a ver comigo? — Ela perde o equilíbrio e segura na grade de proteção do escorregador para não cair.

Doce Dionísio[1]. Ela não pode estar tão bêbada assim, pode? Por outro lado, ela é bem magra, e confessou não ter o hábito de beber.

— Ariel, já falamos sobre isso — enfatizo. — Não tem mais aposta nenhuma. Prometo — digo, procurando auxiliá-la para que não caia, mas ela afasta as minhas mãos.

— De qualquer forma, como você sabia que eu era virgem?

A verdade era que Gemma havia contado a Dylan. Riram muito falando sobre como Ariel era estranha e apostaram em qual seria sua idade ao dar o primeiro beijo, sem falar em todo o resto.

[1] Alusão a Dionísio, deus grego do vinho e da fertilidade que corresponde a Baco, para os romanos (N. T.).



Foi a conversa que tiveram que despertou o interesse em Dylan, pois queria denegrir a imagem de Ariel.

Mas é claro que não posso contar nada disso para ela.

Dou de ombros e respondo:

— Não é exatamente um segredo a sua falta de vida amorosa. E sei que…

— Você não sabe. Você nem me conhece. Pode ser que eu tenha uma vida totalmente diferente. Pode ser que eu tenha segredos — diz, gaguejando ao pronunciar as últimas palavras. — Pode ser que eu tenha segredos sombrios e assustadores.

— Pode ser — concordo, me divertindo. Ela fica magnífica com raiva, mas fica absolutamente adorável embriagada e beligerante. — Você tem segredos sombrios e assustadores? Adoraria saber quais.

Apontando o dedo trêmulo para mim, diz:

— Não tire sarro de mim.

— Não tiro. Estou fascinado. Verdade mesmo. — Dou mais um passo em sua direção, ela tropeça e quase cai escorregador abaixo, mas a seguro antes que a queda aconteça.

Todos os lugares macios de uma mulher e os nada macios de um homem se encontram neste momento, e uma nova percepção crepita no ar entre nós. Senti a faísca da atração genuína e sei que ela sentiu também. Seus lábios se abrem, minha



cabeça gira, e me pergunto se talvez não esteja mais bêbado do que pensava.

No entanto, por outro lado, não deveria me surpreender com o fato de uma bela garota se sentir atraída por mim da mesma forma que as belas garotas sempre se sentiam quando era vivo. Deveria tirar vantagem da atração de Ariel e da guarda abaixada pelo efeito do álcool. Por mais celestial que fosse o sabor do vinho escorrendo pela minha garganta, sei que ficar pele a pele com Ariel, sentindo o sangue percorrer intensamente o meu corpo enquanto me perco no corpo dela, é uma comparação que enfraquecerá a força dos céus. Com um pouco de pressão sedutora conseguiria possuí-la, poderia saciar a luxúria que ela inspira em mim com seu corpo preso ao meu.

Inclino a cabeça e deixo meus lábios acariciarem sua orelha.

— Tenho segredos obscuros e secretos — sussurro, a emoção da ousadia faz com que minha pulsação se acelere. — Que tal compartilharmos nossos segredos? Eu te mostro um dos meus... Se mostrar um dos seus.

Ela enrijece o corpo e percebo, tarde demais, que teria sido melhor evitar as insinuações.

— Não dá para acreditar — diz, tentando se soltar de mim e tropeçando novamente. — Você achou que me embriagando ia conseguir fazer tudo o que quisesse!

— Não achei — pelo menos não a princípio.



— Achou, sim! — diz, empurrando meu braço, mas a seguro firme.

— Não preciso embriagar garotas para convencê-las a dormir comigo, Ariel. E jamais...

— É mesmo? — Ela para de tentar se soltar, mas sinto que a tensão ainda a queima por dentro. — Então você já saiu com muitas garotas?

— Saí com... Algumas — procuro usar um tom de cautela, mas não sou cauteloso o suficiente.

— Então por que não vai atrás de uma delas e me deixa em paz? — Ela joga o peso do corpo sobre mim, me empurrando com tanta força que caio da plataforma, arrastando os calcanhares ao tropeçar pelos degraus. Ergo os braços, pegando a rede de proteção na metade do caminho, mas não é fácil parar por conta da velocidade da queda. Sinto cãibra nos dedos e os músculos dos meus braços tremem tanto que não consigo evitar um mergulho em câmera lenta na calçada.

— Merda! — xingo, o coração martelando no peito, me deixando chocado com minha própria fraqueza. Sei que os seguidores dos Embaixadores não são tão fortes, mas Julieta aguentava bem uma briga. Era definitivamente mais forte do que uma garota normal e até mesmo ela não conseguiu me empurrar desse jeito.

Um gosto amargo toma conta da minha boca. A bruxa de cabelos ruivos me enganou! A Enfermeira de Julieta me mandou



para cá sem a força verdadeira de um Embaixador. Como vou me defender? E se encontrar os Mercenários? Verão a luz dourada da minha aura, saberão no que me transformei e, assim que souberem, nada os impedirá de me destruir. Como posso lutar contra um guerreiro imortal das trevas com esse insignificante corpo humano?

— Merda! — digo, chutando a escada de metal, me lembrando tarde demais de que tenho uma espectadora. Uma espectadora muito importante e cheia de raiva.

— Sabia que você estava mentindo — diz Ariel com voz trêmula, seus olhos brilham com as lágrimas ainda não derramadas. — Sabia!

— Não. Você não entende. Eu...

— Entendo perfeitamente — ela grita. — E odeio você!

— Por favor — digo, fazendo o gesto universal de redenção. — Ouça, eu...

— Não. Não vou ouvir. Nunca irei... — ela para de falar, focando os olhos em algo ao longe. O que ela vê a transtorna, a ponto de não se mexer, como o comportamento alerta dos coelhos, ou de qualquer outro animal acostumado a ser presa fácil, os fazem parar de se mexer. Ela fica paralisada por um momento e, então, subitamente, curva o corpo como se fosse uma folha queimando.



Antes que consiga me virar para ver o que a deixou assustada, antes que possa perguntar se está bem, ela desce o escorregador e diz:

— Não me siga! — Quando chega ao chão, sai correndo para o portão como se estivesse sendo perseguida pelo próprio demônio. Giro o corpo, procurando pelo parquinho e pela rua, mas não vejo nada nem ninguém. Estamos tão sozinhos quanto estávamos instantes atrás.

Desço correndo as escadas e corro pelo gramado.

— Ariel, espere!

— Não me siga! — grita novamente e sai correndo pela rua escura. Em uma das casas, um cão começa a latir e uma luz de varanda pisca pela rua. Ignoro as duas coisas e vou atrás dela. Ela está bêbada e vendo coisas, não posso correr o risco de que seja atropelada. Preciso dela viva e apaixonada por mim. Preciso dela...

Os faróis de um carro estacionado na rua ganham vida. Derrapo, mas paro, erguendo os braços e apertando os olhos diante do brilho forte. Não ouvi um carro estacionar quando Ariel e eu estávamos no parquinho. Quem quer que fosse, devia estar sentado por ali por algum tempo. A porta do carro se abre e me preparo para uma discussão com algum cidadão preocupado que viu Ariel correndo e supôs o pior.

Baixo os braços e faço uma expressão de muita preocupação. Direi à pessoa que minha namorada acabou de descobrir que está grávida e brigamos por conta da decisão de



entregar o bebê para a adoção ou não. Quero que fiquemos com o bebê, mas ela diz que somos jovens demais. Mas será que isso é possível? Vou perguntar. Ser jovem demais para amar uma criança?

A mentira já faz cócegas em meus lábios quando a silhueta esguia e graciosa circulando o carro se transforma em alguém que posso ver. Alguém que reconheço. Trinco os dentes e pergunto:

— O que você está fazendo aqui?

— Acho que sou eu quem deveria perguntar isso — diz a Enfermeira de Julieta com as mãos na cintura.

Cerro os punhos, preparado para lutar, apesar de saber que de nada adiantará. A magia daquela mulher é incrível. Ela poderia enviar uma bola de luz na minha direção e eu seria aniquilado, banido, posto de volta ao meu corpo monstruoso. Mas não vou ficar quieto. Não facilitarei as coisas para ela. Nunca facilitei nada para ninguém.

— Entre no carro — ela ordena.

Hesito, uma parte insana de mim grita, me avisando que deveria sair correndo.

— Entre no carro, Romeu — ela ordena novamente. — Ou deixarei de ficar desapontada e começarei a ficar com raiva.

— Mas Ariel está...

— Ariel está fora de alcance. Se quer que isso mude, venha comigo. — Vira-se e volta para o carro. Olho mais uma vez rua



abaixo e faço o que ela diz. Se tenho esperança de conseguir um lugar entre os Embaixadores, não há outra escolha.

Deixando de lado o sabor, o toque e a recém-redescoberta dos sentimentos, ainda sou um escravo e devo obediência.



Cinco

Ariel

Lá estou eu correndo novamente, mas dessa vez não há palavra alguma, não há linguagem alguma além da linguagem do mundo. O tum-tum-tum da minha pulsação salta pela boca, procuro freneticamente por ar, um choro que faz vibrar as costelas enquanto aquilo que temo fica cada vez mais próximo.

As estrelas giram no alto e aqui embaixo a noite é terrível e tem garras afiadas. Lanço-me por uma rua escura, depois por outra, e mais outra e depois por uma clareira em que a grama seca é amassada pela sola dos meus sapatos. Hesito ao entrar numa viela e recuo, depois desço por um vinhedo recém-plantado, pensando estupidamente que posso vencer minha própria loucura. Mas não posso. O monstro está dentro de mim, um produto da minha mente doentia. Essa é a verdade. Não importa o que pensei ter visto no parquinho.

Ondas pelo ar... Garras invisíveis rasgando buracos na noite...



Devo ter imaginado as ondas. Estou bêbada. Não estou pensando com clareza. Foi uma alucinação. Uma miragem. Não estou sendo perseguida nem dominada. Não achei que estava com raiva o suficiente para ocasionar outra síncope, mas é óbvio que estava errada.

É a noite dos erros, uma noite em que todas as boas coisas tornaram-se terríveis.

Tropeço em algo que não consigo ver sob a luz da Lua e caio no chão. Sinto cheiro de terra e fertilizante e, então, sou atingida, golpes frios nas minhas costas, punhaladas em minha pele como canivetes fazendo esculturas no gelo. Minhas costas se arqueiam, e todos os músculos se enrijecem enquanto meu corpo tenta se desvencilhar da dor, mas é impossível. O frio se infiltra pela minha coluna igual a lâminas cortantes, fazendo meu cérebro sangrar, abrindo caminho para as criaturas que gemem e murmuram.

Eu não. Eu não. Eu não!

Alguma coisa no fundo do meu ser grita, e por um segundo imagino coisas ainda mais malucas. E se realmente vi aquelas ondas? E se o vinho baixou minhas defesas e deixou eu ver algo que nunca pensei em procurar antes? Talvez as histórias de possessão de pessoas sejam verdadeiras. Talvez as vozes pertençam a alguém, a alguma coisa. A um espírito maligno, um fantasma, um demônio ou...

Os gritos surgem na velocidade de um furacão ao atingir a costa de alguma cidade, fazendo com que meus pensamentos naufraguem. Gritos de desespero ecoam pela minha mente, som de



infinita tristeza que escorrem sobre mim como um copo d'água escorre sobre um recipiente. A inconsciência me domina, levando a mim e ao meu sofrimento para a profundeza das trevas.

Romeu

Dirigimos em silêncio para as montanhas, deixando os vinhedos para trás. Passamos por um lago, por florestas de carvalhos retorcidos e por uma estrada de terra que se alonga por vários acres de pasto abandonado. É uma estrada que leva a lugar algum, o lugar perfeito para a desova de um corpo. Disso eu sei. Já fiz muito isso.

Sinto que estamos dirigindo há horas, mas tenho certeza de que o tempo real é bem menor. Talvez quinze minutos, meia hora. É difícil conseguir controlar o tempo. Não paro de ver meu cadáver decomposto, de me lembrar do cheiro e de sentir meu corpo apodrecendo ao meu redor. Algo pior do que o inferno. Nenhuma criatura deveria ser forçada a viver durante sua própria decomposição.

Nem mesmo um demônio como eu.

— Não entendo — digo, não consigo suportar o silêncio nem por um segundo a mais. — Achei que tivesse começado bem.

— Deixando a garota tão embriagada que mal conseguia andar? — A voz da Embaixadora é fria e indiferente.



— Não pretendia embriagá-la. Achei que o vinho pudesse ajudá-la a relaxar.

— Alterações no estado de consciência não são seguras para Ariel. Você deu margem para que ela sinta muita dor e perdeu o pouco do terreno conquistado.

— O quanto ela é perturbada exatamente? — Espero por uma resposta que não vem, e finalmente meus sentimentos não são mais de temor. — Se ela é assim tão frágil, eu deveria ter sido avisado. Não é minha culpa se...

A Embaixadora pisa forte no freio. Meu corpo se inclina para frente com tudo, mas ela me segura antes que eu bata a cabeça no para-brisa. Ela segura forte em minha camisa e me leva para perto dela, para perto de sua nuvem de perfume de baunilha. É um aroma agradável, mas ao mesmo tempo é aterrorizante. O cheiro dela pode ser como o das pessoas mortais, até caseiro, mas essa mulher é uma criatura sobrenatural, dotada de força incrível, o que dá para perceber pela forma como me ergue de meu assento apenas dobrando o cotovelo.

— Ouça-me, e com atenção — ela sussurra. — Se você fracassar em conquistar o coração de Ariel e guiá-la para um caminho de paz, será culpa sua e de mais ninguém. Você terá fracassado perante o mundo e me fará passar por tola aos olhos dos meus companheiros. Se isso chegar a acontecer, ficarei muito, muito desapontada.

— Não quis...



— E eu retornarei você ao espectro de sua alma. No mesmo instante — ela diz. — Não pense que vou amolecer meu coração, poupando você desse horror, porque não vou — continua, levando meu corpo ainda mais perto dela até que seu hálito beije a minha face. O hálito é quente, mas me faz sentir calafrios. — Você me envenenou contra Julieta. Perdi uma Embaixadora que estava pronta para ascender ao próximo nível e uma garota com quem me importava. Apesar dos meus votos de não prejudicar criatura nenhuma, não vou me perturbar com o seu sofrimento, Romeu. Vou apreciá-lo.

Baixo o olhar. Não envenenei a mente de Julieta. Falei a verdade pela primeira vez em minha triste existência, e não me arrependo disso. Julieta está livre na morte como nunca estaria se continuasse presa à causa dessa mulher.

Mas não ouso contradizer a Embaixadora. Meu desejo de evitar o sofrimento é maior do que minha necessidade de mais verdades. A promessa dos céus é grande, mas a ameaça do inferno é sempre mais forte.

— Entendi — digo. — Não vou desapontá-la. Nem envergonhá-la — faço uma pausa, ponderando o que direi em seguida. No fim, decido que devo falar. Se for morto porque ela me deixou vulnerável, a missão tão desejada por ela para que eu cumpra também não acontecerá. — Mas não será fácil sem a verdadeira força de um Embaixador.

— Você não precisa de força sobrenatural; você precisa de charme sobrenatural — diz, me colocando de volta ao meu assento



com um simples movimento do punho. — Seu sucesso com Julieta me levou a acreditar que você ainda possui isso em abundância.

Foi a verdade, não o charme, que convenceu Julieta a me ouvir sobre os Embaixadores e os Mercenários, mas a Enfermeira de Julieta não gosta muito de verdades que não sejam condizentes com suas opiniões. Inclino a cabeça, fazendo com que ela acredite que creio em seu ponto de vista, e digo:

— Mas meu charme não vai me proteger de ataques de Mercenários.

— Há só alguns nesse vale — responde, retornando as mãos à direção do carro e o acelerando, indo mais adiante na estrada. — E não há Mercenários na escola, onde você passará a maior parte do tempo.

— Mesmo alguns podem ser muitos. Se virem no que me transformei, vão me destruir — digo, observando com ansiedade enquanto ela vira à esquerda numa "estrada" que não possui muito mais que uma trilha no meio do mato alto.

Para onde ela está me levando? E por quê?

— Eles não saberão quem você é nem quem você foi — diz. — Só dei a você uma pequena amostra do meu poder. Você não tem força sobrenatural nem magia suficiente para alterar a cor da sua aura. Você está a salvo. — Ela estaciona o carro e desliga o motor antes de se virar para mim e dizer. — A menos, claro, que você continue com o fracasso retumbante de hoje à noite.



— Como é que eu ia saber que o vinho faria aquilo com ela? — Meu tom de voz é submisso, mas não deixo de notar o enrijecimento dos lábios dela.

Aparentemente, não estou conseguindo agradar fêmeas de nenhuma espécie hoje à noite.

Abafo meu suspiro com a batida da porta do carro e sigo a Enfermeira pelo caminho cercado pelas copas das árvores que nos leva ainda mais alto na montanha.

— Mas agora eu sei — digo, decidindo que promessas terão melhor resultado do que discussões. — Vou ganhar a confiança dela novamente. As coisas estavam indo muito bem antes do vinho.

— Muito? — retruca, olhando por cima do ombro.

— Muito, muito.

— Vejo que continua confiante como sempre.

— Não há razão para não continuar. — Penso na forma como Ariel me deixou abraçá-la, em como seu coração acelerou quando nos tocamos. Em poucas horas ela quase se entregou. Até o final do mês, será minha. — Ela está pronta para se apaixonar. Sinto isso. Você não tem nada com que se preocupar.

— Excelente. Então creio que três dias serão suficientes?

— *Três dias?* — Fico paralisado, mas ela continua andando e tenho de correr para alcançá-la.



Será que essa mulher é louca? *Três dias?* Três *malditos* dias?

— Isso é apressar um pouco as coisas, não é?

— Talvez. — Ela ergue um dos ombros e o solta, dizendo: — Três dias foram suficientes para Benjamin Luna conquistar o coração de Julieta.

Tento não perder a calma e digo:

— Ariel não é Julieta.

— Não importa. Três dias é o que posso lhe oferecer. Você tem até sexta-feira à meia-noite.

— E por quê?

— Nessa realidade, as almas gêmeas, que você e Julieta foram enviados para proteger, já estão comprometidas. Mercenários e Embaixadores já foram enviados para brigar pela separação delas — diz, erguendo e segurando no alto um galho baixo de árvore para que eu passe antes de continuarmos a caminhada. — Mas Ariel é importante para o destino do mundo, de ambos os lados. Se os Mercenários soubessem dessa importância, já estariam tentando influenciá-la.

— Mas não estão.

— Não. Ainda não. Os seres das trevas não podem ver a natureza circular do tempo como nós. É nossa melhor arma contra eles. Eles não sentirão a importância de Ariel até que o coração



dela comece a se abrir. Somente quando começarem a perder sua alma é que perceberão como ela é vital à causa deles.

— Você já disse isso antes, na estação. Mas como uma garota pode ser tão importante? Esta guerra acontece há dez séculos.

— E continuará por muitos mais, supondo que você consiga levar Ariel para a luz.

— E se eu não... E se os Mercenários vencerem? — Sinto minha pulsação aumentar enquanto aguardo a resposta. Sou um traidor. Se os Mercenários tomarem o poder, não há dúvida de que pagarei por minha traição. Não consigo imaginar um destino pior do que ficar preso ao espectro da própria alma, mas tenho certeza de que os Mercenários conseguem. Se eu fracassar, viverei uma experiência de tortura que fará a vida num corpo em decomposição parecer um doce sonho.

— Então, não haverá vencedores — diz a Embaixadora. — Se os Mercenários conseguirem eliminar a luz do mundo, eliminarão a si mesmos. Sem equilíbrio surge o caos, e nem mesmo os provocadores do caos podem controlá-lo.

Acredito nela: a natureza do feitiço que criou os Embaixadores e os Mercenários diz que é necessário haver luz e trevas. Nunca entendi por que os Mercenários acreditam terem desenvolvido poder suficiente para ignorar um fato tão importante. Mesmo assim, preciso saber se haverá um período de dominação dos Mercenários antes que o mundo se transforme num inferno e seja totalmente destruído.



— Mas, se eu fracassar, os Mercenários vão assumir o controle?

— Por um tempo — diz, entrando em uma trilha mais larga. Andamos lado a lado sem que galhos se prendam à minha camisa e em seguida, a trilha se abre numa clareira. A uns trinta metros, no topo da montanha, uma cabana surge em meio a um monte de pedras. — Se os Mercenários levarem Ariel para o lado deles, acabarão cantando vitória sobre todas as transformações da realidade.

— E esse é o momento que a balança penderá a favor deles.

Ela concorda, confirmando meus temores.

— A humanidade já estará condenada, mas na primeira vez que os Mercenários estavam prestes a vencer, Ariel foi morta antes que pudesse cometer suas futuras atrocidades.

Tento imaginar Ariel "cometendo atrocidades" e fracassando. Ela está com raiva e confusa, mas é somente uma garota. Apenas uma garota triste e confusa dentre as centenas de garotas exatamente iguais a ela. E, apesar de termos passado pouco tempo juntos, vi como ela é capaz de rir, com seus olhos travessos e ternos ao mesmo tempo. É difícil acreditar que alguém que tenha feito Dylan pagar por sua crueldade, com algo tão inocente como uma serenata sem roupas, possa ser capaz de coisas malignas.

— Difícil de acreditar — resmungo, repetindo as palavras de Ariel no parquinho.



— Pode acreditar. Se não forem controlados, os atos perversos de Ariel farão com que os ditadores mais cruéis do mundo pareçam apenas crianças travessas.

Certo. Ariel. Uma garota surpreendente em todos os sentidos.

— Então, suponho que acabei mesmo fazendo um favor a você da última vez. Quando coloquei uma bala na cabeça dela.

— Para ela, foi melhor morrer do que se transformar num monstro — ela concorda, o que me surpreende. Os Embaixadores fazem um juramento de preservação da vida e, ainda assim, essa mulher está pronta a concordar que um assassinato foi um mal necessário. Mais do que qualquer outra coisa que ela tenha dito até agora, sua declaração finalmente me convence de que o destino de Ariel vai determinar o destino de todos nós.

— Supondo que eu consiga conquistá-la — digo. — Isso é suficiente? Se, como você disse, há dezenas de dezenas de realidades, então...

— Não para essa garota. O nascimento dela foi difícil. Em todas, com exceção de duas versões do mundo, ela morreu antes do primeiro suspiro. Se for dominada nessa versão, o perigo que Ariel Dragland representa, será eliminado.

Dominada. Perigo. Eliminada.

— Se não soubesse o que está acontecendo, pensaria que...



— Rezo para que não chegue a esse ponto — ela diz, diminuindo o ritmo ao nos aproximarmos da casa abandonada. — No fim das contas é melhor que ela viva e se torne defensora da paz.

Paro, não me movo enquanto a Enfermeira continua andando ao redor da cabana. Agora que estamos mais próximos, sinto uma energia perturbadora emanando do lugar. Há algo de anormal aqui, algo que faz a comida e o vinho em meu estômago começarem a revirar.

A Embaixadora se vira para mim, esperando que eu a siga.

— Venha.

— Mas... Tem alguma coisa... Sinto...

— Não há nada a temer. Ainda não. — Ela faz um sinal para me juntar a ela. Eu vou, mas lentamente, cada passo é uma batalha ganha contra uma crescente necessidade de sair correndo, de fugir desse lugar como Ariel fugiu no parquinho. Não sei o que Ariel viu hoje mais cedo, mas sei o que estou sentindo. Sinto magia de Mercenário, o frio, o mal pinicando minha pele.

Mas devo estar errado. A Enfermeira de Julieta precisa de mim. Não me entregaria aos Mercenários.

— O que acontece depois? — pergunto, tentando desviar meus pensamentos do medo que faz todos os pelos do meu corpo emprestado se arrepiarem. — Quando a alma de Dylan retorna?

— Falarei disso quando chegar a hora.



— Ele é cruel. Não se importa com a Ariel. Vai destruir todo o meu árduo trabalho — digo, percebendo minha abertura. Poucas horas de vida despertaram uma ganância por mais tempo. — Talvez seria melhor se ficasse com ela de uma forma mais permanente. Poderia ser o... Protetor dela.

A Enfermeira sorri, se divertindo com a minha estratégia óbvia, mas não consigo sorrir de volta. A energia é ainda pior atrás da cabana. Árvores sem folhas e intrincadas videiras espalhadas pela grama, sentinelas retorcidas que protegem a face das trevas de um penhasco que se eleva por mais quinze metros e termina numa espessa saliência plana. Vacilo novamente, não quero dar nem mais um passo em direção ao monte que se agita diante de mim.

— Você não pode ficar. — Ela segura na minha mão para me forçar a vir com ela. Quero fugir, mas, em vez disso, entrelaço meus dedos aos dela, deixando que mostre o caminho no meio dos arbustos. — Se você cumprir sua missão corretamente, não haverá como a alma de Ariel ser lançada às trevas e os Embaixadores não podem desperdiçar magia numa alma já conquistada. Quando terminar o que tem a fazer, vou administrar os votos de pacificador e você vai voltar para as sombras até que a causa precise de você outra vez.

— Mas...

— Embaixadores são os alvos dos Mercenários. Você sabe disso. Assim que fizer os votos, sua aura o marcará como um de



nós e você ficará vulnerável. Sem os votos, você retornará ao espectro da sua alma e apodrecerá.

Suspiro diante de sua lógica inexplicável.

— Os Mercenários vão querer vingança — diz ao caminhar com cuidado ao redor de uma árvore petrificada, fazendo com que fiquemos perto o suficiente do penhasco para ver a fenda sombria bem no meio dele. Uma caverna. O mal se alinhavando pelo ar que vem de dentro. Dá para, praticamente, sentir o cheiro dele. — Qualquer Embaixador que ainda estiver por aqui correrá riscos.

— E Ariel? — pergunto, soltando minhas mãos das dela, não conseguindo dar mais nenhum passo à frente.

— O que tem ela?

— Os Mercenários vão matá-la antes que consiga viver para se transformar numa força de amor e luz — respondo, como que cuspindo as últimas palavras. — Se eu mudar o coração dela e partir, seria o mesmo que enviar Ariel para a morte.

A Embaixadora coloca a mão em meu ombro e pergunta:

— Você se importa?

Se eu me importo? A raiva que me consome por dentro, a forma como meus dedos querem segurar o pescoço dessa mulher, apertando-o por ela não ter pensado em todos os detalhes de seu plano, faz com que eu acredite que talvez faça isso mesmo. Pelo menos um pouco. Meu apetite por morte desapareceu, e eu me pergunto se algum dia realmente foi algo meu. Talvez fosse a



magia de Mercenário dentro de mim que desejava morte e destruição, sem nunca ter sido um desejo da minha própria alma.

— Eu já a matei uma vez — digo, finalmente. — Não quero ser a razão da morte dela uma segunda vez.

A Enfermeira inclina a cabeça e diz:

— Estou surpresa. Agradavelmente surpresa.

— Vivo para agradar, madame.

Ela arqueia os lábios e diz:

— Guarde isso para Ariel, Romeu. Sou imune a seus encantos.

Suspiro e digo:

— Só quero ter certeza de que…

— Eu tomarei conta da garota.

— Mas…

— Agradeço sua preocupação — ela diz. — Mas você deve se concentrar em fazer o que for preciso para conquistar Ariel, de corpo e alma.

— O que for preciso — repito, sentindo minha nuca enrijecer-se de apreensão.

— Mentir, enganar, roubar. Até matar se for preciso. — A amargura em seu tom faz com que meus olhos foquem em seus



dentes afiados. — É por isso que está aqui, Romeu, e não um precioso Embaixador. Você pode fazer coisas que não podemos.

Endireito meu corpo, aperto os dentes, procurando controlar a repugnância que domina o meu interior. Já matei antes. Se for preciso, matarei novamente. Tenho de matar. Não posso voltar ao meu cadáver decomposto. Não vou.

— Quem você quer que eu mate?

— Qualquer um que ficar entre você e seu objetivo.

Balanço a cabeça, tentando tirar da minha mente a imagem de Ariel com uma bala entre os olhos. Aquilo foi uma outra realidade. Esta realidade não tem de terminar do mesmo jeito sangrento.

— Duvido que isso seja necessário.

— É bem provável que não. Mas é importante que entenda até onde estou disposta a ir para proteger o futuro.

Olho por cima do ombro dela, não conseguindo desviar meu olhar da fenda da caverna. A energia maligna ainda sussurra por lá. A caverna é um monstro e estamos perto o suficiente para ouvir a respiração dele.

— Mas eu... Não é por isso que estamos aqui.

— Acho importante também que você veja uma coisa — diz, tentando segurar minhas mãos novamente.

Fecho os punhos e digo:



— Seja lá o que for que está lá dentro, não quero ver.

— O que você quer não importa. Da mesma forma, o que você sente também não importa — ela diz, numa voz cruel demais que contrasta com seu tom calmo e paciente. — Ninguém se importa com você, Romeu. Você é um meio para um fim. Se não for útil a mim, não será útil a mais ninguém, a não ser àqueles que o irão torturar por pura diversão.

Minha boca se abre num sorriso horrível, esperando ainda haver o suficiente dos Mercenários em mim para assustá-la, e retruco:

— Suponho que você seja mais gentil que os outros seguidores.

— Dei a você uma chance de salvação. Não sei se sou muito mais gentil. Exceto pelo fato de ter fornecido a você a motivação adequada — diz, segurando meu braço e me levando para perto dela, como se eu fosse uma criança tentando fugir pela rua.

Ela quer me machucar, não tenho mais dúvidas disso. Fui um tolo em acreditar que os Embaixadores seriam diferentes dos Mercenários. Por quase mil anos, fui governado por dor e medo, e meu novo mestre é tão cruel quanto o antigo. Os que trazem a luz simplesmente têm maiores benefícios.

Apesar de que o paladar, o tato e o olfato podem ser sua própria punição se usados corretamente...

Descobri isso nas muitas semanas em que fiquei preso ao espectro da minha alma. Naquele pesadelo de sentimentos fétidos



e decompostos de um corpo que me ensinou novas formas de sofrimento. Só o fato de sentir aquele cheiro era suficiente para levar um homem à loucura.

O cheiro. O cheiro.

O fedor inunda meu ser na entrada da caverna, me fazendo engasgar. Tento soltar meu braço, mas a Embaixadora o segura firme, me forçando inexoravelmente adiante, em direção à criatura que geme nas trevas, à fera que aprisionou com sua magia e que trouxe para me visitar. Para me lembrar de como lhe será fácil tirar de mim aquilo que me concedeu, para reafirmar que sou sua criatura e devo caminhar de acordo com as regras dela.

Ou não haverá caminhada nenhuma.



Intermezzo[2] 1
Verona, 1304
Julieta

A vida após a morte é um pesadelo. O inferno é saber que talvez você nunca mais acorde.

A pedra abaixo de mim machuca minha coluna; as pontas dos meus dedos latejam no local em que feri minhas unhas tentando retirar a tampa do sarcófago. Respiro o ar fétido pungente com o odor do corpo de Tebaldo em decomposição em seu próprio leito de morte, bem próximo a mim, mas nem posso mais me dar ao luxo de vomitar diante do odor fétido.

Estou de volta à tumba, enterrada viva, aprisionada e morrendo na escuridão. Mais uma vez.

Mais uma vez.

Digo a mim mesma que tudo não passa de um sonho, mas não consigo abrir os olhos. Não consigo me mover, não consigo levantar as mãos para empurrar a placa de mármore que cobre meu rosto, não consigo abrir a boca para gritar por socorro.

[2] Palavra de origem italiana que significa interlúdio e refere-se a uma peça musical tocada na metade de uma ópera, entre dois atos, ou entre duas cenas do mesmo ato (N. T.).



Sinto o veneno que o frei me deu para fingir minha morte pulsar de forma maligna pelas minhas veias, infiltrando em meu cérebro como um verme, deixando um rastro de loucura enquanto desperto. Tenho uma vaga consciência das batidas do meu coração, do suor que não para de escorrer pela minha pele apesar do frio da tumba, mas minha alma permanece separada de meu corpo, perdida e vagando por um mundo repleto de terror, do qual talvez eu nunca mais saia.

Talvez a Enfermeira seja responsável por isso. Talvez ela tenha me amaldiçoado com este inferno por causa da minha recusa em continuar participando da causa dos Embaixadores. Talvez eu continue por aqui, enterrada viva e sonhando com as trevas até o fim dos tempos.

Tento desviar meus pensamentos dos pesadelos cheios de cadáveres bestiais com dentes negros, centenas de Romeus mortos, cada um mais decomposto e errado do que o outro, todos famintos por uma fatia do meu coração. Ele sai das sombras e se atira em mim, surgindo da lama abaixo dos meus pés, seus olhos apresentam um brilho avermelhado como um demônio enviado para me lançar nas chamas.

Suas garras pegam meu tornozelo e me arrastam, me afogando em uma espécie de areia movediça. A lama entra em meu nariz e escorre rapidamente pela minha garganta, bloqueando qualquer esperança de respirar. Meu coração desacelera, meus pensamentos dominados pelo medo começam a perder a força, e algo mais profundo que o sono toma conta de mim.



Por um tempo, tenho plena certeza de que morri, em paz, fora do alcance de Romeu, dos Mercenários e da Enfermeira, que me traiu, e da dor de saber que Ben está morto.

Ben. A lembrança de seu rosto no final, abatido e ferido pelos socos de Romeu, ameaça partir o que sobrou do meu coração. Meu Ben, meu belo garoto triste a quem acreditei por uma fração de segundo que poderia fazer feliz e pleno. Mas não há felicidade no mundo, e logo não saberei mais o significado de pleno.

Meu coração recobra a vida e os pesadelos recomeçam, mais terríveis. Vejo o cadáver de Romeu se transformar, tornando-se algo belo e cheio de luz. Observo-o dizer os votos de Embaixador e continuar seu caminho em uma missão de paz enquanto estou aqui, perdida e sozinha, e, de alguma forma, sei que é tudo real. Fui punida por me recusar a continuar servindo os Embaixadores, enquanto Romeu, o ser mais perverso e maligno que já conheci, foi recompensado.

Será recompensado. Ainda não aconteceu. Mas vai acontecer. Sei que sim. Estou tendo uma visão e não um sonho, e isso me faz querer gritar até que o sangue jorre pela minha garganta.

A vida nunca foi justa. Não sei por que achei que a vida após a morte seria diferente, mas achei, Deus é testemunha de que achei. Mas não é, e acabei me transformando na espécie mais trágica e torturada de tolos.



Tento fechar os olhos, abri-los, forçar meu lado sonhador a se desviar da visão da beleza dourada de Romeu ou forçar o meu lado que dorme a acordar. Mas não consigo fazer nada. Sou nada. Estou mais perdida e impotente do que estava antes. Mesmo como Embaixadora. Mesmo nas sombras.

Minha alma pega fogo e algo se parte dentro de mim, uma fissura bem no âmago do meu ser, permitindo que os pesadelos aprofundem suas garras. O monstro Romeu retorna, acompanhado de todo o horror que a humanidade jamais imaginou, rastejando com suas garras cobertas de sangue, arrastando corpos dominados pelo mal por campos de morte e decadência. Corro, descalça, pisando na podridão, gemidos de dor dos mortos--vivos se transformam em rugidos que vêm de dentro, me esvaziando de tudo, menos do temor mais puro e absoluto.

Há sussurros pelo ar. Sopram pelo céu que sangra, flutuam como penas sobre minha pele. É a voz da Enfermeira tentando acalmar meu terror, mas já estou longe demais. Perdida. Despreocupada. A promessa que ela fez de vir me buscar, sua garantia de que o tempo é circular e não linear, que meu destino está entrelaçado ao de Romeu, mas ainda assim posso escapar e encontrar a salvação, tudo isso faz pouco sentido para mim. Palavras são apenas sons, batidas de tambor dentro da minha cabeça, me confundindo com ritmos irregulares.

Corro até que meu lado sonhador se entrega por conta da exaustão e, então, caio. E caio e caio, aparentemente sobre



espaços negros e intermináveis, até aterrissar de forma brusca dentro do meu corpo.

Meu corpo verdadeiro, não a carcaça emprestada de alguém, não o corpo de Ariel Dragland. O meu. O veneno me deixa com sede, tremendo, suando e mais fraca do que posso me lembrar de alguma vez ter ficado em minha vida, ou sobrevida, mas ainda sou eu mesma. E me sinto... Viva.

Minhas pálpebras grudentas conseguem se abrir. Ainda há somente escuridão, mas sei que não é aquela escuridão distorcida dos meus sonhos. É real. Estou verdadeiramente no túmulo. Meu Deus... Como é possível? Como? Será que viajei de volta no tempo? E, se viajei, voltei para que época? Há quanto tempo estou aqui? E o mais importante de tudo: quanto tempo tenho até que Romeu e o frei venham me buscar, igual fizeram na primeira vez em que fiquei nesta sepultura?

Não sei. Mas sei que não vão demorar muito.

Tenho de sair.

Corro minha língua inchada e dolorida pelos lábios secos, inspiro todo o ar que consigo e grito até ouvir... Uma voz. Chamando meu nome ao longe. O jazigo dos Capuleto é grande, com vinte degraus que levam ao subterrâneo e espaço para gerações de Capuleto, que jazem lado a lado em suas tumbas gigantescas, mas ainda consigo decifrar as palavras da fala de um homem, e conheço essa voz.



— Julieta! Você está aí? — Ele está fazendo o melhor que pode para parecer gentil, mas posso ouvir o mal em seu tom alegre.

É o frei, o Mercenário que tomou posse do corpo do frei Lourenço. Ele veio me buscar, mas estou tão fraca. Não sou mais Embaixadora. Mesmo se fosse, não teria força para lutar contra um dos superiores e vencer.

Ele é um dos mais fortes, dos mais antigos Mercenários. E vai me matar. Agora.

Tremo, mordo os lábios, sinto a língua se contorcer no fundo de minha garganta, enquanto meu corpo vazio quer vomitar, mas não consegue.

Não, ele fará algo pior do que me matar. Muito pior. Até mesmo Romeu sabe disso, e sentiu pena suficiente de mim para amenizar minha morte. Mas ele fracassou em me garantir até mesmo esse pequeno gesto de misericórdia. O frei conseguirá a tortura que busca, vai saborear minha morte lenta, e nada poderei fazer além de ficar aqui e esperar que ele faça o que quiser.

Espero. Indefesa. Indefesa. *Indefesa.*

Fúria cega e intensa queima meu peito. Meus olhos se reviram e minhas pálpebras se fecham, e eu volto, de forma agradecida, ao mundo dos pesadelos. É melhor. É melhor dormir e sonhar com o horror do que ficar acordada e acolher o mal da vida real que entra na tumba, faminto por sangue e dor.



Seis

Ariel

Não sei quanto tempo passou, mas quando acordo com o rosto contra o chão de terra, parece tarde. Muito tarde.

Minha mãe vai me matar.

Mando mensagem às minhas mãos para que me forcem a sair do chão e me ajudem a levantar, mas tudo o que consigo fazer é despertar mais uma rodada de dor. Meus nervos gritam e a vertigem faz meu estômago revirar. É parecido com todas as vezes em que sonhei que estava caindo, mas cem vezes pior. Estou arrebentada. Muito arrebentada. Sempre fico depois, mas desta vez está sendo a pior de todas. Sinto-me oca por dentro, como se as criaturas que gritam tivessem comido minhas entranhas e deixado apenas a carcaça. Um Jack O'Lantern[3] sem vela e sem chamas para me iluminar.

Meu peito se aperta. Talvez essa vez seja a última, talvez essa é a loucura da qual jamais vou me safar. Talvez a parte

[3] Jack O'Lantern é um ícone do Halloween norte-americano. As crianças tiram o interior da abóbora e desenham um rosto que é iluminado por uma vela interna e usado para decorar as casas nessa celebração (N. T.).



defeituosa de mim, enfim, conseguiu destruir a parte que consegue imaginar uma vida melhor e agora estou finalmente, completamente, arruinada.

Sinto que meu rosto está molhado e desisto de tentar me mover. Fico imóvel, inalando o aroma reconfortante da grama e da terra, tentando permitir que meu corpo e minha mente se conectem. Vai ficar tudo bem. Ainda raciocino de forma coerente. Ainda posso me preocupar em me dar mal com a minha mãe, e ficar com vergonha pelo jeito como as coisas terminaram com Dylan.

Não me lembro do que disse a ele, mas acho que fiz papel de idiota. Tenho certeza de que ele mereceu tudo o que fiz, mas queria ter um pouco mais de controle. É que fiquei bêbada tão rapidamente. Num segundo estava bem e no outro tudo estava rodando, e decifrar o significado das palavras dele era como tentar traduzir uma língua estrangeira. Idiota. Devia ter tomado mais cuidado. Um gole ou dois geralmente são suficientes para fazer com que me sinta mais relaxada e tola. Devia ter percebido que dividir quase uma garrafa inteira não seria uma boa ideia. É óbvio que não consigo lidar com bebida.

Você não consegue lidar com a vida.

Fecho os olhos, cansada demais para discordar de mim mesma. Além do mais, a voz em minha mente tem razão. Não consigo lidar com a vida. Tampouco consigo controlar meu próprio corpo. Estou deitada no chão, com o rosto na terra, minhas pernas



estão frias e úmidas por ter feito xixi na calça e nem mesmo consigo convencer minhas mãos a me ajudarem a me levantar.

Não. Eu consigo. Preciso conseguir. Pois não há ninguém aqui para me ajudar.

Uma parte de mim está grata, pelo menos Dylan não me viu desse jeito, mas a outra parte está estupidamente decepcionada. Por que ele não me seguiu? Ele estava tentando agir como se realmente se importasse, ou pelo menos se importava o suficiente para me manter viva até vencer a aposta. Ele não deveria ter se certificado de que cheguei em casa em segurança? Ele tinha de saber que eu estava bêbada. Se a fofoca que se espalha pela escola for verdadeira, Dylan tem experiência suficiente com substâncias controladas para saber quando alguém está fora de controle.

Mas talvez ele tenha mesmo tentado. Lembro de ele vir correndo atrás de mim, chamar pelo meu nome, mas o resto está meio confuso. Não me lembro de ter saído correndo de Los Olivos ou se estava perto de casa, ou não, antes de apagar. Sei que estou num vinhedo, mas há dezenas de vinhedos próximos à cidade. Posso estar em qualquer lugar. Espero que não esteja tão longe de El Camino Road. Tenho de chegar em casa antes que a mamãe enlouqueça e chame a polícia. Ela está trabalhando até tarde, então, tenho pelo menos isso a meu favor. Ela não vai sair do plantão antes das onze, não vai chegar em casa antes das 11h30, e provavelmente não vai ter um chilique antes da meia-noite.

Nunca conversamos sobre um horário fixo para voltar para casa, pois nunca namorei e Gemma e eu geralmente ficávamos na



minha casa quando ela não saía com quem quer que estivesse namorando, mas conheço minha mãe bem o bastante para saber que não ficará tranquila se eu estiver na rua depois da meia-noite, em um dia de semana. A princípio, fiquei surpresa por ela ter dito sim ao convite de Dylan para sair comigo numa noite de terça-feira. Mas é bem provável que ela teria dado permissão para que eu cabulasse aula, consumisse drogas e fizesse sexo selvagem com Dylan o dia todo no meu quarto se eu pedisse. Ela ficou muito emocionada por eu finalmente ter feito algo normal.

A maneira que ela ficou animada foi, de fato, patética.

Sei que a minha mãe se culpa pela falta de romance em minha vida. Ela derrubou um pote com óleo quente em mim quando eu tinha 6 anos, deixando-me com cicatrizes que ela acredita terem causado minha "trágica baixa autoestima". Disse-lhe que a perdoei, até mesmo acho que há razões, que não têm nada a ver com a minha pele estragada, para que os rapazes me achem repugnante. Mas ela não acredita em mim, e sei que acha que vou ficar sozinha para sempre se algo não mudar.

Pensei que o novo Dylan poderia ser o começo dessa mudança. Ele costumava tirar sarro de mim no Ensino Fundamental, mas certamente não tem agido como se eu fosse repugnante. Nem antes e nem depois.

Antes e depois. Antes de tentar matá-lo e depois que foi atrás de mim no acostamento da estrada e fez papel de tonto só para conseguir me levar para jantar. Quem é o verdadeiro Dylan? O que concordou em tirar a virgindade da Aberração por dinheiro



ou o que disse que eu era uma boa pessoa e merecia uma vida feliz?

O que tirou a roupa e cantou para mim ou o que sugeriu que minha melhor amiga era vagabunda?

Não faço ideia, mas quero descobrir, e isso não vai acontecer se não chegar logo em casa. Minha mãe nunca mais me deixará sair de casa outra vez se chegar depois da meia-noite.

Tento me comunicar com meus braços novamente. Desta vez, meus dedos se contorcem, se curvam e, finalmente, pouco a pouco, abro as palmas das mãos pela terra grudenta e consigo me erguer com o apoio de meus braços trêmulos. Quando consigo ficar em pé, meu corpo inteiro treme e tenho a sensação de que vou vomitar, mas mantenho o controle. Ergo o queixo, inalo o ar que me revira o estômago e olho para o topo dos vinhedos. Só leva um segundo para que eu encontre as torres do castelo do parquinho.

Finalmente. Um pouco de sorte. O parquinho fica só a alguns quarteirões de casa. Chegarei lá em dez minutos se minhas pernas permitirem.

Tropeço algumas vezes e desço os vinhedos, cortando caminho pelo campo de futebol ao lado do parquinho. As torres e as pontes delicadas vão de um equipamento a outro, chegando até a visão mágica da luz do luar, e não me conformo de ter levado Dylan ao parquinho da nave espacial em Los Olivos, em vez de trazê-lo aqui. Mas tenho péssimas lembranças desse lugar,



fantasmas que gritam e apontam para mim enquanto corro pela rua.

Minha mãe me trouxe aqui quando eu era pequena, poucos meses depois do acidente, quando minha pele tinha um tom avermelhado brilhante e meu cabelo estava bem curto. Tinha derretido do lado em que a mamãe derramou o óleo e teve de ser cortado. Não havia nada para me esconder atrás, nenhuma cortina a ser empurrada quando as crianças começaram a me encarar e uma garota gritou, dizendo haver um monstro debaixo da ponte.

Acho que ela estava tentando dar início a uma brincadeira, fingindo muito mais do que sendo cruel, mas minha mãe se descontrolou. Gritou com a garota e a mãe da garota gritou com a minha mãe e, então, minha mãe me levou embora. Nunca mais fomos ao parquinho durante o dia. Ela me fazia esperar até depois do jantar, quando não havia mais quase criança nenhuma no parquinho. Ela disse que queria proteger minhas cicatrizes do Sol, mas eu sabia a verdade. Ela estava assustada com a missão de ser a mãe de um monstro. Na época, eu já tinha começado com as síncopes, já passava de duas a três tardes por semana com um psicólogo infantil. Minha mãe não conseguia lidar com mais interação negativa. Era mais fácil me esconder em casa do que sair e encarar o mundo grande e perverso.

Decidi na mesma hora não lhe falar nada sobre a aposta. Não quero a piedade dela e não quero ser protegida de Dylan da forma que ela me protegeu quando era criança. Encrenqueiro ou não, Dylan me... Interessa. Acho que posso até odiá-lo ainda e há



uma chance de que o acabe evitando como a uma doença ruim pelo restante do último ano da escola, mas essa é uma decisão que quero tomar sozinha.

Essa ideia faz me sentir mais forte, mais controlada, e quando avisto minha casa azul, estou me sentindo bem o suficiente para correr durante os últimos quinze metros. O carro da minha mãe já está na garagem. Não sei há quanto tempo ela está em casa, mas felizmente voltei a tempo. Pelo menos não há nenhum carro de polícia na entrada. Isso é um bom sinal.

Subo a escada correndo e desacelero, abrindo a porta de tela com cuidado. As luzes da cozinha estão acesas. Não me surpreendo ao ver a mamãe esperando por mim, mas achei que ela estaria assistindo aos episódios de Grey's Anatomy que ela sempre deixa gravando ou algo do tipo, e não em pé me esperando bem ao lado da garagem. Paro um segundo, dou uma ajeitada no cabelo e tiro um pouco da poeira da minha camiseta. Contudo, não tem como esconder o xixi na calça jeans. Nem o cheiro.

As vozes que gritam não me dominam mais com tanta frequência e, quando dominam, procuro sempre ter certeza de que estou sozinha no quarto, mas minha mãe sabe por que eu costumava molhar as calças quando era pequena. Ela teve de ir me buscar no dia em que passei vergonha na escola; ela estava sentada comigo quando fiquei nervosa no consultório da psiquiatra e tive uma das minhas síncopes. Ela vai adivinhar o que aconteceu, e terei de voltar para o psicólogo antes que consiga dizer "eu posso explicar".



Sinto um nó na garganta. Desço a escada. Talvez possa entrar de fininho pela janela. Talvez, se enfiar minhas roupas debaixo da cama e entrar no chuveiro antes...

— Ariel? É você? — Minha mãe parece preocupada, mas não descontrolada. Mas logo vai ficar. Não que isso tenha importância agora. Meu Deus. Por que não pensei na minha aparência? Por que não tive a sensatez de entrar pela porta dos fundos assim que vi a luz da cozinha acesa?

— Ariel? — A mamãe aparece na porta de tela, com seu roupão curto e desbotado de flores cinza. — Por que você está em pé aí fora, querida?

— Eu... Eu achei que você pudesse estar dormindo.

— Quis te esperar para saber sobre o seu encontro — diz, sorrindo. — Entre. Está esfriando.

Subo a escada com dificuldade. Não tenho mais como evitar. É melhor tomar meu remédio mesmo. Tão logo chego à porta, o nariz da minha mãe se retorce assim que sua atenção se volta para minha calça molhada. Fecho os olhos e imagino meu corpo se transformar numa pequena bola e sair rolando pelo corredor até meu quarto, minhas orelhas e rosto e todo o resto, tudo misturado para eu não precisar ouvir o que quer que ela tenha a me falar.

— Ah, Ariel! O que aconteceu? — ela pergunta, fechando a porta atrás de mim. — Onde está o Dylan? Onde está a sua bolsa?

— Eu... — O que posso dizer? Mentir, contar a verdade ou falar uma meia mentira? Ou tenho a ousadia de dizer a ela para



cuidar da própria vida ao menos uma vez? Que minha vida é patética e suportarei esse fardo patético sozinha?

— Você o quê? Fale comigo.

— Perdi minha bolsa. — Olho para o chão e começo a dizer tudo de uma vez antes que ela comece a me dar um sermão sobre ter perdido meu celular, fato que é uma ofensa capital no seu manual de "nosso orçamento está apertado". — Dylan e eu ficamos bêbados no parquinho em Los Olivos e decidi vir a pé para casa, porque achei que não deveríamos dirigir — digo, decidindo que isso é o mais próximo da verdade, ao mesmo tempo em que espero que isso me salve de ir ao psiquiatra. — Tive um acidente antes de conseguir chegar em casa. Não queria fazer xixi na rua e segurei por muito tempo.

— Ah, meu Deus... — ela suspira, mas não parece brava. Arrisco olhar para cima. — Por que você não me ligou? Eu ia buscar você...

— Achei que você fosse ficar brava. Perdi a minha bolsa. Teria de ligar a cobrar.

— Você pode ligar a cobrar sempre que precisar. Não estou feliz por ter perdido a bolsa, e você vai comprar um celular com o dinheiro da sua poupança, mas... — Ela dá de ombros e o tom de frustração que senti na sua voz quando falou do celular parece ter se dissipado. — Mas sei que a garotada da sua idade bebe. Você tem 18 anos e já tem idade suficiente para tomar um copo de vinho de vez em quando. Apenas prefiro que beba aqui em casa e



de forma responsável. Um ou dois copos são suficientes para que não fique bêbada e acabe tomando decisões precipitadas.

Uau! Isso foi inesperado. Não sei o que dizer. Ela está sendo tão... Legal. Sei que faria qualquer coisa, ou quase, para me ver agindo de forma "normal", mas não esperava que reagisse de modo tão compreensível em relação ao meu erro.

— Eu... Eu não sabia disso. — Bem, agora você sabe — diz com um olhar terno. — Então, como foi o seu encontro? Além do óbvio final não tão legal?

— Acho que tudo bem.

— Tudo bem? — pergunta, arqueando as sobrancelhas. — Então, por que o Dylan deixou você vir a pé para casa?

— Ele tinha de... De ir para casa — digo, olhando para os moinhos de vento pintados nos armários, girando os calcanhares, resistindo ao desejo de contar mais a ela sobre a minha noite confusa. Não importa o quanto está sendo legal, ainda não me parece uma boa ideia. — Queria muito tomar um banho e trocar de roupa, mamãe. Me sinto suja. E estúpida.

Ela faz que sim com a cabeça e dá um passo para trás, mas depois se aproxima para fazer um carinho no meu ombro, um carinho rápido que é esquisito, mas até que é legal.

— Não se sinta estúpida. Mas não fique mais bêbada, andando sozinha por aí também. Uma coisa horrível poderia ter acontecido e jamais me perdoaria. Estou preocupada com você desde... Você sabe.



Desde Gemma, é o que quer dizer. Ela mencionou os cartazes, mas não conversamos muito sobre isso. Não estou com vontade de falar sobre isso agora, mas fico feliz por ela estar preocupada comigo.

Mesmo que sua preocupação não ajude em nada para afastar a loucura.

— Tomarei cuidado. Mas se algo acontecesse, não seria culpa sua. Tenho 18 anos. É idade suficiente para cuidar de mim mesma.

— Sei disso, mas eu... Eu amo você. Você é a pessoa mais importante na minha vida. Sabe disso, não sabe?

— Sim — digo, embora, até aquele segundo, não tivesse certeza completa disso. Mas subitamente tudo fica tão nítido, uma verdade tão clara que, não sei por que, ignorava até agora.

É como os azulejos cor-de-rosa na parede do banheiro. Nunca percebi que havia flores neles até Gemma tirar sarro, dizendo que eram bregas. Cresci nesta casa e usei o banheiro várias vezes por dia, durante dezessete anos, e nunca percebi. Agora, sempre que vou até lá não consigo parar de olhar. Quando você se dá conta de algo, não tem mais como não notar. Olho demais para aquelas flores e me pergunto quais são as outras coisas óbvias que ando deixando de perceber.

Nunca imaginei que o tamanho do amor da mamãe fosse uma dessas coisas.



— Sinto muito se não disse o suficiente — ela diz, e sinto o nó na garganta novamente.

— Você disse o bastante.

— Tem certeza? Fico preocupada por não ter dito o bastante, mas não sou o tipo de mãe que você precisa que eu seja.

Uma estranha sensação de déjà vu se espalha pelo ar. Sei que ela nunca tinha dito algo assim para mim antes, mas parece que já disse. Parece fora de contexto e minha voz soa trêmula quando prometo:

— Vou ficar bem. Estou bem.

— Mesmo? — ela pergunta, deixando transparecer dúvida em seu olhar.

O azul dos olhos dela é mais claro que o dos meus, mas, fora isso, mamãe e eu parecemos irmãs. Os mesmos cabelos prateados compridos, a mesma constituição esquelética com cotovelos que são grandes demais para nossos braços, os mesmos lábios finos, que mordemos quando ficamos preocupadas. Quando nasci, ela não era tão mais velha do que sou agora. E fez tudo sozinha, depois que meu pai biológico lhe disse para fazer um aborto e caiu fora. Pela primeira vez, essa percepção se acomoda dentro de mim, de forma assustadora, pesada e impressionante, e não posso acreditar que quase destruí a pessoa por quem ela lutou tanto para manter viva. Como pude pensar que me matar traria alívio à mamãe?



Talvez eu devesse voltar ao psicólogo. Talvez eu seja até mesmo mais louca do que penso ser.

— Você é ótima — digo, sentindo uma pressão crescente em meus olhos. — Eu te amo, mamãe. — Me aproximo dela, envolvendo meus braços ao redor de seus ombros ao mesmo tempo em que ela me abraça pela cintura. Ficamos abraçadas por um bom tempo. Tempo suficiente para perceber que a cabeça dela bate na minha bochecha. Sou alguns centímetros mais alta. Mais uma coisa óbvia que deixei escapar.

Ela finalmente se solta de mim com um sorriso e diz:

— Foi uma boa conversa.

— Sim — digo, olhando para o chão, me sentindo uma aberração, mas não de uma forma ruim. — Obrigada.

— Muito bem, por que você não vai se limpar? — diz. — Deixe suas roupas no corredor que vou colocá--las para lavar.

— Não, tudo bem. — Ela não lava a minha roupa desde que eu tinha 12 anos, já estou bem velhinha para ela ter qualquer obrigação de tocar na minha calça jeans molhada de xixi. — Minha calça está nojenta. Você não tem que…

— Sou enfermeira, querida. Lido com coisas bem piores todos os dias, e tenho de lavar vários uniformes meus de qualquer maneira. Vou lavar e secar tudo, e podemos dobrá-las amanhã.

— Tudo bem. — Me viro para sair da sala, mas ela me para antes que eu chegue no corredor.



— Espere um segundo — diz, estalando os dedos como faz quando esquece alguma coisa. — A Wendy vai me dar uma carona para o trabalho amanhã. Então, você pode dormir até mais tarde e ir de carro para a escola se quiser.

Gemma costumava me levar para a escola. Nesses dez dias desde o desaparecimento dela, tenho acordado cedo para ir andando e evitar o horror de pegar um ônibus. Ninguém com mais de 16 anos vai de ônibus, e não posso me imaginar entrando num ônibus lotado de garotos do Ensino Fundamental me encarando durante o embarque.

Não achei que minha mãe tivesse percebido que eu estava saindo mais cedo, mas parece que percebeu.

— Obrigada. — Espero que ela saiba que estou agradecendo por muito mais do que o carro.

— De nada. — Ela sorri. — Apenas procure não me acordar quando estiver saindo. Talvez eu tenha de trabalhar dois turnos amanhã, então, vou dormir até as nove ou um pouco mais.

Aceno a cabeça concordando e saio pelo corredor que leva ao banheiro. Ligo o chuveiro e tiro as roupas sujas, jogando-as do lado de fora da porta e fechando-a novamente. Então, fico ali em pé, esperando pelo vapor que sinaliza que a água está quente para o banho. Leva só alguns segundos. Como sempre. Passo os poucos segundos olhando para os azulejos cor-de-rosa e suas decorações florais.



Quarenta minutos mais tarde, após um longo banho quente, me enrolo na toalha e vou para o meu quarto na ponta dos pés. A secadora ainda trabalha e a luz do quarto de minha mãe está apagada. Ela deve estar dormindo e é isso que devo fazer também. É quase 1 hora da manhã. Só vou dormir seis horas, isso se conseguir dormir assim que deitar a cabeça no travesseiro. Depois de tudo o que aconteceu, sei que deveria estar exausta, mas não estou. Estou ligada e, mesmo depois de vestir a calça do pijama e uma camisola, não apago a luz.

Em vez disso, vou até meu cavalete e examino a tela que deixei preparada durante a tarde. Parece boa. Vou começar a pintar a fada que rascunhei amanhã. Ou talvez desenhe algo diferente. Ultimamente, tenho pintado criaturas místicas, mas começo a sentir que talvez seja a hora de pintar um retrato. Talvez aquele autorretrato que nunca tive coragem suficiente de pintar. Acho que não conseguiria olhar para mim mesma no espelho por tanto tempo, mas talvez consiga. Talvez eu até veja em mim algo que perdi.

Coisas que deixei de notar.

Esses pensamentos me atingem de forma estranha. Sinto uma pontada na nuca, uma suspeita perturbadora de ter esquecido algo importante. Algo que vi, algo que ouvi? Não consigo me lembrar. Mas está ali, me espreitando abaixo da superfície da minha mente.

Me viro e passo a olhar para minha galeria na parede em vez de olhar para a tela. Todos os meus melhores quadros desde os



meus 12 anos de idade estão pendurados ali. É a única visão que sempre me deu esperança e o lugar que me traz os melhores pensamentos. Se der um passo para trás e deixar os meus olhos avistarem a árvore na montanha, o garoto na colina, o unicórnio morrendo no lago, minha mente se acalma e consigo pensar com mais clareza.

Geralmente. Mas não hoje.

Quando volto a olhar para o unicórnio, tenho uma sensação doentia e estonteante, similar ao déjà vu na cozinha, mas cem vezes pior. Algo está errado. Chego mais perto, levo meus dedos à cara do unicórnio, que passei horas tentando acertar, e estremeço. Nada está diferente, mas de alguma forma sei que alguém entrou no meu quarto e ficou olhando exatamente para esse quadro. Não foi minha mãe. Foi um estranho. Alguém que não conheço esteve aqui tocando, procurando e bisbilhotando o que há de mais particular na minha vida.

Afasto-me da parede, observando o restante do quarto. Tudo ainda está no lugar que deixei. Minha lição de casa empilhada na escrivaninha, a porta do armário entreaberta, o meu edredom desalinhado exceto por um cantinho do lado direito em que me sentei para calçar os sapatos. Atravesso o quarto, examino o armário, abro as gavetas da cômoda, até me agacho para olhar embaixo da cama. Nada está diferente, mas a sensação de que alguém esteve ali só fica mais forte. Sei que estou sendo paranoica, mas não consigo me acalmar.



Finalmente, depois de examinar inutilmente a minha mochila e a escrivaninha, me forço a apagar a luz e deitar na cama, mas a ansiedade irracional só piora. Posso jurar que alguém dormiu na minha cama, deitou a cabeça no meu travesseiro, sonhou os meus sonhos neste lugar que deveria ser meu.

Meu. Meu não. As vozes... E se não fossem o que sempre pensei que fossem?

É o pensamento principal que estive esperando irromper e isso me acalma. Pego o diário ao lado da cama, o que uso para escrever e rascunhar as coisas com as quais sonho e das quais não quero me esquecer depois de acordar. Passo rápido por um desenho em quadrinhos da escola desmoronando debaixo de uma noite cheia de estrelas ameaçadoras e encontro uma folha em branco.

Fantasma, demônio, algum tipo de possessão, escrevo. Ondas no ar, garras rasgando o mundo para encontrar a pessoa que ouvirá seus gritos.

Fecho o caderno com a caneta dentro e o coloco sobre o criado-mudo antes de entrar debaixo dos lençóis de flanela. Nunca consegui escutar as vozes. Elas me deixam transtornada bem antes que tente entendê-las, mas talvez não esteja me empenhando o suficiente. Se realmente são fantasmas, ou algo assim, pode ser que queiram que os ouça. Os fantasmas das histórias precisam que os vivos intercedam por eles, que lhes façam justiça, consertem algum erro ou façam algo que permita o descanso de suas almas.



Criaturas que gritam daquela forma não encontraram descanso.

Mas não estou preparada. Ainda não. Estou segura, meus olhos estão pesados e meus músculos doem de exaustão. Finalmente, até mesmo a sensação perturbadora de que alguém esteve no meu quarto não basta para me manter acordada. Durmo e sonho com o garoto do quadro, aquele na colina solitária em que o céu sangra como a noite assassinando o dia.

O vento açoita e os cachos castanhos do garoto se agitam, voando para encobrir os olhos negros, mas sei que os cabelos esvoaçantes não são a razão das lágrimas que escorrem pelo seu rosto. Ele sofre, tão triste quanto alguém que jamais vi, tão triste quanto meu próprio reflexo nos dias em que imagino se conseguirei sobreviver.

Mesmo assim, ele é bonito. Como um anjo caído do céu. Quando ergue o olhar para encontrar o meu. Não consigo respirar. Sua dor e beleza envolvem meus ossos e me apertam.

Perdoo você. Quero dizer, embora não saiba o porquê. Mas antes que encontre coragem para falar, um homem de manto marrom surge por trás do garoto e a relva entre eles se abre.

Também a terra se abre como a boca de um filhote de pássaro faminto, e o homem carrega o garoto nos ombros. Ele cai dentro do fosso recém-aberto e eu grito, mas nenhum som é emitido. Não há nada além do vento e do solo faminto, devorando enquanto encobre o garoto como água. Me jogo no chão e retiro a relva com as mãos,



mas é tarde demais. O garoto se foi. Senti como se um punhal tivesse sido enfiado em meu coração.

— Perdoo você — diz o homem de manto marrom para mim, o eco do meu próprio pensamento faz com que eu erga meu olhar. Os olhos dele são de um azul tão pálido que parecem diluído em água, mas isso não faz com que olhar diretamente para ele seja menos aterrorizante. Essa não foi a primeira vez que ele matou. Nem a segunda ou a terceira, nem mesmo a centésima.

— Venha comigo — ele diz, aproximando-se de mim, mas me desvencilho dele. Sua mão está limpa demais. Devia estar suja de terra e sangue. Devia estar marcada pelo que fez.

Meus pensamentos se apoderam do sonho e vão além. Observo, com terrível satisfação, a carne da mão do homem se desfazer em seus dedos. Vejo músculos, ossos e todas as coisas escondidas que olhei em meu livro de Anatomia para conhecer as verdades dos corpos que desenho, e em seguida a mão dele não passa de tecido cru que derrama sangue pela relva.

Mas o homem de manto parece não sentir dor.

— E você também não sentirá, querida — ele diz. — A paz estará com você se ficar sob a minha guarda.

Ele tenta pegar na minha mão novamente, mas dessa vez a sua mão é gigantesca. Os dedos dele se esticam até se arquearem sobre mim como as vigas de uma casa construída por pesadelos. A tempestade de sangue cai em meu rosto, escorre pelos meus lábios, e caio no chão gritando. Não por estar com medo ou horrorizada. E



sim porque o sangue é doce e quero mais. Quero inclinar a cabeça e deixá-lo fluir garganta abaixo.

Quero rir, dançar e celebrar a segurança de me tornar uma criatura das trevas.

Acordo respirando profundamente e mal consigo controlar o berro que insiste em sair da minha boca. Engulo em seco e estremeço, tentando acalmar meu coração, que bate forte.

A luz da manhã brilha pela minha janela, as ondas amarelas da cama são suaves raios de Sol de algodão--doce pairando no meio do quarto. Não há nada a temer. Foi apenas um sonho horrível. Não há sangue, não há nenhum monge maligno ou qualquer coisa do tipo, nem garoto morto.

Esfrego os olhos e viro meu olhar para a galeria, buscando conforto ao ver o garoto em pé no alto da colina, pensando que talvez eu o pinte novamente. Mas desta vez mais de perto. Mais de perto e sem a dor que vejo em seu olhar. Talvez esperança ou riso ou... Amor.

Esse pensamento me faz corar e desviar o olhar, como se o garoto fosse uma pessoa real que pudesse ler em meu rosto as coisas tolas que penso. Sou ridícula, mas é bom sorrir, tão bom que a tolice secreta ainda enruga meus lábios quando olho pela janela.

E vejo o rosto de Dylan. E grito o grito que pensei ter engolido.



Sete

Romeu

Droga! Fui pego.

Aceno e mostro a bolsa de Ariel, para que ela pare de gritar antes que a mãe dela apareça correndo. Devia ter me escondido no instante em que ela abriu os olhos, mas não consegui resistir ao desejo de vê-la acordar. Ela estava estranhamente provocativa, toda doce em seu sonho, os cabelos desalinhados, dando aquele sorriso... Aquele sorriso, aquele que a faz parecer tão jovem, inocente e boa.

Ali em pé, com o orvalho ensopando meus sapatos, fui tomado pelo desejo de me certificar de que tudo fica como está, que ela nunca saiba o que é ser envenenado pelos próprios erros. A necessidade veio de um lugar genuíno, separado do medo que me manteve acordado a maior parte da noite, revivendo cada passo aterrorizante dado na caverna.

Agora o medo está de volta.



Só tenho três dias. Três dias para me transformar em alguém que, em vez de fazer Ariel gritar, a faça abrir aquele sorriso. Parece impossível, mas tenho de tentar. Tenho de fazer mais do que tentar. Tenho de conseguir ou estarei perdido e o mundo irá junto comigo.

Dane-se o mundo, penso, mas esse pensamento não parece mais tão verdadeiro quanto um dia foi. Não quero que os Mercenários vençam. Disso eu sei.

— Vim trazer a sua bolsa. Só quero conversar — sussurro, esperando que Ariel possa me ouvir pela janela. O vidro parece espesso, mas não quero gritar e correr o risco de acordar a mãe dela, se é que já não a acordei. — Sinto muito — balbucio.

Ela leva a mão à boca e olha para a porta do quarto, observando-a por um tenso momento antes de jogar as cobertas e sair da cama. Está usando uma camiseta branca justa com alças finas, que revelam as cicatrizes em seu braço, e calças listradas bem largas. A calça é de cintura baixa, deixando uma faixa da sua pele clara e a curva do abdômen expostas. Essa pequena parcela de pele é suficiente para me deixar hipnotizado. Não posso evitar imaginar como seria deslizar as mãos pelo corpo dela aquecido pelo sono e por seus braços compridos: um perfeitamente macio, o outro lindamente danificado.

Ela é mesmo bonita. Apesar das cicatrizes. Ou talvez... Por causa delas. Ela é um aviso ambulante de como a vida pode ser preciosa e efêmera. Ninguém com sorte suficiente para estar



respirando deveria considerar isso como certo. Ninguém deveria hesitar quando consegue ter em mãos o que queria.

Querer. De súbito, me sinto afogando nisso. Quero tanto tocá-la que dói, que minha língua perde a força, e chego a cuspir quando ela abre a janela.

— O que está fazendo aqui? — ela pergunta de forma incisiva. —

Eu…

Eu quero tocar você. Quero me aconchegar ao seu lado, na cama, e ver se você pode me ensinar a sonhar alguma coisa que não me faça acordar gritando.

— Eu… — Balanço a cabeça, esperando libertar as poucas palavras que consigo de fato falar. — Eu… Eu…

Ela arranca a bolsa das minhas mãos e a coloca no chão do quarto.

— Minha mãe vai surtar se vir você aí fora, plantado em frente à janela — sussurra, olhando mais uma vez para trás, ansiosa, antes de se virar para mim. — Tem uma tranca no portão da cerca. Como você conseguiu entrar?

Respire. Concentre-se.

— Pulei. — Olho para um lugar acima do ombro dela e obstruo o que restou da fraqueza ridícula. Não lembro de me sentir tão carente assim na vida, nem na minha infância quando meu pai ateou fogo no quarto depois da morte do meu irmão.



O médico que tratou da peste negra disse aos meus pais que ferver os lençóis e os pertences em água quente poderia evitar o alastramento da infecção. Em vez disso, meu pai incendiou tudo. Cada móvel no quarto que dividíamos, cada peça de roupa, cada apito e bloco de madeira e todos os animais entalhados do meu irmão. Até mesmo os cobertores azuis bordados pela minha mãe. Dormíamos com eles todas as noites desde o dia em que havíamos nascido. Como doeu perder aquele cobertor. Quase tanto quanto doeu ter perdido meu irmão. Todas as noites, após o incêndio, dormia com os punhos pressionados contra o peito, imaginando se a dor seria capaz de tirar a minha vida.

Mas nem aquilo era tão grande quanto o desejo de envolver meus braços ao redor da cintura de Ariel, pressionar minha face contra a sua barriga, e implorar por algum conforto.

Patético. Fraco. Estou perdendo o pouco que restou da minha lucidez.

Tenho de me concentrar. Não posso deixar essa necessidade súbita por conexão humana me desviar do meu próprio curso. Haverá oportunidade de conexão em todas as suas formas em um outro encontro, em outro corpo, depois que conquistar meu lugar entre os Embaixadores. Sei que Julieta foi cuidadosa em não usar os corpos que tomou emprestado para prazeres egoístas, mas não tenho de fazer o mesmo. Assim que estiver a salvo, posso encontrar dezenas de garotas tão adoráveis quanto Ariel, ou ainda mais adoráveis, para segurar em meus braços. Pensar nisso deveria me consolar, mas não...



Passo a língua em meus lábios, saboreando meu próprio desespero, e espero que ela não consiga perceber o quanto estou próximo ao meu limite.

— Precisava ver você.

— Por quê?

— Fiquei preocupado e queria saber se você chegou bem em casa.

— Cheguei. É óbvio. Eu... — O olhar dela se fixa na grama molhada em meus pés e ela diz: — Está tudo bem.

Não está nada bem. O destino do mundo está em suas mãos e a pessoa enviada para ajudá-la está sendo dominada por seu próprio medo. Maldita Enfermeira de Julieta! Eu estava bem antes de ela me forçar a entrar naquela cabana. A "motivação" oferecida pela Enfermeira só me deixou mais perto do fracasso.

— Não está bem, não — digo. — Você está brava comigo.

— Não estou brava com você. — A fala dela não é convincente.

— Tem certeza? Você não estava feliz quando foi embora ontem à noite.

— Eu... Na verdade, não consigo me lembrar. — Os olhos dela encontram os meus, apreensivos, incertos. — Sei que brigamos e tenho a sensação de ainda estar brava com você por alguma coisa, mas está tudo tão confuso.



Respiro fundo, finalmente me sentindo seguro em sorrir outra vez. Ela não se lembra. Agradeço a misericórdia pelos pequenos favores.

— Sinto muito. Você tem de ficar brava mesmo. É tudo culpa minha — digo, esbanjando o charme que pareceu estar funcionando antes de cometer o erro de acrescentar álcool à equação. — Estávamos bebendo vinho do Porto. É mais encorpado, muito mais forte do que vinho normal. Devia ter avisado.

— Ah... — Os dedos dela se entrelaçam em um cacho dos cabelos. — Não sabia.

— De novo, culpa minha. Você me perdoa?

Ela arqueia o canto dos lábios e diz:

— Você não apontou uma arma para minha cabeça e me obrigou a beber.

— Mas eu também não vim atrás de você para ter certeza de que chegou bem em casa — digo, apoiando as mãos no parapeito da janela para subir meu corpo, inclinar a cabeça e olhar para ela lá em cima, impressionado pelo quanto este momento me lembra da noite em que fiquei debaixo da sacada de Julieta. Talvez seja por isso que eu seja tão inútil. Aquela foi uma das minhas últimas noites como um rapaz relativamente inocente e apaixonado. O frei e eu nos falamos no dia seguinte e a lenta infiltração do veneno em meu coração começou. Mesmo agora, os efeitos se prolongam, me forçando a mentir e a enganar, fingir um amor que não sinto por uma garota que merece coisa melhor.



Melhor que eu.

— Você está bem? — As pontas dos dedos dela acariciam minhas mãos, incitando uma onda de prazer e dor que percorre a minha pele. Prazer por ser tocado, dor por saber que não sou digno da compaixão dela.

— Estou bem. — Não, não estou. Mas não consigo me lembrar da última vez em que "bem" foi uma palavra que se aplicou à minha existência.

— Você deve estar com frio. — Ela olha para trás mais uma vez e diz: — Entre.

— Obrigado. — Subo pelo parapeito e pulo ao lado dela, perto o bastante para sentir o calor de seu corpo, o perfume de lavanda em seus cabelos. — Sinto muito, mesmo — sussurro, não querendo assustá-la. — Mal consegui dormir. Estava preocupado com você.

— Está tudo bem — ela diz, se aproximando ainda mais. Prendo a respiração, a possibilidade de sentir o corpo dela contra o meu acelera meu coração. — Sinto muito, também.

— Pelo quê? — digo, colocando os cabelos dela para trás dos ombros, deixando meus dedos deslizarem próximos à pele de sua nuca. Olho fixamente para ela, esperando permissão para tocá-la novamente.

Seus lábios se abrem e sua boca se aproxima da minha, e, por um momento estonteante, acho que ela vai me beijar. Em vez



disso, ela deixa escapar um riso abafado, balançando o cabelo para frente do rosto, e diz:

— Por ter parecido uma aberração. — Ela dá um passo para trás, cruza os braços, como se tivesse ficado subitamente desconfortável com a camiseta justa de listras transparentes. — Vamos deixar isso para lá.

— Já deixei — digo, deixando minhas mãos caírem, forçando um sorriso amigável. — Quer tomar café da manhã? — pergunto, na esperança de que tirar Ariel de seu quarto irá ajudar a me recompor. — Estou com vontade de algo frito e coberto de açúcar, talvez com um pouco de melado por cima.

— Nossa, bem saudável!

— Somos jovens, quem se importa?

Ela arqueia os lábios mais uma vez e diz:

— Até estou a fim de comer algo. Aonde você quer ir?

— Aonde você quiser. Você decide.

— Não me importo, só não quero ir ao Moinho de Vento — diz, puxando o mesmo cacho de cabelo. — Não quero ver ninguém que saiba sobre... Você sabe.

Ela não quer ver ninguém que possa saber da aposta. Concordo.

— Vamos a outro lugar. E, antes do dia terminar, vou garantir que todo mundo saiba que a aposta foi cancelada e que sou um idiota. Vou deixar bem claro o fato de eu ser um idiota.



Seu sorriso fica um pouco mais natural, mas ela o prende no meio dos dentes.

— Boa ideia.

— Então, vamos comer.

— Preciso trocar de roupa primeiro. Você quer esperar por mim lá fora...

— Não. — Não quero me separar dela nem por um segundo, não até que eu não duvide de que estou no caminho certo. — Vou me virar de costas e não vou olhar.

Ela arqueia a sobrancelha expressando dúvida, mas percebo a fagulha de travessura que vi em seu olhar na noite anterior.

— Promete?

— Você quer que eu prometa?

— Sim — ela diz, enquanto seus olhos expressam "não". — Quero que prometa.

— Você confia em mim o suficiente para acreditar na minha palavra?

Ela deita a cabeça para o lado, me analisando pela inclinação de seu nariz curvado.

— Só um pouco. Mesmo que não cumpra, já vi você nu, então... — Ela ergue os ombros, deixando exposto um pedaço do osso sedutor que denota a sensualidade que ela é tão cautelosa em



esconder desde que descobriu que seu encontro com Dylan não passava de uma pegadinha.

— Você me viu quase nu — a corrijo, desejando ter mais do que apenas lembranças roubadas de estar agarrado à Ariel. — Mas manterei minha palavra. Mesmo que você implore para que eu faça o contrário.

Ela retorce os lábios e diz:

— Vou tentar me controlar.

Solto um riso abafado.

— Você tem uma veia sarcástica. Sabe disso, não sabe?

— Sei.

— Gosto desse seu lado.

— Achei que gostaria. — Seu tom brincalhão me faz querer agarrá-la e fazer cócegas até ela me implorar para parar. Não faço cócegas em uma garota há séculos, e é uma desculpa tão boa para colocar as mãos em locais que geralmente são indevidos...

— Dylan?

Primeiro o dorso. Depois, quando ela se inclinar para frente, toda a circunferência da cintura e com meus dedos acho o ponto em que ela mais sente cócegas, bem onde...

— Dylan?! — me chama, colocando as mãos na cintura.

— Sim? — Pisco, mandando embora minha fantasia relativamente inocente.



— Você não vai se virar? — O sorriso dela me faz desconfiar de que adivinhou a direção dos meus pensamentos. É um sorriso de descoberta, tímido, mas com um senso de poder florescente, o sorriso de uma garota que descobre exercer influência sobre um garoto. Não foi isso que pensei conseguir hoje de manhã, mas já serve. Um pouco de poder é benéfico à Ariel; além disso, tudo o que fizer com que ela me queira por perto, me ajudando com o tempo necessário para que se apaixone por mim, é válido.

— Virando, virando. — Ofereço minhas costas, dando privacidade a ela, me distraindo dos pensamentos relacionados a vestir-se e, mais importante ainda, despir-se, examinando os quadros na parede. A pintura arrojada e o traço habilidoso fazem com que meu cérebro se contorça de forma agradável. O trabalho dela é tecnicamente excelente, com uma temática imprevisível, levemente mórbida, que eu, por exemplo, acho encantadora.

— Isso é maravilhoso.

— Obrigada — ela responde num tom nervoso, mas satisfeito. — Alguns são bem velhos, de quando eu tinha 12 anos. Estão péssimos, mas os deixo aí. Fazem me lembrar do quanto aprendi.

— Gosto de todos. — Sabia que Ariel era uma artista por conta da última vez em que passei por sua vida, mas não me lembrava de seu trabalho ser tão sobrenatural. Meus olhos de Mercenário enxergavam, mas será que viam?

Acho que não. Se vissem, não teriam ignorado o quadro no canto inferior esquerdo. Lembro-me dele da outra vez em que



estive neste quarto, me espreitando pelas sombras, esperando por Julieta, mas não me senti atraído por ele como me sinto agora. Procuro ficar de frente para a paisagem no quadro, a familiaridade da colina com rajadas de vento me atinge como um soco no estômago. É muito parecida com a minha colina, a colina em que o Romeu humano morreu e um monstro surgiu em seu lugar.

E o garoto...

Chego mais perto, analisando as pinceladas delicadas que formam o cabelo e o manto simples. O rosto é pequeno demais para ser reconhecido, mas podia ser o meu, aquele com o qual nasci, aquele aprisionado pela magia da Embaixadora na caverna da montanha, decomposto e enfurecido com os ossos à mostra debaixo da pele que se deteriora rapidamente.

Agora que minha alma o deixou, o espectro do meu antigo ser mais uma vez se orienta pela necessidade de me caçar, de pegar minhas mãos e reunir meu corpo e espírito. Ele é uma parte de mim, deixada a partir do que eu teria me tornado, influenciada pelo que me tornei e impulsionada por forças primordiais que extrapolam o entendimento humano, trazendo equilíbrio à equação cósmica que desequilibrei quando me tornei um Mercenário. O espectro é miserável porque minha alma é miserável. Nunca esperei ver a mim mesmo de nenhuma outra forma, jamais.

Mas agora...

— Quem é esse? No quadro? — Me viro e pego Ariel abotoando a calça jeans. Nossos olhos se encontram, a consciência



deixa o ar entre nós mais pesado e me viro de costas e digo rapidamente: — Desculpe.

— Tudo bem. Sei que não foi... — ela pigarreia. — Ele não é ninguém. Só um garoto que imaginei.

Um garoto que imaginou. Um garoto vestido com um manto medieval numa montanha, ombros caídos de vergonha e de tristeza. É bem provável que seja uma coincidência. O que mais poderia ser? Mesmo assim, é difícil desviar o olhar, mesmo quando alguém bate na porta e Ariel sussurra em um tom de urgência que me ordena:

— Para debaixo da cama, rápido!

— Diga que você está doente. Fale para ela ligar para a escola — sussurro, em um repente de inspiração. — Vamos ao museu de arte em Santa Bárbara?

— O quê?

— Se finja de doente e vamos cabular aula. Quero olhar para coisas belas junto com você. Ela balança a cabeça, mas dá para ver que está tentada.

— Não posso, eu...

— Ariel — a mãe dela chama do corredor. — Você está acordada? São sete e quinze!

— Só um segundo, mamãe — diz Ariel. — Vai para debaixo da cama. Por favor! — ela balbucia para mim enquanto se afasta.



Rolo pelo tapete empoeirado debaixo da cama assim que a porta se abre e uma Ariel sonolenta deseja “bom--dia” à sua mãe.

— Bom dia.

— Achei que você fosse dormir até tarde, mamãe.

— Eu ia, mas algo me acordou. Senti que já estava descansada, então decidi levantar. — Ela faz uma pausa e exclama de surpresa: — Sua bolsa! Você disse que tinha perdido!

— Hum, é... — diz Ariel, girando nos calcanhares enquanto olha para a bolsa que está jogada no chão perto da janela. — Eu a encontrei no chão ontem à noite. Devo ter esquecido de levá-la comigo.

— É uma boa notícia — diz, suspirando. — Agora, não vou ter de ligar para a companhia telefônica na minha hora de almoço. Uma coisa a menos a ser feita.

— Sim — responde Ariel, tossindo.

— Você está bem? Parece meio pálida. Cansada depois da grande noite?

— Sim, um pouco. Cansada e... Meio mal do estômago.

Debaixo da cama, sorrio. Quanto mais tempo passo com essa garota, mais gosto dela. É cheia de surpresas. Mesmo considerando que algumas não sejam agradáveis, ela é mais surpreendente do que previsível.

— É bem provável que esteja de ressaca — diz a mãe dela.



— Acho que não. Parece que estou doente. Gripada ou algo assim.

— É assim que a pessoa se sente quando está de ressaca, Ariel. Por isso que se deve tomar apenas um copo de vinho, não quatro. — O tom da mãe não é de zombaria nem de empatia. — Não vou mais deixar você sair durante a semana se isso acontecer de novo.

— Eu sei, mamãe. Sinto muito. — Sua voz é tão baixa e cheia de remorso que tenho certeza de que desistiu da nossa aventura. Mas ela tosse novamente. E pigarreia, e funga como se estivesse mesmo doente. — É que... Não me sinto bem. Posso ficar em casa hoje? Só hoje?

Sua mãe solta um suspiro cansado e vencido. Sorrio, sentindo que venci a batalha.

— Está bem. Já que você não faltou nenhuma vez esse ano.

— Muito obriga...

— Mas se isso acontecer de novo, não vou mais deixar você sair durante a semana e teremos de combinar um horário fixo para você voltar para casa.

— Entendi. Obrigada, mãe. Você é demais.

— Sei, sei — ela diz, dando uma risadinha. — Então, coloque o pijama novamente, vou ligar para a escola e avisar que você não vai hoje.

— Certo.



— E vou ligar para a Wendy e dizer que ela não precisa vir me buscar, já que você não vai precisar do carro. — Observo os pés dela saírem do quarto antes de parar na soleira da porta e virar. — Você precisa de alguma coisa antes que eu saia?

— Não — diz Ariel. — Vou voltar a dormir. Se eu tiver fome mais tarde, esquento um pouco de sopa.

— Certo. Já que estou acordada, acho que vou sair e comprar umas coisinhas no mercado. Me liga no celular se lembrar de alguma coisa que queira que eu traga à noite. Apenas se lembre de que é bem provável que eu não chegue antes das onze.

— Tudo bem. Obrigada, mamãe. Eu... Eu agradeço muito por hoje. E por ontem à noite.

— Não precisa agradecer. Me liga mais tarde. Eu te amo.

— Também te amo.

Sinto a respiração pesar em meus pulmões. Te amo. Palavras são tão doces quando ditas por ela, mas uma parte de mim já teme a hora em que irá dizê-las para mim. Preciso do amor dela, mas mentir está ficando cada vez mais difícil, especialmente sem saber o que vai acontecer depois que cumprir minha missão. A Enfermeira de Julieta disse que ela iria cuidar de Ariel, mas como posso confiar nela? Na mulher que falou tão facilmente sobre a natureza feliz do assassinato de Ariel, em outra realidade?



O rosto de Ariel, de ponta-cabeça, aparece à minha esquerda, observando meu esconderijo. Rapidamente mudo a expressão de tristeza.

— Me sinto péssima — ela sussurra. — Não gosto de mentir.

— Foi por uma boa causa — digo e fico onde estou, observando-a deitar ao meu lado, imaginando como isso seria diferente se nós dois estivéssemos em cima da cama em vez de embaixo dela, como seria fácil transformar uma brincadeira de criança em várias possibilidades da vida adulta. Pigarreio e digo: — Além disso, o museu é duas vezes mais educativo do que qualquer coisa que esteja acontecendo na escola.

— Isso é verdade. — Ela sorri. — E estou morrendo de vontade de ir. Já faz quase um ano que não vou.

— Eu nunca fui. Será minha primeira vez.

— Não se preocupe. Serei bem delicada com você — ela diz, corando logo em seguida, o que torna sua piadinha quase que insuportavelmente meiga.

— Malandrinha.

Ela enrubesce ainda mais.

— OK, está bem. Imagino que se não pode vencê-los...

Rio, uma risada autêntica que acalma a sensação de peso em meu peito.



— Tudo bem. Não precisa ser delicada. Gosto de brutalidade. Só não faça aposta nenhuma envolvendo a minha moral. Só canalhas fazem coisas desse tipo.

— Você não é canalha — ela murmura.

— Sou só idiota?

— Também não é idiota. — Ela me analisa de forma tão intensa que fico feliz por estar escondida nas sombras. — É por isso que fica tão difícil de entender.

— Entender o quê?

— Primeiro, por que você fez essa aposta.

Dou de ombros e digo:

— Talvez eu seja idiota.

— Ou talvez seja outra pessoa.

Fico paralisado, com exceção dos dedos curvados no tapete empoeirado. Será que ela sabe? Será que de alguma forma ela percebe a verdade?

— Quer dizer, você é outra pessoa com seus amigos na escola. Você praticamente me ignorou a semana passada toda, com exceção do dia do ensaio — diz. — E daí, quando está sozinho, é completamente diferente. Até o jeito que você anda é diferente.

Ah, não é a verdade, mas ela está chegando perto!

— Você tem razão.



Então, qual dos dois é o verdadeiro Dylan?

Nenhum dos dois. O verdadeiro Dylan não está mais aqui. Você tem de se contentar comigo, o ladrão de corações, e sinto muito por isso. Mais do que pensei que fosse sentir.

Em vez disso, digo o seguinte:

— Não sei. Mas gostaria de passar mais tempo com a pessoa que sou quando estou com você.

— Nos entreolhamos, mas não consigo esboçar um sorriso intenso. Belas mentiras parecem tão feias hoje. — Obrigado por me perdoar.

— Obrigada por também me perdoar.

Uma sensação estranha se arrasta pela minha garganta, sinto a pulsação descompassar. Será... Culpa? Sim, acho que é isso. Sei que devia esticar as mãos, pegar na mão dela, aproveitar este momento em que estamos escondidos debaixo da cama ao máximo, pois ela está feliz e aberta ao amor. Mas não consigo. Só consigo concordar com a cabeça e perguntar:

— Quando vamos sair?

— Em meia hora. Talvez uma. Assim que a minha mãe for trabalhar.

Ela cruza os braços e apoia o rosto neles. Faço o mesmo, me forçando a virar o rosto para ela, para observá-la me observando, para sussurrar e planejar, e para fingir que o calor crescente entre nós não é alimentado pela decepção.



Oito

Ariel

Não consigo acreditar nisso. Em nada disso.

As últimas quatorze horas têm sido um sonho que fica cada vez mais bizarro. Primeiro, descobri sobre a aposta; depois, quase sofremos um acidente de carro; em seguida, Dylan age como se gostasse de mim, como se gostasse muito, como se gostasse de verdade. E agora, essa escapada fácil da minha rotina esmagadora. Não dá para acreditar nisso.

Não acredito que me despi estando Dylan no mesmo quarto que eu. Não acredito que menti para minha mãe nem que estou cabulando aula, muito menos que liguei para a escola e fingi ser a namorada do pai de Dylan para evitar que ele seja punido depois da aula. Não acredito que Dylan e eu dividimos um café grande e três rosquinhas cor-de-rosa oleosas, nem que ouvimos nossas listas de músicas favoritas e conversamos sobre música o caminho inteiro até Santa Bárbara, nem que ele me fez sorrir mais nas últimas horas que sorri nos últimos meses. Talvez até mais tempo.



Se não fosse pela síncope da noite passada e do pesadelo de hoje de manhã, acharia que isso tudo não passa de um sonho bonito e que acordarei a qualquer segundo.

Mas não é. É a realidade.

Estou realmente aqui na ala das "Obras em Papel" do museu. Dylan Stroud está bem aqui ao meu lado, olhando para um quadro de Egon Shiele, que retrata um homem esquelético com o rosto magro e pernas sem pés. Ele está tão perto de mim que posso até sentir o cheiro do sabão em pó da camiseta cinza e justa que está usando. Tão perto que a respiração dele beija minha nuca quando ele fala.

— Gosto desse aqui — diz, num tom abafado. É como se também pudesse sentir a carga que vai direto ao meu coração sempre que olho para algo feito por um mestre. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

Acho que eu poderia. Exatamente ali quando ele cantou aquela música para mim durante o intervalo do ensaio para o baile da primavera, eu imaginei. Acreditei que ele estava se sentindo da mesma forma que eu me sentia, que os livros e a música e a arte penetraram em suas entranhas e reorganizaram suas moléculas, e tudo parecia mais real do que a vida real jamais fora. E pode até ser que eu estivesse certa. Talvez a forma como ele age na escola seja uma máscara para esconder esse seu lado que as demais pessoas não entenderiam. Pois a maioria das pessoas não vê o mundo como vemos.



Nós. Será que poderíamos ser... Nós? Talvez. Hoje, digo... talvez.

Ainda não confio em Dylan. Não inteiramente. Ele é diferente demais. Ele me observa como se fosse um estranho, como se fosse alguém que não sentou na carteira em frente à minha desde o segundo ano do Ensino Fundamental. Estamos nos divertindo, mas uma voz em minha cabeça me avisa para tomar cuidado, para manter distância. Mesmo assim, não é fácil manter distância. Olhar para as obras de arte sozinha sempre foi uma experiência de identificação, mas olhar para elas com Dylan é completamente... Sensual.

Fecho os olhos e meu rosto todo começa a arder. Nunca havia nem mesmo pensado nessa palavra, mas desde o momento em que Dylan apareceu na minha janela, hoje de manhã, é isso que sinto. Todos os meus sentidos estão aguçados e conspirando contra mim. A luz do Sol que penetra pelo ambiente, o perfume aconchegante com aroma de banho de Dylan se mistura ao aroma da arte de livro-velho-e-tinta-mais-velha-ainda, um cheirinho de café vem das escadas que levam à lanchonete, e toda essa emoção viva que se espalha pelas paredes.

É sensual, emocionante. Sexy.

Faz com que me vire, envolva meus braços ao redor do pescoço de Dylan e o pressione contra a parede como fiz ontem à noite. Quero beijá-lo novamente. Sei que vai ser ainda melhor do que da primeira vez. Mais autêntico. Talvez a coisa mais autêntica que já senti.



— O que você está achando? — ele pergunta.

— Estou adorando. — Viro a cabeça e encontro seus lábios a poucos centímetros do meu rosto. Não sei se prendo a respiração, se respiro fundo, se recuo ou se me entrego.

— Você não acha feio? Perturbador? — Seus olhos negros se fixam em meus lábios. Sei que ele está pensando em me beijar também, e começo a me preocupar que meu coração pode se machucar por conta das pancadas que está dando em minhas costelas.

Balanço a cabeça negativamente e digo:

— Não. É real. É lindo.

— Você é linda.

Baixo a cabeça e deixo os cabelos caírem sobre minha face danificada. Por um segundo, cheguei a me esquecer das cicatrizes. Nunca as esqueço. Nunca. É por isso que estou usando uma larga camiseta azul de mangas compridas e jeans, apesar de saber que hoje faria calor. Sempre escondo as cicatrizes do meu braço, sempre arrumo o cabelo de forma que esconda a maior parte do meu rosto. Não acredito que baixei a guarda. Mesmo que por um segundo.

— Não faça isso. — Os dedos dele deslizam pelo meu pescoço e minha respiração fica ofegante de uma forma que não deixa dúvidas sobre como me sinto perto dele. Uma parte de mim sente vergonha e grita para que eu dê meia-volta e saia correndo



antes que Dylan comece a rir e confesse que tudo ainda continua sendo uma pegadinha.

Mas a outra parte fantasia...

Olho para cima. Ele ainda está rindo.

— Não esconda. Não há razão para isso.

— Há, sim — sussurro. — As pessoas ficam olhando.

— Já passou pela sua cabeça que elas podem olhar por outro motivo? — Os dedos dele envolvem meu pescoço e meu corpo geme como se estivesse sendo tocado por inteiro, de uma só vez. — Por que você é tão linda que não há como desviar o olhar?

— Não. — Engulo em seco, plenamente consciente de que os lábios dele se aproximam lentamente. — Nunca passou.

— Então — ele sussurra —, talvez você seja mais tola do que aparenta ser. — E, em seguida, ele me beija com o suave toque dos seus lábios contra os meus. É muito leve e fugaz, e termina antes mesmo que possa pensar em corresponder ao beijo, mas não importa. Sinto que minha alma vai explodir, como se fosse me estilhaçar em milhares de pedaços, todos eles com asas para saírem voando loucamente pelo local.

— Venha. Quero ver mais — diz, pegando na minha mão. Depois de um breve momento de hesitação, dou a mão para ele. — Vamos olhar a mostra especial.

— Não podemos. Só abrirá no fim de semana. — Fiquei desapontada e aliviada ao mesmo tempo quando li as datas nos



avisos da entrada, no andar de baixo. Adoro as obras de Schiele, mas a maioria tem um viés muito... Erotizado. Paro em frente à porta fechada da mostra, controlando quando Dylan cutuca meu braço.

— Na verdade, não está aberta ao público — digo.

— E?

— A gente vai se dar mal se entrar aí. Pode ser que a porta tenha alarme.

— Pode ser. — Ele olha para trás e vejo um brilho em seu olhar. — Só vamos descobrir se abrirmos a porta.

Ouço um ruído em meu peito, como se fosse uma motocicleta posta em movimento. Excitante, selvagem, e similar demais com o que senti ontem à noite quando roubamos a garrafa de vinho. A ousadia é estimulante, mas também pode ser perigosa.

— Da última vez que quebramos as regras, acabei bêbada e sem me lembrar do que aconteceu.

— Não, da última vez que quebramos as regras, acabamos dando um adorável passeio de carro e comemos rosquinhas cor-de-rosa com cobertura extra — ele diz, me incentivando a chegar perto da porta. — Concordamos que deixaríamos de lado o que aconteceu ontem à noite, então, nem consigo lembrar, esqueci absolutamente tudo.

Ele pega na maçaneta da porta e o ruído dentro de mim se transforma em um vulcão. Olho para todos os cantos, vejo que não



há câmeras, quase desejo que o guarda do museu, que vimos em outra sala, tivesse nos acompanhado para eu não me entregar ao meu lado descuidado. Mas ele não está por perto e a porta range ao ser aberta, sem alarme algum, e deixo Dylan me levar para o ambiente levemente iluminado.

A porta se fecha atrás de nós, nos levando a um lugar silencioso e ainda mais particular do que o restante do museu. Esse lugar é só nosso, não precisa ser dividido com ninguém. O ar ao nosso redor fica ainda mais saboroso.

— Viu? Não há com o que se preocupar. — Dylan continua segurando minha mão ao nos aproximarmos dos primeiros quadros, trabalhos mais antigos que remetem ao mentor de Schiele, Gustav Klimt. Há uma bela mulher de cabelos ruivos e olhar penetrante, e várias paisagens crepusculares deprimentes. Aprecio o momento, tentando agir como se fosse normal andar de mãos dadas com um rapaz como se fôssemos uma só pessoa.

— E estes aqui são... Muito legais — ele diz.

Rio do tom de desapontamento.

— São — respondo, enquanto nos levo para mais adiante na sala. Os quadros estão arrumados em ordem cronológica, e sei que as obras mais sombrias de Schiele vieram mais tarde. Ainda estou nervosa, mas agora que estamos aqui dentro, também estou animada. Olhar para a arte de uma forma íntima e pessoal é muito melhor do que vê-la em um livro. — Mas acho que você vai gostar mais dos últimos trabalhos dele.



— Por que você acha isso?

Dou de ombros e digo:

— É só um palpite.

Paramos em frente a uma série de quadros de mulheres. Uma está levantando a saia com as mãos, revelando uma considerável extensão da sua coxa. Outra senta-se de pernas abertas com o queixo apoiado nos joelhos, ambas provocativas e inocentes ao mesmo tempo. O último possui duas mulheres, uma nua e outra com um vestido vermelho. Estão se abraçando, obviamente são amantes, mas não é um movimento sensual. É triste. Furtivo e solitário. Parece ser a última vez que uma tem a outra nos braços. Respiro fundo, sentindo um peso crescendo em meus olhos.

— Seu palpite está certo — Dylan diz, apertando as minhas mãos. — Elas me fazem pensar em você.

— Sério? — Me viro para ele, surpreendentemente expulsando a onda de emoção que me invadia. — Por quê?

— Não sei — ele diz, alinhando seu corpo ao meu. — Por que você tem medo? Por que seus olhos são tão velhos e tristes, menina bonita?

Meus lábios se abrem e, por um segundo, penso em mentir. Mas não posso, não quando vejo que ele se deu ao trabalho de realmente me ver como sou. Não me lembro da última vez que alguém tenha feito isso.



— Acho que já vi mais do que deveria. — Ou ouvi mais, senti mais. Engulo em seco, tentando não pensar nas criaturas que gritam ou na minha mente insana. Não quero parecer reticente e estranha hoje. Quero ser feliz, uma garota de mãos dadas com um garoto.

— Isso não tem só a ver com o acidente que sofreu quando pequena, tem? — ele pergunta com uma expressão de preocupação, mas não de pena. Preocupação é algo com que posso lidar.

Olho de volta para os quadros.

— Não totalmente, mas está relacionado. As outras coisas começaram logo após o acidente, quando estava tentando me recuperar no hospital.

— Outras coisas.

— Comecei a... Ouvir vozes. Vozes que ninguém mais ouvia. Os médicos achavam que era um efeito colateral da morfina, mas mesmo depois que eles pararam de administrar o medicamento as vozes continuaram. — Cruzo os braços e olho fixamente para a garota com a cabeça apoiada no joelho. Ela não deve ter mais que 15 anos, mas ela também viu a sua parcela de coisas ruins. Dá para perceber. Ela sabe como me sinto e isso me dá coragem para continuar falando. — Ainda ouço vozes, às vezes, quando fico com muita raiva.

— O que elas dizem?



— Não sei. Não as entendo. — É desconfortável demais, mas não consigo parar de contar a verdade a ele agora que comecei. — Elas apenas gritam. Não parecem humanas. Geralmente desmaio antes que elas se prolonguem demais.

Arrisco olhar para ele de canto de olho, esperando vê-lo se afastar da garota maluca. Mas ele ainda está próximo. Próximo demais. Sinto mais uma vez o seu cheiro de Dylan e as coisas começam a doer dentro de mim. Podia até me acostumar a isso. Podia contar com ele, com alguém que pudesse realmente conversar. Podia me importar e precisar e talvez até mesmo amar e então, quando ele descobrir como sou confusa, a dor de perdê-lo seria horrível. Insuportável.

Melhor lhe mostrar que sou a Aberração que pensam que sou na escola e terminar logo com isso.

— Chamo de síncopes — digo, num tom hesitante ao mesmo tempo em que me forço a quebrar a fragilidade a que me apego de forma extrema. — Aconteceu ontem à noite. Pensei ter visto alguma coisa no parquinho, como um fantasma ou algo do tipo. Então, senti um frio igual ao que sinto quando começo a ouvir vozes. E então saí correndo. Consegui chegar num vinhedo antes dos gritos começarem. Caí e desmaiei na lama, e quando acordei...

Fecho os olhos lentamente. Sinto que vou vomitar, mas ainda não acabei. Vou contar tudo, e daí vou observar os lábios dele se retorcerem de desgosto e vou caminhar até o ponto de ônibus, tentando descobrir como levar o meu ser estúpido e insano para casa.



— Quando acordei, tinha feito xixi nas calças. — Sinto que as últimas palavras são cuspidas para fora da boca como se fossem sementes. Rápidas. Eficientes. — Exatamente como no quinto ano da escola. Você se lembra, não é? Todo mundo sabe a história de como a Aberração se tornou a Aberração.

Ele não diz nada. Nenhuma palavra. Nada, por tanto tempo que o nada parece um peso que vai me esmagar, deixando apenas o bagaço de Ariel pelo chão. Abro os olhos, esperando por uma tiração de sarro, ou risada, ou palavras que farão eu me sentir menor do que já me sinto. Mas ele não diz nada. Só fica me olhando, não consigo identificar aquele olhar. Talvez de descrença. Talvez de medo. Talvez um grave caso de déjà vu.

Hoje, estou revivendo tudo. Por mais maravilhosa que a manhã tenha sido, também foi estranha. É como se uma parte de mim soubesse que Dylan e eu não vamos acabar bem. Em parte, isso tem a ver com o fato de ter forçado a mim mesma a dizer o que disse. Sei que algo vai dar errado, e é melhor que aconteça logo.

Espero que os olhos de Dylan me deem algum sinal de seus pensamentos, mas estão como uma peça de museu, congelados no tempo, para nunca mais serem alterados. Finalmente, cabe a mim quebrar o silêncio.

— Então, acho que agora você me considera mesmo uma louca.



Ele hesita, corre a língua pelos lábios e faz a última coisa que podia esperar. Pega na minha mão novamente, a segura com força e diz:

— Não acho você louca. Eu…

— Você o quê?

— Criaturas que gritam. — As palavras dele soam como se tivesse dito “cadeira”, “carro” ou “rosquinha”, como se fossem algo que pudesse mostrar numa gravura, algo que entendesse.

Mantenho minha mão firme à dele, uma sensação de que algo está prestes a nascer entre nós faz meu coração acelerar. O que ele vai dizer? Será que existe a possibilidade de ele entender essas coisas? Nunca ninguém entendeu, presumi que ninguém jamais pudesse, mas talvez... Os olhos dele encontram os meus e não sei se choro ou se rio, se celebro o fato de ter encontrado alguém parecido ou se sofro pelo fato de existir outra pessoa viva com olhos mais tristes que os meus.

— Quero te contar uma coisa — ele passa a língua pelos lábios novamente —, mas eu…

— Pode me contar — digo, pegando na outra mão dele, e desejo ter coragem para envolver meus braços ao redor da sua cintura. — Não vou menosprezar você.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Ah, vai sim. Você…



Antes que ele consiga terminar, a porta se abre e uma voz impaciente pergunta:

— O que vocês estão fazendo aqui? Isto é uma mostra fechada.

É um homem de cabelos castanhos com mechas grisalhas, vestindo um terno marrom. Não é o guarda que vimos antes, mas é óbvio que se trata de algum oficial do museu. E está com raiva. Me afasto de Dylan e solto suas mãos como se o fato de não tocá-lo fosse reduzir a quantidade de encrenca em que estamos prestes a nos meter.

Dylan entra na minha frente e diz:

— Desculpe. Não percebemos.

— O aviso na porta diz “não entre”. — O homem estreita o olhar e dá mais um passo à frente. — Por que os dois não estão na escola?

— Por que estamos na faculdade? — o terror inspirado pela chance de ser pega cabulando aula faz com que minha mentira se transforme em pergunta.

O homem retruca.

— Vocês têm cara de quem tem uns 12 anos de idade.

— Estamos no primeiro ano — diz Dylan, mentindo de forma mais suave que a minha. — Somos estudantes de Arte. É por isso que queríamos ver a mostra.

— Então vocês são alunos do professor King?



— Isso mesmo — concorda Dylan. — O professor é fã do grande Schiele.

O homem sorri, um sorriso presunçoso, condescendente, de idoso, que me faz sentir com 3 anos de idade. — Não existe nenhum professor King e vou ligar para os pais de vocês.

Sinto um ardor no estômago e acho que ouço Dylan praguejar baixinho, mas não dá para ter certeza. Meu coração bate forte demais. Minha mãe vai me matar. Literalmente me matar. Ela foi legal comigo ontem à noite e hoje de manhã, mas ela não vai ser legal ao saber que menti e fingi estar doente para cabular aula e ir para Santa Bárbara.

Sou uma morta-viva. Tudo o que minha mãe tem a fazer é reclamar o corpo.

O homem aponta para a porta de saída.

— Venham comigo até o escritório. Vamos ligar para os pais de vocês e...

— Corra! — Dylan agarra meu braço e me puxa para a direção oposta. Tropeço, mas ele me ajuda a me equilibrar. Quando consigo, não hesito. Saio correndo, mantendo o ritmo dele enquanto passa pela saída de emergência do outro lado da sala. O homem de terno grita “parem!”, mas não paramos. Desviamos dos mostruários de vidro com algumas esculturas que gostaria de ter visto (não sabia que Schiele esculpia), atrás de nós ouço passos sobre o piso de madeira. Tenho uma fração de segundo para imaginar o que pode nos acontecer se o homem nos pegar, e Dylan



está bem próximo de uma porta com listras vermelhas e brancas na maçaneta.

O alarme soa, mas não hesito. Quem se importa com o alarme? Já fomos pegos. Não podemos nos encrencar ainda mais, e pode ser que nos safemos. Aquelas escadas devem levar a algum lugar.

Dylan segura no corrimão preto e desce até o primeiro piso, olhando para trás para ter certeza de que o sigo antes de pisar com tudo nos degraus de concreto com um bum-bum-bum-bum que ecoa pela escadaria. Vou atrás dele, deixando meus pés voarem sem pensar no próximo passo, levada pela adrenalina e pela precipitação de correr de algo que tenho uma chance real de escapar. É emocionante, uma loucura que faz com que eu queira ir mais, mais, mais rápido, mais rápido.

Alcanço Dylan e passo na sua frente no segundo piso. Ele ri quando passo na frente dele no piso principal, e rio como louca ao correr por um corredor azulejado e iluminado que levava a uma porta de vidro duplo com a luz do Sol e a grama verde do outro lado.

Vagamente, ouço o grito do temido homem de terno outra vez, mas sua voz está tão distante e estamos quase, quase, quase...

— Livres! — grito ao nos lançarmos à luz, mais uma gargalhada surge quando viro para ver Dylan passar com tudo pela porta atrás de mim. Ele agarra minha cintura e me faz



rodopiar no ar, dando um beijo sem fôlego em minha bochecha. Meus pés pisam no chão, mas por dentro sinto estar flutuando.

— Venha. — Ele me puxa em direção à rua State. — Antes que ele mande alguém em boa forma atrás da gente.

Corro atrás de Dylan, segurando firme em sua mão, sentindo o beijo dele queimar em minha pele ao perceber que pela primeira vez na vida não estou correndo sozinha.



Nove

Romeu

— E uma Coca, por favor — digo ao homem na barraca da praia.

Ele me entrega a bebida e quatro tacos de peixe com bastante molho picante, em seguida coloco tudo o que sobrou do dinheiro do Dylan nas mãos dele, feliz por ter gastado nos prazeres da alma e da carne.

Alimentos e arte e uma bela garota. É bom demais!

Olho para a praia, e para a Ariel, que está deitada no saco de dormir que achei no porta-malas de Dylan, aqui na beira da praia. Ela olha para mim e preciso fazer uma pausa para recobrar o fôlego. Ela é... Ela simplesmente... Ela brilha. Seus olhos azuis estão claros e brilhantes, e o Sol do final da tarde deixa seus cabelos com um tom dourado. A ponta do nariz e da boca são cor-de-rosa por conta do Sol durante nossa caminhada de ida e volta pelo píer, e quando nos beijamos com os pés no mar, dava até para sentir o sabor do Sol nos lábios dela.



Além disso, ela é boa. Mais do que boa. Aos poucos a cortejo e a conquisto.

Mal se passou um dia e ela já está tão perto de me amar. É isso que sinto quando segura em minha mão, quando olha para mim e acha que está observando uma estrada, quando estica o braço para pegar um taco e nossos dedos roçam, e Ariel abre aquele sorriso que combina tanto com ela. Juro que dá para sentir o amor praticamente borbulhando dentro dela.

— Obrigada — diz, indo para o canto, abrindo espaço para que eu também deslize pelo tecido verde.

— De nada — respondo ao me acomodar ao lado dela, perto o bastante para que nossos joelhos se toquem. Até mesmo esse pequeno contato é suficiente para fazer o sangue correr rapidamente pelo meu corpo. Em algum momento, entre hoje pela manhã e a hora do jantar, passei de sedutor para seduzido. Não sei se é por que os lábios dela são os primeiros a tocar os meus após setecentos anos, ou se ela é especialista em beijos, mas os lábios de Ariel, supostamente sem habilidade, estão rapidamente se transformando num vício. Numa compulsão.

Roubo mais um beijo e pego outro taco, surpreso por sentir meu coração reagir com um solavanco de eletricidade. Não paro de pensar que a forma como ela me afeta não passa de imaginação.

— Só tinha dinheiro para uma Coca — digo ao lhe passar a garrafa. — Espero que não se importe com meus germes.



— Não me importo — ela diz. — Acho que agora seus germes já estão em mim.

Fico boquiaberto e quase deixo o taco cair. Julieta disse algo parecido com isso quando estava habitando o mesmo corpo. Então, ela me beijou como se fôssemos jovens apaixonados e não houvesse nada no mundo além de nós dois e o sentimento puro entre os nossos corpos. Naquele momento, o sofrimento do meu corpo morto doeu de uma forma tão profunda, que não ocorria há séculos. Teria vendido minha alma por lábios que pudessem ser sentidos. Mesmo se o beijo fosse uma mentira para proteger o rapaz que Julieta realmente amava. Mesmo se não tivesse alma alguma para vender.

— Dylan? — Ariel toca meu pulso, seus dedos estão frios apesar do calor do dia. — Você está bem?

— Estou maravilhosamente bem. — Olho para cima e procuro mostrar que estou mesmo.

Ela ergue o queixo, apertando os olhos por causa do Sol e me examina.

— Não.

— Não?

— Não — repete, desembrulhando meu taco e o reembrulhando de forma que apenas uma das extremidades fique exposta, e de súbito quero chorar intensamente. Em vez disso, abaixo a cabeça e dou risada, mas a risada soa desesperada, triste.



Ariel volta a atenção para o taco, tirando com cuidado a embalagem dourada, dando um tempo para mim antes de dizer:

— Você ainda não me disse o que ia dizer no museu.

— Não disse, né? — digo, mordendo, me focando no gosto de lima e no sabor natural do peixe defumado. Não quero pensar em criaturas que não param de gritar sem jamais terem sido ouvidas de fato.

Bem, os Mercenários supõem que não podem ser ouvidos. Mas Ariel ouve algo. Talvez esteja certa e as vozes em sua cabeça sejam produtos da loucura. Ou talvez as almas perdidas que os Mercenários têm deixado soltas pela Terra no decorrer dos séculos encontraram alguém que as ouça.

— Você vai me contar?

— Talvez — digo, dando outra mordida, saboreando a comida. — Se você também brincar.

— Brincar de quê? — ela pergunta e pela primeira vez em horas percebo o tom cauteloso em sua voz.

— De “Jogo da Verdade”. Contamos um ao outro coisas que nunca falamos a ninguém — digo, inventando o jogo na hora. Nada é capaz de unir mais as pessoas que um bom segredo. — E a última pessoa que não tiver mais segredos é o vencedor.

— E qual será o meu prêmio?

Rio ao pegar o segundo taco da caixa.



— Não teria tanta certeza de vitória assim. Tenho muitos segredos.

— Então, tá. Você começa — ela diz. — Já contei um segredo para você no museu.

— Você nunca contou para ninguém sobre os gritos?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Não. Não se minha mãe não entrar nessa conta. Nem meu psiquiatra.

— Mães e psiquiatras nunca entram na conta — digo, lambendo uma gota de molho picante que escorre pelo polegar, e pergunto a mim mesmo quais dos segredos de Dylan devo contar. Escolho um aleatoriamente, que serve para a ocasião, mas quando abro a boca para falar algo sai de forma inesperada.

— Eu tive um irmão.

Pisco. De onde surgiu isso? Não pensava em Nicolau há séculos. Se fosse perguntado ao meu eu Mercenário se tive um irmão, acho que não saberia a resposta com certeza. Certamente não me importaria. Mas agora, pensar no garoto faz com que a comida fique entalada em minha garganta.

— Sério? — pergunta Ariel. — Não sabia disso.

Espero um momento, verificando as lembranças de Dylan, me certificando de que minha história não entre em conflito com qualquer fato que Ariel possa conhecer. Não. O pai de Dylan só se mudou para Solvang quando Dylan estava no segundo ano da



escola, e desde então Dylan e Ariel conversaram pouquíssimas vezes. Com certeza não dividiram segredos de família. Não vejo problema em falar de Nicolau para Ariel, embora não tenha ideia de por que quero fazer isso.

Acho que é porque simplesmente quero contar a alguém. Antes que seja tarde demais. Nunca falei sobre meu irmão para ninguém, nem mesmo para Julieta. Quando a conheci, Nicolau já estava morto há dez anos, e aprendi a fingir que não sentia falta dele como se fosse uma parte integrante e necessária do meu ser que foi arrancada de mim.

— Sério. — Olho para a espuma das ondas do mar, sem ter certeza se consigo olhar nos olhos de Ariel enquanto lhe conto essa história antiga, que subitamente parece tão recente. — Ele era meu irmão gêmeo. Faleceu quando tínhamos 5 anos.

— Sinto muito. — Suas mãos geladas encontram as minhas. — O que aconteceu?

— Ele teve uma febre. — Fecho os olhos, juro que posso vê-lo, posso ver a aparência dele no final, o rosto avermelhado, olhar inexpressivo e a conversa sobre monstros que ninguém mais podia ver. — Nada conseguiu fazer com que ele melhorasse. Morreu em dois dias.

Ela aperta minha mão e diz:

— Qual era o nome dele?



— Nicolau — digo, suspirando. É tão incrivelmente difícil dizer o nome dele em voz alta. Como posso tê-lo esquecido, como pude trair sua memória por tanto tempo?

— Como ele era? — ela pergunta, como se soubesse o quanto preciso falar sobre ele.

— Ele era incrível, o preferido do meu pai. Éramos ambos tão pequenos, mas muito cedo estava claro quem seria o melhor irmão. Nicolau era brilhante e bom. Mesmo quando não havia ninguém por perto... — Mordo a bochecha por dentro, me recusando a perder o controle. — Ele me dava sua sobremesa sempre que eu pedia, e me deixava montar em nosso pônei antes dele mesmo sabendo que o animal me odiava. Eu afundava demais os pés e puxava a crina de Nissi. Ele só me aguentava porque adorava o Nicolau. — Faço uma pausa antes de acrescentar o mais próximo que consigo de um tom de brincadeira. — Meu pai e aquele cavalo tinham muito em comum.

— Então as coisas pioraram depois? — ela pergunta. — Com seu pai?

Faço que sim com a cabeça.

— Ele me odiava. Por estar vivo, quando eu é que deveria ter morrido. — Respiro profundamente e solto o ar bem devagar. Queria poder contar mais sobre a frieza de meu pai em relação à minha mãe depois da morte de Nicolau, como se ela também fosse culpada. Queria poder contar a ela, agora, como, depois de uma década de crueldade do meu pai, minha mãe se tornou uma



sombra do que era antes, como ela morreu no dia em que fui banido, como meu pai também me culpou por isso.

Mas não posso. Esses são aspectos da minha história que não combinam com a vida de Dylan Stroud. E há verdades dolorosas demais para serem ditas.

Ficamos em silêncio por um momento, ambos olhando o mar e os pássaros brancos que se agitam para todos os lados em meio ao vento salobro. Finalmente, ela sussurra:

— Sinto muito.

— Não vai me dizer que sou louco? Que meu pai não me queria morto no lugar de meu irmão?

— Pode ser que você seja louco — responde, colocando a caixa de tacos no chão, sem nem ter tocado no segundo taco que lhe pertencia. Jogo o que sobrou do meu na caixa ao lado da dela. — Quer dizer, sei que subestimei o amor de minha mãe por mim, então gostaria de pensar assim, mas ouvi algumas coisas sobre seu pai.

O pai de Dylan era um bêbado que gostava de brigar, mas eu cuidaria dele do meu jeito. Dylan tem algumas boas lembranças do pai: viagens para a praia quando era pequeno, cervejas divididas no sofá assistindo à Copa Stanley de hóquei, o aniversário de 16 anos, quando o pai deu a ele um carro e a liberdade que sabia ser desejada por Dylan. Meu próprio pai, ele, sim, era simplesmente brutal.



Ele me ensinou a lutar quase me matando com sua espada. Ele me ensinou a sobreviver aprendendo a mentir rapidamente, a dizer o que quer que ele quisesse ouvir antes de me deixar de castigo em meu quarto por um dia, ou mais, com ordens que proibiam minha mãe ou os criados de me levarem comida. Ele me ensinou que o inferno pode ser um lugar na terra, e, o demônio, um homem de espessa barba castanha e olhos que saboreavam minha dor.

Eu amava Julieta, mas mentiria se dissesse que o fato de ela ser filha do inimigo jurado de meu pai não fora parte da razão de eu ter me apaixonado tão rapidamente por ela. Sabia que ao me casar com uma Capuleto, deixaria meu pai ensandecido. Julieta e eu fantasiávamos sobre como sua mãe distante e meu pai insano iam cair mortos pelo choque da descoberta do que havíamos feito. Imaginávamos como a vida seria melhor com apenas o pai de Julieta vivo e com a cura do coração de minha mãe depois que eu me tornasse o novo senhor da propriedade da família Montecchio. Se eu não tivesse assassinado o primo de Julieta, talvez nossos sonhos tivessem se tornado realidade.

Em vez disso, traí e provei ser tão monstruoso quanto o homem que me influenciou.

— Sinto muito. Por ter falado sobre o seu pai — diz Ariel, e percebo o quanto meu silêncio foi prolongado. — Você ficou bravo?

— Claro que não — respondo, chacoalhando os ombros. — As notícias se espalham nas cidades pequenas.



— É verdade — ela diz, chegando mais perto, me dando um beijo no rosto e sussurrando. — Quando precisar se distanciar, pode vir para minha casa. A qualquer hora. Não importa o motivo.

Antes que consiga impedir, as lágrimas marejam meus olhos. É apenas um gesto simples de bondade, mas parece muito mais. É como se aquecer depois de sentir muito frio. É uma prova de que Ariel é a pessoa que vejo quando olho para ela, uma pessoa boa. A Embaixadora está errada. Essa garota jamais será perversa. Nunca.

Olho para ela, cheio de uma emoção que não sei nomear. Gratidão? Respeito? Afinidade? Abro a boca, mas não consigo pensar em palavras que expressem o que sinto por ela. Algo real. Por mais impossível que pareça.

— Você está chorando? — Ela arregala os olhos. — Sinto tanto. Não queria...

— Não sinta. — Pego o rosto dela em minhas mãos e a trago para perto de mim, beijando-a com todo o sentimento que não consigo nomear.

Minha língua penetra em seus lábios e sinto o molho picante e algo encorpado e doce, que é o sabor de Ariel, e então vou além do paladar, do olfato e até mesmo do toque. Ela envolve os braços em meu pescoço, me abraçando com força, e juro sentir minha alma roçar na dela. Extrapolo todos os limites do corpo de Dylan até me transformar nas ondas que quebram no mar, no sol que brilha nos cabelos de Ariel, no vento que sopra em nossa pele. Sou



tudo e nada, e existo apenas porque sinto seu coração contra o meu.

Meu peito fica insuportavelmente apertado e por um momento ofegante quando Ariel movimenta as pernas para se sentar em meu colo. Sinto que vou morrer pela beleza de estar tão perto dela, dos seus dedos em meus cabelos, seu peso se acomodando sobre o meu, seus lábios se movendo em minha boca, e minha pulsação é tão forte que salta para fora da pele.

— Meu Deus, eu te amo — sussurro, e caio de volta ao meu corpo de forma tão repentina que perco o fôlego. Não sei o que é mais chocante: ter clamado por um deus em que não acredito ou a mentira que parecia estar muito mais próxima da verdade.

Pelo menos no momento, amo. Agora, olhando para ela, observo a desconfiança fazer o rubor desaparecer em seu rosto, tenho a nítida consciência da minha decepção. Tenho algum tipo de sentimento terno por ela, mas não a amo. Não amo nada, não da forma que uma pessoa ama. Sou uma criatura egoísta, amarga, nefasta, tentando salvar a própria pele. O que quer que esteja sentindo, é indubitavelmente fruto do egoísmo e do medo, misturados a uma dose substancial de luxúria. E Ariel é esperta demais para acreditar na minha mentira.

Ela sai do meu colo, esfregando as mãos nos lábios para apagar o meu gosto. Sacode os cabelos ao redor dos ombros e abaixa o queixo, fechando uma cortina entre nós com os punhos cerrados em seu colo.



Praguejo contra mim mesmo em minha mente. Deveria ter esperado, deveria ter ido com mais cuidado na progressão do nosso falso romance. Agora posso ter arruinado tudo, tudo por causa do prazer que sobrepujou meu propósito. Sou como um garoto sem o controle de seus hormônios, devastado por um beijo.

— Por que você está fazendo isso? — Ela arqueia os ombros e por um segundo acho que vai chorar. Em vez disso, quando suas palavras saem, são frias e afiadas, e podem até me cortar se ouvi-las bem de perto. — Por que foi à minha casa hoje de manhã? Por que estamos aqui? O que você quer?

— Quero ficar com você.

— Por quê? Por que agora? — Ela olha para cima e me pega ofegante novamente.

Ela é tão... Ela mesma. Olhei para esse rosto por horas quando Julieta habitava o corpo de Ariel, mas ela parece outra pessoa agora. Nunca percebi quanta diferença uma alma pode fazer, embora devesse. Não importava qual corpo habitasse, sempre sabia onde Julieta estava ao vê-la. Não precisava ver a luz dourada ao redor de sua aura para apontar minha antiga amada no meio da multidão. Estou começando a achar que o mesmo aconteceria com Ariel; mesmo que ela me olhasse com olhos diferentes, eu a reconheceria.

E tenho um pouco de medo dela, mesmo que meu futuro não esteja em suas mãos. Há algo nela que me faz sentir que não sou tão esperto quanto creio ser. Essa garota... Mexe comigo.



— Por quê? — ela pergunta incisivamente outra vez.

— Porque eu gosto de você. — Gosto mesmo. Gosto dela. Gosto do jeito como ela me beija no rosto de maneira tão suave num momento e me encurrala com seu olhar vivo em outro. Gosto do jeito que ela me deixa pensando que é uma pessoa frágil, que precisa de proteção, e depois se transforma e me envolve com sua risada eufórica e uma tristeza imprecisa.

— Não foi isso que você disse — ela sussurra.

— Eu sei. — Pego um guardanapo, procurando ganhar tempo ao limpar meus dedos enquanto penso no que dizer. Preciso de uma bela mentira, mas a única coisa que sai de mim é a verdade. — Gosto muito de beijá-la. Meus lábios se deixaram levar.

— Então você não me ama?

— Talvez não. Não sei, eu... Eu nunca me senti assim antes. — Nossos olhares se encontram e tento entender se a história do amante confuso está me devolvendo sua confiança, mas a vejo me analisando com intensidade e eu luto contra o desejo de me esquivar. — E você?

— O que tem eu? — ela pergunta, tão desconfiada quanto ontem à noite no parquinho.

Merda. Molho os lábios e tento rir, mas não consigo e acabo encobrindo meu embaraço dando de ombros.

— Nada. Deixa para lá — digo, forçando um sorriso. — Só queria saber se você vai comigo ao baile na sexta-feira.



Agora quem pisca é ela.

— Você quer ir ao baile?

— Quero ir ao baile com você — eu a corrijo. — Pode ser divertido, não pode?

— Mas achei que você... — Ela me analisa a fundo. — Ouvi você conversando com o Jason no ensaio. Achei que vocês dois iam sair logo depois do seu solo. Você não tem um show com a banda nesse dia?

— Eu posso cancelar. Se, você sabe... — Olho para ela, mas ela não dá sinal nenhum se estou no caminho certo. Respiro fundo e continuo, sem saber mais o que fazer. — Ficaria feliz em cancelar se você me aguentar pisando no seu pé uma noite inteira.

Ela estreita os olhos.

— Isso não tem nada a ver com Carrie, a estranha, tem?

— Quem? — Carrie? Procuro nas lembranças de Dylan, mas não encontro informação nenhuma sobre uma garota chamada Carrie. Mas ele teve muitos encontros casuais. Há uma chance de ter ficado com essa Carrie e não se lembrar do nome. Merda de novo. Balanço a cabeça negativamente, não tendo escolha a não ser confessar minha ignorância. — Não conheço nenhuma Carrie. Ela é sua amiga?

— Não, ela é... Você não sabe mesmo quem é Carrie? — Seus finos lábios se retorcem. Estou tão feliz com seu sorriso que nem me importo de ser a fonte do seu divertimento.



— Não.

— Carrie — ela repete, como se isso fosse me fazer lembrar. — Sabe, o livro de Stephen King sobre uma garota esquisita que vai a um baile com um garoto bonito, mas tudo não passa de uma pegadinha e a turma popular da escola derrama sangue nela e ela acaba matando todo mundo com o poder da mente?

— Nunca li.

— Mesmo?

— Faz muito tempo que parei de ler. — Há duzentos anos, quando minha habilidade de demonstrar empatia com a condição humana se deteriorou a ponto de não mais entender por que os personagens tomavam tais decisões, nem por que deveria me importar com o fato de que viveriam, ou morreriam, ou encontrariam seus finais felizes. Para mim, a felicidade foi um raio que caiu antes que um recém-convertido a Mercenário ferisse sua amada com um punhal; foi aquele momento brilhante de quando ainda não era a criatura mais sofrida da sala.

— Mas parece legal — digo, afastando as velhas lembranças. Não há nada que possa fazer para mudar meu passado. Viver nele foi um desperdício de tempo.

— É legal, triste mas legal — ela diz. — Virou filme também. Tenho lá em casa. Assisto com a minha mãe todos os anos no Dia das Bruxas. Posso emprestar para você, se quiser.

— Vamos assistir agora? — digo, pegando a caixa de tacos e o lixo jogado dentro dela. — Ainda temos um tempo antes de a sua



mãe voltar. — Me levanto, mas Ariel fica sentada, olhando para mim como se estivesse confusa. — Que foi?

— Você nunca respondeu à minha pergunta — ela diz.

— Você nunca respondeu à minha e eu perguntei primeiro.

Ela passa a língua nos lábios, depois os morde. Por um segundo, acho que vai dizer que não, e um desapontamento inesperado toma conta de mim. Perguntei aquilo para desviar a atenção da nossa conversa sobre o amor, mas não posso negar que gosto da ideia de dançar no escurinho com ela. Seria um jeito legal de passar as últimas horas antes de deixar meu corpo emprestado.

— Tá — ela diz.

— Isso é um sim?

— Sim. Vou ao baile com você — ela responde. — Mas se for uma brincadeira, juro, eu…

— Não é brincadeira. — Fico de joelhos ao lado dela e olho fundo em seus olhos, me certificando de que não há como fugir da verdade que estou prestes a dizer. — Você não é uma aberração. Você é bonita, inteligente e alguém muito agradável de se estar por perto. Quando não está brava comigo, claro.

Ela revira os olhos.

— Certo, mas você…

— Não sou uma das celebridades — digo, me recusando a deixá-la me interromper. — Sou o bobão do coral que se veste muito de preto e dirige um carro capenga.



— Ninguém acha que você é um bobão.

— Não, acham que sou um bad boy com um pai que me bate e o líder de uma banda chamada Demon Biscuit. E a ideia do nome foi minha. Achei que fosse legal — digo, sorrindo com a risada dela. — Sou uma aberração muito maior do que você jamais será. Honestamente, não sei por que a humanidade não me deixa no ostracismo.

— Eu sei. Você tem autoconfiança, é ótimo cantor... E o garoto mais atraente da escola.

Me sento novamente, a necessidade de estar ao lado dela é uma compulsão a que não consigo resistir. — Você me acha atraente?

— Dãã... — ela sussurra e depois enrubesce. — Você tem um beijo espetacular.

— É preciso beijar bem para conhecer quem beija bem.

— Certo. — Sinto sua risada em meus lábios e eu sinto dor, mas não fecho a distância entre nós. A única coisa melhor do que beijar Ariel é esperar para beijá-la, esses momentos de deliciosa ansiedade quando sei que ela está prestes a se aproximar de mim, me esvaziando de tudo, menos da luz e do desejo. — Não tenho experiência em beijar. — Seus cílios se espalham pela face cor-de-rosa e resisto ao desejo de beijar suas pálpebras. Quero beijá-la por inteiro, sentir cada centímetro de sua pele, memorizar cada pedaço e curva de seu corpo. — Ontem à noite dei meu primeiro beijo.



— Esse é o seu “Jogo da Verdade”? — Ela faz que sim com a cabeça, então levo minha mão aos seus cabelos, entrelaçando um cacho em meus dedos, maravilhado pela maciez. — Então, é minha vez novamente. — Ela inclina a cabeça, um convite silencioso para que a beije. Levo minha boca para perto da dela, parando apenas um pouco antes de nos tocarmos para sussurrar minha mentira contra seus lábios. — Não me importo se nunca mais beijar outra pessoa — digo sem sentir culpa, sabendo que a deixarei feliz. — Você é…

— O quê? — ela sussurra.

— Uma revelação. — Em parte não é mentira. Ela é uma revelação.

Quando ela me beija, sinto a verdade, a beleza e todas as coisas boas as quais tinha certeza de que não estavam ao meu alcance. Mas estão quando estou com ela. Com ela, sou melhor. Ainda não sou bom, mas estou longe de ser mau. Enlaço meus braços na sua cintura e a trago para perto de mim. Pela primeira vez, me pergunto se talvez… Se tivesse tempo e chance…

Talvez eu pudesse realmente ser digno do amor dela.



Intermezzo 2

Verona, 1304

Julieta

Os pesadelos arrancam minha sanidade com pequenas garras demoníacas, mesmo assim tenho de lutar para continuar dormindo. Eu luto, mas mesmo em meus sonhos consigo sentir o aroma do doce, velho e mineral perfume da salvação. Água. Água.

Acordo com um sobressalto que dispara agonia por todos os meus músculos enrijecidos.

O mundo dentro da tumba ainda é negro como piche e meus ossos doloridos gemem quando viro para o lado direito da minha prisão, mas não deixo o medo e a dor me distraírem. Estico a mão, com os dedos trêmulos encontro um veio de água que pinga pelo mármore, e levo minha boca à pedra. Estou tão fraca, minha alma presa se agarra à minha carne por tênues fios que rapidamente se desatam, mas a água é uma inspiração para lutar.

Corro a língua pela pedra e sinto o sabor da esperança. Curvo os lábios e sorvo, gananciosa e desavergonhada, até que o silêncio de fora da minha cova é quebrado com uma risada vinda de perto da fonte revigorante da água que bebo.



Revigorante... Se o frei não a tivesse envenenado.

Escondo-me no canto mais distante da tumba, pressionando as mãos contra a boca, sufocando o grito que cresce dentro de mim. Levo as pernas ao peito, arranhando os joelhos ao me mover. Só tenho espaço necessário para ficar na posição fetal, para procurar proteção da forma mais primitiva e indefesa do ser humano.

— Julieta? — Meu nome parece algo sujo quando ele o pronuncia. Sua maldade permeia a lápide, lavando meu corpo com um óleo que me faz tremer. — Fale comigo, querida. Deixe-me saber se está bem.

Escondo a cabeça, aperto os olhos e rezo para dormir. Mas o sono é algo bem distante de mim agora. A água faz com que coisas se movam em minha mente, sei que não irão parar.

— Pensei que você estivesse com sede. Tentei mover a pedra, mas é pesada demais para mim — ele diz. — Devemos esperar por Romeu.

Romeu. Na primeira vez que vivi esse dia, o frei me arrancou da cova para testemunhar o corpo de Romeu, aparentemente sem vida, cair no chão no meio da cova. O frei disse que o mensageiro se perdeu pelo caminho e nunca entregou a carta a Romeu. Romeu não sabia do plano de fingirmos a minha morte, e presumiu que eu realmente tinha preferido ingerir veneno, em vez de me casar com Páris. Por isso ele também tomou veneno e tombou morto no chão frio.



Lembro-me da raiva, da dor, do sofrimento e da impotência que senti. Lembro-me de como o mundo me pareceu vazio sem a luz do meu amor, de como foi fácil tomar a decisão, de como ele tirou suavemente o punhal de sua veste. Enfiei a lâmina em meu peito sem a menor hesitação, a agonia do meu coração fazia explodir dentro de mim uma bênção cruel. Além do que, a morte parecia ser a única escolha.

Mas agora...

Será que o plano deles continua o mesmo? Romeu se fingindo de morto e me enganando para que eu cometa suicídio? Se for, por que o frei está aqui agora? Por que finge não ter forças para mover a pedra? Ele é um Mercenário. Tem força para arrancar o sarcófago inteiro do chão. Então, por que...

— Julieta. Por favor, sei que está acordada. Ouço você chorar. — Mordo a língua para fazer parar o choro que não percebi estar me escapando. — Temo por você, minha menina. Temo que sua mente tenha se abalado com esse terrível erro que cometemos.

Levo a mão à pele descamada dos meus lábios, a pontada que sinto ao puxar o pedaço de pele morta ajuda a me concentrar diante do medo. O plano deve ter mudado. Ele e Romeu tramaram algo diferente. Mas, desta vez, estarei pronto para eles. Não vou calada. Não vou de jeito nenhum. Viverei para trazer toda a bondade que puder ao mundo. É isso que Ben ia querer. Ben, que nunca matou nem enganou, que me amou tanto em tão pouco tempo, que guardarei em meu coração quando o terror ameaçar me dominar.



Imagino seu rosto em frente ao meu e finjo olhar nos olhos dele quando sussurro:

— Estou acordada. — Minha voz é rouca, mas o frei me ouve. Sei que ouve.

— Julieta?

Quem mais poderia ser, monstro? Quantas outras garotas você enterrou vivas nessa semana? Cravo as unhas na palma das mãos e deixo escapar um suspiro trêmulo, chocada por as palavras saírem tão rapidamente da minha boca.

Não posso deixá-lo perceber que sei o que ele é. Devo deixá-lo supor que ainda sou uma jovem inocente e ele é o confessor em que confio muito. Em meu benefício, devo usar a ignorância dele sobre minha verdadeira experiência. É minha única arma e minha única esperança.

— Sim, padre — digo, tremendo. — Estou com tanto medo!

— Não tenha medo, minha criança. Estou aqui. Ficarei com você para assegurar que saia desse sofrimento — ele diz as palavras certas, mas sinto um tom de cautela. Ele sente que há alguma coisa errada, dá para notar.

Não sou mais Embaixadora, mas ainda há algo sobrenatural dentro de mim, uma parte que se lembra de como é ter a magia de outra pessoa latejando em meu corpo, me cutucando, espetando e procurando pelas respostas que procura sem a minha permissão. Aperto meus joelhos ainda mais, me imagino como uma semente dentro de uma casca que protege os segredos dentro de mim.



— Por favor — choramingo, tentando não pensar em nada além do que pensei na primeira vez em que estive aqui, um tom de terror em minha farsa trará cor a minha voz. — Me tira daqui, por favor.

— Não consigo. Não tenho força o suficiente. Mas Romeu vai ajudar. Ele deve vir logo. A menos que…

— A menos que o quê? — Choro, sentindo meu coração acelerar. O que quer que ele diga em seguida será a minha deixa para evitar a morte na tumba uma segunda vez.

— Você se comunicou com ele, Julieta? Depois que te dei o remédio para dormir?

— Não — respondo, sem hesitar um segundo sequer. É a verdade. Não falei com ninguém depois da minha última confissão com o frei. Fui para o meu quarto, vesti a camisola azul usada no dia em que me casei com Romeu, fiz minhas preces, que pediam por uma longa vida com meu amor, e tomei o veneno.

O frei resmunga. Um som de pavor? Descrença?

— Não falei. Juro. O que será que aconteceu? Será que ele está bem? — pergunto, sabendo que o bem-estar de Romeu não ocupava espaço nenhum em minha mente, mesmo agora, quando sou eu quem está enterrada viva.

Depois de uma breve pausa, o frei diz:

— Não sei. Íamos nos encontrar ao pôr do sol na estrada próxima à Verona. Mas, quando cheguei, ele não estava lá.



— Como? — É uma mentira, não é?

— Esperei por várias horas — ele prossegue. — Mas Romeu não apareceu. Perguntei por ele na taverna e na praça em que seus amigos sempre se reúnem, mas ninguém sabia de nada. Mandei um segundo mensageiro para onde ele disse que estaria escondido, ordenando que viesse diretamente ao túmulo da família Capuleto, mas já faz várias horas, e temo que algo tenha acontecido ao garoto.

— Ah, não! Não! — Afundo meu rosto nas mãos, as lágrimas rolam com facilidade. Meu corpo e minha mente estão fragilizados, e tenho muitos motivos para chorar, embora não me importe que Romeu tenha abandonado o frei.

Se Romeu caiu em si nessa nova versão do passado e abandonou os Mercenários, é melhor para todos. Para todos, menos para mim. Mas vou arrumar um jeito de fugir. Devo. Porque mesmo que Romeu tenha fugido e a missão do frei de agregar mais um seguidor Mercenário tenha fracassado, ele não vai me libertar. Ele me deixará aqui. Para seu próprio deleite, se não por outro motivo.

— Sinto muito, menina. Mas ainda devemos ter esperança. Talvez...

— Não. Não há esperança — digo, sentindo o tom de amargura em minha voz. Meu plano está elaborado pela metade e é impulsivo, mas não há tempo para ficar imaginando o que aconteceu com Romeu. — Ele sumiu. Está arrependido de ter se casado comigo. Ele mesmo me disse isso no dia seguinte depois



que... Na manhã em que... — Caio em prantos, chorando histericamente. Quase não há mais água em meu corpo, mas não deixo que isso me impeça. Choro por ter sido traída, por ter sido violada da pior forma que um amante pode violar o outro. Choro como se Romeu tivesse roubado meu coração e o atirado na beira da estrada, como algo de valor tão insignificante que não é digno do espaço que ocupa em seu alforje.

— Calma, calma, minha menina. Com certeza você está enganada. Romeu a ama. Verdadeiramente. De corpo e alma.

— Não, ele não está pronto para o casamento. Ele mesmo me confessou — digo, chorando. — Achei que ele fosse cair em si quando viu que estava disposta a tentar me matar para me manter fiel aos nossos votos, mas...

— Isso é verdade, Julieta?

— É — emito um som de desespero, um pouco grito, um pouco choro, de dor. — E queria poder matá-lo por isso!

Caio em prantos de novo, mas de forma mais tranquila dessa vez, me esforçando para ouvir a resposta do frei, imaginando se já mordeu a isca. Ele adulava Romeu, acreditando que fosse o mais disposto a matar dentre nós dois. Mas eu também poderia servir ao seu propósito: se estou disposta a matar minha alma gêmea, a assassinar Romeu e jurar a mim mesma aos Mercenários.

Para que eu faça isso, ele tem de me soltar. E, quando ele me soltar, encontrarei um caminho seguro. Sei que vou conseguir.



Se ficar cercada por pessoas, ele não terá oportunidade de me matar. Mercenários não se revelam em um lugar público. Preferem conduzir seus negócios, e sua tortura, de maneira privada.

— É pecado até mesmo pensar em coisas desse tipo — ele acaba dizendo.

— Não me importo. — Procuro usar o tom mais apaixonado possível, apesar de meu corpo tremer de exaustão. — Não mesmo!

— Julieta, se acalme. Você vai se machucar.

— Não. É ele que eu desejo machucar. Encontre alguém para erguer a pedra. Vou procurá-lo por toda parte e...

— Silêncio. — O ódio repentino em sua voz me faz hesitar. — Sinto você, menina. Sinto suas mentiras.

Minha pele fica gélida.

— Co... Como?

— Onde ele está? Você sabe onde ele está! — grita o frei. — E se você quer viver para ver mais um nascer do Sol, vai ter de me contar. Agora! Meus músculos se contraem, desejando poder me infiltrar por debaixo da pedra e desaparecer. Pois não tenho nada a dizer a ele, nada além do rascunho de um sonho que ameaça desaparecer por completo se examiná-lo perto demais.

Mas é tudo que tenho. Minha única chance.

Então, faço mais uma confissão ao padre das trevas.



— Vi Romeu em uma visão — sussurro. — Ele traiu você. A Enfermeira o transformou num Embaixador



Dez

Ariel

Estou metade acordada, metade dormindo, flutuando naquele limbo em que se está acordada o suficiente para saber que está dormindo, mas sonolenta o suficiente para que o sonho pareça real. Estou com o belo rapaz da colina novamente. Desta vez, estamos sozinhos, deitados lado a lado, de mãos dadas, pernas nuas enroscadas na relva que pinica. O Sol aquece nossa face e o ar é doce e fresco, e estou tão feliz que não sei se dá para ser mais feliz. Quero ficar aqui para sempre, nesta colina, nosso pedacinho de céu.

Ou de inferno.

O homem que usa um manto, cujos dedos sanguinolentos e gigantescos passam pela minha mente. Lembro-me da forma como o chão se abriu e o rapaz foi jogado. O medo tenta se sobrepor à bênção. Sei que deveria avisá-lo, mas meus lábios não se movem. Estou paralisada, hipnotizada por sentir seus pés enroscados às



minhas pernas. Nunca toquei outra pessoa dessa forma, tão à vontade e relaxada, mas ao mesmo tempo tão sensual.

Pergunto-me se essa é a sensação de se ter um amante, e meu estômago se revira.

Digo a mim mesma que são apenas um pé e uma perna, nada de mais, mas meu corpo não me ouve. Minha pele cantarola e me derreto por dentro quando o polegar dele desliza pela minha mão. Seguro o fôlego, rezando para que ele fique em cima de mim e me beije, me pressionando contra a relva com o peso de seu corpo até que estejamos ainda mais entrelaçados um ao outro, e me esqueça de que coisas aterrorizantes existem.

— Adoro estar com você — sussurro. — Nunca quero te deixar.

— Eu amo você. — As palavras me fazem olhar para ele. Quando olho, não estou surpresa por ver os olhos de Dylan no rosto do rapaz. Minha mente mistura os dois. A mão do rapaz também parece a de Dylan e sua voz tem o mesmo murmúrio rouco. — Eu amo, sabia? Mesmo que eu ainda não saiba disso.

Sorrio e digo:

— Você é um sonho.

— Sou? — ele pergunta com um brilho nos olhos. — Talvez o sonho seja você.

— Não me importo de quem seja o sonho, contanto que nunca tenhamos de acordar.



— Concordo — ele me diz, lançando um olhar que me dá calafrios e subitamente percebo que não posso mais esperar que ele venha até mim. Viro de lado, meu cabelo se espalha pelo seu rosto e encontro seus lábios. Beijo-o e ele geme em minha boca, apertando meu quadril, me fazendo desejar ter coragem para deixar o desejo que sinto quando ele me toca guiar o caminho. Quero tirar meu vestido cinza enquanto ele olha para mim de onde está e decide que parte de mim ele vai...

— Ariel? Você está acordada? — Uma voz distante ecoa pela colina.

O sonho desaparece. A relva e o Sol somem, e há somente a escuridão em meus olhos. Espero sentir tristeza por ter deixado o rapaz, mas é difícil me sentir triste quando estou tão quente, meu sangue corre tão rápido e quero acordar para encontrar os lábios de Dylan nos meus.

Ou acho que os meus lábios estão nos dele.

Ele está deitado no sofá e estou quase em cima dele, pernas enlaçadas, sua mão nas minhas costas, minha mão deslizando por debaixo da sua camisa. Sinto sua pele contra meus dedos e interrompo o beijo com minha respiração hesitante. A sala está escura e está bem perto dos créditos no final do filme Carrie, a estranha. Acho que pegamos no sono.

— Você está...

— Sim — sussurro. — Estou acordada.

— Mas não estava um segundo atrás.



Tiro minha mão dele, meu rosto está tão quente que tenho medo de que pegue fogo.

— Não estava.

Ele sorri.

— Você me deu um beijo sonâmbulo.

— Acho que sim. — Estou hiperconsciente da nossa proximidade, mas não sei como me afastar de forma elegante. Se ao menos eu tivesse mais experiência de acordar em cima de um rapaz bonito. Ou mais experiência de estar tão próxima de um membro do sexo oposto, ponto final.

— Eu sei — ele diz. — Eu não parava de te chamar e você não respondia, e então...

— E então o quê?

— Nada. — Ele dá de ombros. — Não é nada de mais.

— Me conta ou vou ficar com mais vergonha.

— Você não tem de ter vergonha. — Ele envolve os braços ao redor da minha cintura, me segurando firme quando tento me afastar. Relaxo. A sensação é muito boa para resistir e, o que é estranho, há uma inesperada familiaridade. Somos compatíveis, Dylan e eu.

— Por favor, quero saber.

— Você me mordeu — ele diz num tom rouco. — De leve. No pescoço.



— Aimeudeus. — Olho para ver a leve marca de meus dentes em sua pele e a vergonha me tira o fôlego. Ou talvez seja a forma que ele me olha com aquela luz nos olhos dizendo não ser eu a única que pensa que somos compatíveis, o que me faz perder o fôlego. — Sinto muito.

— Eu não — ele retruca, enquanto suas mãos deslizam por debaixo da barra da minha camisa. — Você pode me morder quando quiser.

— Você gosta de ser mordido?

— Gosto de tudo que faz comigo.

Meu Deus! Passo a língua em meus lábios.

— Estava dormindo. Nunca mordi ninguém antes.

— Então você não acha que talvez tenha tendências sádicas latentes?

Deixo escapar uma risada hesitante e as mãos dele vão da minha cintura até a base das costelas. — Você parece decepcionado — murmuro, levando minha boca para mais perto da dele.

— Bem... — O sorriso maroto faz com que meus nervos se repuxem. — Disse que gosto de brutalidade, não disse?

— Com licença? — diz uma voz chocada que vem da cozinha, matando a resposta graciosa em meus lábios. Minha mãe. Chegou. Meu Deus! — Ariel? O que está acontecendo aqui?



Espio pelo encosto do sofá e tento parecer inocente quando sutilmente desenrosco minhas pernas das de Dylan.

— Oi, mamãe. Você chegou cedo — digo, com culpa, e a forma como os braços da minha mãe se cruzam e os dedos apertam seu uniforme amarelo não é um bom sinal.

Ao meu lado, Dylan põe os pés no chão, enfia e ajeita a camiseta cinza na calça. Passa rapidamente as mãos pelo cabelo e ninguém pode dizer o que fazíamos. Se ao menos eu pudesse dizer o mesmo de mim. Sinto o desalinho dos meus cabelos, e meus lábios ainda estão quentes e inchados. Minha mãe não namora muito, mas tenho certeza de que ela se lembra da aparência de uma garota que andou dando uns beijos por aí.

Cara, isso vai ser feio. O que eu digo? Como explicar o que ela ouviu?

Respiro fundo, mas antes que eu consiga falar, Dylan se levanta e circunda o sofá, estendendo a mão.

— Olá, Sra. Dragland. Sou Dylan. Ariel e eu saímos ontem à noite. Desculpe não ter entrado antes para me apresentar à senhora.

Minha mãe aceita o cumprimento, mas não parece satisfeita com isso, pois termina o aperto de mãos após uma fração de segundo de educação.

— Me lembro de você, Dylan. Você foi aquele que embebedou minha filha e a deixou voltar para casa a pé, sozinha.



— Desculpe. É... Eu estraguei tudo — diz, abaixando a cabeça. — Fiquei preocupado quando Ariel não apareceu na escola. Por isso vim aqui, depois da aula, para ver se ela estava bem. Queria ter certeza de que estava tudo bem e me desculpar.

— E pelo visto ela te perdoou — diz a mamãe, arqueando a sobrancelha na minha direção. Fico onde estou, decidindo se vou até o outro lado da sala.

— Precisei rastejar de barriga para baixo por todo o chão da cozinha, mas valeu a pena — ele diz. — E o seu chão está um pouco mais limpo agora, então...

Ele ri, mas minha mãe não se diverte com a piada. Reúno coragem e rapidamente dou a volta pelo sofá.

— É culpa minha — digo. — Me senti sozinha depois de ficar em casa o dia todo, então pedi ao Dylan que ficasse para assistir a um filme. Estávamos assistindo Carrie, a Estranha e eu dormi.

— Parecia mesmo que estava dormindo — ela diz, me lembrando de que tenho a quem puxar minha veia sarcástica.

Abro a boca, mas não consigo dizer nada. Estou muito envergonhada. Olho para o chão e aperto os dedos dos pés no carpete, desejando estar de sapatos. Me sentiria bem menos vulnerável calçada. E talvez um suéter, e uma armadura com um campo de força que desviasse o olhar da mamãe.

— Acabamos de acordar — diz Dylan. — Não fizemos nada de errado, juro.



— Minha definição de errado e a sua podem ser diferentes, Dylan. Gostaria que você fosse embora, por favor.

— Tudo bem. — A mágoa na voz dele faz com que eu queira estrangular a minha mãe. Por que ela está fazendo isso? Na frente do primeiro rapaz que ousou pisar na casa da Aberração?

— Tudo bem se eu levar Ariel para a escola amanhã?

— Eu a levarei para a escola — diz minha mãe ao estreitar o olhar em minha direção. — Se ela estiver se sentindo bem o suficiente para ir, é claro.

— Ah... Está certo... — Dylan vai até a porta, e então se volta para minha mãe com um suspiro e diz: — Olha, sei que a senhora está brava, e sei que provavelmente nos ouviu brincando, e não era o tipo de brincadeira que uma mãe gosta de ouvir, mas eu me importo com a Ariel. De verdade.

— Tenho certeza que sim. — A condescendência na voz da minha mãe faz que meus músculos se retraiam.

Se ela continuar tratando--o como criança, vou morrer. Ou desejar morrer antes de ficar com raiva demais. Não vou dar conta de mais uma síncope hoje, não depois desse belo dia que fez com que eu sonhasse coisas que nunca ousei sonhar antes. Dylan não me acha uma aberração, ele sabe das criaturas que gritam e de todo o resto, e ainda assim me beijou e me abraçou, e agiu como se eu fosse uma pessoa normal. Talvez eu possa ser normal. Com ele.



Se a minha mãe não estragar tudo ao estabelecer a autoridade familiar na única vez em que não precisei da ajuda dela.

Em vez de recuar, Dylan se aproxima e diz:

— Sinto muito se começamos com o pé esquerdo, Sra. Dragland, mas espero que me dê uma chance para provar que sou bom para a Ariel. E prometo nunca mais magoá-la.

As sobrancelhas de minha mãe se juntam, mas ela não diz nada logo de cara. Não sei se isso é bom ou mau sinal. Geralmente suas réplicas são bem rápidas. Talvez ela esteja realmente pensando no que Dylan disse. Ou talvez esteja pensando quanto tempo levará para pegar a arma calibre 22 do meu avô, em seu armário. Perigo está estampado por todo o corpo de Dylan. Mas, em parte, é por isso que gosto dele.

Que eu mais do que gosto dele...?

Não. Mal se passou um dia desde que descobri sobre a aposta. Eu seria uma idiota se confiasse nele completamente. Mesmo ele dizendo as palavras certas, tem algo errado na maneira que as diz. Não acho que esteja mentindo, mas também não acho que esteja falando totalmente a verdade. Quero saber o que ele está escondendo. O que ele não está contando ao mesmo tempo em que se abre sobre tantas outras coisas. Hoje, sua honestidade foi dolorosa, mas mesmo a história sobre seu irmão não rompeu a muralha entre ele e a verdade.



Ainda assim, quando ele me olha, não vejo falsidade em seus olhos. Ele quer ficar comigo. E ele me quer o bastante para tentar resolver as coisas com a minha mãe, quando teria sido bem mais fácil para ele sair pela porta de cabeça baixa.

— Essa é uma promessa muito grande, Dylan — minha mãe acaba dizendo. — Especialmente para um rapaz de 17 anos.

— Eu tenho 18 anos — Dylan a corrige, com uma pitada de ousadia em seu tom brincalhão. — Nasci em dezembro.

Minha mãe não sorri.

— Você me entendeu muito bem. Às vezes, magoamos as pessoas sem intenção, especialmente quando somos jovens.

— Eu sei. Mas não falei por falar.

Minha mãe o analisa por um momento antes de fazer um único aceno afirmativo com a cabeça.

— Muito bem, mas vamos ter de combinar algumas regras. — Ela se vira para mim e diz: — Nada de companhia se você estiver doente em casa. Entendeu?

Balanço a cabeça mostrando que sim.

— Sim, mamãe. Desculpe. Mas nem pensei nisso.

— E, de agora em diante, quero você aqui à meia-noite nos finais de semana e onze horas em dias de semana — ela avisa. — Conversei com minhas colegas de trabalho e esse é o horário que estipulam para seus filhos também, então, não me diga que estou sendo injusta.



Concordo novamente, tão feliz por ela não me proibir de ver Dylan que nem paro para julgar o que é certo ou errado.

— E se a ocasião surgir — ela diz —, espero que usem métodos contraceptivos. Pílulas anticoncepcionais e camisinha, para se protegerem contra doenças.

Ai. Meu. Deus.

Fecho os olhos com força e meu coração se enruga como se fosse uma uva--passa, de tanta vergonha. Se eu não soubesse o que era passar vergonha antes, certamente sei agora. Como ela pôde dizer isso? Bem aqui, bem agora? *Na frente do Dylan?*

— Sim, senhora — Dylan balbucia. Olhando para os pés, com o rosto brilhando de rubor. Ótimo, ele também está mortificado. Lanço um olhar arregalado que pergunta à minha mãe: "O que, pelo amor de Deus, ela está fazendo?".

— Sinto muito. — Mas a forma casual como ela chacoalha os ombros me diz que não sente muito. Absolutamente. — Sou enfermeira, e acredito que certas coisas que podem afetar suas vidas para sempre devem ser ditas. Já vi várias garotas grávidas na sua idade — diz ao pendurar a bolsa no gancho da porta e tirar os sapatos, provando o quanto está à vontade para falar sobre esse assunto. Juro, acho que ela está adorando o que está fazendo com a gente. — Essas garotas estão quase sempre sozinhas e foram os garotos que prometeram não magoá-las que as deixaram assim.

Dylan olha para cima.

— Entendo.



— Não acho que entenda — diz a mamãe com as mãos na cintura. Ela não parece brava, só desinteressada, mas isso não torna a atmosfera do nosso lado da sala menos estressante. — Tive Ariel com 19 anos, mas quero que ela tenha tempo de aprender quem ela é antes que tenha de aprender a ser mãe.

— Eu também — diz Dylan num tom suave, quase sábio.

Está novamente com o olhar triste no rosto, o mesmo de quando falou sobre seu irmão. Me pergunto se está pensando nele agora. Ou, talvez, se está pensando em sua própria mãe, que, de acordo com os rumores, fugiu e deixou Dylan com o pai um pouco antes de se mudarem para cá. De qualquer forma, queria estar ao lado dele, segurando sua mão.

Então faça isso! Ele se expôs, e tudo o que você fez foi ficar aí observando.

Certo. Forço minhas pernas hesitantes a se moverem, indo até Dylan para lhe dar a mão. Ele me olha, surpreso. E então sorri, e subitamente não me sinto estranha nem envergonhada, nem mesmo insegura nem nada disso. Sejam quais forem seus segredos, Dylan precisa de mim. Talvez tanto quanto eu preciso dele. Talvez até mais.

— Então, tá. Acho que estamos todos falando a mesma língua. — Minha mãe suspira de uma forma estranha. Ergo os olhos para vê-la se recostar na soleira da porta da sala de televisão, nos observando com um leve sorriso. — Já fez a lição de casa para amanhã?



Faço que sim com a cabeça.

— Pelo que sei, sim.

— Certo, então podem ver mais um pouco de televisão se quiserem. Mas Dylan deve ir embora às dez e meia, e você vai para a cama às onze. Precisa descansar um pouco.

— Tudo bem.

— Vou para o meu quarto, mas deixarei a porta entreaberta e poderei ouvir tudo — ela diz. — Prazer em conhecê-lo, Dylan.

— O prazer é meu, Sra. Dragland. Obrigado.

Ela sorri.

— De nada.

Quando ela sai, Dylan e eu ficamos no escuro de mãos dadas, a trilha sonora da tela do menu do DVD do filme toca baixinho atrás de nós. Apesar da música assustadora, sinto uma vontade súbita de rir. Conseguimos. Sobrevivemos.

E Dylan ainda está aqui.

Mas, quando viro para ele, esperando vê-lo tão aliviado quanto eu, seu sorriso se dissipa e ele está triste novamente.

— O que houve? — pergunto.

— Estou com medo.

— De quê?

— Não quero estragar as coisas — sussurra.



— Você não estragou. Ela não está mais brava, sei disso.

— Não estou falando disso, eu... — Ele solta a mão da minha. — Não quero magoar você.

— Então, não magoe — digo, me sentindo tensa e nervosa agora que não estamos mais conectados.

— Não é tão simples assim — diz, apoiando as mãos no sofá, com os ombros arqueados. — Há coisas que fogem ao meu controle.

Ah, entendi! Devia ter percebido que essa sensação de conforto não ia durar. Amanhã estaremos de volta ao mundo real, e minha vida lá vai continuar tão porcaria como sempre foi. Mesmo assim, não há razão para Dylan se afundar comigo na lama que é a droga da minha vida.

— Isso tem a ver com a escola? — pergunto. — Porque, se tiver... Não temos de agir como, você sabe. — Ia dizer que não tínhamos de agir como se fôssemos namorados, mas nem falamos sobre isso e odeio a ideia de fingir que ele não significa nada para mim e que eu não significo nada para ele. Mordo os lábios e digo: — Quero dizer, se você está preocupado com o que seus amigos vão pensar, eu...

— Não. — Ele se vira, balançando a cabeça negativamente. — Já te disse que não estou nem aí para os meus amigos. É uma coisa que não posso te contar — diz, desviando o olhar, focando num ponto acima do meu ombro da forma que, pelo que tenho notado, ele faz quando fica nervoso. Sei muito mais sobre ele do



que sabia hoje de manhã, mas quero mais. Quero saber o que ele esconde.

— Por que não? — pergunto. — Falamos sobre várias coisas.

— Sim, mas nada desse tipo. Você vai achar... — Os olhos dele encontram os meus por um segundo, mas logo se desviam. — Não sei o que vai achar.

— Experimente — sussurro.

Ele olha para a cozinha, como se procurasse por uma resposta nos velhos armários.

— Talvez eu fale — acaba dizendo. — Mas não agora.

Me rendo, sentindo ter fracassado no teste.

— Pode me dar uma dica?

— Uma dica?

— Sim, desde que...

Desde que saiba que você não está escondendo coisas horríveis de mim. Desde que não descubra que tudo que penso sobre você está errado. Desde que eu continue me apaixonando por você e saiba que não há problema, pois, nesta altura, sei que é inevitável.

— Vou dormir melhor — digo.

— Não tenho tanta certeza disso. — Ele hesita e começo a pensar que ele deu o assunto por encerrado quando pergunta: — Você acredita em magia?



— Que tipo de magia?

— Do tipo que tem poder para mudar o futuro. Feitiço que transforma as pessoas em deuses, escravos e monstros. Esse tipo de magia. Magia de verdade.

Ele não está brincando. Dá para perceber.

— Não sei — digo, pensando seriamente no que acabou de dizer. — Sempre quis acreditar em magia, mas... — Penso em minha vida, na dor, na monotonia e na injustiça quebradas apenas pelos momentos em que estou muito entregue à arte para me importar. Penso na minha amiga desaparecida com aquele miserável rascunho de gente que ela tem de chamar de pai, e a vida doméstica complicada de Dylan, e as pessoas fechadas desta cidade que nunca deram uma chance para minha mãe se adaptar. Penso nos políticos corruptos, no aquecimento global, no egoísmo e apatia e ódio e a crescente garantia de que não há saída para um lugar melhor nesses tempos sombrios e suspiro. — Não, não acredito.

— Sério? — ele parece surpreso.

— Não vejo muitas evidências que me façam acreditar em magia.

— Você não acha a sua vida mágica?

Quase rio. Ele só pode estar de brincadeira. — Não, não acho. Tem alguma coisa em minha vida que você considera especialmente relacionada à magia?



— Mais do que você imagina.

— Como o quê?

— Mais do que posso contar a você agora — ele diz de maneira tão vaga que chega a ser frustrante. — Mas tenha certeza de uma coisa: eu acredito em magia. Sei que existe, e sei que há magia boa, mas também há magia absolutamente maligna.

O jeito como ele diz "maligna" me dá calafrios, do mesmo jeito que sinto todas as coisas ruins do mundo circulando ao meu redor, chegando cada vez mais perto de mim. Penso no meu sonho e no homem com o manto e fico arrepiada.

— Como você sabe?

— Em breve eu te conto — diz, acariciando meu rosto com um dos dedos. Até hoje de manhã, eu teria enrijecido, mas agora o toque só faz com que meu coração acelere. Ele realmente acha que sou bonita. E apenas isso basta para eu quase considerar a existência da magia. — Mas, enquanto isso, tome cuidado — ele diz. — E se conseguir evitar, não fique com raiva.

— Por quê?

— Não acho que você seja louca. — Ele inclina a cabeça, aproximando os lábios dos meus. — Acho que as coisas que você ouve são reais, são resultado de magia do mal, e estão relacionadas a seres bem perigosos.

— Não brinque — digo. — Não com isso.



— Não estou brincando. Estou falando sério. E, caso esteja certo, é mais seguro se você não chamar atenção.

Balanço a cabeça negativamente, impressionada demais para saber no que pensar, ou quais das dezenas de perguntas que correm pela minha mente devo fazer primeiro. Antes que me decida, Dylan me interrompe com um dedo em meus lábios. — Prometo que vou te contar mais, mas agora você precisa descansar.

— Você acha que vou conseguir descansar? Depois... — Levo as mãos ao ar, tentando elaborar o que ele disse. — Você me disse que sou amaldiçoada ou algo assim. Ou está brincando, ou está louco, ou...

— Ou certo. Faço uma pausa e o observo.

— Magia não existe.

— Queria que você estivesse certa.

Fico arrepiada. Estou perto demais do segredo dele. Dá para sentir.

— Como você sabe? Onde foi que Dylan Stroud aprendeu sobre magia?

— Uma pergunta melhor seria: e se eu não for Dylan Stroud?

O quê? Que diabos ele está dizendo?

— Você nunca ouviu dizer que não se deve julgar um livro pela capa? — ele pergunta. — Especialmente se todas as palavras



dentro dele são diferentes? Suas palavras entram no meu cérebro, deixando consequências perturbadoras para trás. Se eu ignorar o bom senso, quase posso ver a imagem dessas consequências se formando, como um mapa que flui para me guiar das mudanças que senti em Dylan até as razões para elas. Mas não consigo. É viajar demais. Se seguir por esse caminho... Se me permitir até mesmo levar em consideração...

— Isso é loucura — sussurro.

— Sim. Mas é algo a se pensar — diz, sorrindo. — Acha que sua mãe vai deixar eu te levar para a escola amanhã? Agora que somos todos amigos e estamos unidos pela crença no uso preventivo dos contraceptivos?

Sinto meu rosto enrubescer, a lembrança do comportamento da minha mãe me distrai por um momento. — Sim — murmuro. — Acho que sim.

— Que bom! Pego você amanhã de manhã. Às sete horas. Vamos tomar café juntos — ele diz, beijando minha testa e indo para a porta.

Por um segundo, penso em implorar para que fique, mas não imploro. Fico e o observo penetrar noite afora, imaginando qual de nós é mais maluco: ele, por me apresentar àquela insana possibilidade, ou eu, por considerar acreditar nela?



Onze

Romeu

Quando entro na garagem de Ariel, às 6h45, ela já está me esperando lá fora com a mochila nas costas.

— Você está linda hoje. — Ela veste uma camisa branca transparente, jeans escuros e longas tranças amarradas com couro nas pontas. — Como uma princesa indiana de pele bem clara.

Ela sorri.

— Obrigada. — Ela senta no banco do passageiro. — Você chegou cedo.

— Não consegui dormir. Precisava ver você de novo.

— Também não dormi — diz, fechando a porta. Saio com o carro de Dylan em direção ao centro da cidade. — Estou acordada desde as duas da manhã, trabalhando num quadro novo. Acho que vou precisar mesmo de uma boa dose de café.

— Isso é fácil de se conseguir — digo, esperando que ela toque no assunto que deve estar perturbando a sua mente.



Mas ela não fala nada sobre os avisos enigmáticos de ontem à noite. Ela comenta sobre a beleza excepcional do dia, me lembra de que a lição de casa de inglês, que eu nem me preocupei em fazer, é para hoje, e me pergunta se estou pronto para o último ensaio para a festa da primavera, depois da escola.

— Claro.

— Claro — ela ecoa revirando os olhos. — Você não está nada nervoso, está?

— Só fico nervoso quando se trata de assuntos de vida ou morte — digo e as palavras saem com um peso maior do que pretendia. Dois dias. Só mais dois dias. Dois, dois, dois, dois. Me desvio do mantra ridículo com um sorriso.— Além disso, é uma apresentação que exige pouco investimento. Uma música, subo e desço do palco em cinco minutos e terei o restante da noite para ficar com você. Vamos usar nossas próprias roupas, então nem precisa trocar de roupa depois. — Estendo a mão para diminuir o aquecedor. Com Ariel no carro, o calor aumentou subitamente. — O que me faz lembrar que... Preciso fazer compras. Que tal um passeio a um brechó hoje à tarde?

— Claro.

— Estou pensando num smoking clássico. Algo em tom pastel, se conseguir encontrar.

— Tudo bem — ela diz, sorrindo. — Parece divertido. — Em seguida pega na minha mão e não a solta até Solvang, e meu coração fica... Dilacerado.



Será que é melhor fingir jamais ter dado nenhuma dica de que sou outra alma no corpo de Dylan? A mudança em Ariel depois de apenas um dia de atenção incondicional é notável. Talvez a pressão romântica, banal, comum, será suficiente para salvar minha pele. Mas será que desta vez posso confiar num "talvez"? Quando tenho menos de 48 horas e o inferno me aguarda se eu fracassar? Ou será que devo seguir meus instintos e contar para Ariel uma versão altamente resumida, criativamente editada e amplamente falsa da minha triste história hoje à noite?

Meu íntimo diz que a alma de Romeu Montecchio, uma das mais famosas e mais trágicas histórias de amor da história, tem mais chance de vitória e conquistará o coração de Ariel, no tempo que ainda nos resta, do que Dylan Stroud. Usei minha identidade real inúmeras vezes no passado para distorcer o coração humano e trazer um Mercenário em potencial para o meu lado. É impressionante a rapidez com que um ser humano, antes perfeitamente racional, passa a acreditar no extraordinário em nome de se tornar parte de uma história de amor épica.

E a preocupação irritante permanece: o que acontecerá com Ariel quando a alma de Dylan retornar e eu não tiver contado a ela uma versão da minha verdade? Como os Embaixadores podem confiar que Ariel continuará a acreditar no amor se a pessoa que tocou seu coração voltar ao seu velho comportamento nefasto?

Sim, Dylan vai reter algumas de minhas lembranças da sedução de Ariel, menos os detalhes sobre os Embaixadores e os Mercenários, mas ele não vai amá-la. Estou fingindo me importar



para salvar minha própria pele. Por que ele vai acreditar que eu estava fingindo? Que história a mente doentia dele vai criar para preencher as lacunas por ter tido seu corpo habitado pela alma de outra pessoa? E essa história vai destruir a fé de Ariel no poder do amor?

Ou será que a fé se manterá forte e sua luz será destruída pelos Mercenários, uma vez que ela não terá mais utilidade à causa deles?

Quem se importa? Os Mercenários poderão matá-la, mas pelo menos estará livre para ter uma morte normal. Você não pode dizer o mesmo de si. Não perca a cabeça ou você começará a apodrecer antes que o Sol nasça no sábado de manhã.

— Dylan? — Ariel me chama, sacudindo gentilmente o meu braço. — Vamos tomar café?

— Sim — respondo rispidamente, depois percebo o que fiz e uso um tom mais gentil. — Sim. Não dá para encarar um dia de aprendizado de estômago vazio.

— Tudo bem — ela responde com cautela, aumentando a guarda, não deixando dúvidas de que percebeu a raiva em minha voz. — Bem, a panquequeria ficou para trás, a dois quarteirões, então...

— Achei que íamos à padaria tomar um café e comer um croissant de chocolate ou cinco. Eu pago. — Paro numa vaga disponível na rua, bem perto da padaria Moinho de Vento.



— Não, dessa vez eu pago — ela diz, hesitante. — Você já pagou o jantar e o que comemos ontem.

Faço sinal com a mão para que ela não se preocupe com isso e saio do carro para abrir a porta dela.

— Peguei um dinheiro do meu pai — digo, pegando na sua mão para ajudá-la a sair do carro. — Estou rico.

— Não vai precisar do dinheiro mais tarde? — ela pergunta ao caminharmos pela calçada. — Para o brechó?

— Não se preocupe. Está tudo sob controle. — Está mesmo. Não vou deixar o medo, nem a preocupação, nem nada mais me desviar do meu curso. Devo conquistar essa garota de qualquer jeito, da mesma forma que uma aranha pega uma mosca. E a aranha não se preocupa com o futuro da mosca; a aranha simplesmente quer sobreviver.

— Espere — diz Ariel, parando de forma abrupta na entrada da padaria, soltando seu braço do meu. — Não posso.

— Por quê? O que…

— Simplesmente não posso. Já te falei ontem que não queria vir aqui. — Ela recua quando a porta atrás de mim se abre com um som de campainha. Olho para trás e vejo precisamente o que deixou a minha mosca terrivelmente assustada.

— Ah, não! Fala sério. Já gastei os sessenta dólares. — A voz masculina bem alta é seguida de um coro de risadas masculinas ainda mais altas e maldosas. — Stroud, seu cretino.



Três caras magros e um mais baixo e mais gordinho com cabelos pretos espetados e um sorriso cruel saem da padaria. Andam pela calçada como chacais rodeiam sua presa. Fico paralisado ao encontrar os olhos sem piedade do garoto mais baixo. Jason Kim. Lembranças de suas gargalhadas, quando me torturou por ter traído os segredos dos Mercenários, se agitam dentro de mim, enchendo minha boca com um gosto de sangue e medo.

Meu criador, o frei Lourenço, habitou o corpo do garoto na primeira vez em que estive aqui. Foi por culpa dele que fui forçado a matar Julieta e seu novo amor. Ele não me deixou escolha, e depois não me deixou saída, me banindo ao espectro da minha alma, me condenando a mais sofrimento e horror.

Fecho os punhos e algo dentro de mim se transforma em veneno. E se for ele novamente? E se ele ainda estiver hospedado no corpo de Jason? Será que vai me reconhecer? E se reconhecer? O que fará? Será que vai me levar agora, me banir ao meu espectro e roubar minha segunda chance e o futuro de Ariel? Se for ele, vai tentar fazer a cabeça dela. E se ele não conseguir levá-la para sua causa, vai matá-la e não conseguirei impedi-lo.

Impotente, um cão mordendo os tornozelos daquele que verdadeiramente tem o poder.

É agora que vou contar a Ariel tudo o que for preciso para mantê-la segura. Devo fazê-la acreditar em minhas mentiras antes que mais alguém possa magoá-la. Minhas mentiras vão protegê-la.



As deles vão roubar sua alma imortal e transformá-la num monstro. Como eu.

— Por que você não me ligou ontem, cara? Achei que a Aberração tivesse cortado seu pau ou algo assim. — A voz de Jason é mais alta do que me lembrava, e o sorriso faz covinhas em suas bochechas. Bochechas macias, sem lembrança alguma da sensação de se ter um ancião do mal movimentando seus músculos. E os olhos dele são cruéis, mas não malignos.

Meu criador não está naquele corpo. Não é o frei; é só um garoto. Respiro fundo, voltando a mim e vejo que Ariel não está mais ao meu lado.

— Quinhentos dólares, mano — Jason continua falando. — É uma grana boa. Assim que todo mundo pagar, poderemos comprar amplificadores novos. — Ele estende a mão para me cumprimentar pela vitória. Olho para a palma branca e os dedos grossos, pensando que gostaria de arrancá-los, e então viro as costas para ele. Ele não é importante. Ariel é importante.

Encontro com ela no quarteirão seguinte, balançando as tranças enquanto anda. Fiquei feliz quando vi que ela prendeu o cabelo hoje e eliminou o escudo no qual se esconde. Mas ao vê-la agora, toda arqueada, arrasada e cheia de dor, não me sinto nada bem. Maldito Jason e os outros caras. Maldito Dylan.

Maldito eu!

— Ariel, espere! — Meu grito ecoa pelas vozes de Jason e os três servos, sombras patéticas chamadas Craig, Tanner e Brodie,



nomes que não significam nada para mim. Mas significam para Ariel. Posso ver sua expressão quando se vira, um misto de medo, desespero e raiva estão em seu rosto.

Aqueles garotos a trataram como um animal sub-humano, só por diversão. São eles que nunca a deixaram esquecer da pele marcada, que contaram a todos a história das suas cicatrizes e do dia em que ela molhou as calças no parquinho repetidas vezes, até fazerem dela uma lenda urbana viva de quem os alunos mais idiotas riem e os mais espertos temem.

Eles a trancaram numa gaiola invisível, com um aviso para não alimentar a Aberração, e ela os odeia por isso. Ela tem ódio deles, mas os teme, e até o prazer de liberar sua raiva lhe é negado por causa das criaturas que gritam e aparecem quando está com raiva.

É... O inferno. Eles fazem da vida de Ariel um inferno.

Eu os odeio por isso. Odeio. E é uma sensação maravilhosa: dura e quente e abençoadamente descomplicada. É isso que sei. Sentimentos de ternura e preocupação são emoções estranhas com as quais não sei lidar. Mas sei exatamente o que fazer com o ódio.

Giro o punho e o ergo num ângulo perfeito, meus séculos como traficante de violência e derramamento de sangue me serviram bem. Acerto o ruivo Craig bem na boca, com uma bela pancada, e o garoto de camisa de flanela verde (Tanner ou Brodie, nem me importo em procurar nas lembranças de Dylan para saber quem é) bem em cima da orelha esquerda. O garoto geme de dor e



alguém do outro lado da rua grita para que a briga pare, nem me dou conta.

É um momento perfeito, mágico.

As trevas, que eram companhia constante na minha vida de Mercenário, emergem, uma amiga que acolho de braços abertos e punhos cerrados. Saio correndo e desfiro dois socos nas costas do terceiro garoto, que também corre, pá, pá, bem acima dos rins, onde sei que dói demais. Ele cai no chão, gemendo, se retorcendo; viro para procurar por Jason com um sorriso no rosto. Esse me trará um prazer especial, um prazer de deixar marcas na pele e esmagar os dentes.

Só levo um minuto para encontrá-lo. Ele não teve o bom senso de sair correndo pela rua. Em vez disso, se acovarda na porta de entrada de uma loja fechada mais adiante, se esconde, talvez até...

— Não me diga que você estava chorando — grito ao correr atrás dele pela calçada. Olho nos olhos de Ariel por um momento e vejo uma ruga sutil em seus lábios e a coluna ereta, o que aumenta ainda mais minha satisfação. Eu a agradei, eu a defendi. Agora ela vai me amar, vai me salvar. Ela tem de me amar! — Você devia ter vergonha de ser assim — resmungo. — Seu canalha...

Sinto a mão de alguém segurar meu cotovelo. Me viro de punho cerrado, esperando encontrar um dos outros garotos que vieram procurar mais briga. Em vez disso, vejo um fantasma.

Meu braço cai com tudo e meu rosto expressa o choque.



Não, não é um fantasma. Ele está vivo. Os seus dedos estão quentes em minha pele, os olhos estão cheios de raiva, posso sentir sua respiração antes mesmo de ele dizer.

— Chega, cara.

— Benvólio? — resmungo, sentindo a descrença apertar minha garganta. Como pode ser? Como? Meu primo morreu há séculos.

Mas, apesar das roupas modernas (jeans e camiseta preta), não há dúvida de que ele é o Benvólio e não um sósia do século XXI. Conheço meu primo. Cresci com ele, passei quinze anos da minha vida tendo-o como companhia constante. Ele solta a minha mão cautelosamente.

— Eu conheço você?

— Sou eu, Romeu — digo baixinho. — Benvólio, eu...

— Ben — ele diz. — Apenas... Ben.

— Ben.

— Ben Luna.

Não. Não, não pode ser... Não é...

— Comecei a estudar aqui semana passada — ele diz. — Faço educação física com aquele cara. — Olho para Jason correndo pela rua, aproveitando minha distração para fugir da surra. Acho que eu deveria sentir raiva. Acho que deveria segui-lo. Acho que deveria ver se Ariel está bem. Mas tudo o que consigo fazer é olhar novamente para Benvólio, ver seus lábios se



moverem, e lutar contra a onda de pânico que me assola. — Entendo o motivo de querer socar o rosto dele, mas nenhum desses caras estava fazendo nada para você — ele diz. — E meu irmão vai chegar logo para tomar café comigo. Ele é policial, então... — diz, dando de ombros. — Achei que você fosse querer evitar ser preso.

— Sim, obrigado... Ben — Ben não. Benvólio. Esse cara é o meu primo, não o garoto que se apaixonou por Julieta. Ele não tem a honestidade irritante que fez com que eu quisesse apunhalar Benjamin Luna dezenas de vezes, só para dar a ele algo que o fizesse se sentir tragicamente amaldiçoado. Mas esse aí é o Benvólio. Da alma à pele, e até a forma como ele coloca as mãos na cintura de forma vagamente ameaçadora.

Mas ele parece acreditar que é Benjamin Luna. O que isso significa? Que diabos isso significa?

Onde está o verdadeiro Ben?

— Sem problemas — ele diz. — Qual é mesmo o seu nome?

— Dylan.

Seus olhos se estreitam e vejo meu esperto primo me testando, subitamente suspeitando de algo.

— Não foi isso que você falou da primeira vez.

Nunca consegui enganar Benvólio. Não vou conseguir agora, apesar de que é óbvio que ele está se enganando. Ou alguém o enganou. Alguém ou alguma coisa.



A Embaixadora me mandou de volta a uma realidade diferente. Talvez alguma força sobrenatural enviou Benvólio para uma época à frente de seu tempo? Mas por quê? Com que propósito? Se Benvólio estivesse aqui para me machucar, iria me machucar. Bem aqui, bem agora. Benvólio é extremamente objetivo, vai direto ao ponto. Então, talvez não haja ponto. Talvez seja apenas uma estranha coincidência cósmica.

Forço uma risada.

— Confundi você com outra pessoa, um amigo com quem fiz teatro no verão passado. Ele fez o papel de Benvólio. Eu fiz o de Romeu.

— Sério? — Ele sabe que estou mentindo. — Qual peça era?

— Aquela que tem o Romeu — digo, perdendo a paciência. — Romeu e Julieta?

Ele arqueia as sobrancelhas, mostrando perceber meu tom de espertinho.

— Nunca ouvi falar.

— Você nunca ouviu falar de Romeu e Julieta? Você vive numa ostra? — Sinto um movimento no canto do meu olho. É Ariel vindo cautelosamente ao meu lado.

Merda. Praticamente me esqueci dela, um erro que não posso cometer, não importa o quanto seja desconcertante ter uma conversa com meu primo seiscentos e tantos anos depois que ele retornou das cinzas.



Sorrio e envolvo meu braço em sua cintura.

— Você está bem? — ela pergunta.

— Ótimo. E você? — Ela faz que sim com a cabeça e lança um olhar nervoso para Ben. Meu braço enrijece, trazendo-a mais para perto de mim, querendo que não haja dúvidas na mente de Ben/Benvólio de que estamos juntos. O outro Ben Luna tinha definitivamente uma queda por loiras esbeltas, particularmente por essa. — Ariel, esse é o Ben. Ben, Ariel.

— Prazer em conhecê-la — ele diz de uma forma calorosa que me faz querer quebrar os dentes da sua boca. Esse não é o sorriso do Ben Luna, é o sorriso do Benvólio, alguém que teria conquistado o coração de muitas garotas quando éramos jovens, não fosse ele honrado demais para mexer com a moral de uma garota.

— Ben estava me dizendo que nunca ouviu falar em Romeu e Julieta — digo, dando um beijo no alto da cabeça de Ariel, marcando-a como minha.

— Ah... — Ela parece distraída, tensa. Provavelmente querendo falar sobre a briga, para me agradecer por defendê-la. — O que é? Uma banda?

— Uma peça — diz Benvólio. — Não se sinta mal. Também não sabia o que era.

Também não sabia o que era. Que diabos...



Desconfiança, doentia e traiçoeira, me queima por dentro e me faz pensar...

E depois penso mais uma vez...

E então sei que temos de ir à biblioteca. Imediatamente.

— Desculpe, Ben. Mas temos de ir. Temos assuntos urgentes para resolver na biblioteca da escola — digo, puxando Ariel de volta para o carro.

— Tudo bem. — Ele olha para mim e para Ariel, como se tentando perceber se ela está comigo contra a vontade ou não. Mas resisto ao desejo de mostrar meus dentes e urrar com ele.

Em vez disso, sorrio e digo:

— Até mais. — Depois viro para Ariel e falo: — Sinto muito. Sei que prometi um café da manhã, mas eu...

— Tudo bem — ela diz, soltando sua mão da minha, cruzando os braços enquanto andamos. — Perdi a fome.

Paro na frente da porta do carro, me forçando a não apressá-la a entrar. Ela parece chateada e não posso correr o risco de perder terreno agora.

— Por quê? Eu fiz alguma coisa errada? — Finjo me enforcar, tentando demonstrar uma vergonha adequada. — Sinto muito se assustei você. Não consegui me controlar. Queria que aqueles caras soubessem que não podem nunca mais magoar você.

— Não fiquei assustada. Eu... Adorei.



— Adorou?

Ela olha para cima e seus olhos enormes e ansiosos encontram os meus.

— Adorei ver você dar uma surra neles. Fiquei triste quando o outro rapaz fez você parar. — Ela engole em seco, depois acrescenta um sussurro horrorizado: — Queria que você tivesse feito Jason Kim sangrar. Muito.

Pisco de surpresa e de satisfação, apesar de saber que não deveria. Tenho de afastar Ariel de seu lado negro, não incentivar seu gosto por derramamento de sangue. Mas, até então, não acreditava, de fato, que ela tinha mesmo esse gosto por violência. Ela me parece tão boa. Pelo menos na maior parte do tempo. Quando ela não está tentando cometer assassinato/suicídio ao tentar tirar um carro da estrada nem proclamando seu ódio eterno.

— Tudo bem — digo, trazendo-a para perto de mim, aninhando-a embaixo do meu queixo. — Acho que é normal se sentir assim com alguém que a fez sofrer.

— É?

Suspiro.

— Bem, talvez não seja normal. Mas... Eu entendo.

— Sei que sim — ela diz, recostando o rosto em meu peito, e deixando escapar um longo suspiro. — Obrigada.

Meus braços enrijecem e digo:



— Não me agradeça. Eu... Sinto muito.

Ela inclina a cabeça e pergunta:

— Pelo quê?

— Não sei. Eu... — Não consigo olhar para ela. Olho por cima de sua cabeça, vejo Ben ainda no mesmo lugar, nos observando apesar de fingir olhar para a rua, e faço uma expressão de raiva. Me afasto e abro a porta para ela.

— Vamos. A gente conversa no carro. Não precisamos de plateia.

— É verdade. Tem alguma coisa estranha com aquele garoto — ela diz baixinho ao entrar no carro, trazendo um inesperado sorriso ao meu rosto.

Ah, Ariel! Alguns podem dizer que ela tem mau gosto, mas meu ego está muito bem!

Veja só, cavaleiro de armadura brilhante. A dama prefere o valete. Dou a Benvólio meu sorriso forçado mais nefasto quando saio com o carro, indo em direção ao livro que acalmará os meus temores.



Doze

Ariel

Seguro firme na mão de Dylan, enquanto ele anda apressadamente pelo complexo de edifícios amontoados que constituem a Escola de Ensino Médio de Solvang. É mais um dia bonito e a maioria dos alunos está sentada na grama, tomando café da manhã ou conversando, sentada nos bancos que se alinham pelo caminho, absorvendo o Sol antes de entrar para as orientações iniciais. Todo mundo parece estar com um bom humor usual, mas as conversas em voz alta e explosões de risos diminuem conforme Dylan e eu passamos com pressa.

Cabeças viram, e as vozes altas passam a ser sussurros. É óbvio que as pessoas estão chocadas de nos ver juntos, o bad boy e a tímida garota estranha. Posso sentir os olhares deles como dedos cutucando a minha pele, deixando a ternura para trás. Arrisco olhar para a plateia através das minhas tranças. A maioria dos olhares é curiosa, cética, divertida, mas algumas das garotas estão sorrindo de uma forma positiva. Parecem felizes. Por mim.



Que loucura! Impossível.

Não consigo acreditar que seja real, que há vinte minutos Dylan arrebentou a cara dos colegas por mim. Que ele me defendeu, que manteve sua promessa para ter certeza de que todos saibam que eu sou importante para ele. Isso mexe com a minha cabeça, fico atordoada e desconcentrada, e ele se desvia do caminho das salas para ir à biblioteca.

Mesmo nos meus sonhos mais secretos e mais bregas, nunca imaginei nada disso acontecendo.

Abaixo a cabeça, escondendo o sorriso que não consigo controlar. Isso é loucura. É um conto de fadas. É a minha vida. Guardo isso bem dentro de mim, deixando queimar por dentro como se meu coração pegasse fogo. Mas de um jeito bom. Não consigo me imaginar sozinha ou assustada novamente. Não enquanto Dylan segurar a minha mão e nós formos nós.

Nós somos nós. Não acho que haja dúvida depois do que acabou de acontecer, mas não tem problema nenhum em tornar isso oficial.

— Então — sussurro enquanto Dylan entra na biblioteca e para procurando algo nas prateleiras. — Acho que estamos... Namorando? Somos namorada e namorado? Talvez estamos apenas ficando?

Dylan emite um som bem baixinho ao atravessar a seção de drama. Meu sorriso se apaga. Ele está tão disperso desde que saímos da padaria! Ele disse que se esqueceu de uma lição de casa



e precisava vir à biblioteca antes da aula, mas é difícil de acreditar que a lição de casa tenha inspirado tanta urgência. Hoje cedo agiu como se não se importasse com o fato de não ter feito a lição inglês, e ele nunca foi o que podemos chamar de aluno aplicado.

Como se percebesse a minha preocupação, ele estende o braço puxando a minha trança com carinho.

— Eu já volto. — E joga a mochila no chão correndo a mão pelas prateleiras das estantes da velha biblioteca até encontrar um livro bem grosso, que pega com um resmungo.

Consigo notar que escolheu Obras Completas de Shakespeare antes de ele folhear até o índice do livro. Corre o dedo por uma das colunas com os títulos das peças de Shakespeare e depois por outra, fazendo uma pausa no último item da lista. Ele fica pálido e sei que alguma coisa aconteceu. Não consigo imaginar o quê. Toco em suas costas, mas ele se afasta e me lança o mais estranho dos olhares, como se não tivesse certeza de quem eu era.

Jogo minha mochila ao lado da dele e pergunto:

— Você está bem? Ele vira as páginas tão rapidamente que chegam a estalar.

— Isso é impossível. Deve haver algum erro.

— Que foi? O que tem de errado?

— Obras completas uma ova! — Ele fecha o livro com tudo e o devolve à prateleira. — Tem certeza de que nunca ouviu falar em



Romeu e Julieta? A peça de Shakespeare? A mais trágica história de amor já contada?

Mordo os lábios e digo:

— Adoro Shakespeare, li todas as peças. Mas pode ser que não tenha lido essa...

— Não. Você não teria deixado passar Romeu e Julieta. Fizeram dezenas de filmes, livros e musicais inspirados nela... — Ele para de falar, apontando o dedo em meu peito, com um leve sorriso maníaco no rosto. — Amor, Sublime Amor! Nessa você ouviu falar. É baseada em Romeu e Julieta. O personagem de Tony é Romeu e Maria é Julieta. — O tom esperançoso se transforma em impaciente. — Você se lembra. Maria. É a música que pediu para eu cantar para você na noite em que nos conhecemos.

— Nos conhecemos no segundo ano. — As palavras são verdadeiras, mas parecem mentira. Posso ter conhecido Dylan minha vida toda, mas só conheci esse Dylan há alguns dias.

Talvez seja por isso que não surto completamente quando pega na minha mão e sussurra:

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. Você me conhece, Ariel, e sabe que não sou ele.

Não faço ideia do que dizer sobre isso. A única coisa que vem à minha mente é:

— *Tristão e Isolda.*

— O quê?



— *Tristão e Isolda.* É nessa história em que Amor, Sublime Amor se baseia.

A última parcela de esperança some do rosto dele até que fica tão pálido que parece doente.

— *Tristão e Isolda.* A história irlandesa, sobre o cavaleiro?

Concordo.

— O cavaleiro que leva a princesa, Isolda, de volta à casa do rei. Ela deve se casar com o rei, mas Tristão toma uma poção de amor no caminho de volta e eles se apaixonam para sempre. É quando Tristão, Tony, no musical, canta a música sobre Maria.

A mão dele cai na lateral do corpo e meus dedos se soltam dos dele. A falta de contato me abala, mas, apesar dos meus nervos, vou até ele, da mesma forma como ele veio a mim quando estava chateada depois da luta. Não vou deixar o medo nos afastar. Ele me quer. Ele precisa de mim; posso sentir isso.

Enlaço meus braços em seu pescoço e o trago para perto. A princípio ele fica rígido, e meu temor ameaça se transformar em terror. E se eu estiver errada, e se isso ainda for somente uma enorme piada? Estou tão acostumada a esperar pelo pior que é quase impossível relaxar e acreditar. A esperança é perigosa, um buraco na armadura da minha alma. Posso sentir a vulnerabilidade ganhar espaço, causando dor, implorando para me fechar antes que seja tarde demais. No entanto, lentamente, os braços de Dylan abraçam minha cintura.



Ele apoia a cabeça na curva do meu pescoço e solta a respiração. Posso sentir seu calor em minha pele. Sinto seu alívio. É meu alívio também. Meus braços vibram com isso.

— Ariel — ele suspira. — Acho que estou encrencado.

— Por quê?

— Eu... Eu não tenho certeza se existo — ele murmura em meio aos meus cabelos. — Ou se existi, as coisas não estão acontecendo do jeito que aconteceram antes. Não sei o que significa.

Puxo-o mais para perto de mim. Ele parece estar meio maluco, mas só eu sei o que é ser rotulada como louca sem ter ninguém para ouvir o meu lado da história.

O que será que ele quer dizer com isso? Será que o irmão gêmeo dele ainda está vivo? Será que, de alguma forma, tomou o lugar de Dylan e assumiu a vida dele? Parece enredo de novela, mas não há como negar que o Dylan que me abraça é muito, muito diferente daquele que conheci até as 21 horas de terça-feira.

— Não entendo — digo. — Mas quero entender. Pode me contar... Seja lá o que for.

— Você não vai acreditar em mim — ele diz. — Nunca ouviu falar na história. Talvez a história nem exista.

— Você me falou que as criaturas que ouço podem ser criadas por magia, e mesmo assim eu entrei no carro com você hoje de manhã. E estou com você agora, e eu... — Passo a língua



nos lábios, mas percebo que ainda tenho medo de dizer em voz alta o quanto me importo, não importa o quanto a emoção que começo a sentir seja real. — Quero ajudar. Experimente. Acho que é bem óbvio que não faço parte do grupo de céticos comuns.

Ele olha para mim por um longo momento, suas defesas se abrem até que ele olha através da minha alma. Finalmente. Pronto: as barreiras caíram. Estou prestes a descobrir a verdade.

— Era uma vez, na cidade de Verona, Itália, há muito, muito tempo, um garoto que se chamava Romeu — ele diz, seu tom de voz denota que não se trata de um conto de fadas. É uma história pessoal, que traz lágrimas aos seus olhos. — Ele tinha 16 anos e estava com muita raiva do pai, do mundo e de Deus, apesar de ter sido criado para temer a Igreja em demasia para confessar tudo isso, ainda que fosse para si mesmo. Era de uma família rica e tinha mais tempo livre do que precisava para alimentar sua raiva. E quando Romeu não estava com raiva, estava apaixonado. Ele se imaginava como um amante muito trágico. — Ele ri ao olhar para a prateleira em que as obras completas de Shakespeare estavam. — Ele se apaixonava pelo menos uma vez a cada quinze dias, e a paixão sempre terminava de forma desesperadora. Nenhuma garota atingia a perfeição que ele esperava, até que uma garota o enfeitiçou. Ela era de uma família bem rígida.

— Qual era o nome dela? — pergunto, mais curiosa do que deveria estar.

— Rosalina — ele diz. — Ela e Romeu se davam muito bem. Conversavam por horas e faziam longas caminhadas pelo campo,



acompanhados pela ama dela, uma mulher gigantesca com uma das pernas infectadas, uma respiração pesada e um cheiro de vinagre que matava qualquer pensamento romântico. — Ele torce o nariz, mas o sorriso em seu rosto desaparece. — Um dia, Romeu convenceu Rosalina a encontrá-lo atrás dos estábulos do pai dela. Mas, em vez dos beijos ardentes que o garoto esperava trocar, Rosalina disse a ele que tinha feito voto de castidade e que pretendia devotar sua vida à igreja. Ela pediu ao garoto que não a procurasse mais e lhe negou até mesmo um simples beijo.

— Então... — digo, sentindo que a história ainda não acabou. — O que o garoto fez?

— Ele saiu com seu primo Benvólio, ficou muito bêbado e entrou de penetra na festa do inimigo jurado de seu pai. Era um baile à fantasia, em que era fácil se passar despercebido. Ele e seu primo beberam o vinho do inimigo, comeram sua comida e dançaram com suas mulheres. Quando o relógio deu dez badaladas, uma garota de beleza inimaginável apareceu na escadaria e Romeu se apaixonou novamente. Simples assim. A garota era... O Sol, e o deixou cego.

Seu olhar fica distante, como se estivesse vendo a garota novamente e achando sua beleza tão dolorosa como sempre. Algo dentro de mim, a parte imatura que acredita que fadas, unicórnios e todos os tipos de coisas mágicas podem ser reais se acreditarmos nelas da forma que acreditamos em bombas e na internet, sabe que essa história é verdadeira. A verdade de Dylan. Ou... A verdade de alguém.



Talvez a verdade de um garoto chamado Romeu.

— O nome dela é Julieta — ele diz. — Ela era a filha do inimigo de Romeu, mais isso não importava. Estar com ela era mágico. Ela era tão boa, apaixonada, doce, adorável e dele, de uma forma como ninguém jamais fora. Ele deveria estar feliz — agora as palavras saem com dificuldade —, mas não estava, e cometeu o maior erro de sua vida. Ele a traiu. Suas intenções eram boas, pelo menos estava convencido de que eram, mas ele foi um covarde e... — Dylan respira fundo, mas parece que isso só o deixa mais chateado. — Ele foi amaldiçoado, destinado a vagar pelo mundo, pela eternidade, fazendo coisas terríveis. Não havia amor nele e ele tinha certeza de que jamais haveria. E Julieta... Ela morreu. E foi culpa dele.

— Sinto muito.

— Não mereço sua piedade — diz numa explosão de raiva.

— Não me importo. — Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios tristes. Por um segundo, ele não se move, mas, em seguida, retribui o meu beijo, de forma profunda e desesperada, como se minha boca contivesse o oxigênio que ele não consegue encontrar no ar. Seus braços me abraçam tão forte que posso sentir as batidas do seu coração ecoarem em meu peito. Ele me beija até ferir meus lábios e minha cabeça gira, a pulsação acelera e começo a me sentir... Perigosamente próxima. Seria tão fácil sair da minha pele para entrar na dele. Poderia me perder dentro dele, entrar pela porta que ele mantém aberta para nunca mais voltar. Poderia...



— Dylan? Ariel? — é a voz da Sra. Lorado, mais chocada do que escandalizada, mas sua interrupção ainda causa o mesmo efeito.

Dylan e eu nos separamos rapidamente, respirando fundo, com as mãos trêmulas. Olho para a Sra. Lorado, mas fica difícil me concentrar em seu rosto pálido com os lábios enrugados. Tudo que vejo é um borrão branco em minha frente, e uma explosão de cores abaixo do pescoço dela. Ela é famosa por vestir suéteres horrorosos com desenhos de personagens, cachorrinhos de olhos saltados ou Papai Noel com suas renas meses depois do Natal.

Quando a conheci, pensei que os suéteres fossem um sinal de que ela era uma maníaca adorável, como a minha professora do sétimo ano que entregava cartões de desaniversário todas as sextas-feiras. Mas a Sra. Lorado não é adorável, não percebe que tem manias, e estou com a impressão de que ela odeia beijos na biblioteca tanto quanto bebidas, alimentos e conversas que não sejam sussurradas.

— Isso é inaceitável — ela diz, quando os segundos se alongam e Dylan e eu não falamos nada. — O que vocês têm a dizer em sua defesa?

— Desculpa? — Acho que devia dizer mais alguma coisa, mas não consigo pensar no quê. Só consigo pensar na história de Romeu e Julieta, na magia e nas inimagináveis possibilidades.

— Desculpas são inadequadas, Ariel. É esse tipo de coisa que faz as bibliotecas ficarem fechadas até que a bibliotecária esteja aqui para abri-la — ela diz, pronta para fazer um discurso



completo. — E vocês sabem que demonstrações de afeto em público não são aceitáveis nas instalações da escola. Está no regulamento. Mencionado duas vezes.

— Será que alguém já leu esse regulamento? — Dylan pergunta.

— Não me desrespeite, Sr. Stroud — diz a Sra. Lorado cruzando os braços, fazendo os olhos do gato persa em seu suéter se estreitarem ameaçadoramente. — Considerem isso um aviso. Da próxima vez que pegar vocês dois fazendo qualquer coisa que não seja ler na biblioteca, vocês vão marchar diretamente para a sala do diretor. Agora, voltem para o pátio.

Dylan e eu murmuramos mais alguns pedidos de desculpas, pegamos nossas mochilas, corremos para a porta da biblioteca e o primeiro sinal toca. Saímos para o brilho do Sol, mas não estava tão quente quanto parecia, dissipando a nuvem de felicidade que me envolvia pelo caminho. Vou em direção ao meu armário, mas não na velocidade necessária se, de fato, pretendo voltar para o prédio 4 antes do segundo sinal. O mundo não parece tão urgente, não com a história de Dylan, que não sai da minha cabeça, uma história tão emocionante e incompleta.

— Era uma história verdadeira — digo, sem fôlego apesar de mal ter chegado a atingir uma velocidade de caminhada. — Não era?

— É a minha história. Sei que parece loucura, mas...



— Foi assim que você conheceu a magia? — pergunto, deixando claro que não precisa perder seu tempo para me convencer que coisas loucas podem ser verdadeiras. Sei tudo sobre loucura. E sobre verdade. E sei distinguir uma verdade louca quando a ouço. — Você foi mesmo amaldiçoado?

— Fui. Um homem me convenceu a vender minha alma e passei centenas de anos encapsulado no meu inferno particular. — Emito um som, mas ele me interrompe. — Não. O que falei é verdade. Não mereço piedade. Fui egoísta. E covarde. Pego sua mão. Algumas garotas passam apressadas à nossa esquerda, mas a pressa delas não nos afeta. Na verdade, até caminhamos mais devagar.

— Você não é mais essa pessoa.

— Não sou. Talvez seja. — Ele para e vira para mim. — Mas realmente me importo com você, provavelmente mais do que me importei com alguém desde...

— Julieta — termino a frase para ele, surpresa por não estar com ciúmes. Nem mesmo um pouco. Sinto uma... Tontura. Ele não disse que me ama, mas é como se tivesse dito.

— Sim. Desde Julieta.

— Então, você é... Romeu. — Ele acena afirmativamente. — Mas como? E por quê? E... Shakespeare?

— Eu o conhecia.



— Você conhecia Shakespeare? Aquele Shakespeare. — Meu Deus. Ele é velho. Sua história me fez imaginar que fosse, mas... Shakespeare! Sinto um torpor em minha mente ao pensar em como ele é velho.

— Contei a ele a versão da história que contei a você e ele escreveu uma peça sobre ela. Ele já tinha ouvido a história antes, e eu, simplesmente, atraí a atenção dele para o seu potencial dramático. — Ele para em frente a uma sala escura, uma das salas de apoio que só são usadas nas últimas aulas durante o dia. — Contei para Shakespeare a parte fácil. O restante é uma longa história — diz, olhando para o chão antes de pegar na maçaneta da porta.

Uma voz em minha mente sussurra para que eu não entre lá com ele (minha mãe não vai ficar feliz se receber um telefonema contando que cabulei aula), no entanto ignoro a voz e deixo ele me levar para lá. Chegarei em casa antes da mamãe e apagarei o recado na secretária.

Mesmo que não consiga apagar, quem se importa?

Existe magia no mundo.

Existem garotos amaldiçoados, segredos perigosos, e talvez respostas, esperança e finais felizes. Pelo que sei, pode ser que existam unicórnios e fadas também, e não tem como deixar a vida real meter seu nariz feio e enverrugado num momento como este.



Treze

Ariel

Assim que a porta se fecha atrás de nós, Romeu me leva para um canto escuro que não é visível da janela retangular na porta. Ele se senta de pernas cruzadas no tapete azul. Me sento ao lado dele, me sentindo uma garotinha novamente. É como a Hora da Roda, quando sentamos em círculo e todos compartilham o que trouxeram para mostrar aos outros, mas mil vezes mais emocionante, sem a terrível pressão de ter de falar quando chega a minha vez. Ele estende a mão para segurar a minha.

— Essa não é uma história feliz — ele avisa, olhando para nossas mãos unidas. — Eu sabia que estava me unindo a um grupo de pessoas sombrias. Como disse, não era o melhor dos rapazes. Estava com raiva, era egoísta e achava que havia muitas pessoas no mundo que mereciam um toque de maldade em suas vidas.

Penso em Jason, no verdadeiro Dylan e em todos os rapazes que fizeram a tal aposta. Penso em Hannah e nas garotas que me



evitaram, como se minhas cicatrizes fossem uma praga, e dou de ombros.

— É bem provável que você tenha razão.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Ninguém merece o que essas pessoas fazem. São absolutamente malignas. Não fazia ideia de como eram perversas até me aliar a elas. Assim que o fiz, sabia ter cometido um erro terrível, mas era tarde demais. Não havia saída. A forma como forçam seus seguidores a viverem... — Ele tenta afastar as mãos das minhas. Eu as seguro firme, querendo que saiba que estou ao seu lado. — Eu vivia dentro dos mortos.

— Como assim?

— Minha alma entrava no cadáver de minha escolha, e a magia das pessoas a quem servia fazia parecer como se estivesse vivo. Mas, ainda assim, era um corpo morto. Dava para sentir... — Ele olha para cima e tento afastar as imagens de zumbis e de monstros de filmes de terror da minha mente. Consigo, mas, em seguida, um outro domina minha mente.

— Dylan está morto? — pergunto. — É por isso que você...

— Não. O corpo dele vive e sua alma descansa em outro lugar. Desta vez é diferente. É a minha primeira vez num corpo vivo em centenas de anos. Antes de terça-feira à noite, eu não tinha paladar, tato nem olfato. E fiz coisas terríveis. Coisas inenarráveis, as quais posso te contar, se você quiser.



Quero lhe dizer que não tem problema, mas não quero ouvir. Só me importa quem ele é agora. Mas sei que não é fácil, e ele não quer mesmo que seja.

— Terrível de que forma?

— Eu era um monstro — ele profere as palavras como se fossem um veredito. Seco. Direto. Ele está falando de assassinato e de coisas piores que assassinato que nem quero pensar a respeito, mas, por alguma razão, nada muda o que sinto por ele.

— Mas você voltaria atrás se pudesse — digo. — Você é diferente agora.

Ele concorda, com os olhos inundados de alívio.

— Sou diferente. Juro para você.

— O que mudou? Por que está aqui? Não está aqui para fazer algo terrível a mim, está?

Ele hesita por um segundo longo demais e diz:

— Não.

— Tem certeza? — Sinto que tenho de perguntar, e mesmo assim não tenho medo. Dele, não. Continuo assombrada por essa sensação de que Dylan e eu (Romeu e eu) não vamos acabar bem, porém, não penso mais que vai ser por alguma coisa que ele possa fazer.

— Não fui enviado para machucar você. Há bem pouco tempo, fiz algo marginalmente nobre que chamou a atenção de uma magia diferente. A magia do bem — ele diz, torcendo o nariz.



— Ou, no mínimo, melhor. Recebi uma chance de... — ele suspira. — Isso não é fácil.

— Eu ainda não fugi.

— Eu... Você já ouviu falar na Pequena Sereia.

Concordo, sem me surpreender com a mudança abrupta de assunto. A essa altura, não sei se há alguma coisa dita por ele que possa me surpreender.

— Sim. Tenho o mesmo nome da personagem do filme da Disney. Mas tenho este nome por causa do arcanjo.

— O anjo da ira e da criação. É bem adequado a você — ele imita seu sorriso divertido. — Então você sabe que a sereia trocou a voz por pernas e foi incapaz de dizer ao príncipe a razão de ter sido jogada na praia, para fora de seu reino, ou do que precisava para poder recuperar a fala.

— Então está dizendo que não pode me contar por que está aqui. — Ele acena afirmativamente. — E não pode dizer o que posso fazer para você poder ficar — ele acena novamente, e o meu estômago vazio queima por dentro —, mas precisa de algo. E você quer ficar.

— Eu daria tudo para ficar — ele diz. — Mas a peça me preocupa.

— O que a peça tem a ver...

— Nunca habitei num mundo sem Romeu e Julieta. Não sei o que isso quer dizer. A peça deixou de existir. Será que isso



significa que nunca falei com Shakespeare nessa realidade, ou significa algo mais?

Minha mente explode e se encontra diante da última peça do seu quebra-cabeça, que ele joga de forma tão casual.

— Quer dizer que há... Outras realidades? — Meus neurônios se agitam, se espalhando como o universo em expansão, me deixando hesitante e menos sólida por dentro. — Como coisas que acontecem ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes? — Não sei se me fiz entender, mas ele parece ter entendido.

— Há — ele diz, confirmando a existência de algo que acho mais difícil de acreditar do que a história da sua maldição ou em outra alma vivendo no corpo de Dylan. Mas a magia sempre me pareceu mais real do que a ciência. Só o fato de como nosso corpo se decompõe rapidamente em pequenas partículas, com sua própria vida interna, é suficiente para provocar calafrios por todo meu corpo, se ficar pensando muito nisso.

— Só tive experiência em duas — ele continua. — Mas me garantiram que há mais, o mundo se ramifica em versões paralelas de si mesmo conforme as escolhas feitas pelas pessoas que alteram o curso do futuro.

— Isso é maluco. — As mesmas pessoas, assuntos diferentes. Isso me faz pensar... E se houver uma razão para a sua história não ser tão impossível de acreditar como deveria? E se... — Nós já... Eu já conheci você antes? Em outra realidade?



Os olhos dele se encontram com os meus e sinto sua luta interna, mas não sei se é motivada pelas coisas que não pode dizer ou por sua relutância em responder à pergunta.

— Sim — ele diz, fazendo meu coração parar de bater —, e não. — Meu coração volta a bater, com solavancos tu-tum. — Vi você, mas nunca conversamos. Estava neste mundo em uma missão para os magos das trevas que me dominaram por mais de setecentos anos.

— Mas agora está livre.

— Estou curtindo uma folga — ele diz. — Mas posso ter sido enganado. A mulher que me emprestou o poder para pegar emprestado o corpo de Dylan... Não confio nela.

— Ela é uma feiticeira?

— Está mais para bruxa — diz, um sorriso irônico desponta no canto de sua boca.

— Uma bruxa. — Sei que ele fala de mais coisas além da habilidade de administrar a magia. — Como a bruxa do mar em A Pequena Sereia — pareço bobo quando digo isso em voz alta.

Na sala escura, encolhida em um tapete, parece que estamos brincando de algum tipo de jogo de fingimento elaborado. Mas não se trata de fingimento. Trata-se da vida de Romeu, e talvez da morte, se entendo bem os fatos. Na história original de A Pequena Sereia, ela se transforma em onda do mar porque o príncipe não teve a sensibilidade de amá-la.



Acho que amo Romeu, mas é tão difícil saber ao certo. Nunca me senti do jeito como ele me faz sentir: essa impressionante mistura de terror e alegria, bênção e mau pressentimento.

E tem mais uma coisa que me incomoda nele. Muito.

— Você disse que a alma de Dylan está em algum lugar, e que você pegou o corpo dele emprestado. — Ele suspira e sei a resposta à minha pergunta antes mesmo de fazê-la. — Ele vai voltar, não vai?

— Sim.

Meu Deus. Dylan. Não o Dylan que me ama, me defende, me beija como se eu fosse uma heroína de um filme dos anos 1980. O outro Dylan. O que faz apostas dizendo que vai conseguir dormir comigo e acha que sou uma piada em forma de fracasso e aberração.

— Sinto muito — Romeu diz, pegando na ponta da minha trança. — Você me odeia?

Olho para cima e pergunto:

— Por que odiaria?

— Não temos muito tempo. Talvez teria sido melhor... — Seus olhos analisam meu rosto, como se tentassem memorizar cada parte dele. — Não quero que pense que estou usando você. Estou aqui porque me importo, mas talvez teria sido melhor se tivesse deixado você sozinha.



— Não! — A ênfase com que digo a palavra me surpreende. — Quanto tempo temos para descobrir o que fazer?

Romeu leva minhas mãos aos seus lábios e sussurra contra a minha pele.

— Se a bruxa mantiver a palavra, até sexta-feira à noite. Três dias a partir de quando comecei a habitar o corpo de Dylan.

Três dias. Isso significa que tudo poderá terminar amanhã à noite. Se não descobrir como ajudá-lo... O que acontecerá em seguida? Não sei. Mas adivinho que será ruim. Dolorosamente ruim.

Tenho de abraçá-lo ao sentir esse pensamento passando por minha mente. Não consigo falar. Não consigo pensar nele morrendo ou algo pior. Não consigo pensar em ficar sem ele, sozinha. Preciso dele por perto enquanto ele ainda tem um corpo para me mostrar como se sente.

Ele também me abraça e deitamos no tapete. Suas mãos encobrem meu rosto e seus lábios encontram os meus, e ele me beija com toda a dor, amor e desespero que estou sentindo. Meu coração está tão pleno que pode até explodir, mas as células dentro de mim ainda se espalham, se esticando, encontrando espaços que não estavam lá antes. Encontrando esperança que mais parece um olho mágico para o outro mundo do que uma fenda em minha armadura.

— Vou descobrir um jeito — sussurro. — Vou encontrar uma saída. Não vou deixar você ir.



— Apenas me prometa uma coisa — diz, passando os dedos em meu rosto e o menor toque faz meu coração acelerar. — Me prometa que nunca vai se esquecer desses sentimentos.

— Prometo. — Seria impossível esquecer. Se ele partir amanhã à noite, passarei o resto da vida repassando em minha mente cada segundo com ele, essa pessoa que me completa da forma mais perfeita que imaginava ser possível.

— E quero, se não pudermos ficar juntos, quero que encontre alguém. Deixe alguém amá-la o quanto você acha que eu seria capaz.

Amor. Ele disse. Ou pelo menos disse que desejaria poder me amar, o que é praticamente a mesma coisa, não é? Não sei. Só sei que...

— Não quero outra pessoa. — As lágrimas marejam meus olhos de uma forma dolorida que me recuso a deixá-las rolar. — E ninguém me quer. Eu sou ninguém.

— Você não é ninguém — ele diz. — Não para mim.

Então ele me beija novamente, eu o retribuo, e não paro de beijá-lo. Mesmo quando o sinal toca, indicando que a aula acabou, e os corredores lá fora se enchem de sons de pessoas conversando e rindo, e de portas de armários batendo. Tudo isso é distante e irreal, um outro mundo. Acabei de entrar em minha própria realidade alternativa, uma realidade em que sou corajosa e não tenho medo de lutar pelo que quero.



Romeu

Missão quase cumprida. Deveria estar feliz.

Ariel está tão perto de me amar. Posso sentir pela forma que seus lábios se mexem contra os meus, pelas mãos vorazes que me abraçam com força. Quase conquistei seu coração e abri caminho para minha partida. Quando Dylan voltar ao próprio corpo, ela não ficará surpresa nem magoada. Ela vai poder se prender à lembrança de nosso tempo juntos e resistir às consequências. Até plantei uma semente para um futuro cheio de amor, com meu nobre pedido para que encontre alguém se eu não puder ficar.

Mesmo com a estranha ausência de Romeu e Julieta nesse mundo, sei que deveria estar me parabenizando. Em minha cabeça, dou a mim mesmo um “toca aqui”, com um soco no ar, deixando de lado a preocupação que parece que vai me comer vivo.

Ariel é uma certeza. Jamais terei de voltar ao corpo decomposto. Serei um Embaixador. O mundo está salvo pelo menos por enquanto, e os Embaixadores e Mercenários vão continuar a luta pelo controle de quantas realidades existirem, por quanto tempo lhes for permitido. É exatamente isso que esperava, e se precisei colorir a verdade para levar Ariel à luz, quem se importa? É melhor para todo mundo que ela nunca descubra sua capacidade de fazer o mal.



Então, por que seu toque me enche de dor? Por que seus lábios são os mais amargos que já provei?

Porque ela é uma mulher morta. Não. Uma garota morta, e você sabe disso, seu covarde inútil e desleal.

É verdade. Mas sabia desde o começo que o motivo pelo qual fui enviado para cá colocaria a vida de Ariel em risco. No começo, a promessa da Embaixadora de "cuidar dela" foi suficiente para deixar a minha culpa de lado. Mas, de repente, deixou de ser. Não está nem perto de ser.

Veja como essa Embaixadora "tomou conta" de Julieta. Ela a escravizou na ignorância por séculos e depois a abandonou para ser morta pelos Mercenários. Como posso arriscar deixar Ariel para um destino como esse? Como posso justificar o que fiz, não importa quanta bondade resulte disso?

Não sei. Tudo o que sei é que aqui, em seus braços, com seus ossos apoiados nos meus e sua pulsação acelerando sob os meus lábios, não posso imaginar nada pior do que uma realidade sem a presença de Ariel.

Então, faça alguma coisa. Aja, antes de amanhã à noite.

Farei. É preciso. No mínimo, posso dar avisos mais específicos à Ariel, me certificando de que ela esteja preparada para a maldade dos Mercenários, do jeito que um ser humano pode estar preparado para isso. Talvez o conhecimento possa salvá-la. E, se não puder...



Eu terei de fazer o que for preciso. Como a Embaixadora disse, ainda não sou um deles. Ainda posso mentir, enganar e matar para conseguir o que desejo, e o que eu desejo é que Ariel viva.



Catorze

Ariel

A voz dele ainda é bonita, até mais bonita, apesar de achar isso inconcebível há alguns dias, mas não é a voz de Dylan. É mais aguda, mais doce e tão pura que faz com que meus ossos latejem e os pelos do meu corpo se arrepiem totalmente. Ouvir Romeu cantar é uma experiência de corpo inteiro. Seria ímpar se não tivesse passado a maior parte do dia sonhando com o quanto quero passar o que rezo para que não seja nossa última noite inteira juntos.

Mas agora...

Meus dedos dos pés se contorcem nos sapatos e as mãos tremem enquanto coloco meus instrumentos de pintura no carrinho que levarei de volta à sala de arte amanhã. Mal posso esperar que ele desça do palco, pegue na minha mão e corra comigo até encontrarmos algum lugar em que possamos estar sozinhos. Juntos.

Juntos. Juntos. Eu e Romeu. Hoje à noite.



Só de pensar nisso quero rodopiar no ar. Não consigo decidir se estou mais assustada que animada, mas tudo que sei sobre maldições de contos de fadas aponta para isso como uma solução em potencial. Nas histórias, o amor é sempre a resposta. O amor quebra o feitiço e transforma o sapo em príncipe, a fera em homem, e teria mantido a Pequena Sereia na terra com as pernas e ao lado do homem dos seus sonhos, se o príncipe idiota não tivesse se apaixonado por outra pessoa.

Romeu e eu certamente trocamos nosso beijo de amor verdadeiro, muito bem dado no horário da primeira aula, na verdade, levei bronca do Sr. Stark por chegar atrasada na aula de inglês, mas eu ainda não disse as palavras certas. Não posso. Ainda não. Há uma parte de mim que se recusa a acreditar que isso seja real, uma voz irritante que insiste em dizer que finalmente cheguei ao fundo do poço. Mas sei como silenciar essa voz. Hoje à noite, quando Romeu estiver tão próximo de mim quanto uma pessoa pode estar, quando eu olhar nos olhos dele e enxergar, através da sua alma, sei que não haverá razão para me controlar. Nesse momento, direi a ele. Que eu o amo. Porque o amo mesmo, eu realmente acho que amo.

Estar com Romeu me faz sentir mais viva do que nunca. Antes de conhecê-lo, era como se minha pele fosse completamente marcada por cicatrizes, uma concha dormente com medo demais de dar uma chance ao prazer. Mas agora minha pele está desperta e selvagem, e tão determinada como o restante de mim.



Ergo os olhos e o vejo no centro do palco, comandando a atenção do auditório. Sua última nota ainda paira no ar, se espalhando por toda a lanchonete, prendendo por completo a atenção de todos os ouvintes.

O restante do coro fica imóvel na base do palco, as moças da lanchonete pararam depois da limpeza nas salas do fundo, e professores e alunos que trabalham para o comitê de decoração do baile estão paralisados, deixando de lado as flores de papel e as fofocas. No silêncio, depois que a música termina, estamos todos calados, tanto quanto os residentes de um cemitério, por um breve momento de tirar o fôlego antes que as pessoas comecem a suspirar. É horrível que tenha terminado, mas, de certa forma, estamos felizes. Ouvir algo tão perfeito por tanto tempo pode ser doloroso.

O silêncio abre caminho para aplausos entusiasmados e "u-hus" de alguém do coral, mas ou Romeu nem percebeu o impacto que causou ou nem liga para isso. Ele simplesmente coloca o microfone de volta no pedestal, olha para a Srta. Mullens, que faz sinal de positivo com o polegar, e pega a jaqueta no chão do palco. Desce os degraus correndo quando coloco o último pincel limpo no carrinho.

— Ei! — Sua voz é repleta da mesma admiração que me fez sentir flutuar um pouco acima do solo o dia todo.

— Ei! — digo, sorrindo.

— Pronta? — pergunta, estendendo a mão.



— Completamente — digo, entrelaçando meus dedos aos seus, enquanto ele caminha na frente pela lanchonete, me sentindo mais segura de minha decisão a cada passo. A mão dele se ajusta de forma tão perfeita à minha. Sei que tudo mais também vai se ajustar perfeitamente. Tão mágico quanto o próprio Romeu.

Romeu

— Talvez devêssemos deixar as compras para lá. Tem certeza de que quer mesmo ir ao baile? — Ela caminha ao meu lado enquanto atravessamos o estacionamento, tão determinadamente desanimada com esse passeio quanto estava dez minutos atrás quando virou o carro em direção ao brechó, na Estrada 101. — Não precisamos ir, sabia? Não...

— Claro que precisamos — digo. — Bailes são divertidos.

— Não são, não — diz, impassível, a neutralidade em sua entonação me faz querer rir.

Pego em sua mão e ficamos de braços dados quando pergunto: — Você já foi a um baile?

— Não.

— Viu? Então não sabe se são divertidos. — Paro em frente a uma loja e me viro para Ariel, meu sorriso hesita ao olhar em



seus olhos. É o mesmo olhar que expressou o tempo todo em que esteve pintando, aquele que não deixa dúvidas sobre o que está pensando. E saber que ela está pensando naquilo faz que eu também só consiga pensar naquilo. Em seus dedos alongados nos botões da minha camisa, nas minhas mãos tirando a sua blusa, nos seus lábios contra os meus quando ela começar a tirar o cinto e desabotoar, e...

— Então, tá — pigarreio e olho para o estacionamento, fingindo verificar onde estacionei o carro enquanto me recomponho.

Ontem mesmo estava determinado a me divertir com Ariel se a ocasião permitisse, mas agora é diferente. Não importa o quanto eu queira estar com ela, não me parece certo. Amanhã à noite terei partido. Essa é a verdade, não importa a falsa esperança a que lhe permiti se prender dizendo que devíamos transformar nosso pouco tempo juntos em momentos felizes.

E quando Dylan voltar, não quero que ele possua esse tipo de lembrança. Não quero dar a ele munição que possa usar para magoar Ariel. E, até mais importante que isso, não quero compartilhar. Não quero que outro garoto, mesmo que seja aquele cujo corpo uso para servir aos meus propósitos, conheça Ariel dessa forma. Tenho certeza de que um dia vai acabar acontecendo, quando nossos dias juntos se transformarem numa fraca lembrança surreal, mas estarei nas sombras quando isso ocorrer, esperando meu chamado para servir aos Embaixadores, longe do conhecimento de que ela encontrou outra pessoa.



— Além do mais — digo num falso otimismo —, eu quero ir ao baile.

— Você quer ir — ela repete. — Eu não...

— Quero ir com você — me corrijo, enlaçando meus braços em sua cintura. — Quero tê-la junto a mim e sentir o perfume mágico de flores de feltro com cola quente, dos velhos burritos e dos garotos que se enchem de colônia barata. — Ela revira os olhos, mas posso senti-la relaxar. — E quero me lembrar de você tão linda quanto sei que estará amanhã à noite.

Ela baixa a cabeça. Não dá para saber se está pensando em amanhã como sendo a nossa última noite, mas felizmente não diz nada. Se me perguntar sobre isso novamente, pode ser que eu diga a verdade, e a verdade não fará bem a ninguém.

Ela vai me odiar se souber que Julieta não morreu naturalmente, mas foi enganada para cometer suicídio. Que fui eu que a enganei, e que fui enviado para cá para enganá-la da mesma forma. Ela ficará com raiva, horrorizada. A verdade, com certeza, não vai mais fazer com que ela me ame ou que mantenha seu coração em direção à luz. Tirar esse peso da minha consciência seria um ato de extremo egoísmo.

Então, por que sinto tanta vontade de contar tudo a ela?

Não sei, mas um feixe de loucura bem dentro de mim deseja que a leve de volta para o carro e saiamos juntos até a caverna da montanha, onde o espectro da minha alma delira em uma prisão, confessando todos os detalhes sórdidos e vergonhosos do meu



passado. Suponho que uma parte de mim ache que talvez ela me perdoe. E se ela puder me perdoar, então, talvez... talvez...

Você não merece perdão. Nem o seu nem o de mais ninguém.

— Certo — diz Ariel, me trazendo de volta dos cantos sombrios da minha mente. — Mas não sei se vou conseguir encontrar um vestido nesse lugar. Geralmente não tem muitas opções para o meu tamanho aqui.

— Vamos encontrar algo. Não se preocupe — digo, abrindo a porta da frente. — Além do meu charme assassino e da minha voz que assombra a todos quando canto, também tenho um certo olhar de estilista.

Ela sorri.

— Claro que tem.

— Inegável. — Gesticulo, mostrando o traje que montei, vasculhando o triste e pequeno armário de Dylan: jeans escuros, uma camisa de botão cáqui com as mangas enroladas e um colete de lã vinho, que achei numa caixa e que suspeito pertencer à mãe dele, mas vesti mesmo assim, sem hesitar ao arrancar os pompons. — Veja, olhe bem para mim.

— Lindo — ela diz, beliscando a minha barriga enquanto caminhamos. — E tão modesto.

— A modéstia é para os homens inferiores. — Seguro a porta para ela passar, o ar é quente e penetrante devido ao odor de



roupas empoeiradas. É forte, como o cheiro de um celeiro, e não consigo evitar uma torcida no nariz.

Ariel ri baixinho.

— Poderoso, não é?

— Vamos lavar tudo duas vezes. Três, se for preciso.

— Certo. Mas sabe... Bem, não ia querer vestir a roupa, mas até que gosto do cheiro. — Ela caminha na frente até o fundo da loja, passando por fileiras de jeans gastos e cabides cheios de suéteres disformes. — Isso me faz lembrar de quando era pequena. Minha mãe e eu só fazíamos compras aqui até eu entrar para o Ensino Médio. A gente ainda vem uma ou duas vezes por mês.

— Então você conhece o pedaço.

— Conheço — ela diz sorrindo, esticando a mão para trás para que fiquemos de mãos dadas. — Não se preocupe, vou te mostrar o caminho.

Suas palavras acionam uma corrente de eletricidade pela minha pele. Estar perto dela se tornou algo assustadoramente imperativo. Me aproximo demais enquanto analisamos um cabideiro de ternos horrorosos. Meus dedos tocam sua cintura nua, quando ela estica as mãos para retirar um vestido vermelho do cabide, pressionando contra os quadris por cima do jeans ao mesmo tempo em que ela pega um par de sapatos de verniz no chão.



No instante em que chegamos ao provador, com os braços cheios de roupas fedorentas de vários tons abomináveis, mal consigo resistir ao desejo de levá-la para dentro de uma das cabines comigo. Há um provador masculino e um feminino, mas a senhora na caixa registradora tem óculos de dois centímetros de espessura e um aparelho auditivo do tamanho de uma couve-flor saindo de sua orelha. Ela não vai notar se Ariel entrar lá comigo.

E observá-la se vestindo e se despindo, sabendo que não poderei tocá-la, não será torturante. Imagina.

— Até gosto de uma pequena tortura de vez em quando — sussurro, visões dos meus dedos abrindo e fechando zíperes para Ariel me deixam com a boca seca.

Ariel vira, com a mão na cortina do provador feminino.

— O que foi?

— Disse que você tem de sair e me mostrar tudo.

— Você também. Estou louca para ver o terno xadrez. — Ela abre aquele sorriso maroto que faz seus lábios se afinarem ainda mais. Aquele que me faz querer beijá-la. Por outro lado... O que não me faz querer beijá-la?

Droga. Tenho de parar de pensar na tentação ou não haverá dúvidas se vou ceder, só não sei quando.

Entro no provador, determinado a me controlar de alguma forma. Minha escolha de vestuário ajuda. Os ternos que escolhi são deliberadamente horrorosos. Meu lema para a moda: se não



tem dinheiro para parecer elegante, pareça ridículo. Sendo assim, o paletó xadrez, e a calça de pregas verde-oliva com o suéter camuflado, e o jeans lavado bem justo com a camiseta com os dizeres “Jesus Governa Meu Mundo”. Todas essas escolhas levam Ariel à gargalhada, mas quando apareço com um clássico smoking azul-royal, colete marrom e colarinho cheio de babados, sei que encontramos um vencedor dentre os trajes selecionados.

— Você está de brincadeira. — A risada vem lá de dentro dela, e um sorriso tolo floresce em meu rosto.

A risada dela. Fico estupidamente feliz. Como uma criancinha. Ou um cãozinho. Devia estar sentindo vergonha de mim mesmo, mas não estou envergonhado. Preciso disso, apenas uma ou duas horas para curtir o prazer inocente da sua companhia.

— Custa somente 16,95 dólares — digo, pestanejando.

— Você está falando sério?

Coloco as mãos na cintura e empino o quadril, fazendo uma pose digna de um supermodelo.

— Olhe para mim. Não pareço sério?

Ela senta com tudo na cadeira do lado de fora da sala de espera num ataque de riso que me faz ferver por dentro.

— Não! Você tem de ser impedido.

— Por quê? — digo, ao caminhar por uma seção de lingerie amarelada, remexendo os quadris, apalpando sutiãs. — Serei o rei



da disco music. Serei... — Dou uma voltinha e faço mais uma pose. — Uma inspiração!

Ela torce o nariz e revira os olhos.

— O verdadeiro Dylan morreria antes de ser visto em público vestindo uma coisa dessas.

— O verdadeiro Dylan é um tédio — digo, apoiando as mãos nos braços da cadeira e me inclinando até que nossos rostos fiquem à distância de um sussurro. — E o beijo dele nem se compara a um décimo do meu.

— É mesmo? — ela ironiza, curvando os lábios.

— Você sabe que sim.

O sorriso dela se derrete e a respiração acelera.

— É, sei mesmo.

— Então nem pense em beijá-lo novamente quando eu me for. — Consigo manter o tom de brincadeira, mas superficialmente. — Ficarei muito decepcionado.

Ela dá um suspiro que leva embora sua alegria.

— Não quero beijar ninguém. Não quero que você vá embora.

— Não quero ir. — Minha voz é tão sofrida quanto as cicatrizes no rosto dela. Abaixo a cabeça e lhe dou um beijo no rosto.

Ela enlaça meu pescoço com os braços.



— Por favor... Você não pode me contar mais nada? Me ajude a ajudá-lo.

— Queria... — Baixo a cabeça, sabendo que as mentiras fluirão mais facilmente se não estiver olhando nos olhos dela. — Não posso falar nada ou a magia que me mantém no corpo de Dylan desaparecerá.

Seus dedos frios seguram firme em minha pele.

— Tenho ódio dela.

— Não tenha. Não tenha ódio de ninguém — digo, beijando a outra bochecha. — Você é linda demais para odiar.

— Você sabe que é a única pessoa que me acha bonita, não sabe?

— Não disse bonita, disse linda. E não estava falando da sua aparência. Estou falando de quem você é. — Ela olha para mim, abre a boca, mas dessa vez não quer um beijo. Ela quer saber se falo sério.

Faço uma pausa, olho bem fundo naqueles olhos azuis completamente vulneráveis e percebo que estou...

— Já contei muitas mentiras no meu tempo — digo, esperando que ela veja que falo do fundo do que sobrou do meu coração. — Sou muito, muito bom em fazer as pessoas acreditarem nelas. Mas não minto sobre o que vejo em você. Você é única, encantadora e poderosa, e, se você se permitir, algum dia será destemida. Mudará o mundo, fazendo dele um lugar melhor.



Eu queria muito estar aqui para ver isso acontecer.

— Se isso acontecer — ela sussurra —, será por sua causa — diz, beijando a minha testa, e me fazendo morrer um pouco. Não sou digno de seu respeito e afeição, e nunca serei. — Tudo bem — diz, deslizando a mão pelos meus cabelos, fazendo apenas com que a dor aumente. — Estou feliz por estar usando essa monstruosidade.

Engulo em seco, lutando para não mostrar a expressão de ódio que sinto de mim mesmo.

— Por quê?

— Não dá para ficar completamente triste quando se usa tantos babados. — Ela pega no meu colarinho antes de se levantar e ir ao provador. — Então, você escolheu o seu traje. Agora tem de me ajudar a escolher o meu.

Me jogo na cadeira, cruzo os braços e faço uma careta afetada, determinado a trazer de volta o meu humor brincalhão.

— Como? Se você não desfilou nenhum deles para mim?

— Não deu. O vestido vermelho ficou muito grande e não vou ter tempo de arrumá-lo até amanhã. O cor-de-rosa ficou curto demais e muito feio, e fez com que eu parecesse ter 10 anos. A saia xadrez e o casaco ficaram bons e teriam combinado com a jaqueta xadrez azul, mas, como você vai de smoking...



— Espere um pouco. — Uma lembrança da vitrine da loja vem à minha mente. — Entre lá e tire a roupa — digo, indo para a frente da loja.

— Isso é o que estava esperando ouvir. — As palavras são ditas de forma suave, até meio tímidas, mas não há como deixar passar despercebido o tom sensual.



Quinze

Romeu

Viro para encontrar aquele olhar dela, o olhar faminto que me deixa ainda mais faminto. Garota inocente uma ova! Não ligo se o primeiro beijo dela aconteceu apenas há duas semanas. Ariel é uma mulher sedutora, e eu sou... fraco, enfraquecido, o mais fraco de todos.

Volto até ela, sentindo o perigo crescer a cada passo.

— O que você quer dizer com isso?

— Acho que você sabe — ela diz. — Mas posso te explicar se você não souber.

— Não — digo, sem saber ao certo se consigo ouvi-la dizer em voz alta. — Não acho que seja uma boa ideia. Dylan vai voltar para este corpo.

— Talvez.

— Muito provavelmente. E não sei do que ele poderá se lembrar. Pode ser que se lembre de eles terem ficado juntos,



porque ele se apaixonou por você. Ou pode ser que ele se lembre de ter ficado com você por alguma outra razão. Incluindo a aposta.

— Não ligo para o que ele vai se lembrar.

— Eu ligo — digo. — Não quero que você se magoe.

— Você vai me magoar mais se não me ouvir — ela diz, levando a palma da mão ao meu coração, fazendo ele bater mais forte. — Quero fazer tudo o que puder com você durante o tempo que nos restar. Quero ir ao meu primeiro baile, preparar meu primeiro jantar, quero nadar sem roupa e tudo o mais que conseguirmos fazer.

Nadar sem roupa. O que ela está tentando fazer comigo?

— Está frio lá fora.

— Conheço uma fonte de água quente, lá no interior, onde meus avós moravam. Fica quente o ano todo e é bem privativa. — Ela sobe na ponta dos pés e aproxima os lábios dos meus. — Faremos um piquenique. Com toalhas e cobertores para nos aquecermos. Depois. Será perfeito.

Cobertores. Depois. Perfeito.

Fecho os olhos, mas os abro imediatamente, não encontrando força nas imagens que passam por detrás das minha pálpebras cerradas.

— Falei sério hoje de manhã. Já andei por essa Terra por mais de setecentos anos. A maior parte desse tempo é obscura, e



ainda me sinto jovem, mas sei que o que sinto não importa. A realidade é que sou repugnantemente velho.

Ela inclina a cabeça, como se eu tivesse dito algo estupidamente adorável.

— Não te acho repugnante.

— Você não sabe nada sobre mim. Sob muitos aspectos. Ainda sou um monstro.

— Você está tentando me assustar?

Estou? Deveria encorajar seu amor/luxúria de todas as maneiras, não a deixando assustada. Mas não quero mais mentir, e não sei se posso deixar de dizer a verdade se ficarmos pele a pele.

— Talvez. Talvez você devesse ficar assustada.

— Se sua maldição não me assusta, por que sua idade deveria me assustar?

— Porque eu sou... — vacilo e tento novamente. — É... Sou...

Ela pega minha mão.

— Quando olho para você, não vejo um monstro.

— Você não me vê, você vê um corpo que eu...

— Vejo você... — ela diz, com tanta certeza que eu me calo por um momento. — E eu gosto de você. Não é isso o que importa?



— Seus dedos se entrelaçam aos meus, me causando um nó na garganta.

Gostar. Ela ainda não disse que me ama. Preciso terminar a tarefa de conquistá-la. Não posso me dar ao luxo de tentar afastá-la o tempo todo, mas não consigo agir de outra forma.

— Gostar importa. Mas e se a mulher do caixa fosse um homem? Um homem velho com pelos em lugares estranhos, pele enrugada, um enorme nariz vermelho, orelhas que tocam os ombros e aquele cheiro de matar que as pessoas têm depois de passarem a vida se empanturrando de tanto comer carne? O que você diria então?

— Diria que é nojento.

— Exato. Agora multiplique isso por dez e terá uma ideia de como não sou nada desejável...

Ela me interrompe com um beijo que se transforma num sorriso e em outro beijo. Quando ela se afasta de mim, já estou sorrindo novamente. Não consigo me controlar. Ela... Mexe comigo. Essa garota!

— Você é tão romântico — diz.

— Não estou tentando ser romântico — digo, hesitante.

— O que não deixa de ser muito romântico. Só que do seu próprio jeito — ela diz. — Mas sem sentido. Quero o que eu quero e você não tem palavras para me convencer de que não quero. — E então o seu braço está na minha cintura e ela me beija novamente,



um beijo demorado que faz meu corpo cantarolar e minha alma doer e o desejo erguer o punho e acertar em cheio, com um único golpe, a razão fraca demais para ele.

Suspiro e desisto de lutar. Meus dedos se enroscam em seus cabelos, trazendo-a mais para perto, sabendo que ela sempre me deixará com ainda mais desejo. Ela me intoxica, mas não da forma que deixa um homem sem sentidos. Ela me anima como um sopro adocicado de ar, como o Sol na minha pele, como... Deus.

Não, não como Deus. Como a ideia de Deus, aquela que imaginava quando era garoto, antes de o meu pai arruinar a fé e o espírito da minha mãe, na época em que ela contava histórias do senhor piedoso que amava a mim e ao meu irmão não importando o que acontecesse. Pelos olhos dele, eu via algo maior do que a mim mesmo, maior do que qualquer problema com o qual tivesse de lidar. Era intoxicante esse pensamento de ser tão amado, de receber um dom como esse.

De dar um dom como esse.

Será? Talvez? Será que eu... Amo Ariel? É por isso que ela faz eu me sentir dessa forma?

Mentiroso. Enorme mentiroso, você enganou a si mesmo.

Recuo e o ritmo do nosso beijo diminui por um momento. Certo. Não a amo. Nunca teria ido tão longe se não precisasse dela para me salvar de um destino pior do que a morte. Isso não é amor. É gratidão.



E luxúria, é claro. É a luxúria que faz algo primitivo dentro de mim insistir que essa garota seja minha e de mais ninguém. Parece mais, mas não é. Julieta encontrou uma segunda alma gêmea, mas se eu pudesse ver minha própria aura sei que não estaria irradiando o rosa do amor verdadeiro. Sou uma criatura amaldiçoada ao limbo, não sou da luz nem das trevas, e minha alma está maculada demais para que algum dia sinta algo inocente ou verdadeiro.

Ainda assim... Preciso dela, e a necessidade me corta de forma tão profunda que me deixa tonto. Não sei o porquê. Não sei de mais nada. Estou perdido, confuso e me afogando em meu próprio vômito.

Afasto-me, ofegante.

— Não sei dizer o que é certo — digo, balançando a cabeça negativamente. — Você faz eu me sentir...

— Como se tivesse 18 anos?

Olho para seu rosto tranquilo, examinando-a por inteiro novamente. Toda vez que penso ter uma imagem completa de Ariel em minha mente, ela faz algo que me surpreende, apara as arestas, se transforma em algo novo, numa imagem mais complexa e intrigante do que era antes.

— Acho que sim. Nunca cheguei aos 18 anos, mas...

— E você faz com que eu me sinta normal — ela diz, apoiando a cabeça em meu peito e eu a abraço. Não há como impedir o movimento. — Nunca me senti normal e não sei quanto



tempo vai levar para que me sinta assim de novo. Mas com você, sou, e é... Perfeito. Então, venha comigo, certo?

Não tenho certeza do que prometo, mas descubro que não me importo. Não quero pensar, quero sentir. Gosto dela, quero me sentir normal, mesmo se somente por um momento roubado que terá de durar a eternidade para mim.

Além disso, nunca fui um "bom rapaz". Não há razão para começar agora, especialmente quando Ariel está praticamente me implorando para que eu seja mau.

— Tá bom.

Ela olha para mim e pergunta:

— Isso é um sim?

— Sim.

O sorriso dela é o mais adorável que já vi.

— Que bom!

Não é nada bom. Mas agora é tarde demais para recuar.

— Volte para o provador. Vou trazer a peça perfeita para você.

— E daí vamos embora daqui — ela diz.

— E daí vamos embora daqui.

— E vamos para onde eu quiser ir.

— Isso.



— E fazer tudo o que eu queira fazer.

Respiro fundo.

— Tudo que você queira fazer. Tudo.

Ela sorri e volta calmamente para o provador. Paro um momento, apreciando cada passo, com a plena consciência de como detesto vê-la partir.

Ariel

A princípio achei que ele estivesse brincando.

— Isso é um vestido de noiva — digo, afastando a mão do cabide como se a saia ocultasse uma cobra venenosa em seus babados.

— Eu sei — ele enfia o rosto no meio da cortina, parecendo desapontado em me ver usando camisa e jeans ainda. Meu olhar encontra o dele, meus lábios latejam, querendo beijá-lo novamente. — Experimente.

— Mas...

— Vai ficar perfeito.

— Mas eu...

— Confia em mim?



Sim. Confio muito nele. Confio. Confio nele de corpo e alma. Então, pego o vestido, me esforço para vestir a combinação e me contorço nos nós que prendem cada gancho e fecho todos os fechos.

E quando finalmente termino de vesti-lo, estou muito, muito feliz por ter vestido.

Fico diante do espelho comprido do provador, hipnotizada pelo meu próprio reflexo. O decote em V é bem escandaloso, mas valoriza meus seios pequenos de uma forma que nunca pensei que alguma roupa pudesse fazer. A cintura fina serve perfeitamente e os babados que começam na lateral esquerda do dorso, fazendo um semicírculo ao redor da saia, não são nada ridículos. São lindos e dão uma sensação de movimento ao vestido mesmo quando estou em pé, sem me mexer. Já parece que estou dançando. Fico só imaginando como ficará lindo quando eu girar pelo salão nos braços de Romeu.

Nos braços dele. É onde quero estar. Agora mesmo. Abro o zíper.

— Ouvi um som de zíper — ele diz do outro lado da cortina, e eu pulo de susto. A percepção de que ele está bem ali me faz sorrir, e sinto um calor em todo o meu corpo.

— Ficou bom. Vou trocar de roupa agora.

— Você não vai me mostrar primeiro?

— Só no dia do casamento — provoco, abrindo o outro zíper.



— Mas eu quero ver.

— Amanhã à noite — digo, abrindo os ganchos da cintura e deixando o vestido cair no chão sobre os meus calcanhares enquanto pego o jeans. — Vai ser mais divertido se for uma surpresa.

— Você tem uma ideia cruel de diversão — ele retruca. — Tudo bem. Não preciso ver. Tenho certeza de que ficou tão bom quanto eu imaginei. — Ele parece verdadeiramente chateado. Ele gosta mesmo de roupas. Se me permitir, consigo imaginar nós dois fazendo disso uma rotina, imagino--o me ensinando a me vestir adequadamente como um amigo de compras que nunca tive. O amigo que me faz entender o significado da palavra "luxúria" pela primeira vez na vida. É o que ele desperta em mim. Ele desperta luxúria. É como uma droga que altera o cérebro e a personalidade. Não consigo acreditar na metade das coisas que disse nos últimos trinta minutos, mas não me arrependo de nada do que disse. Estou pronta. Não posso esperar mais.

Pego o vestido e empurro a cortina, mas meu sorriso desaparece ao ver que Romeu não está lá fora. Procuro pela loja, pensando que pode ter ido pagar pelo smoking, mas também não está no caixa. Ele não está na seção de sapatos nem na de ternos ou na...

Vejo seus cabelos negros na seção de panelas e potes. Ele está de costas e parece estar falando com alguém. Mas quem? Nenhum dos amigos de Dylan viria aqui. Os pais de Tanner são cheios da grana e a família de Jason Kim é podre de rica, quase



tanto quanto a de Gemma. A família Kim é dona da propriedade ao lado do complexo da família Sloop, quinze acres com um vinhedo só por lazer e uma mansão com uma quadra fechada de basquete. Foi o que ouvi falar.

Nunca entrei lá, mas Gemma sim. Os pais dela a levavam aos churrascos na casa do vizinho quando ela era mais nova. Ela me contou sobre a quadra de tênis e sobre a suíte de Jason que era maior do que a minha casa toda.

Gemma. Não pensei nela o dia todo. Estranho. Quando ela desapareceu, na semana retrasada, fiquei tão preocupada com ela que não conseguia parar de imaginar as coisas terríveis que podiam ter acontecido com a minha melhor amiga. Era uma distração assustadora. Mas hoje me distraí com outras coisas. Essa é a primeira vez que penso nela, o que só torna o fato mais chocante quando chego perto suficiente para ver Romeu conversando com uma garota de cabelos brilhantes que batem nos ombros, de batom vermelho vivo, e um boné de beisebol bem enfiado na cabeça para esconder o rosto. Mesmo com o boné, a reconheço imediatamente.

É a Gemma. Aqui. Em Solvang. Viva! Em casa!

Estou tão feliz que jogo o vestido no chão e saio correndo.

— Gemma!

Ela vira para mim, sua expressão de raiva se transforma numa de não tão agradável surpresa. Sinto uma sensação



estranha dentro de mim, mas é tarde demais para ajustar o curso. Já estou praticamente em cima dela.

O abraço é breve, somente alguns segundos, mas é suficiente para eu me sentir estúpida, verdadeiramente estúpida. Seu corpo está rígido e sinto que ela quer se afastar. Dou um passo para trás rapidinho, escondendo meu estranhamento com um sorriso.

— Estou tão feliz em vê-la!

— Também estou. É que... Você me assustou — diz, afundando ainda mais o boné e olhando nervosa ao redor da loja deserta antes de cruzar os braços na altura do peito. — O que está fazendo aqui?

— Estou aqui com Rom... Com Dylan.

— Vocês estão juntos? — diz, arqueando a sobrancelha de forma cética, lançando um olhar ainda mais cético para Dylan. Olho para Romeu, mas ele está olhando para o chão. Acho que ele quer que eu cuide disso. Faz sentido. Ela é a minha melhor amiga.

— Sim. Estamos fazendo compras para o baile.

— Você tá brincando?! — Uma risada que expressa perplexidade sai de seus lábios.

— Não estou, não — digo e antes de terminar a frase sinto raiva.

Por que não sou eu a pessoa a fazer pergunta? Por que ela está fazendo o possível para me envergonhar? E, mais importante



ainda, por que age como se tudo estivesse bem, fazendo com que esse pareça apenas um encontro casual pela cidade? Ela foi dada como desaparecida por um tempo que, para mim, parece uma eternidade!

— Eu não sou importante, por onde você andou? — Tento não manter o tom de irritação. — Estamos todos tão preocupados. Fiquei louca imaginando se estava tudo bem com você.

Ela franze os lábios e arregala os olhos, como se a pessoa de comportamento irracional fosse eu.

— Não faz nem duas semanas, Ari. Sinto não ter telefonado, mas...

— Ninguém sabia se você estava viva ou morta! — Cruzo os braços também, sentindo necessidade de me controlar durante a conversa. — Seus pais penduraram cartazes por toda a cidade. Eles acham que você foi sequestrada, assassinada ou...

— Meus pais são cheios de história — ela diz, o mesmo tom de irritação que sempre aparece quando seu pai ou sua mãe são mencionados. — Eles sabem que estou bem. E a polícia também. Você não se perguntou por que não há nada no noticiário sobre o sequestro de um membro da família Sloop?

— Eu não. Não me perguntei. — Engulo em seco e sinto um gosto ácido que sobe pela minha garganta. — Eles sabem mesmo que você está bem?

— Sim!



— Então por que…

— Tenho certeza de que esperam que alguém me veja se eu voltar para a cidade e passe a ficha para eles como um bom servo da família Sloop — ela diz, mais uma vez olhando nervosa pela loja. — É por isso que tenho ficado longe do centro da cidade. Ainda não me formei, mas há uma chance de os meus pais me forçarem a voltar se me encontrarem. Mas liguei para eles na noite em que saí. Eles sabem que nunca mais voltarei para casa.

— Como?

— Não pertenço mais a eles — ela diz, erguendo a mão no ar. Por um segundo acho que vai me mostrar o dedo do meio ou algo assim e fico totalmente, inteiramente confusa. Mas então eu vejo. Os anéis. São dois. Um prateado mais simples e um com um pequeno diamante projetando-se orgulhosamente no ar.

— Você… — Balanço a cabeça negativamente. Nem consigo dizer as palavras. Surtei somente ao experimentar um vestido que planejo usar num baile. Não acredito que Gemma esteja realmente…

— Eu me casei — ela diz, sem deixar sombra de dúvida.

— Com quem?

Os olhos dela brilham assim que olha para a porta.

— Você vai ver. Ele está colocando gasolina, mas estará aqui em um segundo. Ele precisa de jeans para nossa viagem e estamos tentando economizar. Mas ele tem mais de 18 e eu tenho 18, então



é completamente legal. Meus pais terão de viver com isso. Conversei com um advogado em Los Angeles. Assim que pegar meu diploma, eles não poderão fazer merda nenhuma comigo. Nunca mais vão controlar a minha vida de novo. — Ela sorri, mas é diferente do seu sorriso usual. Não há raiva nem maldade por detrás, sem sombra do sorriso sarcástico que sempre foi o único no repertório de Gemma desde o oitavo ano da escola.

Ela está feliz. Meio insana, mas mesmo assim… Feliz. Livre.

Não importa o quanto ainda esteja chateada, não consigo não ficar feliz por minha amiga. Mesmo tendo dificuldade em acreditar que casar seja uma boa ideia. Gemma se entedia com facilidade. Nunca a vi namorando o mesmo rapaz por mais que alguns meses. Não consigo imaginá-la contente com uma mesma pessoa por um ano, quem dirá até que a morte os separe.

— Então, como estão indo as coisas? O seu “felizes para sempre”? — pergunta Romeu, falando pela primeira vez.

Olho de forma penetrante para ele, num aviso silencioso para não fazer muitas perguntas à Gemma. Talvez ele não saiba que Gemma e Dylan se odeiam.

Como que esperando pelo momento certo, Gemma retorce os lábios e provoca.

— Vai muito bem, psicopata. E a vida de sociopata, como vai? Tem tirado o couro de muitos animaizinhos ultimamente?

— Ultimamente, não. Estou tentando parar.



Gemma hesita, surpresa pela resposta. Reajo rapidamente e pergunto:

— Então, onde você vai morar? Vai morar num apartamento na cidade ou...

— De jeito nenhum. Vamos embora daqui assim que possível. O que me faz lembrar de que... — Gemma lança outro olhar significativo para Dylan e diz:— Será que você não pode dar o fora? Preciso falar com Ariel sem ter um criminoso insano ouvindo a conversa.

Romeu desliza o braço pela minha cintura. Pela primeira vez seu toque faz com que me sinta estranha.

— Qualquer coisa que disser para Ariel, pode dizer para mim.

Gemma ri.

— Dá para repetir?

— Você entendeu.

— Não sei quem você pensa que está enganando, Stroud — ela diz num tom ácido. — Mas eu...

— Ei, Gemma. Desculpe, estava... — Um homem ofegante vestindo uma camisa preta de manga curta, para exibir as muitas tatuagens, apressa-se pelo corredor atrás de Gemma. Ele diminui o passo quando vê que não está sozinha.

— Ah. Oi, Ariel. Dylan — diz, sorrindo, mas sua expressão é mais fria ao cumprimentar Romeu.



Ele sabe que Dylan é um encrenqueiro. Mike trabalhou na escola por quase um semestre, e é bem provável que tenha deixado Dylan de castigo uma ou duas vezes. O Sr. Stark sempre faz os professores--assistentes fazerem as coisas que ele odeia fazer. Como cuidar do castigo, avaliar trabalhos e dar tutoria aos alunos que têm dificuldade em escrever argumentos persuasivos. Mike estava dando tutoria para Gemma quando tirou uma licença há doze dias. O Sr. Stark disse que ele teve problemas familiares e precisou se ausentar. Agora sei que é mentira. Mike não estava com problemas familiares; estava fugindo para se casar com uma de suas alunas.

Uau! Gemma. E Mike, o professor--assistente. É um... Escândalo!

E é por isso que ela agiu dessa forma. Gemma adora tudo que possa chocar. Tenho certeza de que teria sua própria coleção de tatuagens se não tivesse medo de agulhas.

— Como vai, Ariel? — Mike pergunta. — A Gemma pediu para você nos encontrar aqui?

— Não, ela estava aqui por acaso — diz Gemma, enlaçando a cintura dele, imitando o gesto possessivo de Dylan. — É um sinal, não acha?

— Acho que sim. — Ele sorri para ela com ternura.

Pelo menos um deles se casou pelas razões certas. É óbvio que Mike está apaixonado. Louco de amor. Faz com que eu tenha esperança de que Gemma esteja. Se não, ele vai se machucar



muito quando ela decidir trocá-lo pelo próximo sabor da semana. Olho de novo para ela, procurando em seu rosto alguma pista que me diga como ela se sente, mas ela não está olhando para Mike nem para mim. Continua encarando Dylan.

— Você pode sair, por favor? Mike e eu precisamos falar com Ariel, e você não é bem-vindo.

— Por favor, Gemma — digo. — Eu…

— Tudo bem. — Romeu se afasta e pega meu vestido no chão. — Vou pagar as roupas. Me chame se precisar de mim.

Faço que sim com a cabeça, mas odeio a sensação de vê-lo se afastando de mim. Não quero ficar separada dele. Nosso tempo está se esgotando e não quero perder o momento. Nem mesmo por Gemma. Eu a amo, ela é minha melhor amiga desde que éramos pequenas, mas sua total falta de consideração pelo fato de como seu desaparecimento faria me sentir azedou o nosso encontro.

— Que show de horror — diz Gemma, revirando os olhos. — Pensei que ele nunca fosse sair. O que você está fazendo com ele, Ari? Ele tem problema.

— Ele é legal comigo.

— Não estou bem certa sobre a sua definição de “legal”, mas Dylan não é…

— Sei o que “legal” significa — digo, cortando Gemma pela primeira vez em nossa amizade. — E sei que não é legal desaparecer e nem sequer pensar em como sua melhor amiga



ficaria preocupada. Fiquei muito assustada. Você devia ter me ligado.

Gemma fica boquiaberta e me olha por um minuto bem longo antes de dizer:

— Eu... Sinto muito. — Ela olha para Mike antes de continuar e diz: — Não pensei que...

— Também sinto — diz Mike. — Ligamos para a polícia e enviamos a certidão de casamento por fax aos pais de Gemma e à polícia. Achamos que estava tudo bem. Não fazíamos ideia de que os pais dela tinham espalhado cartazes até virmos à cidade hoje de manhã.

— Não sabíamos mesmo — concorda Gemma. — Mas eu... Você tem razão. Devia ter ligado.

— É, você devia mesmo.

— Sinto muito. — Ela parece sincera e há um brilho em seu olhar quando pergunta: — Me perdoa?

— Já está perdoada — digo, surpresa com a facilidade com que respondo.

Nossa. Devia ter enfrentado Gemma há anos. Mas era tão grata por ter uma amiga que não queria arriscar tudo só para enfrentá-la. Jamais arriscaria se não fosse por Romeu. As palavras que me disse hoje, um pouco antes, ainda ressoam dentro de mim. Ele acha que sou forte, que posso mudar o mundo. Com certeza ele me mudou. Se ele pode me tocar dessa forma tão profunda em



dois dias, acho que posso tocar o mundo no decorrer da vida toda. Talvez haja uma saída deste presente sombrio para um futuro iluminado.

Seria um bom pensamento, se a possibilidade de encarar um futuro sem Romeu não estivesse me rasgando por dentro. Me viro, e o vejo na fila do caixa. Gemma tem mais cinco minutos porque estou indo embora.

— Então, você está bem? — ela pergunta.

— Estamos bem — digo, sorrindo. — Sobre o que você precisa falar comigo?

Ela respira fundo e diz:

— Preciso de um favor. Um favor dos grandes.

— Tá — digo, olhando para Mike e depois para ela, mas suas expressões de esperança não me fornecem pista nenhuma sobre o tipo de favor que precisam. — O que é?

— Mike e eu vamos para Seattle ficar com alguns amigos dele até meu pai se acalmar — diz Gemma. — Quando falei com ele, disse que ia me forçar a anular o casamento.

— Mas você tem 18 anos. É legalmente adulta.

— Ele falou que não importa porque não acabei o Ensino Médio. O advogado disse que eles têm o direito de me forçar a viver sob o teto deles até me formar. Ou tirar um diploma, o que obviamente ainda não tive tempo de tirar.

— Talvez mudem de ideia se você conversar com eles?



— Desde quando meus pais ouvem alguma coisa que eu digo? — Ela tem razão, seus pais nunca se importaram muito com o que Gemma quer. — Não há por que falar com eles. Não teríamos nem voltado aqui se não precisássemos de dinheiro. Mike está gastando tudo o que tem, e precisamos nos segurar até arrumarmos emprego em Seattle. Tenho mil dólares e algumas joias escondidas numa caixa no fundo do meu armário. Se penhorarmos as joias, teremos dinheiro suficiente até resolver as coisas. O único problema é... Conseguir pegá-las.

— Temos de continuar escondidos — diz Mike. — Não devia ter deixado Gemma sair do carro e entrar aqui, mas não há quase ninguém no estacionamento e...

— E a senhora que trabalha aqui é cega — diz Gemma. — E surda. E não achei que fosse haver ninguém aqui que me conhecesse bem o suficiente para ligar meu rosto aos cartazes.

— Nunca subestime o fascínio da Boa Ação — digo, ganhando um sorriso de Mike e um resmungo de Gemma. — Tudo bem, você quer que eu vá pegar as suas coisas. — O pensamento de entrar na casa da família Sloop sem Gemma faz meu coração acelerar. A mãe dela é super-esnobe e o pai dela é assustador. Os olhos dele não parecem estar conectados com a alma. — Mas como faço para entrar?

— Diga a eles que deixou umas coisas no meu quarto na última vez que dormiu lá. Vá direto da escola antes de o meu pai voltar do trabalho. Minha mãe terá voltado do turno da manhã de seu trabalho na sala de testes e já vai ter tomado seus primeiros



copos de Chardonnay. Ela vai estar bêbada demais para subir a escada. Vai mandar você subir e você pode colocar a caixa no fundo da mochila e uns pijamas e camisetas minhas por cima, ela não sabe mais quais são as minhas roupas. Pode falar para ela que são suas, deseje-lhe boa sorte em encontrar a filha perdida e vá embora.

Penso no favor por alguns segundos e acabo concordando.

— Tá bom.

— Tudo bem? — Ela parece surpresa.

— Eu faço. Ela trabalha aos sábados, não trabalha?

— Você não pode fazer amanhã? Por favor? — Gemma implora, obviamente vendo a relutância em meu rosto. Amanhã pode ser meu último dia com Romeu. — Não vai levar mais que uma hora. Pegue a caixa, passe pelo Hotel Knight and Day e nós iremos embora, deixando você em paz.

Sei que ela quer sair da cidade antes que alguém que tenha visto os cartazes a veja e avise seus pais.

— Tudo bem. — Não deve demorar muito. E posso pedir para o Romeu me levar. — Vou amanhã. Depois da escola.

— Você vai?

— Você achou que eu não fosse?

— Achei que ia demorar muito mais tempo para convencê-la.



— Não — digo, olhando para trás. Romeu está esperando na porta, com o terno dele e o meu vestido pendurados em seu braço. Não preciso ser convencida de mais nada, e mesmo que precisasse, não ia ficar por aqui para ouvir um blá, blá, blá. Tenho meu próprio drama para viver. — Acho que dá para fazer. Vou cuidar disso e encontro você no hotel às quatro horas.

Gemma sorri e abre os braços para mim, me apertando com toda força.

— Obrigada, Ari! Você salvou a minha vida.

— Obrigado mesmo. Estamos no quarto 53. Nos fundos — diz Mike, com certo desconforto. Dá para ver que ele não gosta do fato de precisar do dinheiro de Gemma para sobreviver, mas imagino que o dinheiro dele tenha mesmo acabado. Não se ganha muito como professor-assistente. — Agradecemos a sua ajuda.

— Considere-a o meu presente de casamento — digo, quando Gemma finalmente me deixa ir. — Espero que vocês sejam muito felizes.

— Seremos — diz Gemma, olhando para Mike. Pelo que pude notar, ela o ama mais do que jamais amou alguém. O que não significa muito, mas espero que seja suficiente.

— Certo — digo quando me afasto. — Então, vejo você às…

— Espere. — Gemma desvia o olhar para Dylan, que me espera na porta e olha para mim novamente. — Honestamente, não quero ser chata, mas acho que deve pensar duas vezes antes de namorar o Dylan. Ele não é um cara legal.



— Sei o que estou fazendo. Prometo. Mas obrigada por se preocupar comigo.

— Mas, Ari, eu…

— Está tudo sob controle — digo, expressando uma firmeza jamais usada com Gemma. — Confie em mim. Não sou idiota.

Ela continuaria discutindo, mas daí concorda e diz:

— Tudo bem. Apenas… Tome cuidado.

— Tomarei. Até amanhã. — Aceno, e corro para a porta. Quando me vê chegando, o rosto de Romeu se ilumina. Nesse momento, juro que posso ver através da pele que ele usa a pessoa que está ali dentro. E não me importo com o que ele tenha feito ou quem costumava ser. Ele é lindo.

— Ei! A mulher cobrou quarenta dólares pelo terno e pelo vestido, dá para acreditar? — Ele está tão feliz em me ver, como se tivesse ficado preocupado que eu fosse esquecê-lo nos poucos minutos em que nos separamos.

Como se isso fosse possível. Como se algum dia eu fosse esquecê-lo.

Envolvo meus braços em seu pescoço e o beijo, amassando as roupas no meio de nós. Ele emite um som de surpresa, mas não para de retribuir o meu beijo, um beijo profundo com um pouco de brutalidade, que deixa o meu corpo todo zunindo quando me afasto dele.

— Vamos.



— Sim — ele diz, seu tom de voz promete tudo aquilo que sonhei que fosse acontecer hoje à tarde.

Pego sua mão e saio pela porta sem olhar para trás.



Dezesseis

Romeu

A magnitude do futuro próximo cantarola quando passamos na casa de Ariel para dar um “oi” para a mãe dela, fazer uma rápida cesta de piquenique, falarmos alto e ficarmos mais dispersos enquanto dirigimos para o outro lado da cidade com cobertores e toalhas. O pai de Dylan ainda está no trabalho, ou em algum bar no fim da rua, e mesmo que ele me pegue andando com umas toalhas e um edredom, é bem provável que não faça nenhuma pergunta. Diferente da mãe de Ariel, que estava bem curiosa com os nossos planos de fazer um piquenique e até deu uma olhadinha na cesta quando achou que eu não estava olhando.

Felizmente isso foi antes de Ariel colocar no fundo da cesta a proteção que compramos no posto de gasolina.

Proteção. Se ao menos fosse tão fácil protegê-la de todos os perigos da vida.

— Você está bem? — ela pergunta.

— Sim — digo, afastando meus medos para o fundo da minha mente, para conseguir terminar a conversa.



Falamos um pouco sobre o baile, sobre Gemma e Mike e o que Ariel prometeu fazer por eles no dia seguinte, mas logo o silêncio retorna. Nossos preparativos estão quase prontos. O momento se aproxima e é muito importante para perdermos tempo com coisas menos importantes.

Setecentos anos de reflexão, espera e lembranças estão prestes a chegar ao fim. Já faz setecentos anos desde a última vez que fiquei com uma garota. Nunca mais fiquei com ninguém desde Julieta. Tentei uma ou duas vezes quando comecei a ser Mercenário, mas a inabilidade de expressão de sentimentos tornava o ato impossível. Pressionar o meu corpo contra o de outra pessoa sem sentir nada era muito pior do que não sentir absolutamente nada. Tornava minha solidão ainda pior. Até mesmo as seduções que realizava como Mercenário eram interrompidas bem antes que pudesse chegar à porta da frente.

Não que Ariel queira uma cama. Ou uma porta. Ela quer nadar sem roupa sob a luz do luar, toda a sua nudez diante da minha, cobertos apenas por pequenas gotas de água e...

— Tem certeza de que está bem? — O toque mais leve das pontas de seus dedos no meu braço faz minha respiração acelerar, abafando os sons.

— Não sei. — Estaciono o carro na rua, algumas casas abaixo da de Dylan, e desligo o motor, mas não faço menção de sair. — Eu... Já faz muito tempo que...

— Que... Ah! É mesmo?



Aceno afirmativamente, mas não consigo olhar para ela.

— Muito tempo mesmo. Não tenho certeza se...

— Você está brincando?

Faço que não com a cabeça, desejando que estivesse, desejando não me sentir como um garoto na noite de núpcias. O pior é que na minha noite de núpcias verdadeira eu era idiota demais para ficar nervoso.

Ela me dá um beijo no rosto.

— Você vai ser maravilhoso.

— Não era eu que deveria estar reconfortando você?

— Não preciso ser reconfortada, mas se você precisar... Podemos apenas nadar. Se é isso o que você quer.

— Não é isso o que eu quero. Quero você. — Eu quero. Quero muito ela. — Mas eu...

— Chega de desculpa esfarrapada.

— Mas...

— Já falei que chega.

— Ah, mas por falar em farrapo, você já viu o traseiro de um homem na vida real? Totalmente esfarrapado. Principalmente o do Dylan. Pálido, com a pele que mais parece uma escama de peixe e cheio de pelos como tufos de grama e...



Ela ri tão alto, uma risada tão pura que lhe é peculiar e que acalma a agitação dentro de mim.

— Estou falando sério.

— Você é engraçado — ela diz, rindo até com os olhos. — E nada em você me causa medo.

Quero dizer a ela que estou com medo. Quero dizer a ela que tenho medo das trevas, do passado, das mentiras e da maldade no mundo. Temo por sua beleza e bondade e pela forma como segura minha mão como se eu fosse digno do seu toque. Mas, acima de tudo, temo deixá-la indefesa. Tenho medo dos dedos que se entrelaçam aos meus serem destruídos pela tortura dos Mercenários e eu não possa fazer nada para protegê-la.

Nada. É assim que sou conhecido. Tenho sido nada há tanto tempo. Como posso mudar isso agora, quando o curso do meu destino foi determinado há tanto tempo?

Tudo o que sei é que tenho muita dificuldade para negar o que ela me pede, especialmente quando a quero tanto que nem consigo me lembrar o que é que vim buscar no quarto de Dylan.

Então, não falo nada. Só dou um beijo e prometo voltar logo.

Saio do carro e sinto o ar refrescante ao passar pelo gramado do vizinho, entrando pelos fundos da pequena casa caindo aos pedaços onde a porta está sempre destrancada. Por que se importar em trancá--la? A família Stroud não tem nada de valioso para ser roubado. O aparelho de TV já viu dias melhores e o resto da mobília é tão surrado que nem mesmo uma casa de



caridade aceita a doação. Até o computador é tão velho que leva uma eternidade para iniciar e muito mais tempo para se conectar à internet.

Ainda assim... Pode ser que tenha tempo...

Não consegui me aproximar de um computador o dia todo, mas ainda continuo intrigado com o desaparecimento de Romeu e Julieta. Talvez não seja nada. Talvez Shakespeare simplesmente tenha decidido não escrever a história de um jovem problemático que encontrou numa taberna em uma madrugada qualquer. Julieta e eu vivemos centenas de anos antes do nascimento de Shakespeare. Não teria sido estranho se a nossa história caísse na obscuridade sem a influência do poeta para mantê-la viva. Mas nossa história era popular entre os menestréis do nosso tempo. Deve haver alguma menção à história de Romeu e Julieta se a pessoa procurar por ela.

E daí tem esse garoto que acha que é Benjamin Luna. Preciso descobrir tudo sobre Ben/Benvólio. Esse mistério é estranho demais para ser ignorado.

Ao caminhar pela sala de estar, vejo que o computador já está ligado. Nesse momento, tomo a decisão. Faço a conexão e, na hora em que pego as duas toalhas mais limpas e tiro o edredom da cama, a ferramenta de busca é iniciada. Sento-me na cadeira, digito “Benjamin Luna”, e espero os intermináveis segundos que os resultados de busca levam para ser carregados.

Quando carregam, não há muito a ser visto.



Não há página no Facebook. Nenhuma fofoca apimentada nem um blogue confessional. Só uma menção honrosa num torneio de futebol e uma aparição breve no obituário da mãe dele. Procuro resultados somente dentre as imagens e sou premiado com fotos escolares horrorosas tiradas para jornais locais sobre suas realizações atléticas. Ele ainda se parece com o Benvólio de quem me lembro tão bem.

— Balela — digo ao garoto. O velho Benvólio era muito mais interessante. Digito Romeu e Julieta e aperto a tecla enter.

Não parece haver nada com que se preocupar no que se refere a Benjamin. A verdadeira questão é por que Ben se parece com Benvólio? E, mais importante ainda...

— Não! — Minha voz ecoa bem alto pela sala silenciosa. Vou abaixando a página de resultados de busca, uma, duas, três vezes. Não há nada. Nada. Tento adicionar Verona à busca e, em seguida, o ano de 1304, e, mesmo assim, nada.

Meu coração parece sair pela boca, os dedos enrijecem, digito “Julieta Capuleto” e sou premiado com uma única menção num site de genealogia: “Julieta Capuleto, 1299-1304, enterrada em Verona, Itália”. Tento “Romeu Montecchio, Verona, Itália” e espero, espero, forçando a mim mesmo a não entrar em pânico enquanto baixo a página com os resultados de busca. No final da quinta página, finalmente minha paciência é recompensada.

— Aí está — sussurro, clicando no link. Mas o alívio que sinto por encontrar uma menção sobre mim cessa rapidamente. O site está em italiano, não em italiano medieval, mas uma versão



mais moderna que não me é tão familiar, mas o que entendo é o suficiente para saber que o que estou lendo não é coisa boa.

É uma visita guiada a um dos pontos turísticos mais obscuros de Verona, incluindo a igreja e o cemitério em que Julieta foi enterrada. Meu nome só aparece uma vez, num parágrafo ao lado da foto da igreja:

Em 1304, a igreja original pegou fogo. As chamas foram contidas antes de se espalharem pelo cemitério, mas uma porção significativa foi destruída. Mais tarde, em 1306, foi reconstruída graças às doações de Benvólio Montecchio, um abastado proprietário de terras cujo primo, Romeu Montecchio, foi morto no incêndio, juntamente com o padre da paróquia. Uma estátua do benfeitor foi erguida na frente do terreno como se protegesse os túmulos. Depois de sair da igreja, vire à direita no sarcófago central e dê cinquenta passos na direção Norte para ver a estátua, assim como os símbolos mais velhos do cemitério e...

Não consigo ler mais nada.

Fecho a janela do navegador e desligo o computador, como se isso, de alguma forma, fizesse desaparecer essa nova história. Tem de ser ficção. Pura ficção. Como a peça de Shakespeare. Não morri num incêndio assim como não morri no túmulo de Julieta. Não morri em absoluto. Estou aqui, no corpo deste rapaz. Só isso é prova suficiente de que a história é falsa, ou pelo menos de que está operando sob falsas suposições.

As pessoas da minha época encontraram uma concha vazia, minha alma já estava em outro lugar. Isso explicaria o fato do



corpo do frei ter sido encontrado também. Aquela forma já havia sobrevivido além da sua utilidade e ele a abandonou para encontrar outra.

Mas por que nós dois fomos encontrados juntos na igreja? Será que ele levou meu corpo para lá depois que nos separamos na colina? Depois que fiquei vagando noite e dia pelo campo por semanas, lutando para escapar da minha prisão inescapável, para morrer apesar de já estar morto, para levar meu ser a uma exaustão que traz o sono, apesar de ter começado a perceber que o sono também me seria negado…

— Não importa. — Me afundo na cadeira com mais força que o necessário. — Isso não muda nada.

Mas muda.

A história de Romeu e Julieta não existe mais, e essa menção de apenas uma linha num guia turístico é tudo o que restou de mim. O Mercenário que fui jamais teria permitido uma coisa dessas. Se Shakespeare não tivesse se interessado, eu teria procurado outro poeta para imortalizar a minha tragédia. Precisava da minha fama, sentia um prazer perverso com as gerações de jovens sendo forçadas a estudar a minha história na escola. Sabendo que todas as almas do Ocidente conheciam a minha história, ou uma versão dela, de qualquer forma, era o meu único conforto. Possibilitava-me uma conexão que não exigia toque, nem paladar, nem olfato. Mantinha uma faísca de sanidade viva em minha mente.



Eu não teria permitido que isso acontecesse. Não teria deixado a minha curta vida humana desaparecer da história.

Ao pegar as toalhas e o cobertor, e sair pela porta dos fundos, não consigo parar de pensar no incêndio da igreja, na sensação de ser queimado vivo. Posso até sentir o cheiro da fumaça, sentir o calor na minha pele enquanto me aproximo do carro. Estou tão disperso que não vejo a caminhonete na garagem, nem percebo quem se aproxima para me cumprimentar, até que o pai de Dylan para na minha frente.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — A palma da sua mão bate com tudo em meu tórax, me empurrando para trás, fazendo com que eu tussa e perca o fôlego.

— Vou para a casa de um amigo — digo. — Vou dormir lá. — Tento me desviar dele, decidindo que quanto menos falar, melhor será, mas ele me interrompe com mais um tapa. Esse é forte o suficiente para me fazer tropeçar. As toalhas e cobertores caem no chão e meus braços se abrem numa tentativa de recuperar o equilíbrio. Antes que consiga, ele me joga contra a porta da garagem.

— Sei que você pegou meu dinheiro, seu merdinha. Quero de volta. Todo o dinheiro. — O rosto dele está vermelho, seus olhos brilham. Mesmo se eu não tivesse o sentido do olfato, saberia que ele estava bêbado. Com um nariz que funciona, o uísque que sinto em seu hálito é o suficiente para me dar um frio na barriga.



Ou talvez a minha barriga esteja simplesmente prevendo o desconforto que aquela mão pesada vai infligir quando me quebrar ao meio.

O pai de Dylan "descontou sua raiva" em mim uma vez, durante a minha primeira visita, mas naquela época eu não senti nada. Seus socos só me fizeram rir da louca criatura que eu era. Agora, tanto meu corpo quanto meu espírito iam preferir evitar o confronto. Ariel está no carro. Não quero que ela veja isso.

— Não peguei seu dinheiro — minto, usando o tom mais calmo do mundo.

— Mentira — diz, cerrando os punhos.

— Mas se precisa de uns trocados, tem um pouco na minha mochila. — Me apresso em dizer. — Posso ir lá buscar e trago para você num minuto.

— Não preciso de alguns trocados. — Seu desprezo tem intenção de soar como zombaria, mas a pronúncia indistinta dos "s" destrói o efeito. Ele é uma piada, e se Ariel não estivesse tão perto, ia dizer a ele o que penso e sairia correndo depois. Os esconderijos usuais de Dylan estão inacessíveis agora que afastei todos os seus amigos, mas...

Você pode vir para minha casa. A qualquer hora. Não importa o motivo.

Essas foram as palavras de Ariel na praia. Ela falou isso antes de saber que ele não era o Dylan, antes de saber que ele não era a pessoa que tinha brincado com os seus sentimentos. Ainda



assim, ela me ofereceu abrigo, compaixão. Na maior parte do tempo, ela é uma boa pessoa. Verdadeiramente boa, como a maioria das pessoas não é.

Mas, às vezes...

Olho para ela por cima do ombro do pai de Dylan. Ela saiu do carro, e está de pé na entrada da garagem com o macaco do carro, tirado do porta-malas de Dylan, nas mãos e a expressão em seu rosto é perigosa. Os olhos azuis queimam como um fogo gélido. Só vi esse olhar antes uma vez, nos momentos que antecederam sua investida na direção do carro de Dylan, tentando causar a morte de nós dois.

Se eu não neutralizar a situação, Ariel vai mostrar seu lado mau ao pai de Dylan, talvez até mesmo seu lado assassino. Não que ele não mereça, mas é meu dever fazê-la seguir sua melhor natureza, e a última coisa que quero é vê-la com raiva. Se eu estiver certo e as criaturas que gritam para ela forem almas perdidas, é melhor não chamar a atenção. Não acho que as almas perdidas obedeçam aos Mercenários, pois elas foram segregadas, punidas e por isso estão “perdidas” diante das “almas”, mas não há razão para correr riscos.

— Tudo bem. Vou pegar o dinheiro. — Ergo as mãos num gesto de redenção, olhando diretamente nos olhos dele, esperando que não dê meia-volta. Minha intuição diz que o Sr. Stroud não tocaria no filho de outra pessoa, especialmente numa garota, e que seus punhos e sua frustração são reservados somente à sua prole, mas não estou preparado para testar minha intuição. Só de pensar



em Ariel sangrando e ferida me dá vontade de pular no pescoço do homem e arrancar o nariz dele com os dentes. — Vou pegar minha mochila. Está em casa.

— Não em casa, não. Na minha casa — ele grita enquanto Ariel se aproxima lentamente e balanço a cabeça negativamente, da forma mais sutil que consigo, desejando que ela volte para o carro. Em vez disso, ela segura a ferramenta com ainda mais força.

— Quem paga as contas sou eu, enquanto você fica aí sentado.

— Vou receber um dinheiro de um show que fiz com a banda — digo, esperando acalmá-lo com isso. — Posso te pagar em algumas...

— Não quero que me pague nada. Quero que você levante a bunda da cadeira e arrume um emprego de verdade — ele grita e seu rosto fica mais vermelho a cada palavra. — Quando eu tinha sua idade, já sustentava meus pais. — Mais vermelho, mais vermelho e o punho cerrado começa a balançar. — Mas deixo você ficar aqui de graça. E como você me agradece por isso? Você rouba de mim!

Tudo acontece de uma só vez. Ele se prepara para o soco, meus braços se preparam para bloquear o golpe, e o macaco cai das mãos de Ariel causando um ruído penetrante. O Sr. Stroud gira o corpo, hesitando bem a tempo de ver os olhos dela revirarem e seus joelhos se dobrarem.

— Que diabo! — ele grita.



Empurro-o de lado e saio correndo, pegando Ariel segundos antes de sua cabeça atingir o chão. Apoio seus ombros no meu colo, planejando carregá-la em meus braços e sair correndo para o carro, mas é aí que sinto o frio.

Debaixo da pele dela, um frio que penetra em meus ossos e me deixa tão paralisado que penso que vou despedaçar. É o frio do gelo nos polos, azul e antigo, e com gigantescas rachaduras, o frio de criaturas que estão congeladas há tanto tempo que não se lembram mais de terem sido fluidas um dia. Tão frio que queima e escalda o amor, a esperança e a felicidade, levando-os para uma assustadora massa de terror gélido.

Vagamente, ouço o pai de Dylan perguntar: — Ela está bem? — e a xingar quando Ariel começa a tremer e a convulsionar, mas não consigo responder.

Não estou mais no corpo de Dylan. Estou perdido no frio, tão chocado pelo sofrimento que se infiltra por dentro de Ariel que só consigo olhar para o rosto assustado do Sr. Stroud, que se ajoelha ao meu lado e joga um graveto do jardim na minha mão inerte.

— Se ela continuar a tremer, enfie isso entre os dentes dela. Vou ligar para a emergência.

Ele se levanta e cambaleia até a porta de entrada. Quero pedir a ele que pare, que uma ambulância não vai ajudá-la, mas, quando abro a boca, tudo o que sai dela é um grito. Um longo grito solitário, como os que gemem dentro dela. As almas perdidas estão gritando e devo gritar junto com elas porque sou irmão delas.



Minha magia emprestada e meu corpo vivo não importam. Bem no âmago, onde o verdadeiro Romeu está encostado num canto, ainda sou uma criatura das trevas. Nunca vou conseguir escapar. É assim que vou terminar, como uma das criaturas que gritam, perdido e sozinho exceto por esses breves momentos quando posso penetrar no interior de alguém como Ariel e, por alguns preciosos minutos, fazer que meu sofrimento seja ouvido.



Dezessete

Ariel

Não. Não. Não! Saiam!

Meus olhos se fecham com força e meu corpo se debate enquanto luto com os monstros que me dilaceram por dentro com seus dentes afiados. Não tenho mais dúvida. As criaturas que gritam seus berros demoníacos em minha mente não estão atrás de mim. Sei que as vi dessa vez, ondas no ar com dedos retorcidos se esticando antes de o frio me atingir, feroz e assustador como sempre.

Ainda mais assustador.

Romeu está exposto. Encrencado. Tentei desacelerar a raiva, controlando meus sentimentos, mas quando o pai de Dylan ergueu os punhos, perdi totalmente o controle. Naquele momento, ele representava qualquer valentão que algum dia tenha agredido alguém e eu queria puni-lo. Imaginei seus ossos sendo esmagados com o golpe da barra de ferro em sua cabeça. Pensei nos tufos de cabelo presos às garras do metal e na forma como o sangue jorraria, cobrindo a entrada da garagem, e alguma coisa dentro de



mim gritava de satisfação, um grito tão familiar que sabia ser apenas uma questão de tempo.

E agora a dor domina o meu corpo, as criaturas que gritam gemem em meu cérebro. É sofrimento, tortura... Mas não é insuportável. Pela primeira vez consigo me controlar, me agarrando à consciência num momento em que normalmente teria apagado de vez. Tem alguma coisa diferente. Um som. Não é uma das criaturas que gritam, mas também não...

Estou aqui. Aqui. Aqui.

A repetição é suave, mas assim que a ouço, é impossível ignorá-la. Concentro-me fixamente na voz que repete as mesmas palavras muitas vezes, como um mantra que mantém o mundo unido. É Romeu. Ele está aqui e realmente se importa comigo. Tanto quanto me importo com ele. Talvez até mais. Porque ele sabe como é estar tão perdido, como tem certeza de que jamais será encontrado.

Mas ele está errado. Eu vou encontrá-lo, eu vou...

Perdoar. Eu perdoo você.

Não sei por que essas são as palavras que ele precisa ouvir, mas são. Sinto que são. E sei disso no momento em que ele as ouve. Sua alma se quebra e ele vai embora, levando consigo as criaturas que gritam. É como uma brisa que sopra em meu corpo, levando o frio para longe.



Meus olhos se abrem para um tênue céu azul anunciando uma noite escura pelo caminho. Romeu me segura em seus braços com a cabeça abaixada.

— Você não pode me perdoar.

— Você... — Passo a língua em meus lábios e pergunto: — Você me ouviu?

Ele faz que sim com a cabeça, mas não ergue o olhar.

— Mas você não pode.

Afasto seus cabelos da testa com meus dedos trêmulos.

— Posso, sim. — Minha voz soa rouca, mas consigo falar e me mover em um único movimento, e pela primeira vez consigo superar uma síncope sem perder o controle. É por causa dele. De alguma forma, ele consegue diminuir a intensidade da situação. Se eu precisava de alguma prova de que ele tem magia dentro de si, essa é a prova.

— Não. Você não sabe de tudo — ele sussurra. — Se soubesse, nunca me perdoaria — diz, arqueando os ombros de forma ainda mais profunda e subitamente fico chocada pelo quanto ele lembra o meu garoto do quadro.

O garoto que pintei anos antes de conhecer Romeu. O garoto dos meus sonhos, em cujo retrato tenho trabalhado quando devia estar dormindo. Mas estou com medo de dormir. Às vezes, sonho com o menino, mas sonho mais com o homem de manto marrom. Ele diz que vai me perdoar e me garantir a paz. Ele é aterrorizante,



mas, nos sonhos, preciso do perdão dele. Fiz uma coisa tão horrível que acho que ninguém mais vai me perdoar e sei que nunca vou me perdoar. Não passa de um sonho, mas me faz entender a sensação de se acreditar além da redenção.

Enlaço os meus braços no pescoço dele e levanto meu corpo o suficiente para poder sussurrar em seus ouvidos.

— Você não pode mudar o que fez. Tudo o que pode fazer é ser melhor, e acreditar que é melhor. Eu perdoo você.

Ele não diz nada, apenas beija meus ombros antes de me tirar do seu colo e se levantar de forma instável.

— Preciso impedir que o pai de Dylan ligue para os paramédicos — diz, pigarreando e passando a mão trêmula pelos cabelos. — Não precisamos perder tempo num hospital quando lá eles não têm nada a fazer.

— Não — digo, me ajoelhando. — Ele é perigoso, eu...

— Vou ficar bem. Fique onde está — diz, atravessando o gramado em direção à varanda e à porta aberta. Me levanto, determinada a segui-lo para ter certeza de que não corre perigo, mas, antes que eu chegue aos degraus de entrada, ele já está de volta.

Ele para na soleira, me lançando um olhar com a sobrancelha arqueada.

— Isso é o oposto de ficar no lugar.

— Não vou deixar você sozinho com ele.



— Minha heroína — ele diz, fechando a porta e descendo os degraus com um esboço de seu sorriso travesso de sempre. — Ele desmaiou. Não acho que fez a ligação. Podemos ir. — Ele pega as toalhas e os cobertores jogados na garagem e vai para o carro.

Pego o macaco do carro, vou atrás dele e espero-o começar a dirigir para fazer a pergunta que cresce dentro de mim.

— Você as sentiu, não sentiu? As criaturas que ouço?

— Sim. Senti. E deveria mesmo sentir. Sou fruto da mesma fonte.

— Como? — pergunto, crente que entendi errado.

— Se fracassar em cumprir minha missão, pode ser que me torne uma delas — ele diz, a certeza em suas palavras me dá um nó no estômago. — São almas perdidas, amaldiçoadas, que vagam pelo mundo até que seus corpos se transformem em pó, presas para sempre no plano terrestre, impedidas de expressar seu sofrimento ou ira. Os humanos não podem vê-las nem ouvi-las. Retorço a barra da minha camisa até que o tecido arranhe a pele.

— Eu os ouço. — Não quero pensar no que ele disse antes. Em Romeu se tornando uma das criaturas que me assombram, é horrível demais para imaginar. — Por quê? Por que eu?

— Não sei — diz, contraindo os lábios. — Talvez você tenha sorte.

— Ah, tá. — Deixo escapar um suspiro que abafa um riso que considerava impossível. Ainda consigo rir. Minutos depois de



uma síncope e eu consigo rir. Para mim, isso é razão suficiente para não desistir. — Dane-se a sorte. Vamos fazer a nossa própria sorte.

— Como faremos isso?

— Vamos voltar para minha casa. Quero mostrar uma coisa a você. Acho que pode ser importante. Minha mãe deve ter saído para trabalhar, então não temos de nos preocupar com ela ouvindo nossas conversas.

— O que é?

— É melhor mostrar.

Ele vira o carro para outra direção e diz:

— Tudo bem.

— Está tudo bem mesmo — digo, colocando a mão na sua perna enquanto faz a volta em direção à minha casa. — Vamos fazer com que tudo fique bem.

Ele suspira, mas o silêncio que se segue é confortável. Passo a admirar o passeio de carro pela cidade no cair da noite, observando os postes de luz antigos acenderem para a vida. Até mesmo a silhueta do Parquinho do Castelo, negra contra o céu escuro, não me deixa triste. Sorrio e me viro para encontrar Romeu me lançando um doce olhar enquanto diz:

— Você me surpreende.

Sinto meu rosto pegar fogo.



— Não há nada de surpreendente em mim.

— Se me permite, discordo.

— Você não precisa de permissão. — Me aproximo dele e lhe dou um beijo no lugar em que o seu coração pulsa na têmpora. — E você não precisa ir para casa. Estacione a algumas quadras da minha casa. Minha mãe só vai voltar mais tarde. Não vai notar seu carro e não esqueceremos de trancar a porta do meu quarto.

Ele arqueia as sobrancelhas e pergunta:

— Você está me convidando para dormir na sua casa?

Dou de ombros, me sentindo subitamente nervosa.

— Foi isso que você falou para o seu pai, não foi?

Ele entra na rua El Camino, sua expressão está cada vez mais sombria, enquanto estaciona na frente da casa com as vacas de cerâmica na janela.

— Não gosto de ver uma arma na sua mão.

— Não ia deixá-lo machucar você. — Bato a porta do carro e aceito a mão que ele oferece antes de descermos a rua. — Mesmo que fosse o velho Dylan prestes a ter o rosto estraçalhado, não ia conseguir ficar ali parada, assistindo.

— Você poderia ter pedido ajuda.

— Já pedi ajuda antes. Ninguém pode me ajudar. Está na hora de ajudar a mim mesma. — Só percebo o quanto as palavras significam para mim depois de ditas. Chegou a hora de ajudar a



mim mesma. E Romeu. Não vou ficar olhando nem ser fraca, nem vou mais sentir medo.

— Então ajude a si mesma — ele diz, parando antes de entrarmos na garagem. — Não se preocupe comigo. Nem com Dylan.

— Não vou me preocupar — digo, o incentivando a entrar em minha casa. — Vou vencer.

Romeu

Entro atrás dela. Sei que nada que ela me mostre poderá mudar meu destino ou nos dar o final do livro que minha adorável garota de conto de fadas está procurando, mas, mesmo assim... Algo está mudando dentro de mim.

Algo que ela disse sobre ajudar a si mesma...

A resposta está em algum lugar por ali. Escondida nas simples palavras e na teimosa determinação. Não consigo evitar, mas talvez, se estiver disposto a fazer o que for preciso, se eu a amo...

Meu Deus. Eu a amo? Será? Talvez...

— Está aqui. — Ela abre a porta do seu quarto, apoiando a mão na maçaneta. — Ainda não está terminado, mal está começado, mas quero que você veja.



— Tudo bem. — Mesmo sabendo que essa coisa que quer me mostrar não pode mudar nossos destinos, estou intrigado. Ela me intriga. Quero saber tudo sobre ela. Quero todos os seus segredos, quero acabar com a sua vergonha, quero que ela acabe com a minha. Sei que não há esperança. Mesmo assim...

Quando ela abre a porta e acende a luz, iluminando a galeria particular, fico impressionado com o quanto gostaria de ter mais tempo. Quero ver o que ela vai pintar no mês que vem, no ano que vem. Quero tempo para provar que posso fazê-la feliz por mais que alguns dias, para provar a mim mesmo que me lembro de como fazer isso.

Ou que finalmente aprendi como fazer isso. Pela primeira vez.

Amava Julieta, mas não fui bom para ela. Mesmo antes de traí--la. Mas tenho sido bom para Ariel, por Ariel. E não sinto mais que faço algo para salvar minha própria pele. Sinto que estou fazendo porque não tenho outra escolha. Aninho-a em meus braços e a abraço com força, enquanto as almas perdidas se enchem de cólera porque não posso me imaginar longe dela. Porque...

Eu...

— Eu...

— Que foi? — pergunta Ariel, olhando para trás, arqueando as sobrancelhas. Paro à porta, impressionado pelo fato de seu



rosto se tornar maravilhosamente familiar, o rosto de alguém que eu...

Abro a boca e a fecho, mas antes que possa falar, Ariel faz um gesto para que eu entre.

— Venha. Olhe para isso. — Ela ergue o cavalete no canto do quarto e o vira com cuidado. — Deixo virado para a parede quando não estou trabalhando, porque não consigo ficar olhando muito tempo enquanto não termino, mas...

Sei que ela ainda está falando, mas tudo o que ouço é um zumbido de sangue em meus ouvidos. Olho para o rosto do garoto, impressionado. Ela captou sua expressão perfeitamente, desde os olhos negros atormentados, ao nariz forte e o tom oliva peculiar de sua pele. Ela até mesmo retratou a cicatriz acima da sobrancelha, bem onde a espada de seu pai chegou perto demais na primeira vez que ele e o garoto duelaram no quintal.

Como? Como isso foi... *Como?*

— Romeu? Hesito. Ela está ao meu lado, mas não me lembro de vê-la sair de onde estava.

— Onde... — Tento manter um tom neutro. — Como você conhece esse garoto?

— Não conheço. Ele veio à minha mente quando estava trabalhando. Pintei esse garoto numa colina há alguns anos — diz, apontando para o quadro que me deu calafrios na primeira vez que estive no quarto. Não há mais dúvida agora. Sou eu. Na minha



colina. Incrível, inimaginável, mas tão real quanto a garota que entrelaça sua mão à minha.

— Tenho sonhado com ele ultimamente. Então, decidi pintá-lo.

Balanço a cabeça negativamente. Isso é impossível.

Viver nos corpos de pessoas mortas, viajar para diferentes realidades e passar dias perfeitos com a garota em que você atirou na cabeça: isso é impossível. Mas você fez tudo isso. A magia tornou isso possível.

— O amor tem a sua própria magia — murmuro baixinho. Disse as mesmas palavras à Julieta na primeira vez em que vivi nessa época, mas não acreditava nelas. Talvez exista magia no mundo que não tenha nada a ver com Mercenários nem Embaixadores. Será que essa garota, será que a forma como ela se sente…

A forma como eu me sinto.

Não há como negar. Não posso negar a forma como tudo dentro de mim se derrete quando ela se aproxima, quando seus braços enlaçam minha cintura e não me sinto mais sozinho.

— É você, não é? — ela pergunta, acariciando minhas costas num toque tão perfeito como tem sido desde a primeira vez que pegou na minha mão.

— É. Não sei como, mas… — Sinto uma dor no peito, mas não é de medo nem de tristeza. É de esperança. De amor. Eu a



amo. Eu a amo, e isso é melhor do que qualquer coisa de que consiga me lembrar. — Você me encontrou.

— Sempre encontrarei vo... — Suas últimas palavras se perdem em meu beijo. Abraço-a com tanta força que sinto seu coração acelerar, compondo um ritmo perfeito com o meu, cada vez mais rápido até cairmos na cama e seus dedos encontrarem todos os botões e zíperes que nos distanciam. E isso é perfeito e adequado. Porque eu a amo. E como a amo.

— Eu a amo — murmuro por entre os lábios.

— Eu... Cubro sua boca com minhas mãos, sussurro contra meus próprios dedos enquanto nossos narizes roçam um no outro.

— Não diga. Se disser, posso ter de sair mais cedo. — Ela não pode dizer as palavras, sei que a Embaixadora tem grande magia e formas de descobrir a verdade mesmo quando não são ditas, mas não há razão para brincar com o destino. Hoje, quero ficar com ela, memorizando cada momento de nossa primeira e última noite juntos.

Ela beija a palma da minha mão antes de afastar meus dedos e diz:

— Mas eu amo. E amarei. Para sempre.

— Para sempre — repito, e pela primeira vez sei que para sempre é uma promessa que posso cumprir. Vou amá-la para sempre, até que o mundo se acabe e essa lembrança seja a única coisa que me mantenha são.



Nossos lábios se encontram novamente e o restante de nossas roupas caem na cama, na cadeira, no canto do quarto, no chão.

E, então, não existe mais nada além da magia do seu toque.

Conversamos até de madrugada. Ela me conta de seus pesadelos com o homem que conheço como frei Lourenço e eu a alerto para jamais confiar nele. Conto sobre a minha vida de garoto, mais sobre meu irmão e minha mãe, e a minha sobrevida como Mercenário antes que as palavras abram caminho para beijos e o deslizar insinuante das mãos frias na pele quente.

A mãe dela chega por volta das duas da manhã e ficamos em silêncio, deitados na cama, dedos e pernas entrelaçados. Olho para o teto e revivo cada momento das últimas horas repetidas vezes, até não conseguir mais evitar e me virar de lado para dar mais um beijo em seus ombros nus. Ela é tão linda. Perfeita. Minha.

Não. Não é minha. Eu sou dela. Pertenço a ela, à garota que sonhou comigo, que deu vida ao meu rosto perdido do passado. Ela me salvou, me transformou num homem bom pela primeira vez. E, agora, vou salvá-la. Sei o que tenho de fazer. A resposta sempre esteve à minha frente, esperando que o amor a trouxesse para a luz.

A Enfermeira de Julieta avisou que eu seria lançado ao corpo da caverna se minha missão fracassasse. Só posso acreditar que isso signifique que ficarei nesta realidade, em que Ariel está viva e precisa de minha proteção. Quando a noite de amanhã



chegar e a Embaixadora se oferecer para administrar os votos de pacificador, vou recusar. Voltarei ao meu corpo decomposto e esperarei décadas até que meu corpo se torne pó, protegendo, assim, a garota que amo.

Ficarei longe o suficiente para que ela nunca veja no que me transformei, mas perto o suficiente para defendê-la dos Mercenários que quiserem prejudicá-la. Conheço os truques deles e no espectro da minha alma conseguirei ver as auras negras. No instante em que uma delas começar a espreitar o meu amor, arrancarei a cabeça do infeliz de seu corpo. Sei que acabarei sendo pego, mas até isso acontecer, conseguirei muito mais tempo para Ariel, muito mais vida, enquanto eu puder.

Trago-a para perto de mim.

— Se não puder ficar, saiba que estarei observando você sempre — sussurro em meio aos seus cabelos. Ela repousa em meus braços, quase dormindo.

— Você vai ficar.

— Vou tentar. Mas se não conseguir — não quero dizer as palavras em voz alta, mas tenho de dizer —, se lembre do que me prometeu. Se apaixone por outra pessoa.

— Você poderia se apaixonar por outra pessoa?

Paro de falar. Poderia? Amar outra pessoa não é uma opção para mim e, quando fecho meus olhos, não consigo ver outro rosto que não seja o de Ariel. Mas isso não é o que ela precisa ouvir.



— Eu já amei outra pessoa.

— Você a ama agora?

— Não do jeito que amo você. — Não posso mentir. Não sobre isso. O lugar em minha memória em que Julieta vive mudou. Me apaixonei por ela, mas não sinto agitação dentro de mim quando penso no belo rosto de Julieta, só sinto culpa e arrependimento.

— Diferente de que jeito?

— Fui egoísta com Julieta. Passei tempo demais compondo uma poesia de amor que achei que fosse passar a impressão de que eu era inteligente, e acreditando em quanto nosso romance ia magoar meu pai. Quando estava com ela, eu era a pedra no caminho. Não conseguia parar de pensar em Romeu tempo suficiente para conhecer Julieta. Mas com você... Desde a primeira noite você me surpreendeu, me fazendo pensar, sentir e... — Respiro fundo e deixo as palavras fluírem, tentando acreditar na verdade. — Ontem foi um dos melhores dias da minha vida. Mas ainda não achava que meu sentimento era real. E então, hoje, repentinamente tudo ficou tão claro. Eu a amo. Mais do que jamais amei alguém. Amo você o suficiente para querer que ame outra pessoa quando eu me for.

Ela suspira, um doce e triste suspiro que me garante ter dito as palavras certas. Pela primeira vez, as palavras certas e as verdadeiras são as mesmas. Talvez, com Ariel, sempre teriam sido.



— Mas você não partiu, e não consigo imaginar sentir isso por mais ninguém. — Ela sela suas palavras com um longo beijo que causa fraturas em zigue--zague em meu coração. — Prometa que vai tentar ficar.

— Farei de tudo.

— Eu também. — Ela recosta a cabeça em meu peito e dorme. Quase que instantaneamente, como uma criança sem carinho no mundo. Fico deitado, ouvindo sua respiração, tentando memorizar a sensação de seu dorso se expandindo para inspirar e expirar, o perfume dos seus cabelos no travesseiro ao meu lado. Não quero dormir nem perder um minuto do meu tempo com ela, mas meu corpo emprestado é humano e a exaustão finalmente domina minha mente. Estou sonado quando me viro para a janela, tão perto do esquecimento que por um momento penso que o rosto do outro lado do vidro é um sonho.

Porém, então, ela ergue a mão de brilho dourado e dobra o dedo, enviando uma onda de poder que percorre a minha coluna. Acordo na mesma hora, meu coração dispara e meus olhos se focam nos dela, não sentindo conforto algum em sua expressão de prazer.

Por quase mil anos, o prazer do Embaixador foi a minha dor.

Sei que desta vez não será diferente.



Dezoito

Romeu

Se pudesse fingir dormir e me virar para o outro lado, assim o faria, mas a magia da Embaixadora me chama, fazendo meu sangue pinicar pelas veias. Só depois de algum tempo afasto meu ombro e pernas do corpo de Ariel e saio da cama. Ela resmunga dormindo e se remexe na cama, mas logo se acalma. Espero um pouco, absorvendo tudo o que vejo nela, lutando contra a terrível sensação de que esta será a última vez que a verei dormindo.

Talvez até mesmo a última vez que a vejo.

Crio uma armadura sobre mim ao caminhar até a janela, determinado a não deixar a Enfermeira de Julieta saber do meu segredo até ter certeza de que meu tempo realmente se acabou. Ela não vai ficar feliz quando souber que planejo recusar sua oferta. Ela disse que minha troca de aliança traria grande poder aos Embaixadores. Minha decisão de retornar a um cadáver decomposto em vez de jurar obediência à causa não vai acabar muito bem.



Esse pensamento faz com que retribuir o sorriso dela seja mais fácil quando arqueio a sobrancelha, deixando entrar no quarto seu aroma da noite de primavera e do perfume de baunilha.

— A que devo esse prazer?

— Você não tem mesmo vergonha. — Ela me olha de cima a baixo novamente, me lembrando de que estou tão nu quanto no dia em que Dylan nasceu.

Sorrio ainda mais e levo as mãos à cintura.

— Se não estiver se sentindo confortável, posso vestir alguma coisa.

Ela abafa o riso.

— Tenho milhares e milhares de anos, Romeu. Me lembro de uma época em que todos os humanos andavam por aí sem roupas.

— Tanto tempo assim? — Guardo a informação para mais tarde. — Sempre achei que vocês e os Mercenários fossem mais novos. As lendas dizem que vocês são gregos.

— As lendas evoluem. Mudam para se adequar às necessidades e o entendimento das pessoas que as ouvem.

— Como as mentiras.

Ela inclina a cabeça, concedendo um ponto a meu favor.

— Suponho que sim.

— Então, quais são as mentiras que vai me contar agora?



— Os Embaixadores não mentem, Romeu. Você sabe disso — diz, cruzando os braços sobre seu suéter verde-escuro, a luz dourada ainda brilha em suas mãos e ela parece estar envolta em uma fogueira. — Vim para parabenizá-lo. Você obteve sucesso num tempo recorde. Ariel está apaixonada. Senti a mudança no espírito dela hoje à tarde, um peso obscuro foi erguido.

Meu coração se aperta. Eu sabia. Sabia que o silêncio de Ariel não importaria.

— O coração dela está seguro — ela continua dizendo. — Ela nunca vai se transformar numa força das trevas. Você pode vir comigo agora e assumir seu lugar entre os Embaixadores.

Me afasto da janela.

— Mas... Tenho de ficar e protegê-la.

— Você sabe que isso é impossível — ela diz num tom gentil, porém firme.

— Nada é impossível.

— Certo. Não é impossível, mas é criminalmente insensato. Se permitisse que você ficasse no corpo de Dylan, você e Dylan estariam ambos mortos em poucos dias. A vida dele seria desnecessariamente desperdiçada.

— Não dá para saber. Pode ser que eu consiga fugir deles, enganá-los...

— Isso está fora de cogitação. — Sua expressão endurece. Ela não vai mais me ouvir. — Você deve vir comigo. Agora.



— Mas eu... — Olho para trás, sinto um tremor ao ver Ariel encolhida debaixo das cobertas. — Eu a amo.

— Eu sei. Tenho de admitir que isso é uma grande surpresa. Você é uma criatura extraordinária, Romeu Montecchio. Essa mudança fará de você um bem ainda mais valioso à nossa causa.

Viro de costas para ela.

— Não sou uma criatura nem sou um bem. Sou um homem e esse é o rosto que costumava ter — digo, apontando para o retrato no canto do quarto, observando uma fagulha de emoção desprotegida surgir no olhar da Embaixadora. Foi só por um momento, arrancada dela com a mesma rapidez com que se tira uma faca da mão de uma criança, mas eu vi. Ela não esperava por isso. Não sei se devo sentir coragem ou medo. — Ariel pintou isso. Não a partir de algo que tenha lhe contado, mas pelo que viu num sonho. Este é o segundo retrato, o primeiro ela terminou há anos — digo, retirando o quadro da parede e o segurando na janela. — É o meu antigo corpo, na colina em que fiz meus votos de Mercenário.

Observo-a, esperando para ver se isso muda tudo, mas ela só fica me olhando com a mesma calma, com uma expressão controlada e levemente divertida. Tenho vontade de estrangulá-la ainda mais do que antes. — Como você explica isso? — pergunto com os dentes cerrados.

Ela dá de ombros.

— Não explico.



— Não vai nem tentar?

— Não vejo razão para isso. Tivemos êxito no que precisávamos ter e ninguém, humano ou imortal, jamais entendeu por completo a magia dos sonhos.

— Bem, você podia tentar — digo, provocando-a enquanto penduro o quadro de volta na parede. — Porque o frei também aparece nos sonhos dela.

— Como?

— O frei. Ele aparece nos sonhos dela. — Sinto uma fria satisfação ao ver seu cenho franzido. Embaixadora idiota. Porém, por mais gratificante que seja abalar sua presunção, também é assustador. Essa mulher é a única coisa que se impõe entre Ariel e o mal, e ela está lamentavelmente despreparada.

— Ele prometeu perdoá-la e garantir a paz que ela procura — continuo explicando. — Alertei-a para não confiar nele, mas não posso dizer com certeza se ela está protegida contra a influência do frei. Ela sofre com esses ataques estranhos. Ela acreditava ter problemas mentais, mas eu a segurei quando teve um hoje. Ela está repleta do poder dos Mercenários. Não sei como, mas as almas segregadas são capazes de entrar na mente dela. Geralmente quando ela fica com raiva, mas tenho certeza de que o frei poderia dar um jeito de tornar esses ataques mais frequentes.

— Tenho certeza disso — diz, depois de pensar um pouco. — Assim que certas barreiras são rompidas, muitas coisas incomuns podem se tornar possíveis.



— Que tipo de barreiras? Elas podem ser reconstruídas?

— Não que eu saiba. As pessoas que estão abertas à nossa magia geralmente sofrem experiências de traumas significativos. O trauma erupciona as barreiras naturais que mantêm a mente protegida. Sem elas, os humanos ficam vulneráveis a todo tipo de invasão. As almas perdidas são apenas uma das muitas coisas que podem encontrar abrigo na delicada mente de Ariel. Por isso era tão importante que você...

— A mente dela não é delicada. Só está sendo atacada — digo, incapaz de ocultar minha raiva. — Ariel tem sido atormentada por coisas que nem consegue entender. Ela merece...

— Exatamente. Ela não consegue entender e, mesmo se pudesse, seria inútil explicar. Não há como devolver o que ela perdeu. Sua mente abriu uma porta que deveria ter permanecido fechada, e quando algumas coisas são conhecidas não podem mais voltar a ser desconhecidas. — Ela lança um olhar significativo para mim e, depois, o desvia para Ariel. — Agora sei que você entende isso. Depois de hoje.

— Se você está tentando fazer com que eu me sinta culpado, não vai conseguir — digo. — Ficar com Ariel não foi um erro. O único erro seria abandoná-la indefesa.

— E como você acha que conseguiu criar uma consciência depois de todos esses anos? — Ela retorce as mãos brilhantes no parapeito da janela, estreita o olhar, mostrando um traço de crueldade escondido em sua beleza. Isso acentua as marcas de expressão ao redor da boca, me fazendo crer que a idade do corpo



que habita está mais próxima dos 40 do que dos 30, pela primeira vez. — Por causa da magia que eu dei a você. Você não é nem um pouco melhor do que era antes. Sem a minha ajuda, você jamais se importaria com essa garota, muito menos se sentiria ultrajado por ela não estar sendo cuidada da forma que você considera apropriada.

— Ela não está sendo nada cuidada! — digo, agarrando a janela, imitando sua posição de batalha. — Quando eu partir, eles vão matá-la. Você disse que cuidaria dela, mas vejo que qualquer coisa que fizer vai...

— Tem razão — ela diz, me deixando chocado em meu silêncio. — Não sabia que o frei estava aparecendo nos sonhos dela. Só posso tocar as mentes adormecidas dos meus seguidores. Não sabia que uma conexão tão profunda fosse possível a um ser humano sem poderes mágicos.

— Mas é — garanto--lhe. — Ariel o descreveu perfeitamente. Ela suspira.

— Se de fato for, se ele já está entrando no subconsciente dessa garota, então ele acabará...

— A levando à loucura — concluo a frase, sentindo meu sangue gelar diante de seu aceno positivo, que confirma meus temores.

— E os loucos são incapazes do amor verdadeiro. É preciso estar no controle da mente, para que se tenha o controle do coração.



— Não... — Balanço a cabeça negativamente, me recusando a acreditar ter entendido corretamente o que ela disse. — Não pode ser verdade. Temos de fazê-lo parar. Isso não pode ter acontecido por nada!

— Shhh... — ela sinaliza, quando Ariel geme em seu sono antes de ficar em silêncio novamente. — Isso não terá acontecido por nada — ela sussurra. — Você foi trazido à luz.

— Eu... Isso não é suficiente. — Meu corpo todo dói. É como se estivesse revivendo o momento ao lado da árvore outra vez, quando Julieta e Ben estavam à mercê do frei e não havia esperança além de destruí-los, antes que ele o fizesse. Mas não posso destruir Ariel. Nem mesmo para salvá-la de um destino pior do que a morte. Amo-a demais. E tem mais, eu a respeito. É da vida dela que estamos falando e há certas decisões que ninguém deveria tomar em nome de outra pessoa, não importa o quanto suas razões sejam nobres para ter erguido a arma.

Essa percepção me atinge em cheio. Talvez a Embaixadora esteja certa. Sei que não fiz favor algum à Julieta ao levá-la ao suicídio da primeira vez, mas estava errado quando acabei com a vida dela debaixo da árvore também? E se não visse claramente? E se houvesse possibilidades de futuro para ela que eu não pudesse compreender?

Possibilidades...

— Romeu e Julieta — digo, me lembrando, de repente, das mudanças neste mundo. — A peça de Shakespeare desapareceu.



Julieta é um obituário de uma linha e eu me tornei uma menção num guia turístico. Lá diz que morri num incêndio em uma igreja.

A Embaixadora não parece terrivelmente surpresa, seja pela mudança de assunto ou por minha revelação.

— Esta é uma realidade diferente. Muitas coisas serão mudadas.

Foi o que suspeitei, mas, por alguma razão, a explicação ainda não me cai bem.

— Benjamin Luna com certeza mudou muito. Eu o vi hoje. Ele não é o mesmo garoto.

— Como disse, escolhas feitas no passado vão...

— Ele se parece com meu primo, Benvólio Montecchio. Exatamente igual a ele.

Ela hesita.

— Você se lembra tão bem do rosto dele?

— Ele era como um irmão para mim depois da morte do meu irmão. Ele tinha 7 e eu 5 anos. Crescemos juntos. Enquanto eu estava vivo, passava mais tempo olhando para a cara dele do que para mim mesmo. Foi com Benvólio que falei hoje, apesar do fato de ele crer ser Benjamin Luna. — Faço uma pausa, esperando, mas ela não diz nada. — Juro — insisto. — Era Benvólio, de corpo e alma. Aqui, nesta cidade, setecentos anos depois da época em que meu primo viveu e morreu. Como isso é possível?

O olhar dela é de pena quando pergunta:



— Vocês eram próximos?

— Ele era o único membro da minha família que não era cruel nem insano e nem estava atrás do dinheiro do meu pai. Mas isso não importa. Sei o que vi.

— Às vezes o que queremos ver pode ser mais forte…

— Não estava vendo o que queria ver — digo, cerrando os punhos, lutando para esconder minha frustração. — Vi o que estava à minha frente.

— Tenho certeza de que muitas pessoas vão ser parecidas com seu primo. Ele era um garoto comum, se me lembro bem. Mas você… — Ela se vira para o quadro no canto do quarto. — Não há dúvida de que o retrato mostra a sua beleza jovial. Ariel é talentosa.

Então é isso. Nem deu bola para minha preocupação. Mas não vou deixá-la se safar facilmente.

— Se era Benvólio ou não, você não entende o que isso significa? Se fomos trazidos para esta versão do mundo, Julieta nunca conheceu o verdadeiro Ben Luna, nem se apaixonou por ele. Pode ser que ela ainda seja uma Embaixadora, trabalhando pela causa.

— Sim. Pode ser que esteja viva — diz. — Pode ser que você não tenha atirado nela nem roubado uma preciosa alma do mundo.



Sinto um aperto no peito ao me lembrar dos olhos arregalados de Julieta morrendo diante de mim. A dor é pior agora. Era a alma de Julieta, mas nos olhos de Ariel. Agora que olhei novamente em seu rosto e vi o amor diferente de tudo o que pensei ter conhecido, é muito pior tolerar o que fiz. Mesmo se sentisse que não tinha chance alguma.

— Sim — sussurro.

— Pode ser que ela ainda estivesse aqui em vez de você. — A voz da Enfermeira é dura, impiedosa. — Mas ela não está. Você está. E deixando as confusas coincidências de lado, o mais importante é evitar que Ariel mude de lado.

— Não posso matá-la. — Me sinto sufocado, minha garganta dói. — Não posso. A mão dela se apoia sobre a minha.

— Pode ser a única forma de salvá-la.

— Por favor, não — imploro, sabendo que ela vai arrumar outra pessoa para cumprir a tarefa se eu me recusar. — Por favor. Tem de haver outra maneira.

— Pode ser que sim. — Ela olha novamente para a cama, uma suavidade em sua expressão me traz algum conforto. Talvez Ariel não seja simplesmente um meio para um fim ou uma forma de salvar o mundo. — Me deixe falar com os outros Embaixadores. Se os Mercenários podem entrar em seus sonhos, talvez também possamos. Se conseguirmos, poderemos oferecer proteção a ela.

— Vou ajudar. De todas as formas possíveis.



— Não há nada que você possa fazer. Talvez não haja nada que possa ser feito — ela avisa. — Mas, diante dessa notícia, não acho que seja seguro deixar Ariel sozinha.

Sinto minha respiração ofegar e o meu alívio faz meus braços tremerem.

— Obrigado.

— Fique com ela, não saia do lado dela. Entro em contato amanhã — diz, se afastando da janela, e a luz que emana de suas mãos enfraquece. — Se você não tiver notícias minhas até o anoitecer, me encontre no topo da colina à meia-noite.

— Não podemos nos encontrar em outro lugar, mais perto da cidade? Prometi levar Ariel ao baile. — Ela arqueia a sobrancelha sem acreditar no que ouve. — Parece bobo, mas é importante para ela. E para mim. Sei que não posso ficar, mas se pudéssemos ter somente mais uma noite, mais algumas horas para passarmos juntos, quem sabe ela talvez se lembre...

— Ela vai se lembrar de você. E você vai se lembrar dela se realmente quiser — diz. — Julieta escolheu esquecer certas coisas, mas você terá uma escolha. Não somos cruéis, Romeu. Diferente de nossos antigos mestres, nos importamos com nossos seguidores e não os mandamos para as sombras se tivermos poder para mantê-los na Terra. Não roubamos lembranças de sua mente. Você guiará seu próprio destino tanto quanto qualquer alma que sirva a um propósito maior.



Um propósito maior. Há poucos dias esse pensamento me faria rir. Mas, agora, é isso que pretendo. Porém, não da forma como a Enfermeira de Julieta tem em mente...

— É bom saber disso — digo, olhando para baixo, fingindo estar agradecido por suas palavras gentis, embora saiba que não precise delas. Não vou para as sombras. Ficarei aqui. Com Ariel. — Nesse caso, a oportunidade de guardar mais uma lembrança dela será mais do que apreciada.

— Muito bem — diz, esticando a mão. A luz circula entre nós. Sua magia pinica ao penetrar por debaixo da minha pele, mas a dor nem se compara com a da primeira vez. Quando termina, me sinto recarregado, como se tivesse dormido durante todas as horas em que passei olhando para o teto, memorizando a sensação do corpo de Ariel contra o meu. — Nos encontraremos à meia-noite na escola. Espero por você no bosque atrás da lanchonete.

— Como Cinderela.

— Você sempre me fez lembrar da Cinderela. — Seu tom sarcástico faz com que eu ria de mim mesmo.

— Obrigado — digo. — Eu acho.

— Mas, lembre-se: como o feitiço da fada-madrinha, meu poder vai cessar à meia-noite. Se até lá não tiver feito os votos, vai retornar ao espectro da sua alma e viver o restante de seus dias num corpo decomposto.

— Entendi — digo.



Ela sorri e diz:

— Que bom!

Bom mesmo. Concordo com a cabeça e prometo encontrá-la à meia-noite ao mesmo tempo em que começo a planejar minha fuga da misericórdia pela qual estava disposto a matar há alguns dias.

A Enfermeira desaparece no meio da noite e volto para a cama, ao lado de Ariel. As cobertas estão quentes e seu aroma penetra em mim, absorvendo toda a minha dor. Mesmo quando meu nariz queima ao sentir o fedor da minha própria decadência.

Assim que me deito, ela se remexe em seu sono, sua cabeça encontra o meu ombro, sua mão acaricia meu peito até recostar sobre o meu coração. Posso sentir o amor em seu toque, mesmo quando ela está distante, perdida em seus sonhos. Abraço-a com força, beijo sua cabeça e espero que esteja tendo doces sonhos.

Então me deito, olhando para o teto, pensando nos detalhes, tentando ignorar a pressão esmagadora em meu novo coração que aprendeu a se partir.



Intermezzo 3

Verona, 1304

Julieta

— Minha Enfermeira fará de Romeu um Embaixador — digo novamente, sabendo que meu destino depende de o frei acreditar ou não nessa mentira que não sei se é inteiramente uma mentira. Vi mesmo algo assim em meus sonhos. Vi Romeu banhado em luz dourada, repleto da magia dos Embaixadores. — Ela vai roubá-lo dos Mercenários.

— Impossível — diz, mas ele para de andar. Ele para e eu estremeço. Se ele me deixar, vou morrer neste buraco. Mas não antes de sofrer por mais um, dois ou três dias até que a desidratação clame por minha vida. — Como você sabe sobre os Embaixadores?

— Isso importa? Eu sei, e vi o que a Enfermeira está planejando numa visão.

— Somente os Embaixadores superiores têm verdadeiras visões do futuro — ele diz. — E você não é um deles, menina. Você foi tocada pela magia, mas...



— Minha Enfermeira consegue se comunicar comigo. Nos meus sonhos. — Podia jurar ter ouvido a voz da Enfermeira enquanto dormia. Ecoando pelos céus dos meus pesadelos. — Ela me mostrou o que vai acontecer.

— E por que ela faria isso?

— Para me punir. — Talvez seja verdade. Talvez não, mas minha mente tem dúvidas suficientes para fazer parecer que estou narrando um fato. — Ela quer me fazer sofrer. Foi por isso que me mandou para cá.

— Você veio para a tumba trazida por uma carroça. Eu testemunhei com meus…

— Não, não aqui. Não na tumba, dessa vez. Eu estava no futuro. Era Embaixadora. Por mais de setecentos anos. — Posso sentir a mudança de atmosfera quando falo. Ele está intrigado, finalmente ponderando se vale a pena ou não fisgar esse peixe da armadilha. — Romeu e eu realmente vivemos para nos tornar inimigos. Por séculos. E então você me capturou e ele o desafiou. Ele tentou me poupar da tortura, mas fracassou, e não sei como minha Enfermeira me mandou para cá.

— Você está mentindo — ele diz, mas sua certeza amolece.

— Você disse que eu não sabia mentir. Deve saber que falo a verdade agora. — Rezo para que minha mistura dos fatos entre ficção e verdade trabalhem em meu favor. — A Enfermeira me mandou para cá para morrer por ter me recusado a renovar meus votos a ela. Mas queria viver. Matarei por você, troco de aliança,



faço o que for preciso para viver e fazê-la pagar por ter dado meu lugar no mundo ao Romeu, quando ele não merece nada além de dor.

— Hum — diz, parecendo um riso, mas não é. Não sei o que fazer com isso, então fico em silêncio, esperando até que ele resolva falar novamente. — Se o que você disse é verdade — diz, sua voz fica mais clara à medida que se aproxima —, se a sua visão estiver correta e você veio mesmo do futuro, então Romeu está fora de alcance, seguro em outra época. A magia dos Mercenários está presa ao tempo e ao espaço. Pensei que fosse a mesma coisa com os Embaixadores, mas isso não é lá nem cá. — Ele geme ao se abaixar para sussurrar em uma fenda no túmulo: — A triste verdade é que não posso mandar você para o futuro para ir atrás de Romeu com um punhal. Então, o que você ainda tem para me oferecer? Como sacrifício?

— Meu pai. — Ignoro o nó que se forma em minha garganta e digo: — Ele não é tão querido quanto Romeu, mas eu o amo.

— Seu pai — ele repete, sem se impressionar.

— Não o vejo há séculos. Quero abraçá-lo mais do que qualquer coisa no mundo. — O nó aumenta e se transforma num punho cerrado que corta o ar dos meus pulmões. — Mas vou rasgá-lo ao meio — perco o ar. — Se você me deixar sair.

Ele fica em silêncio pelo que parece ser uma eternidade. No silêncio, tenho tempo para refletir sobre minhas palavras. Estou presa nas trevas da minha própria sujeira, com sede e fome e o terror assola minha mente. Será que mataria para ficar livre? Será



que violaria minha crença de que o bem não pode resultar de um assassinato? Qualquer assassinato? Mesmo o assassinato de ameaça do lado de fora, que não fez nada além de espalhar o mal pela Terra por centenas de anos?

Não. Não posso. Ben estava certo. Matar não vai melhorar as coisas, só vai piorá-las. Mas mentir... Não tenho problemas com isso. E vou contar quantas mentiras forem necessárias para poder escapar desse inferno. — Então você gostaria de se tornar Mercenária — diz o frei, num tom neutro, sem emoção, indecifrável.

— Não, eu não gostaria. Mas me tornarei, se esse for o único modo de conseguir me vingar.

Ele abafa um murmúrio.

— Você faria isso? Você lutaria contra o Embaixador que Romeu se tornou?

No escuro, faço que sim com a cabeça, cerro os punhos e sussurro:

— Sim.

— Muito bem — ele diz depois de alguns minutos. — Acho que seu pai servirá ao seu propósito.

Contraio-me ao sentir a pedra ser retirada me enchendo de ar, fazendo as paredes vibrarem naquele que teria sido meu leito de morte. A luz cinza da tumba fere meus olhos, o ar levemente menos fétido do mausoléu golpeia a minha face e meu sangue



enfraquecido se enche de alívio. Até mesmo os braços esticados do monstro que me tira da escuridão são melhores do que os longos e torturantes braços da morte que me espreitava.

E vou escapar destes braços. Vou encontrar uma forma.

— Está pronta? — Os dedos do frei se afundam numa parte já ferida da pele do meu quadril. Tento me afastar, mas meus joelhos se dobram, e sou forçada a apoiar meu peso nele. Não tenho força suficiente para ficar em pé sem ajuda. Mas terei. Logo. Ele tem de me revigorar, não posso matar um inseto no estado em que me encontro, muito menos meu pai; e, quando ele o fizer, vou correr, me esconder.

— Estou pronta. — Viro meu rosto para as escadas que levam à entrada do cemitério, desesperada por uma rajada de ar fresco.

— Então espero que o que disse seja verdade — o frei diz, sacudindo o braço com força.

O fogo incendeia minha barriga e se espalha com enorme intensidade. Levo rapidamente as mãos ao abdômen para sentir o calor grudento do meu próprio sangue se espalhando por meus dedos. Tenho uma fração de segundo para entender o que ele fez e então começo a cair. Curvo-me como um amontoado de saias cheirando mal e minha última esperança se esvai quando caio no chão.

Ele sabia que eu estava mentindo. Ele venceu. Sempre. Para sempre.



Ele se ajoelha ao meu lado. Fecho meus olhos diante da sua face vil.

— Se ela mandou você para cá, virá ajudá--la — diz. — Sua Enfermeira não é cruel. Ela vai querer dar mais uma chance para você. Mas quando ela o fizer, você estará morta e eu estarei esperando por ela. E então vou descobrir se o tempo pode ser tão facilmente atravessado como você diz, minha filha.

Abro meus olhos, querendo dizer que ele está errado, que a Enfermeira não se importa com o que vai acontecer comigo, pois não sou mais um de seus escravos, mas ele já se foi, subiu tranquilamente as escadas do mausoléu e adentrou a noite. Ou o dia. Não sei dizer e nunca saberei. Observo-o partir, observo seus pés desaparecerem do alcance de minha visão, lutando para respirar e vencer a agonia que se espalha em meu ser.

É isso aí. Depois de todos os séculos, depois de toda luta, sacrifício e lições aprendidas, agora...

Ela vem das sombras do outro lado da tumba, emergindo de trás do sarcófago mais antigo da minha família, diminuindo o espaço entre nós após olhar rapidamente para trás para ver se o frei já tinha ido.

Ela abaixa o manto e expõe os cabelos grisalhos e seu rosto é mais pálido do que me lembrava, mas reconheço a velha senhora, imediatamente.

— Enfermeira — digo, ofegante.



— Minha doce garota. — Suas mãos calejadas pelo trabalho encontram meu rosto e tiram meus cabelos da frente dos olhos. — Não há muito tempo — ela sussurra. — Você deve renovar seus votos. Me deixe salvá-la uma segunda vez, Julieta.

Não é a Enfermeira. É a Embaixadora que habita a Enfermeira. Ela estava aqui o tempo todo, observando o frei me atormentar do jeito que observou Romeu me enganar por todos aqueles séculos.

— Não. — Afasto a mão dela com meus dedos melados de sangue. — Me mandar para cá não mudou minha decisão.

Ela fica boquiaberta.

— Não a mandei para cá. Juro que não.

Não digo nada. Ela é tão mentirosa quanto o frei Lourenço.

— Acho que talvez o próprio universo tenha enviado você, certamente um poder maior do que o de qualquer Mercenário ou Embaixador. — Ela se aproxima, roçando os lábios em minha testa, me fazendo tremer de desgosto. — Você foi destinada a seguir esse caminho, Julieta. Foi destinada a ser maior do que uma garota mortal que viva uma vida mortal. Estou tão feliz por ter encontrado você.

— Como? — pergunto, molhando os lábios com a língua, lutando para falar enquanto a dor me consome. — Como você me achou?



— Depois que deixou o corpo de Ariel, houve uma alteração na realidade. Os lugares que você e Romeu tocaram no futuro e no passado mudaram. Não foi difícil decifrar o que causou essas mudanças.

— Então é verdade. Você transformou Romeu num Embaixador.

— Você viu... — Ela suspira. — Não quis revelar isso a você, só queria enviar pensamentos de conforto enquanto você dormia — diz, verificando se o frei está descendo as escadas, mas posso senti-la se escondendo de mim. — Mas não. Não o transformei. Só dei uma chance a ele.

— Por quê?

Ela se vira para mim com um brilho estranho no olhar.

— Você não acha que as pessoas merecem uma segunda chance?

— Ele não.

Ela sorri.

— Concordo, mas seu destino e o dele estão interligados. Tive de tirar Romeu da equação para que o seu destino fosse somente seu. Se não o tivesse colocado num caminho de existência fora de seu tempo, você nunca teria se tornado uma de nós novamente.

— Não me tornarei... Jamais.



— Julieta. Por favor… — A Enfermeira pega na minha mão e me lança um olhar triste onde o sangue ensopa meu vestido. — Você está morrendo.

— Já estava morrendo antes — sussurro, encontrando dificuldade para falar. — E então acordei bem aqui. Vou ver onde vou acordar da próxima vez.

— Não haverá… — Ela lança mais um olhar nervoso para a entrada da tumba. — Está diferente agora. Não haverá próxima vez.

Fecho os olhos, desejando que ela tenha ido embora, desejando que o frei volte e me dê algo real para me preocupar.

— Olhe para mim — diz, chacoalhando meus ombros, enviando um golpe de dor que vai do meu abdômen até a coluna. — Eu fiz isso.

— Achei que… Você disse que…

— Não mandei você para cá, mas mudei as coisas quando desviei o caminho de Romeu. — Ela apoia meu queixo em suas mãos, se aproximando tanto de mim que posso até sentir sua respiração saindo pela boca. — Você foi mandada para cá para ter uma outra chance na vida e você conseguiu. Você encontrou um homem para amar e constituiu uma família. Morreu aos 63 anos de idade de uma infecção no sangue.

Balanço a cabeça negativamente. O que ela está falando? Se isso…



— Então... Por que...

— Para você viver aquela vida, Romeu também foi trazido e ele recebeu uma chance de felicidade — ela diz. — Uma longa vida com a mulher que amava. Uma filha. Cinco netos. Vinte bisnetos, doze dos quais ele viveu para vê-los chegarem ao mundo. Ele tinha quase 100 anos quando morreu em paz. Dormindo.

Seus lábios se retorcem de desgosto.

— Você acha mesmo que uma eternidade de serviços prestados aos Embaixadores é um destino muito bom para tipos como ele, pode imaginar a alternativa? Todas as bênçãos que conseguiu? Enquanto você morreu sem ter uma chance de mudar o mundo para melhor? — Seu riso é um dos sons mais horríveis que ouvi na vida. — Não posso deixar isso acontecer.

— Então você... Tirou minha felicidade? — Meus olhos pinicam, mas estou vazia demais para chorar. — Para evitar que Romeu tivesse a dele?

— Não, minha querida. — Ela passa a mão nos meus cabelos como se eu fosse seu animal de estimação preferido. Me pergunto se não foi isso o que sempre fui para ela. Um animal de estimação. Se fosse mais que isso, ela não teria brincado com meu coração como brincou. — Não tirei nada de você. Dei-lhe uma chance de ser mais. Toda garota pode se casar e ter filhos. Nem toda garota pode mudar o curso da história, salvar o mundo, aprofundar a causa de amor e luz por séculos. Você é especial.

Uma lágrima escorre em meu rosto.



— Não.

— Julieta, alguns de nós somos chamados a servir a uma causa maior.

— Não há causa maior que o amor. — Meu coração cansado retumba em meus ouvidos. — Depois de todos os séculos em defesa da causa, não imaginaria que você, dentre todas as pessoas. — Viro meu rosto para não ter de olhar para ela, lentamente rolando a cabeça no chão duro. — Mas você não é uma pessoa.

— Não. Não sou mais — diz, afastando a mão da minha testa. — Mas tenho coração. Não vou deixar Romeu se tornar Embaixador. Encontrei alguém para eliminá-lo — ela diz. — Por você.

— Você nunca fez... Nada... Por mim — digo, ofegante, mal conseguindo pronunciar as palavras. O fim está próximo, posso sentir a corrente elétrica que se agita em meu cérebro, fazendo com que certas partes de mim, Julieta, explodam. Estrelas caem, mortas e ardentes.

Ela suspira.

— Mas meu interesse pessoal também se refere ao melhor interesse do mundo. Você pode dizer o mesmo? Julieta... Eu esperava muito mais. — Ela fica cada vez mais imóvel, tão imóvel quanto o jazigo que nos cerca, alguns túmulos estão vazios e esperando por suas cargas, alguns com leitos repletos de mortos. Conheço alguns deles, amei alguns deles. Tebaldo e a vovó, e a



minha priminha Luísa que morreu antes dos 3 anos. Talvez os veja quando abrir meus olhos no além.

Posso ir agora. Sinto como seria fácil. Mas, por alguma razão, não consigo parar de pensar na outra vida que a Enfermeira disse que tive; sem a interferência dela, essa felicidade de um marido e filhos e mais cinquenta anos de vida humana. É difícil imaginar a vida sem amar uma pessoa que não seja Ben, mas...

Ben. Se ao menos pudesse abraçá-lo uma última vez...

Minhas pálpebras se fecham, vejo seu rosto e meu medo se dissipa. Ele está comigo. Sempre estará comigo.

— Você só precisa de mais tempo — diz a Enfermeira, tirando minha paz quando põe a mão na lateral do meu corpo.

Primeiro vem a dor, aguda o suficiente para me fazer ofegar, mas depois seu poder pulsa em minha pele e a dor cessa. Respiro pela primeira vez em longos minutos, mas antes que consiga refletir sobre o que ela fez, ela me ergue no ar, me carregando nos poucos degraus do túmulo e me deitando sobre ele. Dentro. Novamente dentro da tumba. Não. Não!

— Não. — Sinto o ar me faltar. Gritaria se pudesse, mas não tenho forças para gritar nem lutar. Nem tenho forças para levantar a mão em protesto quando a pedra se fecha lentamente, voltando ao lugar de origem.

— Voltarei para você — ela sussurra pelo buraco em que o frei derramou a água. — Em algumas horas. Não mais. Vou dar



um fim no meu trato com Romeu e volto aqui. Terei um novo corpo, mas você saberá que sou eu. Como sempre.

— O frei… Ele…

— Ele não vai machucar você — diz. — Ele usa você como isca, mas estou puxando a linha dele. Manterei você a salvo e finalmente me livrarei dele. Você verá, Julieta. Vamos sobreviver e nossos próximos setecentos anos serão diferentes. Você terá grandes poderes. Você conquistará este mundo e o tirará das mãos dos Mercenários; trará paz à humanidade. Juntas, conseguiremos.

Ela vai embora. Lá fora, ouço um som abafado, como se o corpo que ela deixou para trás tivesse caído no chão duro. A Enfermeira é uma mulher velha, com dor nas costas e nas pernas. Sem a magia sobrenatural dentro de si, sofreria uma queda desse tipo. Mas ela não emite um só som.

— Enfermeira — chamo do jeito mais alto que consigo. — Enfermeira!

Ela não responde. Lá fora, há somente o silêncio, nada de respiração, nada de agitação no chão da tumba. Suspeito que a Enfermeira esteja morta. Somente Mercenários habitam os mortos. Embaixadores estão supostamente acima de tal profanação.

Embaixadores não devem roubar vidas nem fazer papéis de juiz, júri e carrascos. Embaixadores não devem parir assassinos conspiradores; nem enterrar pessoas vivas.

Se foi nisso que o “bem” se tornou, temo não apenas por mim e por Romeu, onde quer que ele esteja, mas pelo mundo.



Dezenove

Ariel

O Sol da manhã penetra pela janela, puro e perfeito, como se o céu estivesse sorrindo para o meu quarto, aprovando tudo o que aconteceu entre mim e Romeu. Entre mim e Romeu. É uma linda manhã, mas mesmo que o tempo estivesse feio e acinzentado, e que do céu chovessem sapos, gafanhotos e fogo, eu não me arrependeria do que fizemos.

Eu o amo. Eu amo amá-lo. Se achasse que poderia sair ilesa, novamente fingiria estar doente, esconderia Romeu no armário até que minha mãe saísse para trabalhar, e passaria o dia inteiro na cama com ele. Mais nada, somente os lençóis enrolados e sua pele quente junto à minha, com nossas almas se sobrepondo uma na outra enquanto sussurramos debaixo das cobertas.

— Fique. — Seguro seu braço com força quando ele abre a janela. — Só mais um pouquinho!

— Não há tempo!

— Temos uma hora antes da escola.



Ele se vira para mim. O Sol desenha uma espécie de auréola em torno de seus cabelos desalinhados, fazendo dele o anjo caído mais sexy do mundo. Decido então que vou pintá-lo assim: com um pé para fora de minha janela, enredado entre nós e o mundo.

— Não posso — ele diz, mas sinto sua hesitação.

— Pode sim! — Fico na ponta dos pés e o beijo, minha cabeça gira. Achava que seria mais fácil beijá-lo depois da noite passada, mas isso só piorou a sensação que ele deixou em mim. É como se o meu corpo inteiro se transformasse num redemoinho entrelaçado a um relâmpago. Fico tonta, eletricamente recarregada, viva e tão feliz. Não quero deixá-lo sair, nem mesmo por alguns minutos. — Volte para a cama — murmuro junto à sua boca. Meu coração dispara quando sua mão acaricia meu rosto e desliza pelos meus cabelos.

— Você está dificultando tudo — ele diz, quase sem fôlego, puxando a perna novamente para dentro do quarto.

Sorrio.

— Não. É você quem está dificultando tudo.

— Tenho de ir. Encontrarei você em uma hora, talvez menos. Mas tenho de fazer uma coisa. É importante. — Há algo diferente em sua voz; algo que não havia antes. Ele está preocupado, talvez até com medo.

— É sobre... — Não me lembro do nome da bruxa, mas não o pronunciaria, mesmo que me lembrasse. Não quero trazê-la para



esta manhã. Este momento é entre mim e Romeu, e ninguém mais.

— É algo que será bom para nós dois. Para você.

— Ei, me deixe ajudar. Espere um segundo. Vou com você — digo, pegando a calça jeans do chão. Ele está usando as mesmas roupas, então devo fazer o mesmo. Me visto tão rápido que chego a tropeçar. Ele agarra o meu braço, causando uma certa dor em minha pele quando fecho o botão do jeans e puxo o zíper.

— Tenho de fazer isso sozinho — ele diz.

— Mas eu…

— Não tem mas. Não nesse caso. Preciso que você fique segura. Vá direto à escola, para a sala de aula, e não fale com estranhos — diz, voltando à janela, parando antes de passar a perna pelo parapeito. — Melhor ainda, não fale com ninguém, nem mesmo com sua mãe, se conseguir.

— Está bem — digo, cruzando os braços subitamente frios, embora minha camisola estivesse quente o bastante há alguns segundos. Contudo, lembro do que Romeu me disse na noite passada. O homem dos meus sonhos é um dos Mercenários, e pode vir ao meu encontro em qualquer outra forma, mesmo no corpo de minha mãe ou de um dos meus professores. Se ele matar alguém que conheço, pode desaparecer com o corpo e não permitir que eu saiba até que seja tarde demais. Não posso confiar em ninguém. Exceto em Romeu.



— Você acha mesmo que minha mãe corre perigo? — indago, com o coração na boca. — Não há nada que possa fazer para mantê-la segura?

Ele suspira.

— Já lhe disse para não se preocupar, mas... — Ele pega minha mão, protegendo os meus dedos frios com os dedos quentes dele. — Apenas tenha cuidado e prometo que farei tudo o que puder para garantir sua segurança e de sua mãe, e de todos por aqui. Vejo você na aula.

— Tudo bem — respondo, afastando minha mão da dele. — Cuidado. Ligue se precisar de mim. Estarei com o telefone.

— Pegue o carro da sua mãe, se possível. Ou vá de ônibus. Não sei se é seguro caminhar — diz, saltando da janela e resmungando ao cair no chão. Eu o observo cruzar o gramado e meu coração dá um salto quando para e vira para trás. Fico feliz por ele não conseguir se distanciar sem voltar o olhar para mim. Feliz mesmo.

— Ariel?

— Sim?

— Eu... Amo você.

— Também amo você. — Nos entreolhamos por alguns instantes e, então, não há nada mais, ninguém mais no mundo: somente Romeu, eu e a luz dourada e brilhante. Então, vai embora. Fico observando até que ele chegue à cerca e a pule com a



força de seus braços, e tento não sentir que tudo o que é bom desaparece atrás daquelas tábuas de madeira pintadas de cinza--claro.

Porém, quando volto a olhar para o quarto, o mundo parece mais pobre do que antes. Arrumo a cama com um rápido puxão das cobertas, tiro o jeans e o coloco na cesta de roupas para lavar. Tenho ainda uma hora antes de sair para a escola. Também tenho de tomar uma ducha e me esforçar para ficar com uma cara boa. Pego um jeans limpo e um suéter vermelho que fica justo no corpo e que tem um decote em forma de "V" bem ousado; tão ousado que nunca pensei em usá-lo antes. Finalmente, vou para o banheiro. Tomo uma ducha, me visto, seco o cabelo, e até aproveito o tempo para passar uma maquiagem que sei que Romeu não se importa que eu use. Mesmo assim, já estou totalmente pronta e ainda me restam vinte minutos para sair de casa. Caminho pelo quarto, medindo os passos e tentando achar algo para manter minhas mãos ocupadas. Quanto mais ocupadas minhas mãos estiverem, mais tranquila ficará minha mente. Tenho medo de me afogar numa poça de preocupação, caso eu pare de me mexer.

E se nunca mais puder ver Romeu? Como deixar que ele vá a qualquer lugar sem mim? Como vou retirar as coisas de Gemma da casa dela se não posso falar com ninguém? Como vou ficar se não houver algo que eu possa fazer para salvar as pessoas que amo, para salvar Romeu? Para me salvar?

Vou morrer sem ele. Pelo menos sei o que quero. Só a ideia de passar um dia sozinha me dá um nó no estômago, imagina o



resto da minha vida... Ai, mas tenho de comer algo. Talvez umas panquecas. Ou crepes. Algo que requeira tempo e atenção, e que não deixe espaço para pensar em coisas assustadoras.

Vou para a cozinha, reunindo mentalmente os ingredientes de que vou precisar para os crepes, e na esperança de que haja ovos suficientes na geladeira. Mas quando passo pela entrada, avisto algo verde na mesa da cozinha. Tropeço nos meus próprios pés e mal consigo conter um grito.

Gemma levanta as mãos.

— Não se assuste! Sei onde você esconde a chave, e estava morrendo de vontade de tomar café. Não dá para comer a porcaria que o hotel serve e tinha receio de que alguém me reconhecesse se passasse por um drive-thru. Ia te avisar que estava aqui, mas você estava no chuveiro.

Coloco uma das mãos no meu coração descompassado e olho atentamente para Gemma. Ela está igual: mais casual do que habitualmente, usando o moletom verde e jeans rasgados, com os cabelos ondulados e nenhuma maquiagem, exceto o delineador de olhos, ainda manchado de ontem. Ela bem que podia ser o inimigo. Tenho de tomar cuidado, mas não posso exagerar.

— O que você está fazendo aqui? — Fico onde estou, nervosa demais para dar outro passo.

— Uau! — Gemma pisca os olhos umas duas vezes, bem exagerada. — Obrigada, Ari. Acho que nunca me senti tão bem-



vinda! — diz, empurrando a cadeira para trás. — Você quer que eu vá embora?

— Não, é claro que não — digo, tentando agir com normalidade. Se ela for mesmo a Gemma, não quero magoá-la. — Foi um susto. Desculpe! Pensei que fosse encontrar você no seu hotel às 4 horas da tarde.

— E vai. Ou melhor, suponho que vá. Eu só... — Ela pega o café e envolve a caneca em seus dedos. — Queria falar com você antes, sem o Mike por perto.

— Por quê? Vocês estão bem?

— Estamos ótimos! — O sorriso dela ilumina a cozinha, que está meio escura. — Estamos apaixonadíssimos e estou superfeliz. Eu deveria ter me casado há anos! Meus pais poderiam fazer o meu noivado aos 12 anos e poupado fortunas com terapeutas de merda.

— Certo. — Meus lábios contorcem. — Se isso não fosse ilegal. E nojento.

— Não há nada nojento no amor, Ari querida — diz Gemma, trazendo a caneca quente junto ao peito. — Amor é a felicidade enrolada em um burrito salpicado com açúcar e coberto com um molho divino.

Rio, e a minha preocupação termina. Ela é a Gemma, não há mais dúvida. Não conheço mais ninguém que enrola coisas em burritos metafóricos.



— É bem provável que você esteja certa. — Vou em direção ao café que ela fez. Normalmente não bebo café, mas estou um pouco confusa hoje. Romeu e eu não dormimos muito.

Romeu. Seus lábios, suas mãos... Tudo. As memórias sensoriais dominam meu corpo à medida que encho a caneca com metade de café e metade com leite, me fazendo abrir aquele sorriso travesso.

— O que há de errado com você? — Gemma pergunta quando me sento na cadeira à sua frente.

— Nada. Estou apenas feliz.

Ela me examina sobre o bocal de sua caneca, seus olhos subitamente sérios.

— Por quê? O que te fez tão feliz?

Escondo minha hesitação com um gole de café. O que deveria dizer a ela? A verdade é que não. Gemma não acredita em contos de fadas nem em maldições. Duvido que seu próprio conto de fadas tenha mudado isso.

— Estou feliz em vê-la. Só isso. Fico feliz que você e o Mike estejam tão bem juntos.

— Balela — diz, batendo a caneca de café com força no balcão. — Ninguém sorri assim quando alguém de quem se gosta está transando com outra pessoa. Sorriem desse jeito quando elas estão transando.



— Gemma! — Enrubesço e desvio o olhar para a porta, agradecida por ainda estarmos sozinhas. Se a mamãe ouvir outra conversa como ouviu outro dia, terei de consultar um ginecologista para conseguir uma receita de anticoncepcional antes mesmo que consigamos dizer “sexo seguro”. As camisinhas que Romeu e eu usamos não são segurança suficiente na opinião da minha mãe.

— O quê? Estou certa, não é? Você transou. — Seu tom de voz é firme e sinistro, como se tivesse pronunciado uma sentença de morte.

Coro ainda mais e dou de ombros, dizendo:

— Talvez.

— Ai, meu Deus. — Ela leva as mãos ao rosto, abafando sua próxima palavra que é “merda”.

— O que há de errado com isso? — pergunto, começando a ficar irritada com o drama. — Pensei que ficaria feliz. Foi você que disse que era um absurdo eu ainda não ter visto um garoto pelado em carne e osso.

E você começou a dormir com rapazes no nono ano, acrescento silenciosamente, sabendo ser melhor do que dizer em voz alta.

— Sim. Eu sei — ela diz. — E ficaria. Mas se você tivesse escolhido um garoto diferente.

Suspiro. Entendo. O problema aqui é em relação ao Dylan e no quanto ela o odeia. Não posso culpá-la. Se ele ainda fosse o



Dylan, eu o odiaria também. Talvez o odeie novamente, se Romeu deixar seu corpo e o antigo Dylan voltar para contar vantagem do que fez comigo ontem à noite.

Mas mesmo enquanto essa repugnante possibilidade passa pela minha mente, não posso parar de pensar na forma como Romeu me abraçou, como se eu fosse a pessoa mais preciosa da sua vida. Não importa o que aconteça, não me arrependo da minha decisão. Uma noite com o garoto que amo faz valer a pena ser torturada cem dias por Dylan Stroud.

— Eu compreendo — digo. — Não se preocupe. Sei como lidar com o Dylan.

— Hum... Não, você não sabe. Me desculpe, Ari. Eu a amo, você é superinteligente e poderia provavelmente ser médica ou algo parecido se despertasse e percebesse o seu verdadeiro nível de grandeza, mas o Dylan não pode ser controlado. Ele é maluco.

— Eu também. E você também — digo, forçando o riso. — Não somos todos malucos de uma forma ou de outra?

— Não como ele. Ele é o mal encarnado, Ari.

— Não, não é...

— Ele é um mentiroso compulsivo. Ele mente tão bem que pode fazer com que qualquer um acredite em qualquer coisa. — Gemma coloca seus cotovelos sobre a mesa, me olhando de uma forma tão intensa que faz meus argumentos parecerem inadequados. Não era isso que eu esperava. — É sério. Qualquer coisa. Acho que ele mesmo acredita em suas próprias mentiras



durante um tempo, mas depois se lembra de que tudo não passa de um esquema e volta a ser a mesma pessoa horrível de sempre. Talvez um pouco pior, porque sabe que jogou com sua mente e venceu.

Meus dedos apertam a caneca com força. Não vou deixar que Gemma me faça duvidar de Romeu, mas mesmo assim ainda me sinto incomodada por suas palavras. Realmente incomodada.

— Desde quando você sabe tanto sobre Dylan? Pensei que você o odiava.

— E odeio. Sabe por quê?

Digo que sim com a cabeça.

— Acho que sim... Sei que você acha a banda dele um lixo.

— Garota, meu ódio vai além de algo bobo como isso. — Gemma dá uma risada tímida, e reconheço o olhar de alguém que vai levantar e dizer coisas que não quer realmente dizer. — Você lembra quando eu ia muito a Santa Bárbara? Para aquele bar que não aceitava cartão?

— Sim.

— Bem, eu não ia sozinha. Dylan apareceu lá uma noite depois que eu já tinha tomado umas cervejas, e se sentou à minha mesa. — Ela olha para os dedos e começa a tirar a cutícula. Pela primeira vez percebo como suas mãos estão calejadas.

Nunca tinha visto as mãos de Gemma depois de uma semana sem manicure. A mãe dela paga uma mulher para ir até a



casa delas fazer manicure, pedicure e limpeza de pele todo domingo à tarde, e Gemma está sempre perfeita na segunda de manhã. Agora, vendo suas mãos comuns, me sinto mais próxima dela do que nunca. Mas também estou assustada. Gemma não gosta de falar sobre seus sentimentos ou assuntos pessoais. Somente baixa sua guarda quando é realmente, realmente necessário. E o fato de ela pensar que agora é necessário faz minha pele arrepiar toda por debaixo do meu suéter.

— Na verdade — ela solta o ar pelos lábios —, achei que estivesse querendo que eu lhe pagasse uma bebida, mas foi ele quem acabou me pagando uma e depois começamos a conversar. Ele estava realmente diferente naquela noite. Mais agradável. Fácil de conversar. Realmente um amor. — Ela balança a cabeça, mas mantém os olhos nos dedos. Nem consegue olhar para mim e não deixa dúvida de que essa história será tão ruim quanto parece.

Um Dylan amoroso. Agradável. Fácil de conversar.

Fico com um nó na garganta, mas me obrigo a tomar mais um gole de café. Senti a alma de Romeu em meu corpo ontem quando as criaturas que gritam surgiram. Ele sabe sobre as almas perdidas e sobre o homem nos meus sonhos, e eu sei que sua história é verdadeira. Dylan não conseguiria inventar algo tão elaborado.

— Contei a ele coisas que nunca contei para mais ninguém, nem mesmo para você — Gemma continua. — E ele também me contou muitas coisas. Sobre o pai dele e sobre esse amigo do pai



dele que fez coisas com ele. Tocou nele e coisas do tipo. Quando ele era pequeno.

Ela cerra os punhos. Uma pequena gota de sangue surge na ponta do dedo indicador, bem onde ela arrancou a cutícula. Observo o líquido vermelho aumentar e tento não pensar em mais nada.

Se começar a pensar, pensarei em coisas perigosas.



Vinte

Ariel

— Sei que nunca te contei... — Finalmente levanta o rosto, mas vejo como isso foi difícil para ela.

Gemma provavelmente se sente tão indefesa e apavorada quanto me senti quando contei a Dylan sobre as vozes loucas em minha mente. Quero estender a mão para pegar a dela, mas seus trejeitos não deixam dúvidas de que ela não quer ser tocada.

Ela respira fundo e começa a falar.

— Quando eu estava no primeiro ano da escola, meus pais deram uma de suas festas para celebrar uma colheita excelente depois da perda ocasionada pelo outono. Eu estava no porão, brincando com a minha casinha de bonecas, quando um tio se aproximou e... Aconteceram coisas terríveis.

— Por Deus — sussurro e sinto meu estômago na boca. Quero dizer algo, mas não consigo. Não sei se tenho as palavras certas.



— No início, não entendia o que estava acontecendo — ela diz. — Era o meu tio Steve e... Eu confiava nele. Até que já era tarde demais. Tentei chamar minha mãe, mas a música na casa estava muito alta. Ninguém me ouvia.

Gemma! — Pego na mão dela. Para a minha surpresa, ela permite e segura forte por uns instantes antes de soltá-la. — Eu a amo. Sinto muito por você.

— Pois é... Eu também. Eu também a amo. — Ela sorri e respira aliviada. — Me sinto bem contando isso a você. Sabia que você não ia me achar nojenta ou qualquer coisa, mas...

— É claro que não!

— Eu sei. — Ela dá de ombros e pega o café. — Acho que os antigos hábitos são difíceis de largar. Eles não me deixaram tocar no assunto por muito, mas muito tempo. Mesmo quando comecei a enlouquecer e meus pais me mandaram para a terapia, só me deixaram falar com um terapeuta que sabiam que não delataria o tio Steve. E um terapeuta escolhido pelos pais é pior do que não ter um terapeuta. Só fez com que me sentisse pior. Então, parei de ir.

Balanço a cabeça; não quero entender o que ela está falando. Mas entendo. E isso me faz...

Fecho os olhos, inspiro forte e solto o ar longa e lentamente. Não posso me sentir mal justo agora. Porém, se me permitir ficar ainda com mais raiva, sei que isso vai acontecer. Rapidamente trato de me concentrar nos meus batimentos cardíacos, desejando



que desacelerem. Imagino o sangue esfriando dentro das veias, praticamente paralisando o ar que respiro. Estou calma e fria, tão quieta e imóvel quanto aquelas enormes estátuas de pedra do Buda, na China.

Quando me recomponho, abro os olhos e digo o que precisa ser dito.

— Seus pais sabiam a respeito e não fizeram nada?

— Mas eles fizeram — ela disse, e sua voz tinha tanta amargura que fez minha língua se enrolar por trás dos dentes. — Eles não convidaram mais o tio Steve para as festas e não permitiram que ele bebesse no Dia de Ação de Graças e no Natal. Nem que se sentasse à mesa ao meu lado. Não que isso importasse. Ele ainda me olhava. — Ela toma um pouco de café e bate a caneca na mesa. — Era evidente que ele nunca tinha se arrependido do que fez.

— Eles ainda... — Luto para evitar a náusea. — Você não está falando sério?

— Sim, estou. Steve é um cara bem legal quando não está bêbado. Cometeu aquele único erro e não vale a pena mandar prender um homem ou macular a honra do nome Sloop em processos sobre abuso de menores. — Gemma está imitando sua mãe, e a imitação que faz da voz é tão perfeita que sinto até um calafrio. Imagino a senhora Sloop repetindo essas coisas para Gemma, aumentando cada vez mais as lembranças a ponto de Gemma ser enterrada viva sob tanta vergonha. — Isso não seria



bom para a venda de vinhos. Nem para a campanha de papai para o Senado.

Respiro fundo e solto o ar.

Não vou ficar furiosa. Em vez disso foco na tristeza que sinto ao saber que as pessoas que deveriam proteger Gemma passaram doze anos protegendo o homem que a violentou.

— Você merece tudo de bom.

— Você acha?

— Eu sei. Você era uma criança e o que ele fez com você é repugnante. Seus pais deveriam ter feito de tudo para que ele fosse preso.

Ela sorri; é um sorriso enigmático que agora começo a reconhecer.

— É o que Mike diz.

— Ele está certo. — Respiro fundo novamente. Coloco minhas mãos na mesa, me certificando de manter a calma até mesmo quando digo: — E se eles não pudessem colocá-lo na cadeia, teriam, eles mesmos, que cuidar dele.

Gemma arqueia uma das sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso?

Não hesito e digo:

— Eles deveriam ter enterrado o corpo dele em um lugar qualquer em que você pudesse ir para vê-lo apodrecer. Caso você



algum dia se esquecesse de até onde estavam dispostos a ir para garantir que você nunca se machucasse novamente.

— Uau! — Ela engole em seco. — Isso é forte, Ari!

— Da mesma forma que molestar uma garota de 6 anos de idade — digo, ignorando o ácido que queima nas minhas entranhas ao imaginar uma pessoa nojenta a ponto de violar alguém assim, especialmente uma menininha que mal aprendera a escrever seu nome, que gostava de brincar de princesa em sua casa de bonecas. — Se você fosse da minha família, o tio Steve teria virado tio Morto Mortinho há muito tempo.

— Você é mesmo uma louca — ela fala de forma afetuosa. Seus olhos ficam marejados, apagando o que ainda restava do delineador de olhos.

Não sei se já a tinha visto chorar. Sinto como se minhas costelas se contraíssem, me impedindo de respirar.

— Eu me importo com você.

— Eu também. Com você. — Ela se aproxima e nos abraçamos. Passo a ela toda minha energia, feliz por ela estar aqui. Por outro lado, é incrível que ela tenha vivido tudo isso e até se saído bem. Fico feliz em saber que Mike a faz se sentir amada. Se eu tivesse percebido quanto os pais de Gemma eram horrorosos, teria me esforçado para que ela também se sentisse amada por mim. Não importa se, como amigas, tivemos algumas briguinhas. O importante é que sempre foi uma das pessoas mais importantes da minha vida.



Terminado o abraço, pegamos, ao mesmo tempo, o rolo de papel toalha que estava sobre a mesa, e rimos muito quando nossas mãos se tocam.

— Permita-me. — Ela puxa uma toalha para mim, e depois uma para si.

— Obrigada — digo sorrindo enquanto seco o meu rosto.

— De nada. Ultimamente choro muito, mas acho que é bom — ela diz, encolhendo os ombros. — Mike não se importa. Seus pais são tutores. E quando ele estava crescendo, eles o encorajaram a botar para fora toda essa coisa de sentimentos.

— Que bom!

— Pois é. Os pais de Mike são tranquilos. Moram em Los Angeles. Logo que nos conhecemos, fomos lá para visitá-los e depois eles vieram quando nos casamos no civil. Eles também se casaram bem jovens, mas ainda estão juntos, então... — Ela sorri de uma forma que lembra o sorriso de Mike. — Acho que Mike e eu temos uma boa chance. Nunca pensei que fosse tão fácil ser feliz. Eu o amo tanto!

— Posso ver.

— Ele é verdadeiro. — Ela faz uma pausa, e, no silêncio, seu sorriso se desfaz. Quando volta a olhar para mim, percebo que estamos de volta aos acontecimentos recentes. — Mas o Dylan não é. Ele está mentindo, Ari. Não sei o que ele disse para convencer você a dormir com ele, mas é mentira.



Passo a língua pelos lábios, odiando a dúvida que experimento agora.

— Não, Gemma. Não acho que seja assim.

— Sabe o que Dylan me disse? — ela pergunta, com aquele brilho obstinado nos olhos. — Disse que esse tal amigo do pai dele o tocava sempre, quando ele era pequeno. Ele inclusive chorou ao contar isso. Acho que ele sabia que essa história me afetaria mais do que qualquer coisa.

— Não é possível que ele estivesse contando a verdade?

— Eu sei que não. Ou talvez estivesse contando a verdade e decidiu, depois, dizer que era mentira. Não sei o que se passa pela cabeça doente dele, mas isso não importa. O que sei mesmo é que ele agiu de uma forma por algumas semanas, quando passávamos o tempo no bar, e de outra completamente diferente depois que transamos umas vezes.

Gemma e Dylan dormiram juntos. Eu deveria virar a mesa depois da revelação, mas não. Tenho coisas maiores com as quais me preocupar. Por exemplo, se o cara que amo é ou não uma mentira.

— O que mudou? — Dúvida e nervosismo se reviram em meu estômago. Sinto como se tivesse ingerido veneno.

— Do nada, de súbito, ele mudou comigo... Não era mais legal — ela diz. — Um dia fui à casa dele. Ele abriu a porta, mas não me convidou para entrar. Disse que estava chateado e que tudo o que ele me contara sobre o amigo do pai era mentira. Ele



disse que eu era uma garotinha rica e mimada, e ruim de cama, e bateu a porta na minha cara.

Quando termina de falar, está pálida e a voz é trêmula. Posso ver que está envergonhada e que preferiria ter as unhas arrancadas em vez de contar essa história.

Conheço bem a Gemma. Sei como é difícil para ela contar histórias em que não sai como vencedora. Deve estar sendo difícil para ela compartilhar isso comigo, mas ela compartilha mesmo assim. Sou sua melhor amiga, e ela não quer que eu me magoe do mesmo jeito que se magoou. Ela não pode saber que é tarde demais, e que se o que está dizendo for verdade, ficarei tão magoada que não entenderei mais o significado da palavra “bem”. Ficarei destruída por dentro, em um estado emocional tão deplorável que qualquer sentimento queimará como o fogo.

— Depois disso, sempre que nos encontrávamos na escola, ele agia como uma canalha. E eu respondia à altura, mas só conseguia pensar no quanto eu tinha sido tola por acreditar nele. — Ela puxa um fio do cabelo com força suficiente para arrancá--lo, uma pequena punição para outra coisa que não foi sua culpa. — Quem se importa com o sexo?! Transei com vários garotos que não se importavam comigo, mas confiei a ele o maior segredo da minha vida. E ele provou que ainda sou muito tola para diferenciar os maus dos bons garotos. Acho que só contou para seus amigos fracassados que havia transado... — Ela deixa suas mãos caírem no colo. — Ainda assim, fiquei arrasada por muito tempo.



— Sinto muito — digo, sem saber para quem disse. Para ela? Para mim? Para ambas?

Meu Deus. E se... E se... Nem posso pensar. Não posso ou perderei a cabeça, o coração, a alma. Tudo. Perderei tudo. Para sempre. Não haverá volta, não poderei mudar de ideia como fiz na noite em que quase botei o carro de Dylan para fora da estrada.

— Não há motivo para desculpas. — Gemma levanta a mão e acena, sem saber da reação que parece desencadear dentro de mim. — Já superei tudo isso. Estou com o Mike e estou bem. E você também vai ficar bem.

Não, não vou ficar. Se Romeu for uma mentira, nunca ficarei bem.

— Você encontrará alguém maravilhoso, Ari. — Gemma cutuca minha bota com o tênis. Procuro prestar atenção em seu rosto, na esperança de que isso me ajude a controlar os sentimentos frenéticos que passam em minha cabeça. — Você é uma ótima pessoa e alguém melhor que o Dylan enxergará isso um dia. E quando esse dia chegar, você pensará em Stroud e sentirá pena por ele ser uma pessoa patética, sociopata e má. Muita pena. Eu prometo.

— Eu... eu...

Não consigo. Não sentirei. Não sentirei pena dele, vou odiá-lo. Para sempre. Vou odiá-lo tanto que terei de fazer o que os seus pais deveriam ter feito com seu tio: terei de matá-lo. Porque você está



certa; sou maluca e não suporto nada desse tipo. Isso acabará comigo, e quando eu estiver acabada, acabarei com o mundo.

Pego meu café e seguro a xícara firme, sacudindo a cabeça com força. Não posso pensar desse jeito. Preciso ter fé. Respiro fundo e me concentro na forma como a voz de Romeu ficou rouca quando me disse que me amava, hoje de manhã. Foi verdadeiro. Ele é verdadeiro, e não me importa o que Dylan fez, porque Romeu não é o Dylan. Não é.

— Odeio o que ele fez com você — finalmente consigo dizer. — Mas eu...

— Nada disso, Ari. Não deixe mais que ele te use.

Aperto a caneca com tanta força que meus dedos doem.

— Sei que provavelmente pareço tola, mas acho que com nós mulheres é diferente. Acho que ele realmente...

— Bem, não queria dizer isso, mas falamos sobre você uma vez — ela disse, seus olhos vagando pela cozinha, olhando para todos os lados menos para mim. — Eu disse a ele que você nunca tinha beijado um garoto, e apostamos se você daria ou não o seu primeiro beijo antes de se formar. Eu apostei que não, ele que sim, e depois me perguntou se eu lhe daria 100 dólares se estivesse certo. Eu disse que sim. Pensei que estivesse brincando, mas... Talvez ele tenha decidido influenciar as chances a seu favor.

Uma aposta. Outra aposta. Dessa vez com minha melhor amiga. Por 100 dólares.



— Sinto muito — ela diz. — Não sei por que falei sobre você daquele jeito. Não deveria ter feito aquilo. Foi no outono passado e eu estava tendo um péssimo dia. Estava triste e muito ocupada com meus próprios dramas psicológicos, que nem pensei que pudesse afetar outras pessoas. Fazia isso com frequência, mas agora me esforço para que não aconteça mais. Conversei com um novo terapeuta enquanto Mike e eu estávamos em Los Angeles, e vou encontrar alguém em Washington. Vou me tratar, e prometo que serei uma amiga melhor daqui em diante. A partir de agora.

Ela toca minha mão, mas quase não sinto. Estou entorpecida e feliz por estar assim. Não quero voltar ao normal e ter de tomar ciência de como me sinto. De fato, não quero sentir mais nada.

— Gostaria de acreditar que Dylan não é mais um monstro e que realmente te ama — ela diz. — Mas sei que é um especialista na arte do fingimento.

Fingir. Contos de fadas. Bruxas. Desejos. Maldições. Sonhos.

Será que sou fácil de ser decifrada? Com o meu subconsciente estampado nas paredes do meu quarto e os meus defeitos despejados pela minha boca cada vez que a abro? Mas ele poderia realmente... Tudo? Mesmo seu beijo? Mesmo o tom de sua voz?

— Quando você esteve com ele — digo —, ele disse que te amava?



— O tempo todo. — Ela me olha bem nos olhos, de um jeito sério que nunca vi. — E eu também disse, e, por um momento, pensei que realmente o amasse porque ele era tão fácil de ser amado. Ele fingiu ser tudo o que queria que ele fosse, e então esperou o momento que mais me magoaria para revelar a verdade.

Foi isso. O suficiente para fazer toda a história vir à tona. Tudo, a aposta com Jason e os outros garotos, a tentativa de jogar o carro para fora da estrada, a estranha mudança de personalidade do Dylan e a estranha explicação dada para isso. Conto para Gemma sobre os acontecimentos e as conversas de Dylan sobre magia e como me senti melhor percebendo que não estava maluca, somente amaldiçoada. Conto sobre a bruxa e a história de Shakespeare desaparecida e Romeu e Julieta.

Mais sobre Romeu. Romeu, Romeu, Romeu.

Oh, Romeu, por favor, não seja uma mentira. Por favor, não seja uma mentira. Por favor, por favor, por favor...

Mesmo enquanto digo tudo isso, uma voz dentro de mim reza por um milagre. A magia precisa ser verdadeira. Se não for, não sei o que farei.

— Droga — Gemma diz quando termino. — Que canalha perverso. Eu diria que você ficou maluca por acreditar em tudo que ele disse, mas sei do que ele é capaz. Ele poderia facilmente fazer com que qualquer um acreditasse que está possuído pela alma de outra pessoa.



Meu “lindo” rosto se contrai. Perfeito. Também acreditava nisso. Pensei que Romeu me achasse bonita e digna de ser amada como uma princesa de um conto de fadas, com traumas e problemas psicológicos. Mas não há Romeu nesse conto. Apenas Dylan, o maior mentiroso que o mundo já viu. Dylan, para quem contei todos os meus segredos. Dylan, que dormiu na minha cama, tocou cada parte do meu corpo e conquistou meu coração.

— Ainda não acredito — murmuro. — Não consigo... Eu...

— Ari, não se culpe. — Ela sacode meus braços caídos. — Um bom mentiroso pode fazer as pessoas acreditarem em qualquer coisa. Como aquele cientologista que convenceu artistas de cinema que estavam sendo espiritualmente atacados por almas desencarnadas de alienígenas mortos ou coisa parecida. Isso é loucura, mas é uma religião de verdade, e há milhares de pessoas que passam suas vidas cultuando uma coisa que um nerd da ficção científica inventou nos anos 1950. Passam a vida inteira. — Ela me sacode novamente, tenta sorrir, mas posso ver que está assustada. Deve estar vendo no meu rosto que a conversa não está adiantando. — Foi só sua virgindade. Ele não te machucou, certo? — ela pergunta. Aceno com a cabeça, e seus ombros caem. — Bom. Portanto, realmente, no fim das contas, não foi tão ruim assim.

— O problema não é esse — sussurro, me mostrando triste.

Ela suspira.

— Você o amou.



— Amei.

Ainda amo. Não consigo deixar de amar, mesmo sabendo que Gemma está certa. Fui enganada. Extraordinariamente. Tolamente. Odiosamente.

Eu o odeio. Eu o amo. Eu o odeio. Vou enlouquecer. Posso sentir os alicerces que são a base de tudo trincarem e crack, crack, crack... Tum!

— Tá tudo bem. Você vai superar isso — Gemma diz, apertando minhas mãos. — Vou te ajudar. Vamos pensar em um jeito de fazer aquele psicopata se arrepender. Vamos desmoralizá-lo de um jeito que ele nunca será capaz de fazer isso com mais ninguém, nunca mais.

— Sim. Talvez. — Vingança. É um prato que se come frio, mas pelo menos é algo para se manter a perspectiva. — Eu acho que tenho algo que pode ajudar. Ele me deixou fazer um vídeo.

— Que tipo de vídeo? — ela pergunta. — Algo incriminador e vergonhoso, espero.

— Acho que sim. Pelo menos para o verdadeiro Dylan seria.

— Não há Dylan verdadeiro — ela diz. — Ele é um grandessíssimo babaca e um falso.

— Certo. — Ela está certa. Mas meu coração continua tão magoado que não sei se vou sobreviver. E talvez nem ele sobreviva. Talvez eu o mate.



— Vamos começar pelo vídeo — diz Gemma. — Vou tomar mais cafeína para tornar meus pensamentos mais malignos. — Ela pega a caneca de café e vai até o bule para buscar mais.

— Talvez devêssemos ir para outro lugar. Minha mãe trabalhou até tarde, mas pode acordar em breve. Se vir você, pode ligar para seus pais. — Fico impressionada por ter pensamentos lógicos e ainda expressá-los em palavras. Como posso parecer tão normal quando metade da minha mente está ocupada pensando em como cometer um assassinato sem deixar pistas?

— Certo. — Ela aponta o dedo em minha direção e coloca a caneca no balcão. — Podemos comprar café em um drive-thru. Você dirige e eu escondo meu rosto. Esperarei no carro do Mike, tudo bem? É um Subaru Forrester antigo. Estacionei depois da esquina.

— Vou pegar minha mochila e a carteira, e já saio — digo, aceitando o abraço que Gemma me deu.

— Não se preocupe, garota. — Ela dá um tapinha nas minhas costas antes de seguir em direção à porta. — Vamos nos vingar dele.

Eu sorrio como se ela tivesse feito me sentir melhor. Mas não fez. Nada pode e nada irá. Mesmo fazendo mal a ele, nada ficará melhor. Mas pelo menos é um começo. Primeiro, farei ele desejar estar morto. E, então, se continuar me sentindo traída, horrível e vazia... Talvez realize seu desejo.



Vinte e um

Romeu

Os Mercenários a levaram para o lado deles.

Quando soar a última badalada, tenho certeza, como tenho certeza de que não vou sobreviver se a perder novamente. No meu velho corpo, nas sombras, num paraíso repleto de luz dourada, não importa onde eu passe, a eternidade vai saber que decepcionei Ariel. Da primeira vez em que a matei, o fiz com minhas próprias mãos, mas o sentimento não é diferente. Dei aos Mercenários a oportunidade que queriam. E agora eles a têm, e vão torturá-la até destruírem cada coisa bela, corajosa e inocente.

Eu nunca deveria tê-la deixado sozinha.

Ando depressa, abrindo caminho entre os alunos indolentes e idiotas que falam sobre o que vão vestir no baile e quem vai beijar quem, em uma espécie de limusine. A conversa alegre desses alunos é mais sem sentido do que nunca. Porque Ariel não está aqui, porque foi sequestrada enquanto eu fazia o que achava



que devia fazer para protegê-la, ao mesmo tempo em que não fazia nada útil.

Não enganei tão facilmente a Enfermeira de Julieta quanto imaginava. Ela deve ter visto o que eu tinha em mente na noite passada. Quando cheguei à caverna, não havia nada por lá, exceto um persistente cheiro podre, como o de uma lata de lixo que acaba de ser esvaziada.

Vazio. Desaparecido. Perdido.

Estúpido. Imbecil. Tolo.

Começo a correr.

— Devagar, Stroud! — o diretor do colégio grita, mas já estou no caminho de concreto que leva ao estacionamento.

Corro em direção ao carro sem ter ideia de para onde vou, mas certo de que tenho de chegar lá depressa. Já verifiquei a casa de Ariel durante o almoço. Não havia ninguém, e o celular dela toca e toca, mas ela não atende. Voltei à escola na esperança de encontrá-la por lá, mas a tarde passou sem qualquer sinal dela. Agora nem sei por onde começar a procurá-la; se for preciso, passarei de carro por cada estrada do vale procurando por ela...

Espere! Junto ao carro de Dylan, inclinada sobre o capô, rabiscando em um pedaço de papel. Eu a vejo de costas e ela usa um moletom cinza com um capuz na cabeça, eu reconheceria aquele quadril esbelto em qualquer lugar. É ela. Ela está aqui!

Disparo a correr pelo asfalto.



— Ariel!

Ela se vira, seus olhos azuis arregalados, o rosto pálido como um espectro de si mesma. Algo terrível aconteceu, mas, pelo menos, ela está aqui. Juntos acharemos uma forma de mantê-la protegida. Ela abre os braços e eu a levanto e a pressiono contra o meu corpo. Seu corpo é quente e sadio, e tão precioso que machuca.

— Eu estava com tanto medo — ela sussurra. — Pensei que Gemma viria ao seu encontro enquanto estava na casa dela pegando as coisas. — Seus braços apertam o meu pescoço. Eu a agarro com mais força e a sacudo aliviado.

— É a Gemma, então? — Suspeitava que os Mercenários chegariam infiltrados em alguém próximo a Ariel. Novamente me amaldiçoo por deixá-la sozinha.

Ariel acena com a cabeça.

— Ela é um deles. Você não ia acreditar nas coisas que ela disse…

— Agora você está em segurança. — Não graças a mim. — Prometo que não vou…

— Não acredito que isso está acontecendo. — Ela chora compulsivamente. — Eu me odeio por isso.

— Não é sua culpa.

— Minha melhor amiga está morta e uma coisa ruim está vivendo em seu corpo — ela diz, piscando os olhos cheios de



lágrimas. — E a culpa é minha. Por que os Mercenários estão atrás de mim? O que eles querem?

— A sua alma. — Olho em volta, me sinto vulnerável. Alguns outros alunos se aproximaram do estacionamento. Poderia haver mais Mercenários escondidos dentro deles. É melhor para Ariel se não formos vistos. — Mas o que quer que tenha acontecido com você e Gemma, isso pode nos dar uma pista de como proteger você. Vamos pegar o carro e ver o que podemos fazer.

Ela inclina a cabeça, mas leva vários segundos para tirar os braços do meu pescoço. Sei o que isso significa. Agora que a abraço novamente, não quero jamais, jamais soltá-la. Em um impulso, me curvo para beijá-la, mas ela hesita.

— O que há de errado?

— Você vai me odiar — ela diz com uma voz pesada. — Eu ia fazer algo horrível. Para você. Primeiro, acreditei em tudo o que Gemma disse e… Seguro seu rosto em minhas mãos.

— Eu a amo. Nunca vou odiar você.

— Não sei.

— Eu sei. — Dou--lhe um beijo, selando minha promessa, e abro a porta do passageiro. — Entre. Vamos conversar no caminho.

Depois de um momento, ela se acomoda no assento. Fecho a porta, buscando forças para o que tenho de lhe contar. Imagino que tipo de coisa “horrível” ela estava planejando. Sei como os



Mercenários agem, e o que iriam querer de Ariel para que ela se tornasse um deles.

Ligo o carro e saio da vaga apertada, deixando o estacionamento rapidamente e logo pegando a estrada que nos levará à praia, se formos longe o bastante.

— Eu te contei que fui um Mercenário — digo, verificando o espelho retrovisor para me certificar de que não estamos sendo seguidos. — Sei como eles dão nós na cabeça da gente até não se saber mais o que é certo.

Este é o momento em que deveria confessar tudo, contar que torturei e enganei minha esposa. Julieta apunhalou o próprio coração, mas era como se eu mesmo o tivesse feito. Eu a matei. E depois a atormentei por outros setecentos anos.

Mas as palavras não vêm, mesmo quando Ariel cobre o rosto e confessa.

— Estou tão envergonhada!

Abaixo o capuz dela e acaricio seus cabelos, desejando poder absorver sua dor, purificar seu coração e deixá--lo como antes.

— Nada disso. Não permita que eles coloquem sujeira entre nós.

Ela deixa escapar um ruído abafado de lamento na garganta.

— Eu estava... Tão zangada. Queria matar você.

— Mas não matou. — Pego e aperto sua mão.



— Você não está entendendo. Eu tinha um plano — ela diz. — Gemma e eu nos escondemos na lanchonete hoje, lá pelas 10 horas, quando os funcionários estavam de folga. Queríamos punir você... Punir Dylan. — Ela engole em seco. — Enquanto estávamos lá, escondi o revólver do meu avô na sala que servirá de chapelaria na entrada do baile. Empurrei uma das placas do forro do teto e o coloquei lá. Ia esperar até que você estivesse no palco na noite de hoje, ia pegá-lo e... — Ela tenta afastar sua mão da minha. Quando não deixo que tire a mão, sinto seus dedos perderem resistência. — Não sei se eu teria feito, mas fui tão... — Ela respira fundo, e, quando volta a falar, sua voz é praticamente um sussurro. — Eu o odiei. Tanto quanto o amei na noite passada.

Prosseguimos em silêncio. Sei o que preciso dizer, mas não tenho pressa. Quero que ela saiba que é ouvida e entendida, e que ainda desejo manter minha mão nas mãos dela. Com o polegar, acaricio sua pele suave.

— Eu a amo.

— Como? — Ela engasga. — Eu o traí. Mesmo que não tenha, de fato, atirado em você, eu estava seriamente pensando nisso. Tinha tanta certeza de que você mentia, embora houvesse me avisado sobre os Mercenários. O fato de Gemma conseguir me influenciar tão rápido mostra que sou um mal, uma coisa horrível...

— E o que essa coisa dentro da Gemma disse para convencer você de que eu deveria morrer? — Sei que é a isso que



ela se refere. Ela foi manipulada. De manhã, me amava. À tarde, queria me matar. Ela não se transformou sozinha, sem ajuda.

— Ela disse que Romeu era uma mentira — sussurra. — Disse que você era, na verdade, o Dylan, e que tudo o que disse sobre maldição e magia era apenas uma maneira de fazer com que eu dormisse com você, para você ganhar a aposta. Disse que também mentiu para dormir com ela, e que você e Gemma apostaram a meu respeito quando estavam juntos.

Suspiro. Oras... *Que droga!*

— Ela falava a verdade. Dylan realmente mentiu para ela e eles fizeram uma aposta — confesso, querendo saber se Ariel podia estar enganada. Talvez Gemma não seja uma Mercenária. Talvez seja apenas uma amiga preocupada, incapaz de acreditar em uma história extraordinária. — Me desculpe por não ter contado. Eu não queria magoar você, e não considerei importante o que aconteceu entre Dylan e Gemma. Porque não sou Dylan, e tudo o que lhe contei é a verdade. Juro.

Ela acena com a cabeça e sinto que começa a relaxar.

— Eu sei. Quando finalmente me livrei da Gemma, comecei a pensar e eu... Eu não vi como o Dylan que eu conhecia pudesse ser tão esperto a ponto de inventar uma história assim. As coisas que você me conta são incríveis demais para não serem verdadeiras. E depois, quando estava na casa de Gemma pegando as coisas dela, me lembrei do que você disse sobre os Mercenários... Como eu não conseguiria distinguir entre um deles e a pessoa que amei até que fosse tarde demais. É por isso que



escrevia o bilhete para você. Queria encontrar você em qualquer lugar para conversar antes de levar as joias para Gemma. Não que eu ache que deva fazê-lo agora. — Ela fecha os olhos e suspira infeliz. — O Mercenário dentro dela não vai precisar de dinheiro para ir a Seattle.

Diminuo a velocidade do carro e estaciono no acostamento. O que tenho a dizer não é o tipo de coisa que se diz com o carro em movimento.

— Ariel, eu... Não tenho certeza... — Me preparo. Eu não tenho outra escolha a não ser contar, não importa o quanto irei magoá-la. — Não acho que Gemma seja uma Mercenária.

Seus olhos se abrem.

— Como?

— Não sabemos ao certo, portanto é melhor evitá-la, parece que ela estava somente preocupada com você.

— O que... — Sua face pálida fica ainda mais pálida. — O que você quer dizer com isso?

— Dylan maltratou Gemma. Parece que ela estava tentando proteger você de uma experiência semelhante — digo gentilmente. — Ela sabe sobre a arma na lanchonete?

— Não... Não sabe. Estava ocupada com o equipamento audiovisual. Não contei a ela... — Ela fica em silêncio e pela primeira vez seus dedos não se movem. — Não fui enganada — diz



finalmente, com um tom de voz sem emoção, entorpecido. — Eu ia cometer um assassinato sozinha.

— Você não teria me matado.

— Teria sim. — Ela tenta abrir a porta, mas a detenho, segurando-a pela cintura.

— Onde você vai?

— Me deixe sair!

— Não.

— Me deixe sair! — Ela dá um tapa na minha mão, mas seguro seus braços e a agarro.

— Não vá — sussurro, junto a seu rosto. — Por favor.

— Você não percebe? — Ela chora. — Sou uma psicopata. Não sou boa o suficiente para...

— Você é a melhor coisa que já me aconteceu — digo com a voz trêmula. — Não me importa que você tenha planejado me matar. Nem que tivesse me matado. Teria valido a pena. Você teria valido a pena.

— Você está maluco.

— Eu te disse isso na noite em que nos conhecemos. — Tento sorrir, mas não consigo, não neste momento em que ela está tão chateada. — Eu a amo. Eu a perdoo.

Por um momento, só há o ruído do motor do carro, ainda ligado.



— Isso é o que eu sempre sinto que deveria dizer a você — ela diz, finalmente. — Nos meus sonhos.

— Também preciso de perdão. — Me aproximo, até poder sentir o calor da sedução que está nos lábios dela. — Mais do que você imagina. Talvez a única coisa de que preciso, acima de tudo, é perdoar alguém mais, para que eu saiba que esse grande perdão é possível.

— Você realmente... — Suas mãos passam levemente pelo meu peito, acariciando meu coração, antes de chegar aos meus ombros.

— Verdade. E nada vai mudar o que penso.

— Não sei o que dizer. — A respiração dela muda quando toco sua cintura e enfio os dedos por debaixo do tecido grosso de sua calça jeans.

— Não diga nada. — Me inclino e a beijo com paixão, e ela retribui. É lindo, intenso, perfeito.

Quando nos desgrudamos, com a respiração acelerada, nossas testas juntinhas e os olhos fechados, me sinto tonto e desejo que este momento nunca acabe. Quero esquecer que este é o último dia. Essas foram as últimas poucas horas, e nunca teremos a chance de uma última dança. Ou de uma primeira.

Ou talvez... Talvez...

— Vamos para sua casa — falo baixinho. — Comer alguma coisa. E nos prepararmos para o baile.



— Não. — Ela balança a cabeça. — Não podemos. Quando Gemma e eu estivemos hoje na lanchonete, ela se atrapalhou com o arquivo para a exibição dos slides. Ele ia mostrar o vídeo que você me deixou filmar quando fosse sua vez de cantar. Não sei como trocá-lo, e eu...

— E eu com isso? Deixa o vídeo rolar. Você é a única coisa que me importa.

— Mas e os verdadeiros Mercenários? Não deveríamos nos esconder deles?

— Um Mercenário não me mataria em um lugar cheio de pessoas. Eles não gostam de testemunhas.

Ela morde o lábio e pergunta:

— Então você estará mais seguro no baile?

— Exatamente. Eu tenho uma música para cantar. E quero ver como os cenários que você pintou ficam diante da iluminação.

— Eu só quero ficar sozinha com você — ela diz, lágrimas escorrem novamente.

— E eu com você, mas isso é importante — digo, colocando seus cabelos para trás da orelha. — Tenho apenas até meia-noite. E quero que você se lembre: não importa o que o Dylan diga ou faça quando ele voltar, hoje à noite foi tudo verdadeiro. Nós fomos verdadeiros.

As lágrimas escorrem pelo seu rosto.



— O tempo não é suficiente. — Ela pressiona os dedos contra minha nuca, causando calafrios em mim. Seu toque me assombrará para sempre; mesmo quando virar pó, lembrarei da maciez de sua pele.

— Sinto muito. — Muito mais do que ela possa entender algum dia.

Ela vira, encontrando meus lábios novamente.

— Eu o perdoo — ela diz, me beijando com as palavras, me fazendo sofrer por mais uma noite. Só mais uma. Deitado a seu lado, a abraçando enquanto ela dorme. Mas não temos outra noite. Temos apenas algumas horas e elas estão terminando.

— Odeio dizer isso, mas nós...

— Temos de ir — ela termina, um sorriso afinando seus lábios. — Você está certo. E acho que eu... — Ela limpa a garganta e se ajeita no banco. — Você está certo. Sobre Gemma. Eu preciso levar as joias para o hotel.

— Me deixe ir com você. No caso de ela estar...

— Não. Gemma pode não ser uma Mercenária, mas ainda o odeia. Não vai entender o que estamos fazendo juntos. — Ela coloca as mãos no rosto, massageando os olhos e dando um suspiro cansado. — Especialmente depois de tudo que fizemos hoje.



— Não quero deixar você sozinha. O dia todo fiquei achando que os Mercenários tinham te sequestrado, e que tinha sido culpa minha. Foi uma tortura.

— Sinto muito — ela sussurra.

— Não se desculpe — digo, enlaçando sua cintura. — Me deixe proteger você.

Ela deixa suas mãos caírem no colo.

— Está bem. Você pode me levar até o hotel e esperar no carro. Estacionaremos em um local que facilite a visão da porta da Gemma. Deve levar apenas alguns minutos.

— Dez minutos. Nada mais do que isso ou vou atrás de você.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Esse tempo deve ser o suficiente. Não posso ficar muito tempo. Gemma ligou para a escola esta manhã fingindo ser minha mãe e disse que eu estava doente, mas a escola pode ter deixado uma mensagem na secretária falando sobre a minha ausência. Preciso voltar e verificar antes que minha mãe chegue em casa. Nunca me deixará ir ao baile se souber que não fui à escola.

— Um destino que deve ser evitado. — Coloco o carro em primeira e volto para a rua. — Preciso te ver nesse vestido.

— Ele é lindo — ela diz docemente.

— Você é linda.

— Por sua causa.



— Não, não...

— Sim. Por sua causa. Não discuta comigo — ela diz.

Eu não discuto. Apenas dirijo. Porque continuo uma criatura egoísta no coração. Quero acreditar que dei a ela beleza, e que isso será algo a que se apegar quando o garoto que ama se transformar num monstro tão horrível a ponto de sequer querer aparecer em sua janela.

Mas se há alguma forma de lidar com isso, estarei lá, escondido nas sombras, fazendo o melhor para protegê-la das trevas.



Vinte e dois

Ariel

Sorrir e mentir, sorrir e mentir, sorrir e mentir. O mantra é minha tábua de salvação enquanto atravesso o estacionamento do Hotel Knight and Day. Sinto os olhos dele sobre mim, me observando do local em que estacionou na sombra, determinado a não me perder de vista por um único segundo. Porque ele se preocupa muito.

Preocupar-se. Amar. Como se ele soubesse alguma coisa sobre qualquer um desses sentimentos.

A nuvem negra abundante dentro de mim faz cada vez mais barulho, um furioso enxame de sentimentos que abafa até mesmo as criaturas que gritam. Agora não há espaço na minha cabeça para elas. Não quando estou tão furiosa a ponto de o meu coração se incendiar, de me mover em meio a um nevoeiro denso e sufocante de ódio, enquanto me dirijo ao quarto 53 e levanto o punho para bater à porta.



Quase que imediatamente, Gemma aparece, apertando os olhos por causa do Sol.

— Ei! Mike não está aqui! Ele foi para San Luis pegar algumas coisas em seu antigo apartamento — ela diz. — O que está havendo? Você... — suas palavras se arrastam e seus lábios tremem. — O que há de errado, Ari?

Engulo em seco e tento sorrir, mas não consigo. Meu rosto se esqueceu dos movimentos necessários para sorrir. Posso enganá-lo, mas não a ela... Não depois de tudo o que a mãe dela me contou.

— Ah, meu Deus! Algo deu errado, não foi? Merda. — Ela suspira, se inclina em minha direção para examinar o estacionamento antes de agarrar minha mão, me puxando para dentro e diz: — Entre. Vou pegar uma Coca para você. Você pode me contar todos os detalhes sórdidos.

O quarto está escuro, as cortinas fechadas a fim de evitar olhares curiosos. À nossa esquerda, há duas camas de casal, uma delas com a colcha verde ainda dobrada, a outra com lençóis amarrotados e um monte de travesseiros no centro. Parece que Gemma e Mike dormiram bem próximos, abraçados no centro da cama. Como Romeu e eu na noite passada.

Meus olhos se fecham e sinto o som de algo sufocante em minha garganta. A dor é pior do que qualquer coisa que possa imaginar, pior até mesmo do que hoje de manhã, uma montanha de sofrimento toma conta de mim, gigantesca, trituradora, impossível de escapar.



— Ari? Ari, você está me assustando — Gemma diz.

Abro os olhos e a vejo bem na minha frente, carinhosamente segurando minhas mãos nas dela. Mal consigo sentir o toque. Minha pele está entorpecida de novo, uma concha, uma armadura impenetrável que terei de usar para me proteger quando for lutar.

Mas, primeiro, tenho de me certificar se minha única amiga está segura.

— Desculpe — digo, deixando que ela me leve a uma das cadeiras próximas da mesinha de canto. Ela abre uma Coca e a coloca na minha frente, enquanto ponho a mão no bolso do meu moletom e tiro um saco plástico. — Suas coisas estão aqui — digo, colocando o saco em cima da mesa, lançando-o na direção dela. — Coloquei tudo no plástico e enfiei no bolso. Esqueci minha mochila.

— Obrigada — Gemma diz, mas não pega o saquinho. Não desvia o olhar de mim. — Então, o que aconteceu? Meu pai estava lá? Minha mãe viu você ou...

— Ela me viu.

— Merda!

— Mas está tudo bem. — Porque ela não era mais sua mãe, completei, em silêncio, sabendo que seria inútil contar a Gemma o que está acontecendo. Ela não acreditaria que o corpo da mãe dela está abrigando uma outra alma, uma Embaixadora da Luz enviada para me proteger, da mesma forma que não acreditou quando falei sobre Romeu. Mas, pela primeira vez na vida, eu estava certa.



Romeu é real. E minha raiva quando pensei que Dylan estava fingindo não é nada se comparada à fúria de saber que tudo o que Romeu falou é verdade.

— Ari? Ariel? Exceto a parte sobre me amar. Isso continua sendo mentira. É o que eu deveria saber desde o início.

Romeu veio aqui para me enganar, e, percebendo que não conseguiu, vai me matar como da primeira vez. Já vi isso, senti, sei qual é a sensação de uma bala perfurando a testa e se alojando no cérebro. Observei seu rosto se iluminar com prazer quando ele disparou o tiro. Ele adorou. Vi em seus olhos. A Embaixadora no corpo da senhora Sloop me mostrou tudo, e me salvou de me tornar uma das vítimas de Romeu pela segunda vez.

Ela me mostrou todas as pessoas que ele matou, incontáveis homens e mulheres que atraiu com mentiras convincentes a fim de os transformar em assassinos e monstros, como ele. Ele ainda é um Mercenário, embora amaldiçoado. Deixou o chefe nervoso, e se não encontrar uma garota que o ame e que ele possa sacrificar em nome da causa dos Mercenários, irá se tornar uma das almas perdidas que gritam em minha cabeça. Ele está me seduzindo para me matar. No entanto, e infelizmente para ele, a Embaixadora de Julieta me contatou a tempo.

Agora é a minha vez de buscar vingança. Por mim, por Julieta e por todas as pessoas cujos corações, almas e vidas que Romeu rasgou em diminutos pedaços.

— É melhor começar a falar, Ari — Gemma diz, com a voz trêmula. Olho para cima, registrando o brilho em seus olhos



castanhos. Ela está quase chorando. Choro por ela, para que as minhas mentiras fiquem mais convincentes, mas não vou chorar de verdade novamente. Tenho ódio demais para sentir qualquer outra coisa. — Se você não falar, vou chamar sua mãe — ela avisa.

— De jeito nenhum — balbucio sem demonstrar sentimento. Pareço vazia, embora tão cheia de raiva que sinto que vou ferver a qualquer momento. — Isso ia estragar tudo.

— E eu com isso? Vamos lá, o que há de errado com você? Você está me assustando.

— Sinto muito. — Endireito o corpo, tentando enxergar apesar da densa neblina de fúria. Mas é tão difícil! Sempre que pisco os olhos, imagens do revólver do meu avô passam como um filme em minha mente. Pela centésima vez, daria tudo para não tê-lo escondido na lanchonete. Queria ir para casa e entender tudo agora, pensar no meu problema e me poupar da agonia de fingir e da tortura de aguentar o contato com Romeu, do beijo dele.

O beijo dele. Minha fúria me machuca novamente e sou possuída pela compulsão de arrancar seus lábios do rosto mentiroso, balançá-los na frente dele enquanto ele grita. Mas não posso. Tenho de esperar pelo revólver. Não tenho certeza se sou forte o bastante para me vingar.

Gemma coloca a mão no bolso e diz:

— Está bem, Ariel, eu...

Minha mão rapidamente agarra o pulso dela, a impedindo de pegar o telefone.



— Estou bem — digo, fazendo força para manter o controle. — É que foi difícil falar com sua mãe. Depois de tudo que você me contou... Foi difícil até mesmo olhar para ela.

Gemma suspira.

— Talvez eu não devesse ter contado a você. Penso nisso desde que voltamos da escola e...

— Não. Estou feliz que tenha me contado — digo ao pegar a Coca e tomar um longo gole, apreciando a sensação que produz ao passar pela garganta. — Me sinto feliz por saber a verdade. Sobre tudo. Estou cheia de belas mentiras. E de mentiras feias.

— E de mentiras mais ou menos atraentes acompanhadas de lindos sorrisos — ela diz, mas sua piada não dá certo. Não estou com humor para piadas. Seus olhos encontram os meus e cintilam, hesitantes. — Está bem. Bom, então vamos ver o que temos. Ela pega o saco plástico pela abertura amassada.

— Está tudo aqui, certo?

— Acho que sim — ela diz, passando a mão pelos anéis, pulseiras e pelos rolos bem embalados de notas de 20 dólares. — Deixa eu ver se a mamãe pegou alguma coisa.

Eu estava tão fora de mim quando fui pegar as coisas de Gemma que mal consigo me lembrar de ter esvaziado a caixa no saco de supermercado que a Embaixadora enfiou nas minhas mãos. Além do mais, suas mãos estavam trêmulas naquela hora também. Foi difícil para ela me mostrar todas aquelas coisas horríveis, e mais difícil ainda mostrar o menino.



Ela o mantinha amarrado no celeiro. Como um animal. Mas é o que ele é... Um animal mudo com um rosto bonito, o rosto que Romeu usará novamente logo que me matar. Minha morte vai permitir que ele use o bonito corpo do meu menino na colina. Assim como a morte de Julieta serviu para a sua imortalidade.

— Monstro!

— Como? — Gemma indaga, levantando os olhos das joias que arrumava sobre a mesa.

— Nada — abro minha boca o máximo possível e fecho em seguida, tentando afastar um pouco da tensão do meu queixo. Sinto como se pudesse cortar ao meio, e com a minha própria boca, os diamantes nas mãos de Gemma.

Respiro lentamente pelo nariz. Vai ficar tudo bem. A Embaixadora vai esconder o corpo de Romeu no congelador da lanchonete da escola mais tarde. Estará lá, dopado por magia, amarrado e esperando por mim. Quando a hora chegar, irei até ele com minha arma e darei um fim em Romeu do jeito que a Embaixadora me ensinou. Ele nunca mais trocará a vida de outra garota pela dele.

— Prontinho — Gemma despeja tudo de volta na bolsa com um suspiro. — Muito obrigada. Você não faz ideia de como isso me alivia.

— Não tem problema. Fico feliz em ajudar.

Ela me olha com um sorriso travesso.



— Eu também. Mal posso esperar para ver a cara do Dylan hoje à noite.

— Certo, queria falar com você sobre isso. Foi para isso que vim. — Preciso terminar logo para que Romeu e eu possamos nos preparar para o baile. Para que eu possa matá-lo do jeito que disse que faria e ver seu rosto tolo de mentiroso quando perceber que o venci em seu próprio jogo. — Não quero que vá ao baile hoje à noite.

— O quê? — Gemma ri, me empurrando de leve. — Você está maluca? Não vou perder esse baile por nada neste mundo!

— Não. É muito perigoso. Alguém verá você e ligará para os seus pais. Eles continuam fingindo que você desapareceu. Sua mãe não...

— Psiu! — Ela faz um sinal com a mão, indicando que não precisa da minha preocupação. — Ninguém me verá. Vou vestir o moletom de capuz preto do Mike e me esconder nas cortinas dos bastidores até o momento derradeiro.

— Mas...

— Ari, fala sério! Quando o vídeo começar, as pessoas estarão tão distraídas que nem notarão uma baixinha como eu — continua. — Assistirei à derrocada de Dylan e escaparei pela porta dos fundos noite adentro. Mike estará me esperando no estacionamento. Partiremos para Seattle em seguida. Tenho tudo planejado.

Ela fez planos. Mas eu também fiz planos.



— Não. Você precisa ir embora. Agora. Assim que Mike voltar.

Ela balança a cabeça, me olhando de forma confusa.

— Ariel... O que há? Pensei...

— Não quero que se machuque. Se você ficar aqui, sua vida correrá perigo.

Ela continua imóvel.

— Como assim?

— Dylan é pior do que pensamos — digo, contando a mentira que preparei, sabendo que ela não acreditará que há Mercenários lá fora esperando para invadir os corpos das pessoas que amo. — Descobri outras coisas sobre ele hoje.

— Que tipo de coisas?

— Não posso te contar. Não quero colocá-la em mais perigo — digo. — Nunca me perdoaria se causasse sua morte.

— Minha nossa! — a voz de Gemma sai trêmula. — Você está falando sério?

— Muito sério. Você precisa ir embora. E nunca mais voltar.

— Mas e você? Se Dylan é perigoso, então...

— Não se preocupe. Vou dar um jeito nele.

Seus olhos se estreitam por um momento antes de abrirem demonstrando que entendeu.



— Ariel Dragland... Você não está pensando no que eu acho que está pensando?

— Não posso dizer mais nada. Não me faça mais perguntas.

— Não, não, não — ela diz, dando um pequeno salto para pisar no tapetinho florido junto à mesa. — Isso não está certo. Eu sei sobre o que conversamos a respeito de meu tio hoje e outras coisas, mas se o Dylan fez algo muito errado, você deveria ir à polícia. Se você fizer algo...

— Gemma, pare! — Ela hesita diante da intensidade do meu tom. — Não vou te contar mais nada. Já fomos à lanchonete juntas. Se eu for pega, é melhor que você não tenha feito algo que faça as pessoas pensarem que você é minha cúmplice.

— Cúmplice... — Ela passa a língua nos lábios e respira fundo. — Ariel, eu...

— Vá, Gemma. — Fico frente a frente com ela. — Me prometa que você partirá assim que o Mike voltar.

— Não — sussurra. — Você arruinará a sua vida.

— Minha vida já está arruinada.

— Não, não está, Ariel. — Ela estende o braço e seus dedos acariciam meu cotovelo, hesitante, cuidadosa, como se estivesse com medo de que um mero toque amigo me fizesse explodir. — Você pode estar se sentindo assim agora, mas prometo a você que Dylan não vale a pena...

— Cale a boca — digo, perdendo o controle.



— Certo, está bem. — Ela tira o celular do bolso, mas o pego da sua mão e o arremesso para longe, feliz quando o ouço quebrar em vários pedaços. — Por que...

— Você não entende — digo. — Nunca entenderá, portanto não fale comigo como se eu fosse a burra da história.

Ela pisca. Em seguida, pisca novamente. E depois caminha em direção à porta.

Entro na sua frente, bloqueando a saída com meu corpo.

— Você não pode ir lá fora.

— Posso, sim — ela diz suavemente. — Vou à recepção ligar para sua mãe.

— Não.

— Sim. Você não sabe o que está...

Ela tenta abrir a porta, mas empurro sua mão para longe.

— Ele está lá! No carro.

Ela sacode a cabeça.

— Quem?

— Dylan.

— Por quê? — pergunta, erguendo os braços. — Que diabos você está fazendo?

— Não importa. Não posso deixar que ele a veja. Especialmente perturbada desse jeito.



Gemma corre uma das mãos pelos cabelos.

— Não estou perturbada, Ari. Estou muito... Assustada. Realmente, superassustada. — Ela engole em seco e eu posso ver que está com medo pelo jeito que sua garganta se mexe. Ela está com medo. Com medo de mim.

— Não fique — meus lábios tremem. Mordo-os para fazê-los parar. Não queria que as coisas com Gemma terminassem assim. — Por favor — imploro, rezando para que ela me ouça mesmo enquanto me movo à esquerda, ficando próxima à mesinha de canto com um abajur em cima. — Ligar para minha mãe não resolverá nada. Se você quer realmente ajudar, faça o que peço. Vá embora com o Mike, fique em segurança e seja feliz. Você é minha melhor amiga. Você é a única amiga verdadeira que já...

— E você a minha — ela diz, com lágrimas nos olhos. — Você sabe disso. O que eu disse de manhã é a pura verdade, Ari. Eu amo você e não vou permitir que faça algo de que se arrependa mais tarde.

— Não vou me arrepender.

— Sim, vai — ela diz, com aquele olhar de teimosa, aquele que me mostra que não vai recuar. Que não terei qualquer chance de convencê-la. — Mas vou garantir que você nunca se arrependa. — Ela continua até a porta e eu puxo o fio do abajur. O fio arrebenta da base à medida que o levanto sobre minha cabeça e o puxo.

Com força. Com mais força do que pretendia.



Gemma grita de dor, agacha e senta no chão. Parada. Imóvel. Sem falar. Sem piscar. Deixo o abajur cair e levo a mão à boca para abafar o grito que tenta escapar dos meus lábios.

Me sento junto a ela. Há muito sangue jorrando da têmpora, deixando um rastro de sangue pelo pescoço. Mas ela está respirando, uma respiração suave, que aumenta aos poucos. Finalmente, crio coragem para colocar dois dedos em sua garganta para sentir o pulso. Lento e firme. Rítmico. Ela vai ficar bem. Inconsciente por um tempo, o que eu esperava que acontecesse, mas bem.

— Graças a Deus — sussurro, com a mão tremendo à medida que retiro um caco de vidro da pele dela. Corro para o banheiro e pego duas toalhas. Coloco uma embaixo da cabeça da Gemma. A outra, enrolo e coloco sobre o ferimento. Ela absorve boa parte do sangue, mas não tudo. Ainda escorre um pouco pelo rosto, respingando sobre a toalha embaixo. Mas está diminuindo. Ela vai ficar bem.

— Ela vai ficar bem — digo em voz alta enquanto ajeito os braços e as pernas para que fiquem confortáveis.

Tinha de fazer isso. É a única maneira de garantir a segurança de Gemma. Enquanto estiver inconsciente, não poderá ligar para a minha mãe. E se estiver com medo de mim, não ousará ir ao baile. Ela vai partir e seguir com a vida, e eu não terei levado ninguém comigo. Já escrevi para minha mãe, explicando que preciso ir embora para sempre, mas que a amo e quero que seja feliz. Gostaria de ter tempo para escrever uma carta para



Gemma, mas não tenho. Já fiquei aqui muito além dos dez minutos que Romeu e eu combinamos. Logo ele virá me buscar e não posso deixar que veja Gemma no chão.

Escrevo um breve recado em um pedaço de papel que encontro na escrivaninha. *Sinto muito. Vá embora e seja feliz. Você merece. Com amor, Ari. P.S.: Nunca olhe para trás.*

Coloco o recado no meio dos seus dedos cerrados e sussurro:

— Adeus. — Me levanto, passo as mãos nos cabelos, balanço os braços até ficar mais calma e abro um sorriso pacífico.

Então, saio pela porta, para a luz do dia, levada pela sensação de ódio, em direção ao monstro que amei.

O monstro que vou matar antes que a noite acabe.



Vinte e três

Romeu

Fico escondido nas sombras, próximo ao depósito que virou chapelaria, minhas mãos entrelaçadas, ouvindo um dos membros do coral cantarolar suavemente sobre a sorte de ser uma dama, enquanto espero pelo meu amor desafortunado.

Ariel insistiu em vestir o longo casaco preto da mãe por cima do vestido. Até o levou para o quarto enquanto se arrumava, assim eu não teria qualquer chance de ver seu vestido até que chegássemos ao baile, até que ela adentrasse a escuridão da luz estroboscópica em toda sua glória. Aprecio sua paixão pelo drama, mas ficar aqui, esperando por um brilho de luz, imaginando sua beleza, somente está me deixando mais infeliz.

Me sinto como um noivo esperando pela noiva, mas logo desaparecerei e Ariel estará livre para amar outro.

Ou ela morrerá antes que isso aconteça. Graças a você.



Mordo o interior da minha bochecha até que a dor seja forte o suficiente para distrair minha mente. Ficar remoendo meus erros não fará bem à Ariel. Já a alertei, com a maior riqueza de detalhes, sobre os tipos de pessoas que virão atrás dela quando eu me for e o que farão com ela se a pegarem. Eu a ajudei a escapar e compartilhei todas as dicas de sobrevivência que aprendi ao longo dos anos roubando os corpos dos mortos. Tudo que posso fazer agora é torcer para que ela esteja preparada... Se é que alguém pode estar preparado para a maldade sobrenatural.

— Belo casaco, Stroud — diz o garoto ruivo que ri enquanto arrasta sua namorada para a pista de dança.

— É clássico — respondo, forçando um sorriso à medida que examino a lanchonete.

Do lado oposto aos corpos que dançam no escuro, o palco se ilumina com uma luz azul e branca. Atrás da garota que faz uma imitação do blues Luca Be a Lady, fotos dos formandos passam em uma tela suspensa sobre o pano de fundo feito por Ariel: formas gigantescas e coloridas com desenhos complexos como os de hena nas mãos de uma mulher indiana. Está lindo. É uma pena que em breve todos estarão observando Dylan Stroud fazendo papel de tolo em vez de observar o belo trabalho dela.

Já estou imune ao constrangimento humano, há séculos, mas gostaria de passar minhas últimas horas de vida com Ariel, despreocupado com o impacto que meu strip-tease certamente irá causar. Quero abraçá-la no escuro com as estrelas prateadas



penduradas no teto, brilhando à nossa volta, e fingir que esta é nossa eternidade e que sempre estaremos à distância de um beijo.

Respiro fundo. Mas quando ela passa pela porta, fico sem fôlego.

Sua beleza é indescritível. Os cabelos, um pouco mais escuros que o vestido, caindo sobre os ombros, cada um dos fios sedosos beijando a pele. As alças finas acentuam a elegante arquitetura de seu corpo bem formado, e o corpete adere às suas curvas antes de florescer em camadas de chiffon que caem como cascatas até os seus pés. O arranjo de rosa branca que usa, um item barato que compramos num mercadinho pelo caminho, completa o visual, o botão de rosa murcho passa a ganhar vida apenas por estar em seu pulso.

Ela é uma deusa e pela primeira vez, em centenas de anos, me lembro de como é se sentir subjugado pela beleza. Sou indigno, imperfeito, corrompido e cheio de defeitos, mas quando ela olha para mim, sou melhor, sou mais.

— Está bom? — pergunta, com um tom tímido na voz que me faz sorrir.

Balanço a cabeça afirmativamente, sem encontrar palavras para descrever sua perfeição.

— Você? Sem palavras? — Ela ri à medida que seus olhos miram o chão.

— Dance comigo.



Ela olha através dos cílios, o sorriso desaparece.

— Nunca dancei antes. Nunca. Lembrei disso enquanto estava na chapelaria... Gemma e eu costumávamos brincar de dança no video games quando éramos pequenas, mas...

— Não se preocupe — digo, estendendo a mão. — Eu a conduzo.

— Você não precisa se preparar para cantar?

— Ainda não. Preciso sentir o seu toque. — Depois que devolvemos as coisas da Gemma e voltamos à casa de Ariel, a mãe dela já estava lá. Como não havia recado da escola, a mãe permitiu que saísse, mas senti a perda da nossa última chance de ficarmos sozinhos como se fosse a morte de um ente querido.

Já são 9 da noite. Depois que dançarmos, que Dylan cantar, e que tomarmos ponche, já serão 10 horas e o baile terá quase terminado. Então, terei de levar Ariel até o terminal de ônibus, voltar para o bosque atrás da escola e confrontar a Embaixadora. Talvez eu seja capaz de convencê-la a me deixar ficar em meu corpo antigo. Talvez ela esteja com o meu espectro e eu seja capaz de fazer contato e tirar a decisão de suas mãos. Se isso acontecer, planejo seguir Ariel até Las Vegas, arrastar meu corpo apodrecido pelo deserto se for necessário, e fazer de tudo para protegê-la.

Todavia, se eu fracassar, pelo menos ela estará bem longe daqui, fugindo, impedindo que os Mercenários a encontrem.

Eu acho. Eu assim espero.



Estou cansado da incerteza, de estar à mercê dos desejos dos outros e nunca dos meus. Agora não quero pensar sobre Embaixadores ou Mercenários. Quero estar aqui, com Ariel em meus braços.

— Dance comigo. Por favor!

— Danço — sussurra.

Seguro sua mão, ciente de cada movimento dos músculos e dos ossos necessário para entrelaçar meus dedos aos dela. Não me lembro de já ter ficado tão nervoso. Me sinto como um garoto novamente. Antes, não tinha ideia de como momentos preciosos como este seriam em minhas muitas vidas de maldade e dor. Agora sei, e isso faz minhas mãos tremerem enquanto Ariel e eu procuramos um espaço entre os inúmeros corpos que dançam e eu a trago para perto de mim.

A música sobre a dama da sorte termina, e agora a garota usando um vestido preto justo, que faz com que ela pareça uma bola de sinuca com pernas, lamenta ainda não ter encontrado seu amor. É uma música feliz de partir o coração, violinos estridentes e bateria suave, e a garota trabalha cada nota de um jeito que arrepia minha pele emprestada.

Emprestada. Roubada. Quase acabada. Estou me preparando para expirar, e cada momento com Ariel é cada vez mais precioso.

Você sorri, você sorri, canta a garota no palco. Penso na primeira vez em que vi Ariel sorrir, naquela noite no acostamento,



quando fui tolo em acreditar que estava no controle da situação. Abraço-a com força enquanto giro em círculos, ela segura meu pescoço e perde o fôlego.

Quando a coloco novamente no chão, ela baixa a cabeça.

— As pessoas estão encarando a gente — diz num sussurro.

— Que encarem. — Meus dedos deslizam por suas costas, magnetizados pelo calor que emana pelo tecido do vestido. Ela é tão cheia de vida. Não consigo imaginá-la de outra forma. Nunca conseguirei. — Prometa nunca ficar muito tempo num mesmo lugar. Fique poucos dias em Las Vegas e não ligue para ninguém. Encontrarei você no domingo, se tudo der certo. Se eu não aparecer, compre uma passagem e vá embora. Não espere por mim. Se ficar detido por algum motivo, procuro por você mais tarde.

Ela suspira.

— Minha mãe vai ficar muito triste. Ela vai enlouquecer.

Cerro os punhos. Sei que Ariel não quer abandonar a mãe, mas não há outra escolha. Não posso garantir que estarei aqui para protegê-la. Fugir é a melhor chance que Ariel tem de sobreviver.

— Se você ficar, ela ficará mais do que triste. Ela morrerá. E você também.

— Eu sei — ela sussurra.



— Eu não quero te assustar, apenas... — Tento relaxar os dedos. — Não. É mentira. Quero que sinta medo. Quero que sinta tanto medo que nunca pare de fugir. Mesmo depois que se passarem anos, que você imagine que as criaturas que te perseguem não se importam mais com você. Elas ainda estarão à sua procura. São criaturas imortais. Um ano, dez anos, vinte anos, não significam nada para elas. Elas perseguirão você até o dia da sua morte. Prometa que você fará conforme o planejado.

Ela fica em silêncio por um longo minuto. Tento olhar em seus olhos, mas ela não quer olhar para mim. Ela observa o piscar intermitente das luzes da iluminação estroboscópica pelo chão, com uma tensão expressa em sua boca retorcida.

— Por favor — imploro, parando de dançar, preocupado que ela tenha mudado de ideia. — Se eu tiver de partir sem saber que você está segura, eu não sei o que... Na verdade, eu sei. Enlouquecerei. Por favor. Se você me ama, faça o que for necessário.

Ela levanta o rosto e vejo dúvidas em seu olhar, mas, ainda assim, ela não diz uma palavra.

— O que há de errado? — Silêncio, por um momento ela parece estar apagada, vazia, como uma foto dela mesma em vez da pessoa cheia de vida que conheço. Mas aí seus olhos piscam e Ariel está de volta.

— Não há nada errado. Na verdade está tudo errado, mas você tem razão. — Ela fica na ponta dos pés e esfrega seus lábios



em meu rosto macio, que ajudou a barbear com sua lâmina cor-de-rosa. — Farei o que planejamos. Prometo.

Beijo seu pescoço.

— Obrigado.

— Você não precisa me agradecer. Apenas diga que me ama.

— Eu a amo — digo, desejando que ela saiba o quanto essas três palavras significam para mim agora que a encontrei. — Mais do que tudo.

Um sorriso triste surge no canto da sua boca.

— Você deve ir. — A garota cantando Etta James termina a música, e um rapaz com o cabelo cheio de gel começa a cantar uma versão country inspirada em "Maria" do musical Amor, Sublime Amor. — Você é logo depois de Logan, certo?

— Sim — respondo, apertando sua mão. — Venha comigo. Fique no palco. Quero vê-la quando estiver lá em cima.

— Está bem. — Ela abaixa o queixo, escondendo o rosto enquanto passamos pelos casais na pista de dança.

Alguns dançam para frente e para trás, mas os mais ousados estão dançando de um jeito que não deixa dúvida do que farão mais tarde. Remexem os quadris, as mãos se tocam por toda parte, e, de repente, não consigo parar de pensar na noite passada, quando as longas pernas de Ariel se enroscaram nas



minhas. Olho para ela, imaginando no que ela está pensando, mas ela ainda olha para os pés, com os ombros arqueados.

Está muito ocupada pensando no futuro para se concentrar nos nossos últimos momentos felizes. Mas posso fazer algo para mudar isso. Já percebi o modo como ela me olha quando canto. Vou cantar como nunca cantei antes, então vou levá-la novamente para a pista de dança e vamos dançar como as pessoas devem dançar, de forma rebelde, devassa e livre, até que esqueçamos tudo, menos dela, de mim e da música.

— Não saia daí. — Solto sua mão em um local escuro perto da parede, escuro o suficiente para que ela se sinta confortável, mas com alguma luz para que eu possa vê-la do palco.

— Não sairei. — Ela aceita o beijo que lhe dou no rosto, mas não olha para cima. Seu olhar continua concentrado em um nada distante, seus braços caídos em resignação. Novamente, sinto que ela está cada vez mais ausente.

— Você está bem?

Ela olha nos meus olhos, mas alguma coisa continua errada.

— Não. Mas ficarei — diz, se afastando de mim. — Agora vá. É a sua deixa.

Faço que sim com a cabeça, mas um sentimento dissonante me acompanha pelas cortinas até os bastidores, fazendo meu queixo ficar tenso quando pego o microfone que a senhora Mullens me dá e atravesso a área de espera. Digo a mim mesmo que deixar



sua família e partir sozinho pelo mundo é o suficiente para deixar alguém em choque, mas não acredito que essa seja a razão da expressão distante no rosto de Ariel.

Mesmo antes que a garota de blusa de moletom e com o capuz preto surja de seu esconderijo nas cortinas, imagino se posso culpar mais alguma coisa por isso. É quando vejo o rosto de Gemma, de olhar assombrado, e percebo que os meus problemas são bem maiores do que acreditava.

— O que você está…

— Fica quieto, Stroud. Não temos tempo para a sua estupidez — Gemma fala, expressando censura. — Tenho pena de você como pessoa e o odeio como a um câncer, mas não o quero morto.

Morto. Tal palavra chega às minhas vísceras e lá fica como uma bomba que espera explodir, cheia de potencial altamente letal. Quando era Mercenário, me destruir era algo praticamente impossível, mas agora…

Não sou nem mesmo um Embaixador. Se for morto enquanto estiver no corpo de Dylan, não sei para onde irei, mas não dá para achar que seja para um bom lugar. Talvez eu chegue às brumas do esquecimento e fique por lá por toda a eternidade, como os Embaixadores que matei, ou, quem sabe, contorne a lenta decomposição planejada e atinja o estado das almas perdidas que gemem na cabeça de Ariel. De qualquer forma, serei um inútil, incapaz de proteger ou servir quem quer que seja.



— Você não pode subir ao palco. — Gemma agarra a manga da minha jaqueta e aperta. — Sei que me acha uma louca, mas confie em mim. Não suba. Fuja pelo outro lado das cortinas, saia pela porta dos fundos...

— Por quê? — Ela sacode a cabeça. — Acreditarei em você — insisto. — Juro.

Ela hesita, mas depois, quando trocam a música, vejo que percebe não haver tempo para discutir. A música está quase no fim.

— Quando Ariel me levou as joias hoje à tarde, me disse que não queria que eu viesse ao baile. Ela disse temer que eu fosse identificada — Gemma continua a fala com óbvia dificuldade. — Disse a ela que não me importava, que não ia perder por nada ver você receber o que merecia. Hoje, mais cedo, nos escondemos na lanchonete e...

— Eu sei sobre o vídeo.

Ela fica boquiaberta.

— O quê?

— Não me importo — digo, olhando para trás. — Não tem nada de mais.

Gemma agarra meu cotovelo e o sacode até que me vire para ela.

— E isso? Também não é grande coisa? — pergunta, tirando o capuz que esconde seu rosto, mostrando um corte na têmpora.



Seco, o sangue adquirira um tom marrom-avermelhado, mas o ferimento era recente. — Quando disse à Ariel que agia como louca e que ia ligar para a mãe dela, ela não entendeu. Mandou que saísse de Solvang e não voltasse, ou acabaria morta. Ou seria cúmplice de algo. E aí ela me acertou com um abajur.

O tempo passa devagar, a música que sai das caixas parece alterada e estranha. Mal consigo respirar. Ariel disse que ela e Gemma dividiram uma Coca e que se separaram com promessas mútuas de ficarem em contato. Mas ela devia estar mentindo. Ela tem de estar mentindo, porque não há qualquer indício de que Gemma esteja. A tristeza e o medo em seu rosto são verdadeiros.

E há um único motivo para que Ariel mentisse para mim.

Um único e atemorizante motivo.

— Fiquei desmaiada por um tempo. Não sei quanto — Gemma diz, esfregando o nariz com a manga da blusa. — Mike voltou uma hora depois e me acordou. Ele bem que tentou me convencer a ir embora, mas eu disse a ele que não poderíamos sair sem antes avisar você.

— Dylan! Se apronte — sussurrou a senhora Mullens atrás de mim. As últimas notas de Maria ecoaram na lanchonete, e Logan passou pela cortina. Está na hora. Tenho de ir lá e encarar a música. E a garota. E o mal que quase ganhou a batalha pela alma dela.

Dou um passo à frente, mas Gemma segura meu braço com força.



— Não! — ela implora. — Não faça isso! Acho que é aí que ela vai agir! Feri-lo. Talvez até matá-lo, não sei.

— Não tem problema. — Começa o prelúdio da música. — Tenho de ir. Frustrada, Gemma suspira.

— Por favor! Não! Eu lhe disse que Ariel quer se vingar de você. Se você for ferido, eu…

— Não se preocupe. Ela ama você, e eu a amo. — Viro e abraço Gemma com força, tentando acalmá-la. — Vá. Agora. — Caminho em direção à parte da cortina que está aberta. Dessa vez, ela me deixa ir. — Encontre Mike, vá para Seattle, e fique longe de Ariel.

— Eu não sabia que ela era louca de verdade — sussurra.

— E não é. — Antes que Gemma possa contestar, ligo o microfone e me posiciono no palco bem na hora de cantar os primeiros versos da canção de Dylan. Busco entre as sombras do local em que deixei Ariel, mas não me surpreendo ao perceber que ela não está lá.

Destruído, mas não surpreso.

Ariel não é louca. Ela faz o que deve ser feito para impor respeito como uma pessoa que acabou de entrar para o lado dos maus. Os Mercenários a levaram para o lado deles. Suas mentiras na tarde de hoje foram inspiradoras, tão perfeitas que mesmo alguém com 100 anos de experiência na arte de mentir não conseguiria identificá-las. A forma como ela pintou cada falsidade com um tom de verdade... É algo excepcional. Mesmo quando



disse que os Mercenários não me atacariam em público, ela nem piscou, embora soubesse que estaria com a morte ao meu lado durante o baile.

Talvez planeje atirar em mim agora, como já confessou. Talvez espere até mais tarde, quando estivermos sozinhos, a caminho da estação de ônibus. De qualquer forma, ela me enganou perfeitamente, do mesmo jeito que enganei centenas de garotas jovens e bonitas que queriam acreditar que o amor conquista tudo. Ela fez de mim um tolo, um grande tolo sonhador.

Mas quem sou eu para julgar Ariel? Já fiz o que ela fez, já fui quem ela será. Mesmo agora, quando a sala se enche de risos à medida que o vídeo começa a tocar e imagino se Ariel está lá, pronta a usar essa distração para me destruir, não consigo odiá-la. Ainda a amo. É inútil, mas é real.

Nem tudo foi mentira. Por um dia ou dois, ela me amou, e eu a amei. Ela mudou quem sou e nunca mais serei o mesmo.

Recobro o fôlego e continuo cantando, uma voz tão intensa que as pessoas próximas do palco param de rir.

— Até que seja enterrado… Enterrado em uma cova.

Enterrado. Esse seria um momento poético. Ariel é uma pessoa romântica que possui inclinação para representar. Ela trará uma beleza terrível para seus atos.

Da mesma forma que eu trouxe.



— Ah, venha para mim — canto, erguendo os braços, num gesto de redenção, de oferenda. — Venha me dar o seu doce amor...

O tiro atravessa o ar, interrompendo a música e causando uma histeria de gritos que se transformam numa onda de terror quando o atirador dispara novamente e estilhaça a luz estroboscópica. Estilhaços de vidro caem sobre a pista de dança. Alunos cobrem suas cabeças e saem correndo. Professores e acompanhantes fogem porta afora, casais dão as mãos e procuram as saídas. A senhora Mullens corre em direção ao palco, gritando para que eu fuja. Mas eu não corro.

Ela conseguiu. É o fim. Eu sou a Julieta no chão da tumba, com um punhal cravado no peito e a pessoa que amo para culpar. Ariel ainda não atirou, mas vai atirar, não consigo correr nem me esconder.

Solto o microfone, o baque dele acertando o chão ecoa pela sala. Cerro os punhos e aguardo a dor. Sentirei a qualquer segundo o impacto da bala e o fogo perfurando minha pele, órgãos e ossos, abrindo caminho para o sangue jorrar. Essa é a verdadeira justiça poética. Essa é a perda mais triste do mundo. Eu a amo, e tolamente pensei que isso seria o suficiente. Ainda espero vê-la de novo, que ela olhe para o meu rosto antes de...

Lá na entrada da chapelaria. Bem onde disse que estaria.

Ela se inclina contra o batente da porta, o brilho da sala atrás dela ilumina sua silhueta pelo tecido fino. Não posso ver seu rosto, mas sei que olha para mim. Sinto seus olhos em mim,



gerando sentimentos de medo e tristeza, e um toque de puro desejo. Ao perceber isso, sorrio. Afinal de contas, parece que não me tornei um bom rapaz por completo. Ainda sou perverso o suficiente para ficar ligado a uma mulher que está tentando me matar.

— Você vai me matar? — grito. — O suspense está me matando.

— Suspense seria uma forma muito gentil — retruca.

Ela confirmou todas as minhas suspeitas. É ardilosa, mentirosa e está segurando a evidência de um crime iminente em uma de suas mãos delicadas atrás das costas. Mesmo assim, não acredito que será fácil para ela, e não acredito que me odeie, pelo menos não completamente.

— Está fazendo um grande trabalho — digo, me aproximando da beira do palco. — Seu primeiro assassinato e já está se saindo muito bem. Darei a você algumas semanas...

— Romeu! — o sussurro vem de trás do palco, a urgência em sua voz me faz suspeitar que não é a primeira vez que chama o meu nome. Procuro a Embaixadora que se esconde atrás das cortinas, um olho verde e uma mão branca me espreitam. Ela segura uma arma.

Uma arma. Mas eu pensei... Eu... Ela estende a arma em minha direção.

— Pegue. Você sabe o que deve fazer.



Olho para a arma por alguns momentos antes de olhar novamente para Ariel. Ela continua junto à porta, um alvo perfeito, cercado de luz. Sou um excelente atirador. Não há dúvida de que acertarei o alvo com a primeira bala. Já posso imaginar o jeito que o vermelho saltará de seu estômago, manchando o tecido branco como uma flor que se alimenta de suas entranhas para nutrir seu crescimento.

— Não podemos mais salvá-la — diz a Embaixadora jogando a arma. A arma cai aos meus pés e gira em círculos frenéticos. — É melhor que ela morra rápido. Não podemos permitir que ela faça os votos de Mercenária.

— Eu... — Me viro para Ariel. Por que ela está imóvel dessa forma? Por que não foge ou pega a arma? Será que ainda significo alguma coisa para ela? Será que espera por um motivo para parar com essa loucura?

Houve um tempo em que concordaria que a morte de Ariel seria para o bem de todos, mas se ela está próxima a se tornar uma Mercenária, esse será um caminho sem volta. Olhando para ela agora, para as curvas graciosas do seu corpo, para a ponta do seu queixo e para a agitação de seus ombros enquanto respira...

— Não posso — sussurro.

— Não. Eu não posso — a Embaixadora retruca. — Minha magia não permite, mas você pode matá-la. Se você fizer isso, prometo transformá-lo em um de nós. Será seu último assassinato, um sacrifício nobre feito para o bem de todos.



Um sacrifício nobre. Para o bem de todos. Nobre. Bem. Sacrifício.

Essas palavras ecoam em minha mente, com a mesma semelhança assustadora ao que me foi dito naquela noite na colina pelo Mercenário que me criou.

Aparentemente a luz e a escuridão têm muito mais em comum do que imaginava.

Agacho, pego a arma e recuo lentamente para a beira do palco, com uma suspeita em mente.



Vinte e Quatro

Ariel

Observo os dedos em volta da arma, mas não estou mais magoada ou triste. Nem aliviada por ter as provas de que a Embaixadora estava certa, de que Romeu realmente é um assassino e que tem um cúmplice que está atrás da cortina.

Tudo que sinto é fúria. Impetuosa e mortal.

Ergo o queixo com firmeza e agarro a arma com mais força. Preciso acabar com ele antes que as pessoas que fugiram peçam ajuda, antes que Romeu atire em mim ou seu cúmplice saia do esconderijo atirando. A Embaixadora me avisou que Romeu teria outro Mercenário protegendo sua retaguarda, mas disse também que o colega o abandonará no momento em que ele fracassar e eu o matar com um tiro no coração que atravessará seus dois corpos: o emprestado e o quase comprado.

Dylan está na minha frente; o corpo antigo de Romeu está amarrado no quarto dos fundos. A Embaixadora manteve a palavra e fez com que ele me esperasse no congelador, no fundo da



cozinha. Por causa da agitação do vídeo com o strip-tease de Dylan, ninguém notou quando levei o garoto inexpressivo de roupa esfarrapada para a chapelaria e fechei a porta. Ninguém me viu amarrá-lo ou subir nas prateleiras para pegar a arma do vovô no forro do teto. E agora todas as testemunhas foram embora. Somos apenas Romeu e eu.

Está na hora. Agora. Agora.

Aponto a arma, a pulsação acelera tanto que posso vê-la balançando em meu punho, sinto os músculos segurando com dificuldade a pesada arma.

— Espere! — Romeu grita. — Por favor. — Ele pula do palco para a pista de dança, onde feixes prateados são tudo o que sobrou das luzes. Acertei o aparelho de som e a luz estroboscópica nas primeiras tentativas. Aparentemente, tenho boa pontaria. É bem possível que mate Romeu antes que ele possa pegar sua arma.

Meu dedo segura o gatilho. Vai puxando lentamente.

— Fale comigo — ele implora.

— Chega de conversa. Eu sei o que você é.

Ele estende uma das mãos, a que não segura a arma.

— Já contei a você o que sou.

— Sei que você continua sendo Mercenário.

— Não, eu…



— Quando fui pegar as coisas da Gemma, havia uma Embaixadora no corpo da mãe dela. Ela me contou tudo — digo, incapaz de ocultar a verdade. — Ela me mostrou como você me matou. Como você atirou em mim.

A culpa fica estampada em seu olhar.

— Por favor, Ariel. Você não entende, eu…

— Cale a boca.

— Por favor!

— Já disse, chega de conversa.

— Então não diga mais nada — retruca, dando um passo cuidadoso à frente. Mudo de lugar, bloqueando sua visão do garoto escondido atrás de mim. Não posso deixar que o veja, não até que esteja pronta para atirar nos dois juntos. — Apenas ouça. Julieta estava habitando seu corpo na primeira vez que nos conhecemos. Eu realmente atirei nela, mas somente porque não tive outra escolha. Foi o único jeito de protegê-la…

— Estou cheia dessa sua proteção e não quero mais ouvir suas mentiras.

— Não são… — Ele recuou, o medo evidente marcado pela forte respiração. Finalmente percebeu a verdade. Que não pode me enganar. Que vai morrer. De uma vez por todas. — Por favor, me deixe dizer o que sinto. Uma última vez.

— Amor, sim… — O corpo antigo de Romeu sussurra, me assustando e meu dedo afrouxa o gatilho.



Olho para ele e o vejo balançando para lá e para cá, seu sorriso tão inocente e feliz que me faz querer chorar. Parece mais patético do que assustador. É tão lindo quanto o garoto em meus sonhos, mas vazio por dentro, uma coisa danificada que nem imaginava que pudesse falar. Ele estava muito quieto hoje no celeiro, tão quieto e imóvel que no início achei que estivesse morto.

A Embaixadora me disse que ele é o espectro da alma de Romeu. Quando a alma de Romeu foi embora para o mundo dos mortos, foi isso o que restou. Romeu não viveu dentro daquele corpo por centenas de anos, mas quer voltar. Planejava me matar para conquistar esse privilégio.

Em vez disso, quem vai matá-lo sou eu. Se o corpo hospedeiro de Romeu e seu espectro forem mortos a poucos minutos um do outro, o reino de terror de Romeu terminará. Ele não será capaz de habitar um novo corpo. Estará realmente morto, de uma vez por todas.

Porém, esse pobre garoto também morrerá. É uma pena. É como matar um bebezinho.

Cerro meus dentes e me viro para Romeu, aponto a arma, me lembrando de como lhe dei meu corpo e minha alma, enquanto ele planejava a minha morte. Penso nas outras pessoas indefesas que ele traiu ou matou. Me lembro dos olhos grandes e castanhos da garota no túmulo, se fechando à medida que seu sangue pingava no chão.

Se alguém merece morrer, esse alguém é Romeu. E eu nem estaria cometendo um assassinato de verdade. Dylan já está morto



e Romeu deveria ter morrido há centenas de anos. Isso é justiça, não importa o quanto pareça errado apontar uma arma para o coração de alguém.

— Eu amo você, Ariel — ele diz, com a voz fraca.

— A mãe de Gemma alertou que você diria isso. Ela disse que você nunca admitiria estar mentindo. Porque você precisa que eu te ame para que a minha morte tenha valor para você.

— Nunca passou pela minha cabeça te matar. Nunca.

— A senhora Sloop também alertou que você diria isso.

— A senhora Sloop... — diz, se aproximando com passos lentos e firmes. — Ela não seria uma ruiva, seria? Bonita? Por volta dos quarenta? Usa muita roupa cáqui?

Suas perguntas me confundem e o cano da arma baixa alguns centímetros em direção ao chão.

— Pele pálida, olhos castanho-escuros — ele continua. — Tem cheiro de baunilha?

— Sim, mas eu...

— Ela é a bruxa que me enviou para cá! — Os olhos dele inflamam de excitação. Ele realmente pensa que vou acreditar em suas mentiras. — Ela não é uma bruxa, é uma Embaixadora, mas isso não importa. Foi ela que me deu esta arma e posso imaginar as mentiras que te contou esta tarde. Ela está tentando nos colocar um contra o outro.

— Cale a boca.



— Ariel, por favor... — Parece que vai chorar, como se estivesse partindo seu coração ver o quanto o odeio. — Posso explicar tudo. Ainda amo você. — Ele levanta as mãos para cima e diz: — Já passei pelo que está passando, e eu...

— Eu sei o que você passou — digo, imaginando todo o sangue que suas mãos derramaram. — Vi todas as pessoas que matou. Vi você rindo enquanto as matava com as próprias mãos.

— Fui um assassino brutal e doente. Já te contei isso, mas eu...

— Você não me contou que matou Julieta. Quando vocês eram jovens e ela te amava. Confiava em você. — Ele empalidece, mas não para de vir em minha direção. Tenho apenas um minuto, talvez menos. Preciso me concentrar na verdade e não na dor estampada em seus olhos ou no modo insano que uma parte de mim quer acreditar que ele realmente se importa. — Vi o jeito como você enganou Julieta. Ela teria te matado se fosse forte o suficiente para forçar o punhal contra o seu peito.

— Você está certa. Eu deveria ter te contado isso, e muitas outras coisas, mas eu... — Engole em seco e diz: — Sinto muito. Precisava que você me amasse. Não sabia disso antes, mas eu também precisava te amar. Eu... Sirenes soam ao longe. Aponto a arma para o coração dele. Tenho de atirar. Antes que me engane mais uma vez.

— Por favor, Ariel! — ele diz, com o tom de voz de alguém que até parece se importar. — Olhe para mim. Sabe que te contei a verdade sobre tudo que tem importância.



Agora está bem próximo, mas não consigo apertar o gatilho. Ele se inclina até que o cano da arma encoste em seu peito e o cheiro se espalhe, tocando em algo dentro de mim. Algo macio e humano.

Cerro os dentes e escondo minha vulnerabilidade.

— Isso é pelas pessoas que você machucou e pelas que não viverá para machucar. — Meu braço treme; minha mão começa a suar. — Isso é pelo...

— Bem de todos — dizemos ao mesmo tempo.

Meu cotovelo se contrai e o braço enfraquece, a arma fica pendurada entre nós.

— Foi isso que a Embaixadora, que está dentro do corpo da mãe de Gemma, disse quando me deu esta arma — ele diz, olhando para o palco por detrás dos ombros. Eu também olho, mas não vejo nada. As cortinas estão fechadas. Mas, mesmo assim, dentro de mim, começo a imaginar. E se...

— Ela disse que matar você seria para o bem de todos, um sacrifício nobre. Ela acha que seria melhor você morrer do que se tornar uma força do mal. Mas não acredito nela. — Ele fica tão próximo que tenho de recuar a cabeça para poder olhar nos seus olhos. — Nunca acreditarei que matar você será bom ou nobre. Eu amo você, e sei que é uma pessoa melhor do que eu. Não deixe os Embaixadores ou os Mercenários a transformarem em algo que você não é.

— Não sou...



— Você não é do tipo de pessoa que acha certo deixar sua melhor amiga inconsciente.

— Como você...

— Ela veio aqui. Para me alertar. Estava preocupada com você.

— Eu tentava protegê-la — digo, mas ouço a minha própria mentira.

— Você não acredita nisso. Como também não acredito que acha certo começar a atirar de dentro de uma lanchonete cheia de pessoas. Ou que seja certo matar a pessoa que você ama — acrescenta suavemente. — Não quando ela está bem na sua frente, dizendo que você é a melhor coisa que já lhe aconteceu.

Seus olhos brilham. Sei que deveria odiá-lo por suas lágrimas falsas e por suas palavras enganosas, mas não o odeio. Somente me sinto confusa e triste, e possuída por uma vontade quase incontrolável de deitar meu rosto em seu peito. Se ele é um mentiroso, ele é bom demais para que consiga decifrá-lo. Se estiver dizendo a verdade...

Bem, mesmo assim, ele continua bom demais e eu continuo sendo a tola de sempre.

— Vou baixar a arma — ele diz. — A Embaixadora que habita o corpo da senhora Sloop diz que ela não pode machucar você porque isso iria contra a magia dela, mas não contaria com isso se fosse você. Saia pela porta dos fundos e se esconda onde ninguém poderá encontrá-la. A polícia chegará a qualquer



momento. Direi a eles que não vi o que aconteceu. — Ele limpa as digitais da arma na camisa e a joga fora. O som que a arma produz quando cai no chão me faz pular de susto.

Ele largou a arma. Não vai me matar. Nem mesmo vai se defender. Pela primeira vez, desde que assisti à minha própria morte esta tarde, minha raiva latente sucumbe e pareço ter total controle da minha mente.

A primeira coisa que sinto é alívio, e então... Pavor. Um pavor completo e absoluto.

— Ah, meu Deus! — digo, largando minha arma, me assustando quando ela atinge o chão aos meus pés. — Eu... Eu quase...

— Mas você não atirou — ele diz, me abraçando com força por um momento antes de me empurrar em direção à porta. — Agora vá, corra! Rápido. Amo...

— Não. Você não está entendendo. — As sirenes estão mais próximas agora, mas não posso deixá-lo sozinho ali. — Ela me ensinou como matá-lo para sempre. Eu deveria atirar em você e depois no outro garoto. —

Que outro garoto?

— Ele... Ele... Está ali. Ela usou magia contra ele. Eu o amarrei — digo, apontando para o quarto atrás de nós, meu braço treme, a loucura do dia faz com que, literalmente, eu sinta que vou desmoronar. Está tudo tão frágil. Meu corpo, minha mente, o limite entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Não posso



acreditar que machuquei Gemma. Não posso acreditar que disparei um tiro ou que quase matei alguém. Que quase matei Romeu. Logo ele, que me ama. E a quem amo.

— Ah, meu Deus, eu…

— Quem está aí, Ariel? Você…

— É você. Do jeito que estava na colina — murmuro. — Ela falou que você morreria por toda a eternidade se eu atirasse em você e logo em seguida no espectro da sua alma.

Romeu fica imóvel, mas posso ver em seus olhos no que está pensando. Ele parece animado, e fico mais confusa ainda.

— Será que ela saiu de trás da cortina? Olho por cima de seu ombro e digo:

— Não. Não há…

— Vá! Rápido! — ele diz, segurando minha mão e me puxando em direção à chapelaria à medida que as sirenes e as buzinas ficam mais próximas. Os veículos de emergência chegam ao estacionamento da escola. A polícia entrará a qualquer instante.

— Espere, temos de…

Ele coloca o braço em volta da minha cintura e tira os meus pés do chão, me levando com ele para a chapelaria.

— Esse corpo é o que estava procurando essa manhã. Se tocá-lo, posso voltar para ele e ficar com você.



— O quê?

— Sei que parece horrível fazer isso, e nunca pediria que você... — Ele entra pela porta, mas fica paralisado logo em seguida. Boquiaberto. Para uma pessoa que disse que sabia o que estava lá dentro, parece realmente surpreso.

— Venha, agora! — O corpo no chão fica feliz ao ver Romeu. Ele levanta os braços como uma criança, as roupas esfarrapadas ainda cobrindo seu corpo magro que treme de excitação.

— Não acredito — diz Romeu me soltando. — Não é... Não é...

— Sinto muito. — Não sei por que estou pedindo desculpas, sei apenas que "sinto muito" parece ser a coisa mais apropriada a se dizer no momento. Algumas partes do meu corpo ainda estão dormentes, mas quando a dormência for embora sei que me sentirei horrível. Sou mais louca do que imaginava ser, uma perdedora ingênua que não sabe em quem ou no que acreditar.

— Você não está entendendo — ele diz, virando-se para mim com um enorme sorriso no rosto. — Meu corpo está completo. Antes estava destruído e acabado. Eu...

— E voltará a estar novamente. — A senhora Sloop, subitamente, surge atrás de nós. Viramos e a encontramos parada no corredor, com as mãos juntas e uma luz dourada entre suas palmas. — Não deixarei que tome esse corpo. Não me importa que sua alma seja bonita agora. Você não merece a liberdade e ela não



merece a vida. Demorou menos do que um dia para que eu a convencesse a matá--lo. Vocês dois são perigosos e eu...

— Ariel, fuja — diz Romeu, mergulhando no chão para agarrar as pernas da senhora Sloop. Por um momento, acho que vai derrubá-la. Penso em levantá-lo e levá-lo dali, mas o pé dela acerta o estômago dele no último segundo e o arremessa contra as prateleiras da parede.

— Pare! — imploro, mas é muito tarde.

Ela abre as mãos e a bola de luz avança em direção a Romeu. Ele consegue sair de baixo das prateleiras pesadas e está de pé, mas nunca conseguirá se desviar da bola de luz a tempo. Ela vai acertá-lo, machucá-lo, e, talvez, matá-lo.

Antes que eu mesma perceba, me atiro no caminho da magia, esticando meus braços, esticando, esticando... Não consigo distinguir o certo do errado, o bem do mal, mais sei que será mais fácil morrer por Romeu do que seria matá-lo.

Quando a luz me acerta, me arremessando contra Romeu e nos empurrando em direção à parede em que seu antigo corpo grita apavorado, tenho esperança de que meu ato tenha um significado. Que agora eu seja uma pessoa melhor. Ou pelo menos melhor do que seria sem ele. Tento me virar e olhar em seus olhos, mas meu peito está em chamas. Abro a boca para gritar, mas o fogo se alastra pelos pulmões, pela garganta, pela boca e o mundo desaparece em uma nuvem de poeira cinza que sufoca.



Vinte e Cinco

Romeu

Está tudo acabado.

Coloco meu braço em volta dela e agarro a camisa antiga e esfarrapada que carrega o espectro da minha alma, segurando firme minha amada à medida que a força combinada de nossos corpos nos empurra contra a parede entrelaçando nossos braços e pernas na dor.

Talvez não seja muito tarde. Talvez tocar o espectro seja o suficiente, e serei capaz de entrar em meu antigo corpo e proteger Ariel. A Embaixadora disse que ela seria incapaz de matar. Qualquer magia que usar não será mortal.

Ainda tenho esperança, só um pouco, mas então...

Batemos forte contra a parede e vejo os olhos de Ariel fechados e a coluna inerte. Juro que posso sentir o momento em que sua alma se afasta do corpo. Tento gritar com a Embaixadora,



para implorar à Ariel que volte, mas não consigo emitir som algum. Estou sucumbindo, desmoronando à medida que as paredes se derretem e o chão que nos cerca afunda.

Fecho os olhos e a barreira da pele de Dylan diminui e desaparece. Ariel sangra em mim, eu sangro em meu eu antigo, tudo é maleável e transparente, e finalmente vejo o mundo como ele sempre foi. Uma mentira. Uma bela mentira de luz e fé na natureza sólida das coisas que não são nem um pouco sólidas. Não há começo nem fim e as forças que separam o aqui e o agora são tão frágeis quanto as teias de aranha que afasto com minhas mãos trêmulas.

Há somente uma coisa sólida o suficiente para me manter firme, e essa coisa é ela. Eu a amo. Ela é minha cara metade, minha segunda chance, a única coisa no mundo que pode me ensinar a ser mais do que um monstro. Sua fraqueza me mostrou a força que tenho, sua fé me fez acreditar, seu amor me tornou um todo. Nunca vou esquecê-la e nunca vou abandoná-la.

O ar fica cada vez mais quente, a matéria se regenera em carne e osso, e em um chão sujo e duro abaixo do meu rosto. Mesmo assim, me seguro tão forte que tenho cãibras nos dedos. E, então, alguém geme ao meu lado.

Meus olhos se abrem. É ela. Ariel. Está deitada ao meu lado, neste local em que o chão é áspero e o ar é carregado de poeira cinza. É inacreditável. Começo a tirar o cabelo dela da frente do rosto e encontro algo mais inacreditável ainda. Minha mão. Minha



mão verdadeira. Estou de volta ao meu próprio corpo, vivo, respirando, tossindo, engasgando...

Cubro minha boca com a manga e tusso até que minha garganta sinta o gosto de sangue. O cinza no ar não é poeira, mas fumaça. Há um incêndio. O lugar está pegando fogo. Temos de sair daqui.

— Ariel! — Tusso novamente ao me levantar, a aspereza em minha garganta é sinal de que estive respirando a fumaça que toma conta do lugar. — Ariel, acorde! Nós...

Pedaços de madeira explodem atrás de mim, rasgando o ar. Me viro para ver um tronco de madeira em chamas caindo sobre simples bancos de madeira. Sobre eles, uma janela de vidro manchada reflete a distorção laranja e vermelha do fogo abaixo. Vejo subitamente o olhar de uma Madonna vestida de azul, segurando um bebê de rosto estranho e experimento um momento de extrema lucidez.

Conheço essa igreja. Não sei como chegamos aqui, mas sei onde estamos. É a igreja onde cresci, aquela em que fiquei horas sentado nesses mesmos bancos que queimam, em que Benvólio e eu brincamos dizendo que o bebê no vidro manchado tinha o mesmo rosto enrugado que o do nosso tio-avô, aquela em que tentei me refugiar depois que convenci Julieta a tirar sua própria vida no túmulo que ficava a poucos metros da entrada. Aquela que queimou com Romeu Montecchio preso dentro, em uma versão alternativa da história. Esta versão da história.



— Julieta — um sentimento estranho, entre esperança e terror, se agita dentro de mim.

Julieta ainda pode estar viva. Pode estar no túmulo, perto o bastante para sentir o cheiro da fumaça. Se eu conseguir sair...

Olho pelos arredores da igreja. O fogo está por toda parte, bloqueando a entrada e as janelas mais baixas do lado esquerdo. As chamas não alcançaram a frente da igreja, onde Ariel e eu estamos, próximos à estátua de pedra de Jesus na cruz, mas logo alcançarão. Temos de sair daqui.

— Ariel! Acorde! — Coloco--a no colo e a sacudo gentilmente, esperando que seus olhos se abram. Não entendo como voltei aqui, muito menos como a trouxe comigo, mas preciso que abra os olhos. Talvez possamos escapar. Há um caminho estreito pelos bancos à nossa direita que ainda não começou a queimar, mas não se eu precisar carregá-la. Se não ficarmos agachados, seremos dominados pela fumaça.

— Por favor, Ariel — sussurro em seu ouvido, beijando a pele macia do seu rosto. Tão macia, suave e...

As cicatrizes. Recuo para observar seu rosto. As cicatrizes sumiram, desapareceram com o brilho do batom e a sombra cintilante usada para o baile. Seu rosto está liso e sem marcas, e seu cabelo longo cai ondulado abaixo da cintura de um vestido feito com um pano cinza vulgar. É diferente de tudo que vi em centenas de anos. Olho para mim, em parte não surpreso por vestir o mesmo manto do dia em que deveria encontrar o frei



Lourenço na estrada fora de Verona. Mas não há sangue nas mangas.

Não enganei Julieta. Ainda não vendi minha alma às trevas.

Trago Ariel para bem junto de mim, planejando arrastá-la pelo chão se for necessário, mas o movimento de uma sombra prende minha atenção. Me viro a tempo de ver uma mulher de cabelos ruivos se esconder atrás da tela de metal de onde o padre discursa para seus paroquianos. É ela. A Embaixadora. Ela fez isso.

— Socorro! Nos ajude! — grito. Aponto-lhe o dedo, mas ela não se move, uma estátua sem sentimentos feita de carne em vez de pedra. Não é surpresa que nos quer mortos, mas certamente acha que isso não é justiça. — Se você está verdadeiramente do lado de Deus, não pode deixá-la morrer! Não faz sentido. Ela não machucará ninguém.

Você subestima a capacidade da garota de praticar o mal. E a sua também. Ouço sua voz em minha mente, uma sensação perturbadora que me faz recuar.

— Ela não é má — sussurro, mas sei que a Embaixadora pode me ouvir. — Nesta época, uma mulher é propriedade de seu pai, do marido ou da igreja. Ela não tem o poder ou a liberdade para...

As mulheres têm seu próprio poder, Romeu. Veja como ela o tornou seu escravo.



— Você é que teria me tornado um escravo! — grito, sabendo que o argumento é inútil. Ainda há algo a dizer que pode fazê-la mudar de ideia. — Não importa no que você acredite, é contra o seu juramento permitir que duas pessoas morram sem tentar ajudá-las.

Meu juramento me impede de fazer o mal a qualquer ser vivo, ela diz, num tom de voz agudo que me faz lembrar do meu criador. Mas não havia um ser vivo nessa igreja quando comecei o fogo.

Balanço a cabeça num gesto mais de repulsa do que surpresa.

Sinto que tudo termine assim, Romeu.

Ignoro-a e pego Ariel em meus braços. Temos de subir a escadaria em direção à torre dos sinos. É nossa única opção. O caminho até as janelas de baixo está em chamas, e a Embaixadora está entre nós e a saída mais próxima.

Se te conforta, salvarei Julieta. Vou tirá-la do túmulo e dar a ela outra eternidade de felicidade e luz.

— Outra eternidade de escravidão! — cuspo à medida que procuro me equilibrar. Ariel não pesa mais que 45 quilos, mas o fato de estar desacordada aumenta seu peso; além disso, a fumaça está me deixando tonto.

Julieta não será uma escrava; será a salvadora do mundo.



Se eu não estivesse em choque, riria do delírio em sua voz. Ela ficou louca. Tão louca e assassina quanto fui um dia e, se puder, não permitirei que leve Julieta.

Dou as costas para ela e cambaleio em direção à escadaria com minha mente repleta de possibilidades. As escadas que levam à torre dos sinos são de madeira, mas a torre é feita de pedra. Com certeza, o fogo não se espalhará tão rápido lá em cima. Se conseguir achar algo cortante, poderei cortar a corda que segura os sinos e usá-la para descer Ariel até o chão. Descerei em seguida e a esconderei em algum lugar seguro. Então poderei encontrar Julieta e...

— Romeu. Encontrei você — uma voz baixa surge na escuridão da torre, chego a gritar e quase caio na afobação de recuar. Conheço aquela voz. A reconheço mesmo antes que o frei surja das sombras com um sorriso estampado no rosto, segurando o punhal que usamos para matar Julieta.

— Não.

— Onde você andou se escondendo? Esperei horas por você na estrada — ele diz, não deixando dúvida de que era o mesmo frei que eu conhecia quando foi possuído por um Mercenário, que me enganou e convenceu a destruir a garota que eu amava. — Procurei por toda parte, mas foi como se você tivesse desaparecido da face da Terra.

Respiro com dificuldade. Ele fala em um italiano medieval e parece não saber sobre nosso passado. Ou futuro. Ou seja lá qual



for o tempo para o qual voltei em minha vida longa e mais uma vez ao momento em que minha eternidade do mal começa.

— Venha — ele diz, aconselhando a me aproximar. — Temos negócios pendentes. Ainda há tempo de passarmos pelas chamas se nos apressarmos.

— Vá embora — sussurro em minha língua nativa, como uma criança a um cachorro selvagem na estrada. Mas aquele homem nunca me ouvirá. Está inacessível à razão, súplica ou prece, o que torna o crucifixo pendurado em seu pescoço ainda mais irônico.

Seus olhos se estreitam e se movem rapidamente.

— Julieta falou a verdade, então. Você mudou.

— Deixe Julieta em paz. Ela não tem mais valor para você.

Ele sorri e com a mão dissipa calmamente uma nuvem de fumaça.

— Você está certo. Não há motivo para nos importunarmos com Julieta. Não é ela quem você ama, é? — diz, segurando o punhal em riste. — Leve este punhal com você para a torre, derrame o sangue da garota antes que ela acorde. Será simples e indolor. Subirei em seguida para administrar a unção dos enfermos.

Ele se aproxima, pressionando o punhal nos meus dedos, que estão sobre os joelhos de Ariel. Então, segura meu rosto com suas mãos finas e se inclina para beijar minha testa; a sensação



de medo puro clareia minha mente, recarrega meu corpo fraco com energia. Se pudesse correr, correria, mas ele está bloqueando o caminho do único lugar seguro. Me lembro que sou eu quem segura o punhal, mas sei que isso não fará diferença.

O frei pode matar com um dedo, um pensamento, um sorriso. Senti as mãos no meu rosto penetrarem minha pele como vermes. Ele enviou um pensamento assassino à minha mente e fez meu cérebro explodir pelo outro lado, me mantendo vivo para sofrer no final. Ele é o pesadelo que nunca quis que Ariel tivesse, e aqui estamos, próximos o suficiente para sentir o amargor do seu hálito.

— Esta aqui te ama. Seu coração está cheio de amor — sussurra contra minha pele. — E sua aura brilha por ela, tão forte quanto brilhou por Julieta. Até mais tivesse. — Ele sorri e olha para trás. — Uma vez conheci um amor como esse. Minha esposa e eu nos separamos, mas ela anda se metendo nos meus assuntos ultimamente. Isso é algo que não vou tolerar, Romeu, mesmo do meu inimigo favorito.

Sigo seu olhar pelas chamas até a tela onde a Embaixadora se esconde. A esposa dele.

Uma vez esse monstro e essa bruxa foram unidos pelo amor. Agora tudo que sobrou foi magia e ódio. Posso ver em seus olhos o que ele planeja fazer com a Enfermeira de Julieta se puder pegá-la antes que escape.



— Por favor, não faça isso. — Fecho meus olhos por um momento e peço que alguma força de bondade verdadeira ouça minha súplica.

— Não farei isso. Você fará. — Ele dá um tapinha em meu braço e me empurra para perto da escadaria. — Faça esse sacrifício e será meu irmão por completo.

— Não. Não farei.

— Você fará — ele diz. — Você é um rapaz esperto, Romeu, foi banido. Esta é sua única saída. Quando as chamas alcançarem o topo da escadaria, esteja pronto para usar esse punhal e fazer sua amada dançar com os anjos. Então voltarei para levá-lo embora. Iremos até o cemitério da colina e mostrarei a você todos os meus segredos maravilhosos.

Balanço a cabeça, com a memória viva do horror que é apodrecer em um túmulo de pedra. Sou tomado por uma onda de náusea.

— Vá — ele diz, levantando a palma da mão, e sinto a força da sua vontade em meus ombros. Recuo em resposta, um fantoche controlado pelo seu poder. Ele ainda consegue me influenciar. Talvez o suficiente para que eu escolha sacrificar Ariel. Tremo e aperto Ariel com tanta força contra o meu peito que ela murmura novamente.

O frei sorri.

— Respire fundo e faça sua parte. Nos veremos daqui a pouco.



Logo que se vira para a Enfermeira de Julieta, começo a subir as escadas de madeira em direção à torre dos sinos, preparado para fugir de sua presença, sabendo que cada segundo conta. Tenho um punhal. Conseguirei cortar a corda que segura os sinos e usá-la para descer Ariel até o chão. Então, poderei descer e libertar Julieta do túmulo. Se conseguir fazer isso antes que o Mercenário me encontre novamente, todos teremos uma chance de escapar. Se não for possível, tenho o punhal e farei o que for preciso.

Não quero morrer, mas me recuso a viver para fazê-la sofrer.

— Ariel, por favor — digo ofegante à medida que subo. — Acorde! Ariel, acorde, acorde...!

— Romeu? — murmura, sua voz rouca e seca. Meus braços tremem. Nunca fiquei tão feliz ao ouvir meu nome. Pelo menos agora ela estará consciente, poderei descê-la até o chão e correr para longe da igreja mesmo que eu não consiga acompanhá-la. E posso dizer que a amo mais uma vez. Talvez desta vez ela acredite em mim.

— Romeu? É...

— Estamos vivos, mas em perigo. Há um incêndio.

— O quê? Não estou entendendo — ela diz em italiano medieval perfeito. Deve ter assimilado a língua durante a troca, da mesma forma como sempre assimilei o idioma falado em todos os países que estive.



— Estamos em perigo — repeti no idioma que aprendi quando criança, surpreso pela naturalidade da fluência das palavras após centenas de anos sem praticar.

— O que foi? — pergunta abalada, colocando os braços em volta do meu pescoço. — Onde estamos?

— Estamos na igreja. — Não quero lhe contar muito. Ela já está confusa. Mencionar a época em que estamos poderá confundi-la ainda mais. — Mas há um incêndio e...

— Você tem que me por no chão.

— Se você acha que pode...

— Me coloca no chão. Isso não está certo. Especialmente na igreja. — Ela empurra minhas mãos e sou obrigado a colocá-la no chão. Tomo cuidado com o punhal, mas a ponta acaba alcançando a bainha da saia dela, rasgando um pedaço do tecido. — Meu vestido! — ela exclama, como se eu tivesse cometido um sacrilégio.

Observo por um momento, pasmo.

— Ariel, há um incêndio — repito com a maior paciência possível. — Seu vestido é a menor das nossas preocupações.

— Mas as pessoas vão pensar...

— Do que você está falando? Quais pessoas?

— Você está maluco? — pergunta, recua contra a parede. — Onde você está com a cabeça?



— Ariel, seremos queimados vivos se não sairmos daqui. — Sem mencionar que há um homem lá embaixo que planeja me obrigar a enfiar um punhal no seu coração logo que terminar de torturar a ex-esposa dele. — Podemos continuar conversando quando alcançarmos o topo da torre. — Estendo a mão, mas ela recua ainda mais para as pedras. — Ariel, por favor…

— O que você está dizendo?

— Ariel! Me ouça!

— Por que está me chamando assim?

Fico paralisado, minhas mãos pairam no ar como se ela tivesse colocado uma barreira invisível entre nós.

— É o seu nome.

— Romeu, você está me assustando — ela diz, com seus grandes olhos azuis cheios de lágrimas. — Você sabe o meu nome. Nos conhecemos desde criança.

Minhas mãos pairam no ar, tentando agarrar algo enquanto digo.

— Eu… Eu não…

— Sou eu, Rosalina — ela diz. — Não lembra?

Rosalina. Ariel. Rosalina. Ariel não parece nada com Rosalina, mas obviamente pensa que é Rosalina DeSare. Ou talvez Ariel seja Rosalina agora. Como…



— Benvólio — sussurro, pensando naquele dia na estrada no século XXI quando Benvólio estava tão certo de que era outra pessoa. E se... E se Ben Luna...

— Seu primo? — Rosalina pergunta. — Ele está aqui?

E se... Ele e Ben poderiam... Ben poderia...

— Romeu, por favor. Vamos encontrar o frei Lourenço. Ele pode nos ajudar. Sei que ele é seu amigo e confidente.

Suas palavras interrompem meus pensamentos. Não importa quem é quem, o que mudou ou por quê. Existem algumas constantes muito importantes a serem consideradas. O fogo se alastra pela igreja e há duas criaturas sobrenaturais tentando nos matar. Se perdermos tempo pensando e tentando entender o que está acontecendo, não sobreviveremos.

Seguro a mão de Ariel... Rosalina, de forma gentil, mas firme.

— Me desculpe se assustei você. A fumaça deve ter me afetado. Estou melhor agora.

— Você está?

— Estou. Mas há um incêndio lá embaixo. Seremos queimados se descermos pelas escadas. A nossa única esperança é alcançar o topo da torre e conseguir descer até o chão com uma corda.

Seus olhos se arregalam, assustados.

— Lá para baixo? Do topo da torre? Mas eu... Eu não posso.



— Mas é preciso.

— É muito longe. — Ela tenta se afastar, mas a seguro firme. — Vou morrer de medo.

— Rosalina, por favor. É a única opção. Você confia em mim? Vai me deixar ajudá-la? — Olho fundo em seus olhos e tento não pensar em como é doloroso vê-la tão mudada.

Ela está séria, doce e bondosa, mas não é Ariel. Não é minha garota destemida, com a cabeça cheia de dor e o coração cheio de paixão. Não é a pessoa que ouviria meus segredos como ninguém jamais ouviu. Não é a amada que segurei em meus braços e cuja respiração memorizei. Esta garota que segura minha mão não é Rosalina, mas também não é a minha Ariel. Ela não respira do mesmo jeito. Não beijará ou amará do mesmo jeito, nem odiará ou sentirá do mesmo jeito, ou sonhará, ou terá esperança, ou fúria, ou rirá do mesmo jeito que minha Ariel.

Isso me magoa, mas também ignoro. A Ariel que conheci pode ter desaparecido para sempre, mas seu corpo e a essência de sua alma continuam aqui e não há tempo para chorar.

— Por favor. Venha comigo. Não quero que se machuque, sei que seus pais ficariam devastados se você morresse.

— Se eu... — Seus lábios perdem a cor. — Tudo bem.

Sinalizo com a cabeça, e começo a subir as escadas, na esperança de que não tenhamos perdido muito tempo, concentrado no barulho da madeira sob minhas botas de couro e



no cheiro de fumaça pairando no ar, me recusando a pensar no que perdi.



Vinte e seis

Ariel

Desta vez, a criatura que grita, a intrusa com a voz que ninguém mais consegue ouvir sou eu.

Estou aqui! Por favor! Me deixe sair! Romeu! Estou aqui! Por favor!

Por favor, por favor, por favor…

Grito e grito, mas Romeu não me ouve. Nem Rosalina, esta pessoa que habita o meu corpo e usa minha boca para falar um idioma que não entendo. Mas consigo entender seus pensamentos e medos, suas preocupações tolas sobre o vestido rasgado, decência e recato, e no que seu pai pensará quando ela chegar em casa.

Ouço seus pensamentos. Até mesmo sinto suas emoções, mas não da mesma forma que as sentiria se fossem minhas. É como quando o pé adormece e o formigamento bloqueia algumas das informações que se deslocam do pé ao cérebro. Ainda estou ciente dos movimentos, andar falar e segurar a mão de Romeu, mas a sensação não está toda lá.



Não estou aqui por inteiro. De fato, não estou aqui. Não sou nada! Apenas uma voz gritando no escuro dentro de uma mente que sequer consegue...

Rosalina diz algo que me faz levar a mão à testa. Pela primeira vez na vida, realmente sinto minha pele. Seus dedos... Meus dedos... Estão frios. Tremem ao tocar a têmpora. Ela está pensando... está começando a...

Ela...

Ela não é uma ela. Sei que esse pensamento não faria sentido para ninguém, mas para mim é uma revelação. Subitamente estou conectada: mente, corpo e alma. Ainda não estou no controle, mas sei que faço parte disso. Rosalina não é outra pessoa; ela é uma versão diferente de... Mim.

Bem lá no fundo, onde os segredos do sangue e dos ossos determinam o que uma pessoa é e o que se tornará, Rosalina e eu somos a mesma pessoa. Rosalina é o que eu poderia ter sido se tivesse nascido em outra época, educada de uma forma diferente, aprendido coisas diferentes. Se meu pai não tivesse partido, se minha mãe não me tivesse sozinha, se tivéssemos nossa família para ajudar, se não tivesse sido queimada ou encarada como uma aberração, se não tivesse ouvido as coisas que gritam e aprendido tanto sobre medo e fúria, se tivesse passado meu tempo sonhando acordada sobre o êxtase espiritual em vez da experiência carnal que tive com Romeu.

De certa forma, isso é reconfortante. Posso sentir como seria fácil tirar o foco de Ariel Dragland e me tornar parte de Rosalina.



Ela me absorveria como uma esponja. Não seria como morrer, somente... Esquecer. Seria como desejei que o médico tivesse feito comigo quando era pequena. Quando fui pela primeira vez à psiquiatra infantil, pensei que ela fosse me curar, apagar todas as coisas ruins da minha cabeça e me tornar normal. Fiquei arrasada quando percebi que ela não tinha esse poder.

Mas agora, poderia realizar esse pedido. Tudo que tenho a fazer é afrouxar meu foco e mergulhar nas trevas acolhedoras de Rosalina. Poderia deixar para lá e esquecer, e seria como se todas as coisas ruins da minha vida nunca tivessem acontecido.

Há uma semana, teria optado pelo esquecimento sem pensar duas vezes. Mas agora não posso. Porque esquecer todas as coisas ruins significaria esquecer também todas as coisas boas. Esqueceria de minha mãe e de como ela me ama. Esqueceria Gemma e nossa fraca, mas preciosa amizade. Esqueceria Romeu e quanto o amo. Esqueceria tudo o que ele significa para mim e como ele me amou o suficiente para me perdoar mesmo quando eu não merecia seu perdão. Nunca conseguirei dizer a ele que também o perdoo, e ele viverá o resto da vida com aquele olhar assombrado. Agora ele está em seu corpo antigo, mas com a alma pela qual me apaixonei. Eu sei que é ele, assim como ele sabe que a garota ao seu lado não sou eu.

Ele acha que fui embora. Talvez que tenha morrido. Posso ver em seus olhos, sentir quando tira o cabelo do meu rosto e me implora.



— Por favor, não pare. Me deixe carregá-la se não pode andar. Não há tempo.

— Eu... Eu não consigo — ela diz, tremendo enquanto forço a tênue barreira que nos separa. Posso entendê-la agora, e imagino como os meus lábios se moveriam para falar esse idioma.

— Sinto... Uma tontura.

Por favor! Me deixe sair! Imploro. Ele precisa de mim. Você precisa de mim.

Envio sentimentos de força pelo nosso corpo. Ela não precisa mais ficar com medo do mundo, da vida ou de crescer. Ela não precisa se esconder em um convento. Ela tem outra escolha e a coragem de descobrir todas as coisas que estão do lado de fora das terras de seu pai, além da cidade de Verona, no mundo selvagem que é tão assustador quanto ela imaginou, mas também maravilhoso. Há coisas horríveis na vida, mas também há esperança, beleza, arte, aventura e... Romeu.

Se ela aceitar os riscos, posso mostrar a ela a magia, os altos e baixos e todo potencial impressionante do coração humano. Podemos pintar, rir, brincar, dançar e aproveitar cada momento com o garoto que amamos, seja o tempo que for.

— Tenho medo — ela sussurra, e sei que não está falando mais com Romeu.

E essa é a única coisa que você tem a perder, digo suavemente. Não há motivo para gritar. A verdade é tão alta em um sussurro como em um grito.



Ela passou a vida tomada pelo medo: medo do pai em relação ao comprometimento de sua honra; medo da mãe de perder sua única filha; seu próprio medo de deixar seus pais que a prenderam tanto que ela nem sabe quem é sem eles. Posso ver suas faces gentis em sua mente: um homem de barba ruiva, um pouco mais escura que seu cabelo, e uma mulher loira, tão pálida quanto minha mãe. Mas ela não é mamãe. Não é.

Mamãe. Nunca a verei novamente. Minha intuição diz que Romeu e eu nunca mais voltaremos ao tempo de onde viemos. Mesmo se sobrevivermos ao fogo e eu ganhar o controle deste corpo, nunca sentirei os braços de minha mãe me enlaçando, me apertando durante um de nossos abraços desajeitados. Nunca poderei dizer a ela que estou bem ou o quanto a amo.

A dor e a perda apertam meu coração, e o meu controle sobre Rosalina diminui. Antes que consiga me recuperar, seu medo me afasta.

Ela me empurra para bem fundo de sua mente, até não sentir mais nosso corpo compartilhado. Consigo apenas olhar através dos seus olhos à medida que começamos a correr novamente. Subimos as escadas espirais até alcançarmos o topo e um espaço grande o suficiente para ficarmos em pé. Sinos antigos e enferrujados estão pendurados no centro. Há três sinos, todos amarrados com uma corda grossa, coberta com um revestimento amarelo e pegajoso.

Romeu me deixa... Rosalina... Junto à parede e corre até o sino mais próximo. Ele começa a cortar a corda com um punhal,



para frente e para trás, para frente e para trás, o mais rápido possível. É certo que planeja usá-la para descer pelo lado da torre. Mas onde conseguiu aquele punhal? Parece familiar, algo que vi em meu sonho. A lâmina brilha como um relâmpago, mas o cabo é tão escuro que absorve a luz do local já pouco iluminado.

A luz da Lua que brilha através das três pequenas janelas não é mais suficiente para que veja o rosto de Romeu, mas posso vê-lo tremer pelo esforço e ouvi-lo xingar e puxar desesperado. O corte da corda não está indo bem. E agora é tarde demais. Seu plano vai fracassar.

Porque o homem que vi vestido com um manto em meus pesadelos é real.

E ele acabou de surgir.

Romeu

— Vejo que ela continua viva.

O frei. Ele está aqui. Sinto um choque em meu coração. Fracassei. Demorou muito para subirmos a escada e a maldita corda está coberta de resina, piche ou algo do tipo...

— Não se preocupe, meu filho — ele diz, com uma voz suave que acalma meu coração sem o meu consentimento. — Ela ainda corta pele e osso facilmente.



— Vá para o inferno! — digo, atirando a faca em direção ao centro da torre, nas chamas que começam a alcançar a escadaria. O frei deve ter escapado segundos antes da madeira começar a queimar. Agora, um terço da parte de baixo da torre está impenetrável. Ele não conseguirá pegar a faca.

Terminou. Não matarei por minha vontade, nem pela de qualquer outra pessoa, nunca mais. Morrerei primeiro. Deixarei que Rosalina também morra se for necessário. É melhor morrer pelas mãos de um estranho como eu, do que sangrar até a morte sabendo que alguém em que confiava era um inimigo. Quanto menor a intimidade com o maligno, mais fácil de suportar fica.

Mentiroso. Tortura é tortura, e ele torturará vocês dois. Será melhor para ela se você jogá-la pela janela.

Passo a mão trêmula pelos cabelos. Em minha mente vejo como seus olhos ficariam impressionados com a minha traição e seus braços e pernas se moveriam desesperadamente à medida que seu corpo se aproximasse do chão. Não posso fazer isso, não posso. Não posso mais matar, nem mesmo em nome da piedade. Já matei o suficiente por várias vidas. E isso me consome como uma doença incurável.

— Venha para perto de mim, Rosalina — diz o frei, sua falsa gentileza me deixa ainda mais enojado. — Saia de perto de Romeu…

— Frei Lourenço? — Rosalina sussurra. — O que está acontecendo? Por que…



— Venha até mim. Vou te proteger.

— Não, Rosalina! — grito, me afastando dos sinos, me posicionando entre eles. — Não confie nele. Ele é um mentiroso.

— Não dê atenção a ele, menina. O pobre rapaz ficou louco. Temo que um espírito maligno tenha tomado posse de sua alma.

— Frei! Estou com tanto medo! — choraminga Rosalina.

— Venha, doce menina, te darei paz.

— Paz — ela repete, sua voz falhando no meio da palavra, como se isso fosse a coisa que ela mais quisesse no mundo. Ele conseguiu prender sua atenção. Com uma palavra. Com uma miserável palavra.

— Sim, minha filha — ele diz. — Você terá paz.

Ela dá um passo à frente, mas meu braço a contém, empurrando-a de volta à parede com toda a força do meu temor. Ouço sua cabeça atingir as pedras e sua lamúria de dor e medo, e percebo que cometi um erro. Ela nunca mais confiará em mim agora. Rosalina é tão religiosa quanto qualquer pessoa que já conheci. Seria um milagre fazê-la escolher a mim em vez de a um sacerdote, e agora que a machuquei...

— Cuidado — diz o frei, com preocupação evidente. Seria fácil acreditar nele, mesmo sabendo, sem sombra de dúvida, que cada palavra sua era uma mentira. — Romeu não é o mesmo homem. Ele fala em línguas que...



— Deixe ela em paz — grito, abafando as mentiras consoladoras. — Por favor! — Junto minhas mãos na altura do peito, implorando a ele. — Farei qualquer coisa. Entregarei a você a minha alma pelo resto da eternidade. Você pode me aprisionar, torturar e trazer seus Mercenários para observar. Qualquer coisa. Farei qualquer...

— Venha, Rosalina! — diz o frei, estendendo as mãos. — Rápido!

Viro-me tarde demais. Rosalina já deu a volta pelo outro lado da torre. Agora, está apenas a poucos metros do frei, correndo para ele como se ele tivesse sua vida nas mãos.

E ele tem. E fará com ela o que quiser.

O tempo desacelera e meus pensamentos disparam.

Talvez ele a mate rapidamente, terei de me consolar. Ou talvez fará isso lentamente, me cegando com sua magia e me forçando a observá-la sofrer até que implore por sua morte ou até que implore para que ele permita que acabe com seu sofrimento. E então terei cometido o mesmo imperdoável pecado novamente. E será como sempre foi, caminharei pelas trevas pelo resto dos meus dias até que me esqueça da sensação do Sol em meu rosto ou da segurança e felicidade de segurar minha amada nos braços.

Minha amada. Ariel. Ela se foi, estou sozinho, Rosalina morrerá nesta torre, Julieta morrerá em seu túmulo e esta história terá um final ainda mais trágico do que teve na primeira vez e eu fracassei.



Vinte e sete

Romeu

Fracassei, fracassei, fracassei. Ela está quase chegando e ele a espera de braços abertos com um sorriso perverso em seu rosto maligno.

Essa percepção faz eu me sentir ainda mais derrotado e o peso do meu fracasso parece forçar minha queda ao chão, quebrar e queimar no fogo ardente, e finalmente...

Finalmente.

Quebrar. Queimar.

Agora ela está em seus braços, seus dedos envolvem o pescoço dela, mas ainda há tempo.

Tento não pensar em mais nada por temer que ele perceba minhas intenções na expressão do meu rosto. Me movo. Rapidamente. Chego mais perto durante a fração de segundo que Rosalina leva para fechar os olhos. E no momento em que ela os abre novamente, estou tão próximo que posso sentir o cheiro do



manto queimado do frei, posso contar as rugas em sua testa, posso ver a luz dos olhos de Rosalina.

Ariel. Posso vê-la em Rosalina, mas não hesito nem penso, muito menos temo. Sorrio.

Porque conheço minha doce garota selvagem. E ela me conhece.

Dou um passo à frente, ela dá um passo à frente e nossos corpos combinam em perfeita harmonia, como se fôssemos parte do mesmo ser. Nossos dedos agarram o manto do frei, nossos joelhos se dobram e agachamos segundos antes que as mãos dele passem sobre nossas cabeças. E, então, o arremessamos sobre nossos ombros em direção ao centro da torre e ele vai caindo, caindo, gritando, caindo...

Me viro para olhar, mas ainda não acredito. Mesmo vendo seu olhar de espanto, mesmo quando seu manto penetra nas chamas ardentes, queimando como grama seca, mesmo quando a massa escura de seu corpo alcança o chão e a figura apagada de um homem começa a derreter, ainda assim estou cerrando meus punhos, esperando que ele ressurja novamente.

— Mercenários não sobrevivem ao fogo. É uma das poucas coisas que podem destruí-los — digo isso, para me confortar e confortar Ariel também.

Ariel. Olho para ela, apavorado ao pensar que posso perdê-la novamente. Antes que possa dizer seu nome, ela me abraça, seus lábios nos meus, e nesse abraço apertado, a cada momento,



unimos ainda mais nossos corpos para que ninguém jamais possa nos separar.

O pensamento me leva a palavras antigas.

— Deixe que eu seja o selo do seu coração — sussurrei ao pressionar meus lábios aos dela. — Pois o amor é tão forte quanto a morte.

Ela se afasta com lágrimas nos olhos.

— Shakespeare?

— Não, um salmo.

— É lindo.

— E verdadeiro. Não sei explicar de outro modo... — digo, segurando seu rosto em minhas mãos. — Pensei que tivesse perdido você. Você imaginou ser outra pessoa, a garota que contei a respeito quando...

— Rosalina. Eu sei — ela diz deixando escapar um suspiro profundo. — Ela não era outra pessoa. Era eu mesma. Apenas um... eu diferente. Primeiro achei que ficaria presa dentro da versão dela de nós, mas então ouvi o frei dizendo as mesmas coisas que disse em meus sonhos, fiz força o suficiente para me livrar e ela... — Fez uma pausa, procurando pelas palavras certas. — Ela desapareceu. Lentamente dentro de mim. Ela não o amava como eu o amo. Não conseguia. Ela ainda estava com medo.

— E você não está. Não tem mais medo.



— Por você — sussurrou e percebi seus olhos marejados. — E desta vez é verdade. Confio em você, haja o que houver. Chega de mentiras. Nunca mais.

— Nunca mais — disse, selando minhas palavras com um beijo, percebendo a esperança ressurgir dentro de mim numa onda frenética. O frei está morto. Vencemos e agora vamos corrigir todo o mal. Eu. Ela. Julieta também. Pela primeira vez na vida, tenho fé. Tenho fé no amor e na sua magia. Depois do beijo, seguro suas mãos e digo:

— Vamos sair daqui.

— Como? — indagou, olhando nervosa para o centro da torre. — As escadas estão pegando fogo, e não temos um punhal para cortar a corda do sino.

— Você confia em mim?

— É claro — diz, com humilde intensidade. — Sempre.

— Tire seu vestido — digo, tirando meu manto e minha camisa.

Seguro a bainha do manto com as mãos e a puxo com força até que finalmente ceda fazendo um grande rasgo. Amarro as pontas do manto juntas e vejo o rosto de Ariel se iluminar repleto de compreensão. Ela está ao meu lado, já sem o vestido, com uma espécie de camisola que as mulheres da época usam.

Porque ela confia em mim. Tanto quanto confio nela. A loucura dos Mercenários e Embaixadores ficou para trás. Quando



olho para seu rosto (grandes olhos azuis, nariz pontudo, lábios finos que se encaixam perfeitamente nos meus) vejo tudo o que fui muito tolo em querer por muito tempo, cada segredo milagroso e simples no universo revelado pela magia do seu sorriso. Ela é minha, sou dela; e esta vida que recebi para compartilhar com ela será mais repleta de encantamento do que os últimos setecentos anos.

— Eu te amo — digo novamente, sabendo que não posso repetir isso muitas vezes, e que essas três palavras nunca serão suficientes para expressar o quanto ela significa para mim.

Ela afaga meu rosto, um toque efêmero que me aquece o corpo.

— Eu também. Agora me explique como devo rasgar isto. Quero viver para ouvir você dizer que me ama muitas vezes mais.

Amarro uma das mangas da minha camisa em uma das extremidades do manto.

— Se conseguirmos fazer seis ou sete metros de corda, será fácil descer o restante do caminho — digo. — Vou descer primeiro, assim poderei pegá-la quando cair.

— Na verdade, o que você quer é para olhar por baixo da minha camisola.

— Isso também. — Dou uma piscadinha e ela revira os olhos, e imagino como é possível sentir a plenitude da vida com a morte rondando bem de perto, nos cobrindo com nuvens de fumaça.



— O pai de Rosalina vai ficar muito chateado quando sua filha voltar para casa quase sem roupa — diz, começando onde minha faca acidentalmente rasgou sua saia, cortando o vestido de uma forma circular e longa, fazendo com que minha preocupação desapareça. Já é o suficiente. Vamos conseguir. — Nunca tive um pai, mas acredito que a cabeça de alguém vai rolar.

Pego uma das pontas da saia e amarro firme na ponta do meu manto.

— É tudo parte do meu plano, meu amor.

— Você já tem um plano? — pergunta, enquanto me observa amarrar a corda feita com partes do seu vestido no sino mais próximo, jogando a ponta pela janela.

— Você esperaria outra coisa de mim? — Agarro sua cintura com um dos braços, e ela envolve meu pescoço com um dos seus.

— Não — afirma, me olhando. — Mas daqui por diante quero que me conte seus planos com antecedência. E eu te contarei os meus.

— Assim que chegarmos lá embaixo — respondo, me afastando em direção à janela. — Enrole uma de suas pernas na corda — digo, mostrando a ela como. — Assim, se você não conseguir se segurar, ficará presa à corda e não cairá rapidamente.

Ela faz que sim com a cabeça.



— Costumávamos subir em uma corda nas aulas de ginástica. Não estou com medo.

Ela realmente não está. Gostaria de não temer por ela.

— Nos vemos lá embaixo — digo, com um sorriso. Não quero deixá-la sozinha, mas é para o seu bem. Ela vai conseguir chegar ao chão bem antes do fogo atingir o topo da torre. E, dessa forma, estarei lá para pegá-la. Só por precaução.

Desço, colocando uma mão após a outra, parando apenas um momento à medida que minha camisa rasga um pouco antes de chegar à costura. Logo alcanço o final da corda feita de roupas e me atrevo, pela primeira vez, a olhar para baixo. O fogo que ainda queima o vilão ilumina o chão abaixo, me ajudando a julgar a distância que resta para a queda. Somente três metros. Três e meio, no máximo. Não será uma queda suave, mas se mantiver os joelhos dobrados...

Largo a corda e o chão vem de encontro com uma força de tirar o fôlego. Mesmo com os joelhos dobrados, o impacto é forte o suficiente para me desequilibrar. Saio rolando na terra, tossindo, contraindo os joelhos, tocando em minha coluna surrada para ter certeza de que nada está quebrado. Mas juro que ainda sinto como se meus ossos estivessem trepidando, retumbando, pocotó, pocotó, pocotó...

O som fica mais alto, se expande para fora do meu corpo, se sobrepondo ao ruído do fogo queimando na igreja. Reconheço o som, cavalos, mais do que dois ou três, e a voz de um homem desponta pela noite barulhenta.



— Romeu Montecchio! Você está preso por ordem do príncipe!

Subitamente, o chão ganha vida com cascos de cavalo. Olho para cima, ofuscado pelo cinza e púrpura da luz do fogo. Homens do príncipe, a guarda do castelo. Sei que receberam ordens para me jogar na masmorra se eu violasse os termos do meu exílio. Eu matei o primo de Julieta, Tebaldo. Sou inimigo do príncipe e de seus amigos, os Capuleto, e agora seus homens irão me levar e me manterão preso até que preparem minha execução. Se tiver sorte, poderá ser uma execução somente testemunhada pelo príncipe e seu séquito. Se tiver azar, irão me arrastar até a praça e me enforcar, para que eu morra na frente de toda a cidade.

Enquanto isso, Ariel observa, sem poder fazer nada para me salvar dos pecados da minha vida passada.

— Por favor! Eu estava a caminho de Mântua! — grito. — Mas vi o fogo e corri para ajudar. Rosalina DeSare está...

— É bem provável que você tenha começado o fogo! — grita um dos homens, enquanto outra voz ordena que ele...

— Vá! Traga todos os homens que encontrar para ajudar. Diga a eles que podemos impedir que o fogo se alastre para as árvores do cemitério da igreja se formos rápidos!

O homem que me acusou de incêndio sai em direção à cidade, deixando para trás uma nuvem de poeira. Quando essa nuvem se dissipa, consigo ver claramente, pela primeira vez, o homem que está no comando. É Adolfo, um guarda veterano cuja



família sentou somente a um banco de distância da minha nesta mesma igreja.

— Adolfo! Por favor! Rosalina DeSare está presa na torre dos sinos — grito. — E Julieta Capuleto está viva dentro do túmulo. Elas precisam de ajuda!

Mas ele não está olhando para mim. Ele não me ouviu ou simplesmente não quer ouvir os delírios de um assassino. Olho para a torre, esperando ver Ariel saindo pela janela, mas não há ninguém na corda feita com roupas. Meu sangue sobe rápido. Onde ela está? O que aconteceu? Será que foi dominada pela fumaça?

— Por favor! — digo, aumentando o tom de voz, gritando tão alto que Adolfo é forçado a vir ao meu encontro. Aproveito o momento, sabendo que pode ser minha única chance. — Rosalina está na torre dos sinos! Está presa! E Julieta Capuleto foi enterrada viva no túmulo dos Capuleto. Houve um terrível engano — digo de joelhos. Implorando. Por favor, por favor, permita que ele veja que eu digo a verdade. — Pode me amarrar e me deixar aqui, mas precisa enviar homens para...

Um grito atravessa a noite. E então outro, e outro, um coro de vozes abaladas ecoando na frente da igreja em que alguns dos homens, com pás retiradas da cabana do coveiro, estão jogando terra no fogo que se alastra pela grama. Na hora em que olhei para eles, estavam largando as pás e recuando da silhueta que cambaleava em sua direção vinda do cemitério.

— Um fantasma! — alguém grita. Mas não é.



É Julieta. Em carne e osso. Fora do túmulo. Viva! Seu vestido azul está amarrotado e sujo, os cabelos castanhos longos e desalinhados, encaracolados sobre os ombros, e ela está tão fraca que mal pode andar, mas está viva! Tento me levantar para ir ao seu encontro, mas a bota de Adolfo pressiona meu peito.

— Por favor — peço. — Ela precisa de ajuda. E Rosalina também. — Me viro, com um frio na barriga à medida que vejo a janela da torre ainda vazia. — Ela está na torre dos sinos. A escadaria está obstruída. Ela vai morrer queimada se não...

— Bonfílio, Márcio — grita Adolfo. Dois dos homens mais próximos viram-se, a voz do seu líder tem mais força do que até mesmo ver uma garota ressurgir do túmulo. Adolfo aponta para a torre. — Há uma garota viva na torre dos sinos. Corram até o alojamento e tragam uma escada. Rápido! O resto de vocês, continuem combatendo o fogo. — Começa a chamar por mais nomes, dando a cada homem uma função específica na tentativa de organizar a confusão.

Aproveito sua distração e fujo, correndo em direção à Julieta, e meu coração bate estranho dentro do meu peito quando a vejo. Estou tão feliz em vê-la viva, tão cheio de culpa e remorso, tão assustado com o fato de ter de começar todo o processo de dominação novamente.

Estamos casados. Ela me ama. Sou sua alma gêmea. Ou pelo menos era, antes de me apaixonar por outra.

Terei de contar a ela sobre Ariel. Não... Rosalina. Maldição. Julieta sabe que namorei Rosalina antes de conhecê-la. Ela não



vai entender. Vai se sentir enganada, deprimida. Nunca vai acreditar na ultrajante verdade, mas não há outra escolha... Confessarei tudo e espero que ela acredite, que fique feliz por se livrar de mim. Somente o frei e a Enfermeira sabiam do nosso casamento. Sua Enfermeira não a trairá e o frei está morto. Contanto que me cale, nada acontecerá a ela.

E vou me calar. Não quero que sofra. Quero somente coisas boas para ela.

Eu a amo, embora não como amei um dia.

Mesmo assim, é amor. Amigo e verdadeiro. Feliz e aliviado por ela ter sido poupada do sofrimento que lhe causei em outra vida. Corro mais rápido, chego até ela, quero ajudá-la a ficar em segurança, a beber um pouco de água e mandar alguém para buscar seu pai enquanto ajudo Ariel...

— Pare! — diz Julieta, levantando a mão trêmula. Na luz retorcida do fogo, seus olhos expressam extrema fúria. É claro, ela foi enterrada viva por pelo menos 24 horas, talvez mais, dependendo de que dia seja hoje.

A vergonha queima dentro de mim, evaporando a alegria que senti ao vê-la viva. Talvez ela não seja a mesma. Talvez sua mente esteja ferida demais para se curar e eu seja novamente culpado por seu sofrimento.

— Julieta — digo, mantendo certa distância. Parece que não vai conseguir mais ficar em pé. Minha mente grita para que me aproxime dela o suficiente para segurá-la, mas seu olhar impede



que me mova. Sua expressão é de terror, quase como se não se lembrasse... — Sou eu — sussurro. — Romeu.

— Eu sei. Não me esqueci do seu verdadeiro rosto — diz, numa voz rouca e debilitada pelo tempo passado no túmulo. — Você está vivo mais uma vez. Não acreditei quando ela me contou, mas você está aqui.

Balanço a cabeça, me sentindo atordoado. Não. Não pode ser. Ela não pode...

Mesmo assim, aqui estou eu, com todas as lembranças do passado e com o futuro ainda intacto. Mas fui enviado para cá pela magia dos Embaixadores. Será que ela...

— Sua Enfermeira enviou você para cá? — pergunto, com ódio do Embaixador dentro de mim que me faz acreditar que Julieta estava morta. — Ela sabia que você estava viva?

— Eu não sei quem ou o que me enviou para cá. Após você ter atirado em mim, comecei a morrer. Estendi minha mão para a morte, pronta para descansar em paz. Em vez disso, acordei no túmulo — diz, assustada, agarrando o vestido à medida que mais homens a cavalo seguem em direção à igreja para tentar apagar o fogo. Seus olhos se movimentam para todos os lados, dos homens até a igreja, e vice-versa, finalmente percebendo que há fogo e que estamos no meio da confusão.

— Venha — digo, estendendo minha mão. Olho para a torre dos sinos mais uma vez, e uma esperança ressurge quando vejo



brevemente um brilho dos cabelos prateados junto à janela. Ariel. Mas ela parece estar se escondendo por alguma razão... Qual?

O desejo de atravessar o pátio e gritar para Ariel subir pela corda é quase incontrolável. Mas Julieta ainda está cambaleando, não consegue sair do caminho dos homens e cavalos que chegam ao pátio, muitos deles nem olham para o chão na pressa de chegar até o fogo.

— Venha — digo com mais firmeza. — Precisamos sair daqui. — Me afasto das chamas. Pouco depois, ela tenta me seguir, mas tropeça na saia suja. Tento agarrá-la, mas as mãos meladas afastam as minhas, deixando claro que prefere cair no chão sujo em vez de aceitar minha ajuda.

— O que foi? — indago. — Você está machucada?

— Estou bem — ela murmura.

— Mas as suas mãos. Elas estão...

— Estou bem! — Ela está caída aos meus pés, parece tão pequena encolhida no chão que fico comovido.

— Julieta — digo, me ajoelhando na frente dela, coloco meus dedos gentilmente sobre seu ombro. — Por favor, me perdoe. Se pudesse absorver todo o seu sofrimento, o faria.

— A Enfermeira morreu. — Julieta prende a respiração e seus ombros tremem, mas não tenta tirar minha mão do seu ombro. — O frei cortou o pescoço dela, mesmo assim conseguiu chegar ao túmulo e empurrar a tampa. Ela disse... Ela... Ela



morreu. Nos meus braços. — Com a cabeça ainda baixa, ela levanta as mãos. Elas parecem pretas à luz do fogo, mas sei que não estão. Estão vermelhas. Molhadas com o sangue da mulher que a salvou, que a condenou. — Ela também implorou pelo meu perdão.

— Como deveria ter feito.

— E depois pediu que eu matasse você e Ariel. Ela disse que vocês precisam morrer ou o mundo estará perdido. — Ela levantou o rosto e por um momento fico tomado por sua beleza.

Mesmo coberta de pó, Julieta é linda. Seus lábios carnudos, os olhos castanho-claros e a pele jovem e macia. Pensando com a razão, ela é três vezes mais bonita do que Ariel jamais poderá ser. Mas no meu coração, Ariel é a pessoa mais maravilhosa do mundo. Fico deslumbrado com sua beleza.

E agora Julieta recebeu ordens para matá-la.

— Ela é inocente — sussurro. — Acabe comigo se for necessário, mas, por favor...

— Você a ama?

— Sim, amo — digo, na esperança de que ela possa ver a verdade estampada em meu rosto.

— A Enfermeira disse que você encontraria amor e felicidade. Disse que eu também encontraria, mas... — Ela pisca os olhos, como se tentasse organizar seus pensamentos. — Ela



mudou as coisas que fez — sussurrou. — Dando a você a chance de se tornar um Embaixador.

— Sinto muito.

— Não importa — diz, olhando para o fogo, a tristeza estampada em seu rosto é tão profunda que chega a me tirar o fôlego. — Ele se foi.

— Eu... — Mordo os lábios. Não posso me desculpar novamente. Não é o suficiente. — Pensei estar fazendo a coisa certa, pensei realmente, mas eu...

— Me prometa uma coisa — diz Julieta, virando-se para mim, expressando um olhar calmo e focado pela primeira vez.

— Qualquer coisa.

— Prometa que você viverá uma vida honrada. Seja bom, Romeu. Verdadeiramente bom. Prove que ela estava errada.

— Eu não sou verdadeiramente bom — digo, incapaz de mentir para ela. — Duvido que algum dia consiga ser. Mas serei gentil. E farei tudo ao meu alcance para trazer luz ao mundo. Juro.

Depois de alguns instantes, ela balança a cabeça de forma afirmativa, parecendo satisfeita com a minha resposta.

— Então vá. Encontre Ariel e fuja daqui antes que alguém se lembre que deve jogá-lo na masmorra.

Me levanto, mas paro quando Julieta me chama novamente.



— Romeu?

— Sim? — Meu peito dói ao vê-la se apoiar sobre os fracos joelhos para se levantar, desejando poder devolver a ela o que roubei.

— Eu perdoo você.

Perco o fôlego, a bondade dela me acerta como um soco no estômago.

— Mas não volte nunca mais. Mesmo se o príncipe te conceder o perdão — continua. — Eu nunca, nunca mais quero ver seu rosto desprezível novamente.

Sorrio. Porque sou desprezível, às vezes. Mas ela me perdoa. E Ariel está esperando por mim na torre e ela me ama...

— Romeu! Você está maluco? O que você fez? — Uma voz conhecida chama a minha atenção, e quando me viro vejo o cavalo do meu primo Benvólio vindo em minha direção.

Montado por Benjamin Luna, que está vestindo as roupas do meu primo e falando nosso idioma nativo.

Ao mesmo tempo em que fico extremamente chocado, não me sinto nada surpreso. Pois onde mais Ben Luna estaria, se a garota que ele ama está aqui? Estou começando a compreender que só uma verdade importa, o tempo, o espaço e as realidades alternativas são tão insignificantes quanto as teias de aranha que removi quando viajamos juntos de volta a este lugar.

Ben balança a cabeça à medida que seu cavalo se aproxima.



— Por que você está...

— Ben? — Julieta murmura, com medo, esperança e tudo mais que sente por ele. — Ben!

Mas Ben não desce do cavalo. Ele franze as sobrancelhas, claramente confuso com o tom de intimidade na voz de Julieta. Como a Ariel que encontrei aqui e o Benvólio que conheci no futuro, ele parece desconhecer as coisas que Julieta e eu sabemos. Desconhece totalmente que a amou há centenas de anos no futuro.

— Julieta? — Até o nome dela soa impessoal em sua boca. — Mas eu pensei... Eles... Seus pais te enterraram. Dois dias atrás.

— Ben? Você não...? Sou eu. — Julieta cambaleia. Tento agarrá-la enquanto cai, já esperando que ela empurre minhas mãos para longe novamente, mas dessa vez ela permite que eu a guie até o chão, muito debilitada para repelir meu toque.

Ben, Benvólio, desce do cavalo e ajoelha ao nosso lado logo em seguida.

— Ela está bem?

— Claro que não — desabafo, descobrindo que o desprezo tanto aqui quanto no século XXI. Ainda bem que fui banido e não precisarei mais chamá-lo de "primo". — Ela foi enterrada viva.

— Meu Deus — diz, afasta os cabelos que caem sobre a testa de Julieta com reconhecido carinho. Eu sei que ele a amará,



mesmo antes que diga “Pobre garota”, de uma forma que traga de volta o sorriso ao rosto cansado de Julieta.

— Ben. — Ela pega a mão dele e segura firme, embora seja óbvio que está ficando cada vez mais fraca.

— Minha mãe me chama assim — diz Benvólio, com surpresa em sua voz. — Você contou para ela? — ele me pergunta.

— Não contei nada — respondo, colocando Julieta nos braços de Ben, sabendo que não demorará muito até que ele se lembre de que aquele é o lugar dela. — Ela precisa de água. E descanso. E de um protetor. Leve-a para as terras dos seus pais. Não deixe que os Capuleto a vejam até que esteja bem, especialmente a mãe dela. Não permita que ninguém a machuque.

— Não permitirei — prometeu, olhando fixamente para Julieta até mesmo quando fala comigo. — Você deve ir, primo. Pegue meu cavalo. Há pessoas falando em enforcamento. Ouvi os soldados na rua.

— Eu vou, mas antes eu…

— Não! Não vou fugir! Me deixe morrer! — O grito vem da torre, alto e desesperado sobre o ruído das chamas.

Viro-me e vejo Ariel…



Ariel

... Inclinar-se para fora da janela e empurrar a escada para longe, tremendo apesar da intensidade do calor da torre.

Aquela era Julieta com quem Romeu estava conversando antes do outro homem chegar a cavalo. Tem de ser. Havia algo entre eles, uma energia, amor, ódio e arrependimento juntos. Eles realmente se conhecem, mesmo que se odeiem por isso.

Pelo menos Julieta o odeia. Romeu parece ter sorrido...

Deveria estar com ciúmes, mas não estou. Tenho certeza do amor de Romeu como jamais tive certeza de qualquer outra coisa, e estou muito temerosa por ele para ficar com ciúmes.

Ouvi os homens gritando quando chegaram à igreja. Querem levar Romeu para a masmorra. Não conheço muito sobre a Itália medieval, apenas alguns rituais diários que restaram das lembranças de Rosalina, mas posso imaginar como seja uma masmorra do século XIV. Ratos, tortura, doenças e morte. Romeu não sobreviverá.

Tenho de salvá-lo ou o futuro com o qual sonhamos nunca acontecerá.

— Rosalina! — Romeu está aos pés da torre, ajudando os homens a levantar a escada do chão. — Por favor! Deixe que colocamos a escada. Vou subir e ajudá-la a descer.



Me inclino para fora da janela e grito no idioma de Rosalina, tão feliz por ter ficado com essa habilidade quando a personalidade dela foi absorvida pela minha.

— Não posso! — Nossos olhos se encontram, desejo que ele veja que planejo algo, silenciosamente imploro a ele que finja concordar. — Estou muito envergonhada.

— Não fique — ele diz, a confusão em seus olhos se misturava à curiosidade. — Eu te amo.

— Eu também te amo — digo, chorando. — E sempre o amarei.

— Então desça. Por favor!

Os homens que observam nossa conversa viram-se para ele e em seguida para mim, e nesse momento subo no parapeito da janela e começo a descer a corda, na esperança de que essa distração me dará tempo para formular um plano. Enquanto desço, reúno toda força que Romeu me ensinou a encontrar e me concentro. Eu o amo e não vou deixar que o levem. Acho que sei o que dizer: a mentira que pode salvar Romeu da masmorra.

Sou Rosalina DeSare, uma garota conhecida por sua doçura e piedade, mas mesmo as garotas doces podem se apaixonar pelo bad boy da região. E, algumas vezes, quando se apaixonam, a paixão é profunda, rápida e forte, e só existe uma forma de se redimirem, pelo menos neste século.

À medida que a corda acaba e começo a me preparar para pular, me permito acreditar em minha própria história. Lágrimas



queimam meus olhos e minha respiração fica tão ofegante que me deixa atordoada.

Minhas primeiras palavras conforme sou amparada por várias mãos fortes, incluindo as de Romeu, que encontro e seguro como se fossem minha última esperança no mundo, são:

— Por favor, não o levem embora. Ele é o pai do meu bebê.



Epílogo

Doze anos depois...

Romeu

— Mas você estava mentindo, mamãe. Não estava? Eu ainda não estava na sua barriga. — Gemma se inclina para frente em sua pequena cadeira, suas bochechas rechonchudas avermelhadas, seus olhos reluzindo de ansiedade à medida que Ariel chega ao fim da história familiar.

Nossa filha tem meus olhos escuros e problemáticos, e os cabelos louro--claros e a pele pálida da mãe. Uma beleza que impressiona. Poderia ficar olhando para ela o dia todo que nunca me cansaria. Quando nasceu, costumava ficar junto a seu berço por horas, maravilhado com sua presença, pelo milagre daquele ser pequenino a quem deveria proteger. Era perfeita, inesquecível, a coisa mais impressionante que já havia visto.

Exceto por sua mãe.



Olho nos olhos de Ariel. Ela sorri, como se soubesse no que estou pensando. É bem provável que saiba.

— Sim, eu estava mentindo — diz. — Mas fui obrigada ou papai nunca teria saído vivo de Verona.

Gemma respira fundo, com olhar sério, acena com a cabeça, indicando que me perdoa novamente por eu nem sempre ter sido o bom pai que ela conhece. Não lhe contamos toda a verdade, somente que papai fez algo tolo e errado quando era jovem e por isso nunca mais poderemos voltar a Verona. Tínhamos de contar algo a ela. Começou a perguntar por que o vovô e a vovó DeSare sempre vinham nos visitar em Mântua, e por que não podíamos ir à casa deles onde havia cavalos, patos e um retrato da mamãe quando era pequena.

Gemma tem somente 7 anos de idade, porém é muito curiosa, com uma imaginação que devora todas as histórias que sua mãe conta. Algumas sobre fadas e dragões, e sobre o monstro que vive debaixo da ponte no fim da rua; e outras mais extraordinárias sobre sua mãe e eu, e o futuro, e nossa jornada pelo tempo e espaço. Ariel deixa de lado as partes mais assustadoras, mas mantém emoção suficiente para tornar nossa história sua favorita. Ela memorizou cada uma das palavras, mesmo assim não se cansa de ouvir a mesma história repetidas vezes. Especialmente a próxima parte.

— E depois, mamãe? O que aconteceu depois?

— Dei um abraço apertado no papai e não quis soltar mais. Disse aos homens que o frei Lourenço tinha prometido nos casar,



mas quando chegamos à igreja ele enlouqueceu e tentou matar o papai — conta Ariel, compartilhando a versão dos fatos que havíamos combinado até que Gemma tivesse idade suficiente para saber sobre os Mercenários e os Embaixadores. — Contei para eles várias vezes o que havia acontecido até que finalmente começaram a acreditar em mim. Então, o capitão da guarda mandou chamar o vovô, que veio nos buscar imediatamente.

— Duas horas mais tarde, sua mãe e eu fomos casados por um pastor do vilarejo vizinho — digo, colocando Gemma no colo e lhe dando um abraço apertado. — Antes mesmo do nascer do Sol.

— Colocamos a mobília em uma das carroças que o vovô deu a mim como dote e seguimos para Mântua após o café da manhã — diz Ariel. — Planejamos ficar com meus tios até que pudéssemos conseguir nossa própria casa.

— Mesmo assim, sua tia-avó Mary não ficou muito satisfeita com as circunstâncias do nosso casamento — concluo.

Gemma torce o nariz e aperta os olhos, fazendo uma careta para a tia Mary e tenho de me esforçar para não rir. Tento não encorajá-la.

Na maioria das vezes.

— Certo. — O sorriso amarelo no rosto de Ariel não deixa dúvida de que ela também viu a careta de Gemma. — Bem, estávamos preocupados com a recepção que teríamos, mesmo assim muito felizes por estarmos juntos. Pensávamos que o pior já havia passado. — Ariel se aproxima e se senta entre nós no sofá,



um sofá macio de algodão que fizemos na oficina dela atrás do chalé, por ainda não termos superado o desejo por certos confortos da vida moderna. — Então, a menos de cinco quilômetros da cidade, um homem a cavalo veio ao nosso encalço.

— E vocês pensaram que ele fosse um ladrão! — gritou Gemma, abraçando os joelhos juntos e apoiando o queixo sobre eles.

— Pensamos — diz Ariel. — Mas quando se aproximou, percebemos que usava o brasão da família Capuleto. Em sua mão, carregava a escritura de uma pequena fazenda fora de Mântua, transferindo a posse da propriedade do pai de Julieta, o Senhor Capuleto, para Romeu. Também havia um recado de Julieta Capuleto para mim. Dizia: “Obrigada pelo passado que me deu no futuro. Por favor, aceite”.

— “... Isso como uma lembrança da minha eterna gratidão” — completou Gemma com uma risadinha. — Porque ela já estava apaixonada pelo primo do papai, Benvólio. E eles se casaram dois dias mais tarde e tiveram centenas de bebês!

— Não foram centenas de bebês — disse, fazendo cócegas nela, transformando seu sorriso numa tremenda gargalhada. — Cinco está bem longe de cem.

— Não, é 95 menos 100.

— Garota esperta — Ariel diz.



— Sou mesmo — concordou Gemma com um suspiro. — Sou ótima em matemática — diz, enquanto brinca no tapete sob nossos pés.

Aproveito a oportunidade para me aproximar da minha esposa, pegá-la em meus braços e sentir aquele perfume irresistível do cabelo sobre sua nuca. Flores e tinta, como sempre. Flores que misturamos em nossa sopa, e tinta que se tornou parte ativa de nossas vidas. Apesar dos desafios que as mulheres artistas enfrentam nos dias de hoje, Ariel encontrou trabalho pintando retratos para algumas das famílias mais ricas da cidade. Contanto que não entre em concorrência com artistas do sexo masculino, que nunca permitiriam que uma mulher, mesmo que com mais habilidade, fosse comparada a eles, pelas comissões mais lucrativas em catedrais e palácios, eles não se interpõem em seu trabalho.

Meu pai morreu há nove anos e herdei sua fortuna; mas, recentemente, são os retratos de crianças ricas que Ariel pinta que colocam comida em nossa mesa, permitindo que eu passe meus dias cuidando do nosso jardim e dos nossos animais, e ensinando à Gemma tudo que uma garota deveria aprender no século XIV.

Ariel me provoca dizendo que sou o primeiro “pai em tempo integral” do mundo, mas nem me importo. De todas as coisas que já fui, ser marido e pai são as melhores.

— Gostaria de ter irmãos e irmãs. — Gemma acomoda seus pés em meu colo, um convite para que puxe seus pequenos dedos do pé, uma coisa que ela adora desde que começou a andar.



— Mas aí você não teria um quarto só seu — diz Ariel, sem demonstrar tom algum de tristeza em sua voz. O nascimento de Gemma foi difícil e não ficamos surpresos quando não tivemos outro filho. Nem ficamos tristes. Temos uma garota incrível, uma vida juntos, liberdade de todas as coisas relacionadas a Mercenários e Embaixadores, e um ao outro. Isso é tudo. Melhor que a eternidade ou um poder supremo. Essa é a verdadeira magia e sou grato por isso todos os dias.

— Poderia dividir meu quarto — diz Gemma. — Sou pequena.

— Não, você não é — diz Ariel, beliscando o calcanhar dela. — Você é a garota mais alta de toda a rua.

Gemma sorri com sono.

— Sou. Vou ser a garota mais alta da cidade quando crescer. E vou ser pintora como a mamãe, mas vou pintar somente animais. Quase sempre cavalos.

— É um plano excelente. — Ariel sorri para ela, um sorriso adorável que a deixa ainda mais bonita. E, então, lança o mesmo olhar para mim e me derreto como sempre. Eu sou o homem mais sortudo do mundo, uma alma transformada, resgatada do abismo e abençoada com um amor mais poderoso do que o mal ou a morte, do que o tempo ou o espaço, ou do que qualquer outra coisa.

— Amo vocês — sussurro.

Ariel sorri.



— Dois mil e vinte e quatro — ela diz, e então me beija. E ainda é o melhor dos beijos.

Logo colocaremos Gemma para dormir e, quando ela estiver dormindo, iremos ao rio atrás de casa com uma garrafa de vinho e totalmente nus para nos lembrarmos de que, mesmo em meio a tanta bondade, há formas prazerosas de travessura. E vamos nadar, rir, beijar. E as estrelas serão belas e brilhantes, mas nunca tão brilhantes como Ariel.

Pelo menos para mim.

Fim...





Na mitologia nórdica, as **valquírias** eram deidades menores, servas de Odin. O termo deriva do nórdico antigo *valkyrja* (em tradução literal significa "as que escolhem os que vão morrer.)

As valquírias eram belas jovens mulheres que montadas em cavalos alados e armadas com elmos e lanças, sobrevoavam os campos de batalha escolhendo quais guerreiros, os mais bravos, recém-abatidos entrariam no Valhala. Elas o faziam por ordem e benefício de Odin, que precisava de muitos guerreiros corajosos para a batalha vindoura do Ragnarok.

As valquírias escoltavam esses heróis, que eram conhecidos como Einherjar, para Valhala, o salão de Odin. Lá, os escolhidos lutariam todos os dias e festejariam todas as noites em preparação ao Ragnarok, quando ajudariam a defender Asgard na batalha final, em que os deuses morreriam. Devido a um acordo de Odin com a deusa Freya, que chefiava as valquírias, metade desses guerreiros e todas as mulheres mortas em batalha eram levadas para o palácio da deusa.

As valquírias cavalgavam nos céus com armaduras brilhantes e ajudavam a determinar o vitorioso das batalhas e o curso das guerras. Elas também serviam a Odin como mensageiras e quando cavalgavam como tais, suas armaduras faiscavam causando o estranho fenômeno atmosférico chamado de Aurora Boreal.

